U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

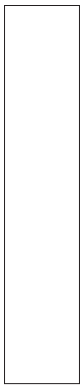
ARQUITECTURA

Reabilitação, Reinterpretação e(m) Evolução

Susana Isabel Assunção Ribeiro

M

2018



ABSTRACT

The present dissertation arose from the discovery of the 'ilha' at Rua da Arrábida 69, whose urban and landscape relationship suggested how this typology, despite its controversial origins, history and stigma, can create cozy and inviting spaces – as hospitality in adversity. Such initial curiosity expanded, leading to the interest in the very circumstance of the Lugar da Arrábida, which for various reasons proved passive to its urban densification. Currently, despite the isolation of this place, its views on the Douro and the various opportunities of occupation and construction have been attracting tourism and real estate interest.

In a context where different realities intertwine – some self evident, other less – the architecture and urban planning project is here explored as a strategy of homeopathic and holistic processes, to the detriment of speculative and authoritarian intervention. Faced with the challenge of how to respond to the discontinuity of uses and meanings accumulated during the slow development of the Lugar da Arrábida, one can see in the exploration of the limits and overlaps between rehabilitation, reinterpretation and(/in) evolution, a challenging and transversal exercise at various scales and fields – from theory to construction, from politics to poetics, from urbanism to the home, from sociology to psychoanalysis, from common sense to good sense – in the construction of a theoretical body as the substance of a strategy of intervention.

Thus this thesis emancipates both city and dwelling as inherent in a transmissible evolutionary process – malleable by those who inhabit it – where *flexibility*, *affinity*, *metamorphosis* and *prospection* come together as the base elements of this collective and individual construction. As a means of confrontation between theory and practice, experimental projects were developed at different scales, complexity and detail as autonomous interventions of a joint process.

RESUMO

A presente dissertação surgiu da descoberta da 'ilha' na Rua da Arrábida nº69 cuja relação urbana e paisagística sugeriu como esta tipologia, apesar da sua origem, história e estigma controversos, pode conformar espaços acolhedores e convidativos – de hospitalidade na adversidade. Tal curiosidade inicial foi-se expandindo levando ao interesse pela própria circunstância do Lugar da Arrábida, que por diversos motivos se mostrou passivo à sua densificação urbana. Actualmente apesar do isolamento deste lugar as suas vistas sobre o Douro e as várias oportunidades de ocupação e construção têm vindo a atrair o interesse turístico e imobiliário.

Perante um contexto onde distintas realidades se entrecruzam – umas mais evidentes outras menos – explora-se o projecto de arquitectura e urbanismo como estratégia de processos, homeopática e holística, em detrimento da intervenção especulativa e determinista. Perante o desafio de como responder à descontinuidade de usos e significados acumulados ao longo do lento desenvolvimento do Lugar da Arrábida, vê-se na exploração dos limites e sobreposições entre reabilitação, reinterpretação e(m) evolução um exercício desafiador e transversal a diversas escalas e campos – da teoria à construção, da política à poética, do urbanismo ao lar, da sociologia à psicanálise, do senso comum ao bom senso – na construção de um corpo teórico como substanciação de uma estratégia de intervenção.

Assim propõem-se emancipar tanto a cidade como o lar como inerentes a um processo evolutivo transmissível – maleável por quem os habita – onde a *flexibilidade*, a *afinidade*, a *metamorfose* e a *prospecção* se reúnem como elementos-base desta construção colectiva e individual. Como meio de confrontação entre teoria e prática foram desenvolvidos ao longo da investigação projectos experimentais a diferentes escalas, complexidade e detalhe como intervenções autónomas de um processo conjunto.

REABILITAÇÃO, REINTERPRETAÇÃO E(M) EVOLUÇÃO

Uma prospecção projectual sobre o objecto de estudo das ‘ilhas’ da Arrábida

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

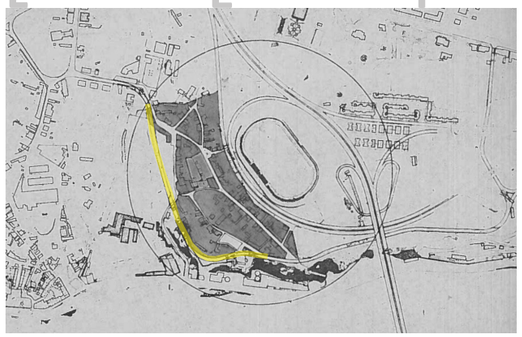
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

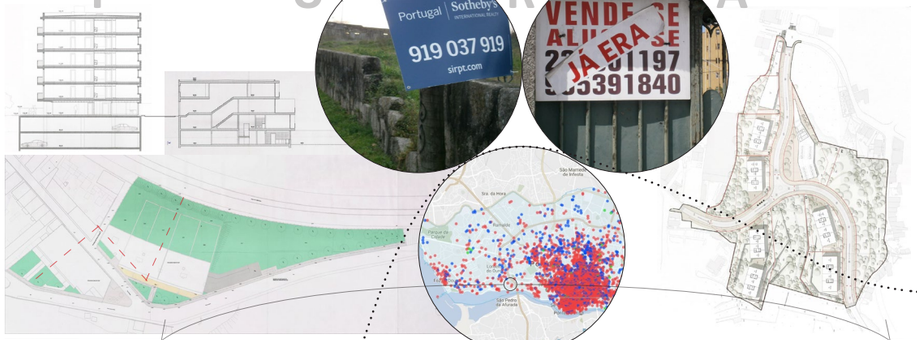
Orientador: Professor Doutor Manuel Augusto Soares Mendes

Susana Isabel Assunção Ribeiro

Ano lectivo 2017/2018

L E I T U R A S P R E S P E C T I V A S





DESCONSTRUÇÃO DO ESTIGMA/PRECONCEITO |reinterpretar e revalidar|

'ILHAS' DO PORTO → REABILITAÇÃO DE VALORES e potencialidades

|empatizar heterogeneidades|

CONCILIAÇÃO DE HABITABILIDADES DIVERSAS

ARRÁBIDA-ILHA
Reabilitação
Reinterpretação
e(m) evolução

Conciliação de Procuras |em estrutura flexível|

Gestão Auto-generativa na afinidade urbano/doméstico

Diversidade de Respostas |por metamorfoses subjectivas|

UNIDADE NO CONJUNTO na integração urbana

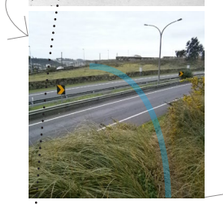
CASA INCUBADORA na integração social

TIPOLOGIA EVOLUTIVA casa-bairro incremental

PROSPECÇÃO
COMO PREPOSIÇÃO PODALENTE

NO PROJECTAR DO EVOLUTIVO



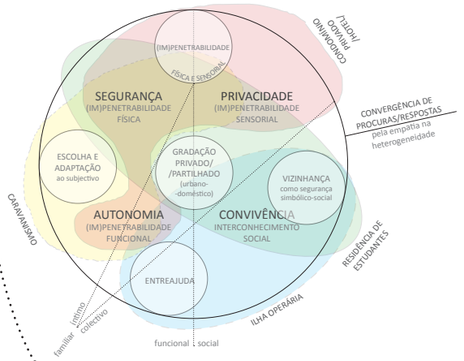










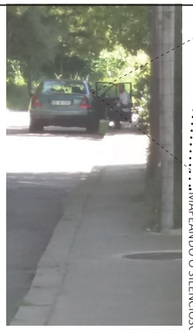


METAMORFOSE
NA ADAPTAÇÃO AO SUBJECTIVO









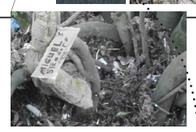
MAPEANDO O SILENCIOSO.











(RE)DESENHANDO COM A ADVERSIDADE.









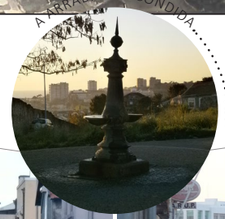












A ARRÁBIDA-ESCONDIDA

ENTRE FOSSO

E ESCARPA







Ambiente



Contrastes





Exposição



AFINIDADE
NA SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR

ATIVISMO E TRANSFORMAÇÃO

FLEXIBILIDADE
NO ACOLHER DO IMPREVISÍVEL

Abrir desdobrável da pág. 116

SUMÁRIO

1 | RESUMO | ABSTRACT

7 | ÍNDICE ANALÍTICO

10 | ÍNDICE DE IMAGENS

15 | INTRODUÇÃO

21 | **LEITURAS** |

22 | A Arrábida-Escondida

46 | entre fosso e escarpa

52 | mapeando o silencioso

64 | **PRESPECTIVAS** |

66 | Ativismo e transformação

72 | no projectar do evolutivo

96 | (re)desenhando com a adversidade

116 | **PROJECÇÕES** | Intervenções autónomas de um processo global

118 | Arrábida Estratificada: velhas histórias, velhas leituras

120 | Intensidades de Vitalidades: velhas histórias, novas leituras

136 | Receptível ao Imprevisível: novas histórias, novas leituras

142 | Porosidade na Densidade: novas histórias, velhas leituras

161 | CONSIDERAÇÕES FINAS

164 | AGRADECIMENTOS

165 | FONTES BIBLIOGRÁFICAS | 166 | FONTES DIGITAIS |

167 | FONTES CARTOGRÁFICAS | 168 | CRÉDITOS DE IMAGENS

171 | **ANEXOS** | Cartografia e trabalho de campo

ÍNDICE ANALÍTICO

1 | **LEITURAS** |

22 | A Arrábida-Escondida

22 | Psicanálise urbana: por uma intervenção homeopática?

24 | Arrábida-(In)visível

26 | Arrábida-Estratificada

28 | Arrábida-Intemporal

32 | Arrábida-Sensorial

34 | De Al-Rabat a Arrábida

36 | Logradouros

40 | Edificado Conjunto

42 | 'Ilhas'

44 | Parcelas/Lotes Inabitados

46 | entre fosso e escarpa

46 | Arrábida-Canal

50 | Arrábida-Ilha

52 | mapeando o silencioso

54 | Entre incógnitas:

54 | Bairro do Aleixo, o especulativo

58 | Permanências informais: acampamentos e caravanismo

58 | Via Panorâmica Edgar Cardoso, o ambíguo

60 | Estadias informais: o inóspito como abrigo

62 | Percursos informais: sugestões de um colectivo

2 | **PRESPECTIVAS** |

66 | Ativismo e transformação

66 | Cultura e civilização: (des)continuidades em evolução?

68 | Da ferramenta ao descartável: reflexões sobre a evolução da arquitectura

72 | no projectar do evolutivo

73 | Flexibilidade no acolher do imprevisível

76 | Afinidade na significação do lugar

79 | Condomínio Privado: o bairro associal?

80 | 'Ilha': núcleo e escala por uma habitação vicinal?

82 | Empatia na heterogeneidade: como integração social?

86 | Habitação social: de uma concepção corrente a uma concepção coerente

88 | Metamorfose na adaptação ao subjectivo
90 | Metamorfose como reabilitação
91 | Reabilitação?
91 | 'Valor do tempo' ou 'valor intemporal'?
92 | 'Valor arquitectónico'?
94 | Prospecção como preposição polivalente

96 | (re)desenhando com a adversidade
96 | 'Ilha' reflexões sobre uma existência
98 | Oportunidade na miséria: dualidade de interpretações
100 | O estigma: a cidade encoberta e o direito à cidade
103 | O que apreender da 'Ilha'?
106 | Como apreender a 'Ilha'?
108 | Ilha em São Vítor, BAAU
110 | Ilha da Bela Vista, Câmara Municipal do Porto
112 | Convent for Dominican Sisters, Simone e Lucien Kroll
114 | O SAAL na Arrábida

3 | **PROJECÇÕES | Intervenções autónomas de um processo global**
118 | Arrábida Estratificada: velhas histórias, velhas leituras
120 | Intensidades de Vitalidades: velhas histórias, novas leituras
122 | Largo de Pinto Correia
126 | Caminho da Travessa
128 | Escarpa-Miradouro
132 | Ponte-Miradouro
136 | Receptível ao Imprevisível: novas histórias, novas leituras
138 | Estacionamento automóvel
138 | Travessa da Mercearia
140 | Extensão da Via Panorâmica Edgar Cardoso
142 | Porosidade na Densidade: novas histórias, velhas leituras
144 | Tipologia Evolutiva: proposta experimental em contexto real
152 | Casa-Bairro Incremental
156 | Travessa do Miradouro
158 | Travessa do Pinheiro Manso
160 | Travessa dos Quintais

Nota à edição:

A presente dissertação não segue o Acordo Ortográfco da Língua Portuguesa de 1990 em vigor desde 2009.

ÍNDICE DE IMAGENS

As fotografias de autoria própria só são mencionadas como tal quando a sua data de captura o justifica.

p.21 | Ponte da Arrábida com o Lugar da Arrábida em segundo plano | 1963

p.23 | Rua da Arrábida a diferentes horas do dia

p.25 | Estudo do processo evolutivo do Lugar da Arrábida | 1892 - 1939 - 1980s

p.26 | Estudo da actual densificação em altura

p.27 | Extracto da Carta Telles Ferreira | 1892

p.28 | Extracto de ortofotomapa | 2014

p.29 | Estudo de intensidades de intimidade no meio urbano

p.30 | Extracto da Planta de Ordenamento - PDM | Carta de Qualificação do Solo

p.31 | Rua do Alto da Arrábida

Escultura “NJ-1” The Matter of Time (2005), Richard Serra

p.33 | Sopreposição de extracto do ortofotomapa de 2014 sobre carta de 1860

p.34 | Muro de suporte que poderá ter feito parte do Ribat?

Extracto da carta náutica ‘Entrance of the River Douro by Commander Edward Belcher’ 1860

p.35 | Estudo da apropriação do solo dos logradouros

p.36 | Escarpa da Arrábida | Implosão da Torre 5 do Bairro do Aleixo, 2011

p.37 | Estudo da partilha de logradouros

p.38 | Coberto construído para festas e convívio num logradouro partilhado; autoria própria 12/07/2017

p.39 | Estudo de conjuntos edificados a preservar

p.40 | Extracto da Planta de Ordenamento - PDM | Carta de Património

p.41 | Reconhecimento das ‘ilhas’ da Arrábida em confronto com a sinalização destas pela Domus Social

p.43 | Construção de novo edifício com dois pisos subterrâneos | 15/12/2017

Estudo de parcelas/lotes inabitados

Pontos de passagem dos turistas que visitam o Lugar da Arrábida

p.44 | Procura turística e imobiliária; autoria própria, (de cima para baixo) 19/11/2017, 12/06/2017, 13/06/2017

Airbnb Abril e Dezembro de 2017

p.45 | Lugar da Arrábida com construção da Ponte da Arrábida em segundo plano

p.46 | Acessibilidade automóvel em sentido único Oeste-Este pela Rua da Arrábida

p.47 | Registos da passagem do autocarro na Rua da Arrábida, autoria própria 1/09/2017 15:40

Entrada da mercearia na R. da Arrábida, autoria própria 1/09/2017 11:38

p.48 | Horário do autocarro reposto, esteve durante meses sem informação, autoria própria 1/09/2017

p.51 | Vista aérea Bairro do Aleixo - Lugar da Arrábida - Via Panorâmica

p.53 | Bairro do Aleixo visto da Rua da Mocidade da Arrábida

Fontanário na intersecção da Rua da Arrábida com a Via Panorâmica

Registo de estadia na Via Panorâmica

p.55 | Vista para a Marina de Gaia desde o Bairro do Aleixo | anos 80

Bairro do Aleixo após demolições

Terreno vendido na Travessa da Arrábida, autoria própria 12/6/2017

p.57 | Acampamentos e abrigos informais no Bairro do Aleixo; autoria própria 23/1/2018 e 1/09/2017

Caravanismo no descampado na Rua do Alto da Arrábida, 18/12/2017

p.59 | Registos do quotidiano da Via Panorâmica Edgar Cardoso

p.60 | Fotografia desde a Via Panorâmica Edgar Cardoso aquando a construção da Ponte da Arrábida 1957-1963

p.61 | Identificação dos actuais percursos informais

Percurso de atravessamento da VCI entre a Via Panorâmica e a Rua das Estrelas

p.62 | Extracto do levantamento de 1948 com marcação dos acessos suprimidos

Vestígios do atravessamento da VCI, entre o CDUP e o Lugar da Arrábida

Percurso de ligação entre o Bairro Sidónio Pais e o Campo Alegre

Sinalização do atravessamento informal entre o Teatro do Campo Alegre e o Bairro Sidónio Pais

p.65 | Chimpanzee in sleeping nest

Piquenique nas árvores, China, 1910

p.67 | Casa no Barredo em épocas diferentes, Porto

Levantamento de quarteirão no Barredo, Porto, 1967-68

p.74 | Aqueduto como parede de meação, Évora

O pedonal e o automóvel no Lugar da Arrábida, autoria própria 4/7/2017

p.75 | Registo de modos de apropriação do espaço público no Lugar da Arrábida

p.77 | Estudo de relações de conforto numa vizinhança heterogénea

p.83 | Estudo de relações de entreajuda numa vizinhança heterogénea

p.85 | Envolvente do Bairro do Aleixo vista da Rua da Mocidade da Arrábida

p.88 | Pavilhão Carlos Ramos, FAUP; autoria própria 23/6/2017

Paragem de Tv. Entre Campos, Rua da Arrábida; cortesia de Rafel Rodrigues, Maio 2017

Cromeleque do Xarez, Monsaraz; cortesia de Rafel Rodrigues 29/12/2008

p.95 | Algumas das ‘ilhas’ do Porto analisadas durante a investigação

p.97 | Fábricas envolventes mais relevantes e ‘ilhas’ segundo a Domus Social

p.99 | Planta e alçado de uma das casas nas filas laterais

Vista da primeira rua do Bairro do Vilar

Implantação do Bairro do Vilar

p.104 | Reconstituição de famílias da Ilha do Cordoeiro

p.102 | Ilha em S.Vítor, BAAU

p.108 | Ilha da Bela Vista, CMP

p.110 | Convent for Dominican Sisters, Atelier Kroll

p.112 | Desenho manifesto de Lucien Kroll sobre a reabilitação de blocos habitacionais

p.113 | Planta SAAL-Arrábida

Plenário de moradores no Palácio de Cristal, 1975

Assembleia de moradores, Maio 1976

p.114 | Recuperação e ampliação de 7 casas, Arrábida

p.115 | Planta de conjunto das intervenções autónomas

p.118 | Registo de intervenções de manutenção e reabilitação no Lugar da Arrábida; autoria própria 3/9/2017, 19/11/2017 e 12/6/2017

p.121 | Estudo das diferentes gradações de intimidade dos espaços públicos e privados-partilhados

p.122 | Largo de Pinto Correia, fotografia anterior a 1975

Largo de Pinto Correia, estado actual, 2016

Espaços calmos, como a Rua da Mocidade da Arrábida e a Travessa da Arrábida, têm outro tipo de habitantes permanentes, alimentados pelos moradores

p.123 | Estudos para peça de mobiliário urbano no Largo de Pinto Correia

p.124 | Implantação de duas peças de mobiliário urbano no Largo de Pinto Correia

p.125 | Planta para o Caminho da Travessa

Prespectiva e corte para o Caminho da Travessa

p.127 | Estudo dos miradouros informais públicos

p.129 | Cortes transversais para o Miradouro da Escarpa

p.130 | Planta de enquadramento do Miradouro da Escarpa com a extensão da Via Panorâmica

Planta para o Miradouro da Escarpa

Perfil viário de acesso ao Miradouro da Escarpa

p.131 | Implantação para atravessamento pedonal da VCI | escala 1:500

p.132| Percursos informais na envolvente Norte

Esquiço para hipótese 2 de atravessamento pedonal da VCI

p.133 | Corte transversal de enquadramento da hipótese 1

Corte transversal da hipótese 1

Corte longitudinal com hipóteses 1 e 2

p.134 | Vistas do Douro a partir da Hipótese 1

p.137 | Estudo da capacidade de estacionamento

p.138 | Proposta temporária como lote de estacionamento

Carpintaria abandonada actualmente em ruínas

p.139 | Cortes e prespectiva para a extensão da Via Panorâmica

Fotografia aérea do Lugar da Arrábida anterior a 1975

Planta e perfis viários para a extensão da Via Panorâmica

p.135 | Proposta de extensão da Via Panorâmica Edgar Cardoso | Projecto SAAL para Colégio da Arrábida

p.148 | Esquiços para tipologia evolutiva

Esquema Arrábida-Ilha/Tipologia Evolutiva

p.144 | Planta do quarto na Rua Marques da Silva

Estrutura base do módulo-parcela com respectivas áreas exteriores dianteira e tardoz

p.145 | Estudo de ampliações a partir de diferentes caixas de escada

Aglutinação de módulos

p.146 | Estudo sobre a distribuição das infraestruturas

p.147 | Hipóteses de evolução do fogo

Maquete de estudo das proporções do módulo-parcela

Estudo sobre a complexificação das relações de intimidade dentro do agregado familiar

p.149 | Estudos de programas públicos prevendo ou não habitação nos pisos superiores

Estudo de fogo para mobilidade reduzida

p.150 | Estudo para vãos, filtros público/privado e modos de apropriação

p.151 | Hipóteses de ampliação consoante as condicionantes específicas da envolvente

Implantação de conjunto e programas propostos

Hipóteses de ampliação de frentes e tardoz na conformação do espaço exterior privado

Hipótese de conjunto de fachadas seguindo a métrica dos vãos preexistentes

p.153 | Insolação do conjunto

Vistas

p.154 | Implantação de conjunto com hipóteses de intervenções autónomas

Hortas comunitárias

Insolação

p.155 | Implantação para conjunto habitacional a Travessa do Miradouro

Corte para conjunto habitacional a Travessa do Miradouro

p.156 | T1 / T1+1 Área exterior com clarabóia separando horta privada da travessa

T1+1 Área exterior construída pé-direito duplo com iluminação zenital

Célula de alojamento | T1+1 Área exterior construída alojamento temporário em duplex

p.157 | Implantação para conjunto habitacional a Travessa do Pinheiro Manso

Corte para conjunto habitacional a Travessa do Pinheiro Manso

p.158 | Percurso conjunto Tv. do Pinheiro Manso e Tv. do Miradouro

Estruturas preexistentes

p.159 | Implantação para conjunto habitacional a Travessa dos Quintais

Corte para conjunto habitacional a Travessa dos Quintais

p.160 | Vista do 1º andar do nº 79 da Rua da Arrábida

INTRODUÇÃO

Objectivos:

Desde o início que se encarou a Dissertação de Mestrado como um momento de transição, como uma possível ponte entre a realidade académica e a realidade profissional, encarando-a como exercício teórico-prático integrando no método de aproximação, investigação e comunicação qualidades de ambos os espectros hipotético e real.

Ao longo do percurso académico foram-se acumulando várias inquietações que encontraram no presente trabalho uma oportunidade de serem exploradas em conjunto. Por um lado, a curiosidade em explorar o tema da reabilitação – sobre a sensibilidade e versatilidade nos modos de intervir, tanto do ponto de vista da restauração como da transformação – explorando os limites e sobreposições entre reabilitação e reinterpretação; Por outro lado o desafio em conjugar de modo transversal e multidisciplinar num único projecto todo o conhecimento e experiência adquiridos até então, que em âmbito académico se tendeu em fragmentar nas várias disciplinas autónomas num triste desencontro – que se por um lado poderá ajudar o aluno inexperiente em compreender o propósito de cada uma em si, dificultará a perícia em as incorporar num método único.

Neste sentido, tomou-se a ambição em desafiar/contestar/confirmar e expandir toda uma metodologia de aproximação ao projecto que se tinha vindo a dar como método estável e seguro. Assim, na procura de perspectivas distintas das que tinham sido estudadas até então surgiram autores como Lucien Kroll, Giancarlo de Carlo, John Habraken, Yona Friedman, Eduardo Mosquera e Kevin Lynch entre outros, que no seu conjunto me cativaram o interesse na abordagem da prática projectual como intervenção etnológica, etológica[1], participativa[2], não formalista mas sim social – em oposição a uma abordagem objectual, abstracta e determinista –, na procura de compreender a circunstância histórica[3] e as realidades sociais e

1 Voir les ”habitants” (…) comme un réseau infiniment précieux de relations, d’actions, de comportements, d’empathies qui forment lentement un tissu urbain. C’est ce réseau qui devient ”matériau d’architecture” – Lucien Kroll citado em BOUCHAIN, Patrick; “Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée”, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.214

2 El individuo se reconoce en su propia casa, se identifica con ella, alejando así el fantasma moderno del anonimato y la indiferencia metropolitana. – MOSQUERA, Eduardo; “La Metamorfosis Domestica - Contribuciones para un balance de la experiencia rehabilitadora en la vivienda tradicional Sevillana” in “Rehabilitación y Vivienda en Sevilla - Renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica 1975-1988”, C.O.A.A.O., Sevilla, 1989, p.355

3 …una concepción más amplia de lo antiguo como elemento de construcción, como materia de proyecto - no sólo conceptual sino también físico - de la ciudad nueva. – in “Rehabilitación y Ciudad Historica: 1er Curso

comportamentais inerentes ao lugar – como lugar material e afectivo – gerindo homeopaticamente qualidades e conflitos autóctones dando continuidade/abertura/sugestão/ramificação à evolução[4] prospectiva do lugar[5], encarando o produto da intervenção como ferramenta do habitar[6] – como instrumento que possibilita várias composições através da transformação e adaptação mútuas[7] entre o(s) habitante(s) e o espaço – num diálogo de experimentação, contestação e confirmação[8].

Deste modo procurou-se alimentar a ambição pessoal em maturar a união entre teoria e projecto – na sua mútua construção – a par da intervenção sobre o lugar e devida pertinência do reconhecimento da história quer local quer global, pelo possível entendimento da coerência na construção da continuidade material e afectiva na evolução etnológica humana.

Objecto de Estudo:

A definição do objecto de estudo e dos objectivos do trabalho foram-se influenciando e transformando ao longo da investigação, não sendo claro qual despoletou o outro.

Se num primeiro momento o presente ensaio surgiu da aspiração em dissertar sobre a reabilitação da 'ilha' nº69 na Rua da Arrábida, tal impulso inicial foi-se expandindo ao interesse pela própria circunstância do Lugar da Arrábida. Tal inconstância na escala e limites do objecto de estudo prolongou-se ao longo de vários meses, por um lado constrangendo o compromisso prévio de um título definitivo – o qual foi sofrendo ajustes a par da evolução do trabalho –, mas por outro lado tal mutabilidade de escala e limites foi dando azo ao que se vê ser um estudo mais complexo e substancial do tema proposto.

Deste modo, o que foi inicialmente um impulso em dissertar sobre uma 'ilha' do

de rehabilitación del C.O.A.A.O.", C.O.O.A.O., Sevilla, 1982, p.18

4 Une véritable mutation se produit imperceptiblement. C'est le lent passage d'une époque mécaniste à une attitude culturelle. – KROLL, Lucien; "Tout est paysage", SENS & TONKA, France, 2001, p.31

5 ...assurer la continuité de l'histoire par la transformation d'une architecture coercitive. – Lucien Kroll, "Simone et Lucien Kroll, une architecture habitée", ACTES SUD, France, p.6

6 The shapes of the houses, sometimes transmitted through a hundred generations, seem eternally valid, like those of their tools. – RUDOFSKY, Bernard; "Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture", UNIVERSITY OF NEW MEXICO, Albuquerque, 1995, p.fig.4

7 Preserve a sense of continuity with the past within a context that allows for change. – LYNCH, Kevin; "City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachusetts, 1990, p.681

8 The ideal setting would be a connected one that is intimately linked to its inhabitants, meaningful to them, expressive of time, of the place and its function, of the society that occupies it. – Giancarlo de Carlo citado em BANDEIRINHA, José António; "O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976", SERRALVES, Porto, 2014, p.275

Porto expandiu-se numa prospecção projectual sobre o Lugar da Arrábida, desde a escala urbanística, à sugestão do pormenor construtivo da unidade habitacional. Não obstante, o próprio Lugar da Arrábida assemelha-se, ainda que a outra escala, à tipologia 'ilha': perante a ameaça de uma crise de valores, manutenção, abandono e adulteração; ambas escondidas e esquecidas na sua subsistência invisível; ambas estimulantes do inter-reconhecimento e convívio da vizinhança; ambas integradoras da adversidade e domesticidade; e ambas actualmente despertando o interesse turístico e imobiliário, para o bem e para o mal. Por outro lado, a disposição geográfica deste lugar entre o Bairro do Aleixo e a Via Panorâmica Edgar Cardoso fez dele uma passagem pendular a actividades marginais, bem como de abrigo informal, recatado, circunstancial e selectivo das mesmas.

Deste modo, perante um contexto onde realidades distintas se entrecruzam – umas mais evidentes outras menos – procuram-se estratégias de possível conciliação desta sugestiva heterogeneidade social e de habitabilidades, em detrimento da supressão de umas para fixar outras.

Método de Trabalho:

Perante a abrangência do tema que se propôs explorar, o Lugar da Arrábida assumiu, como objecto de estudo, o papel tanto de catalisador, como de filtro, como de pretexto empático na absorção das leituras verbais, visuais e escritas que foram sendo feitas.

Todo o ensaio desdobrou-se em torno das frequentes visitas que foram sendo feitas, tanto como motor de arranque a novas reflexões como de debate de concepções adquiridas, registando tais impressões por captura fotográfica, entre o circunstancial e o intencional, entre a visita propositada e a visita espontânea, entre olhar o lugar por deambulação e olhá-lo de fora, através de composições e justaposições fotográficas.

Em simultâneo reúne-se e cruza-se o máximo de informação cartográfica possível, na procura de perceber a evolução deste lugar – em si mesmo e na relação com o centro histórico –, como se transformou, o que permaneceu, tentando perceber como poderia este processo evolutivo prosseguir com coerência e equilíbrio. As suposições mais significativas a que se chegaram vieram procurar a sua legitimação em conversas com alguns moradores de longa data do Lugar da Arrábida, com os quais também se confirmaram ou debateram impressões que se foi tendo das expressões da vida deste lugar.

A par da literatura e palestras, o desenho serviu também como ferramenta de confronto, formulação, estruturação e contestação de questões e hipóteses, quer

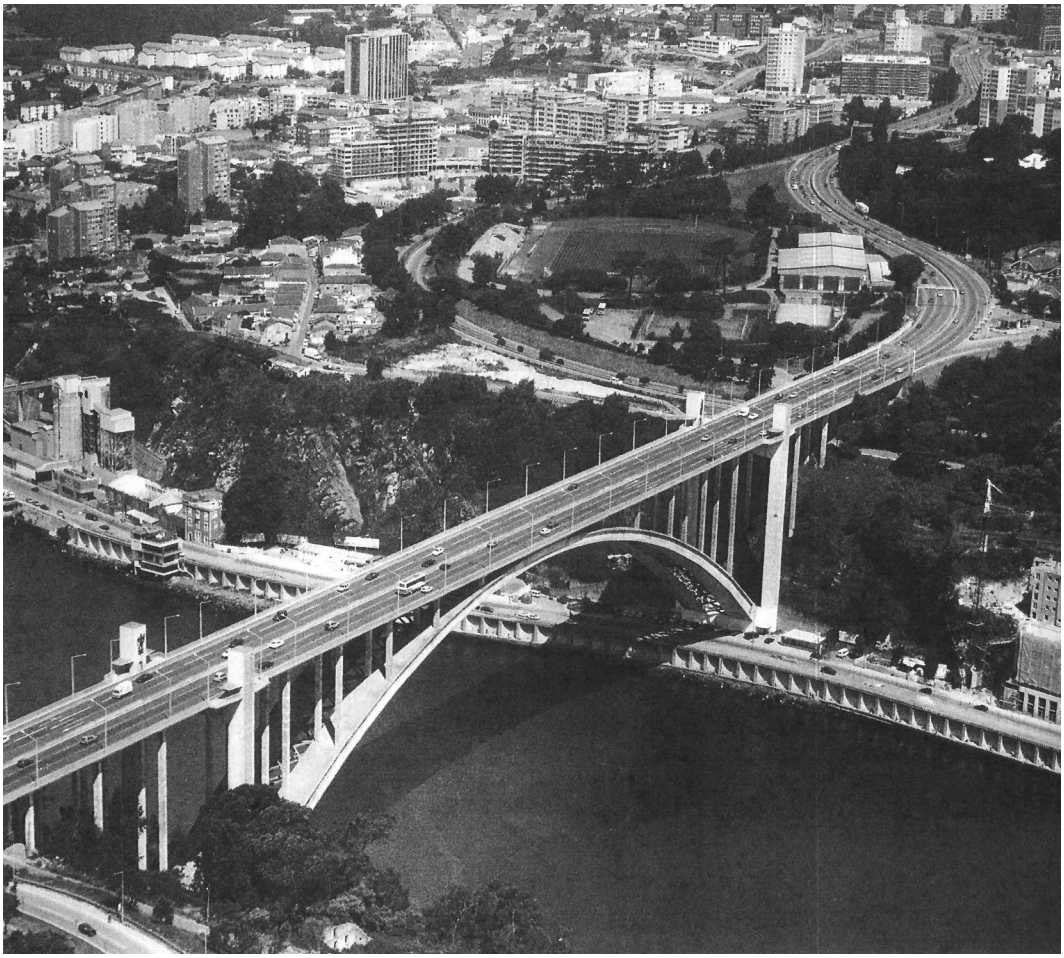
por diagramas, esquiços ou estudos rigorosos, em plantas e cortes de maior ou menor esquematização. Tal preferência metodológica inicial acabou por dar forma a grande parte do trabalho, assumindo o seu carácter de esboço, processual, como congruente perante a natureza da própria investigação.

Deste modo, na procura da clara comunicação da intenção comum dos diversos modos de aproximação ao objecto de estudo, organizou-se a exposição do trabalho em três atitudes fundamentais: LEITURAS, PRESPECTIVAS e PROJECÇÕES com o intuito de reflectir de certa forma na própria estrutura da dissertação a postura levada a cabo como método de trabalho numa sequência que melhor favorecesse a clareza da sua comunicação e compreensão.

"Nous disons "paysage" dans le sens de milieu complexe construit par des décisions entrecroisées, multiples, tissées, jamais par des règles rigides, droites et simplificatrices. Elle est de longue durée puisqu'elle ***considère le passé, l'existant, le non-dit, comme la trame sur laquelle se propose le nouveau projet qui n'est qu'un moment dans l'histoire et qui continue à évoluer sans nous****."*[1]

1 Lucien Kroll a propósito da obra "Vignes Blanches" à Cergy-Pontoise (1977) citado em *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.74

1 | LEITURAS



21

Ponte da Arrábida com o Lugar da Arrábida em segundo plano | 1963

1 | **A ARRÁBIDA-ESCONDIDA**

> *It is the inhabitant who "invents" the city: an uninhabited city, even if new, is only a ruin.*[2]

1.1 | **Psicanálise urbana:** por uma intervenção homeopática

Assim como um indivíduo para aprender sobre si mesmo necessitará procurar compreender as suas próprias contradições, aversões, idiossincrasias, desejos e fobias, bem como a estrutura e história do seu consciente e subconsciente; para compreender a realidade de um lugar será necessário conhecer não só a sua circunstância e evolução urbana como as mais diversas e ocultas expressões de quem o habita, ou seja, reconhecer o subconsciente humano do lugar, colectivo e subjectivo, que o moldam e significam como lugar habitado – assim como o consciente e subconsciente que animam o corpo distinguindo-o de um cadáver.

> *Assim, a função do planeamento não é bloquear novas interpretações da realidade com uma forma permanente e imóvel mas, pelo contrário,* ***abrir um processo dialéctico em que a realidade se expanda, continuamente solicitada por imagens que, por sua vez, se tornam cada vez mais diversificadas graças a novas expansões da realidade.*** *(…) o planeamento de processo formula uma sequência de hipóteses que visam a participação (e são desencadeadas por ela).*[3]

Será papel do arquitecto – como psicanalista urbano – a leitura, reconhecimento e interpretação do território para lá da tecnocracia, consolidando a sua contribuição não como mera representação de uma ideologia de opinião e gosto mas como despertador de operatividades locais e globais – quer perdidas, quer negligenciadas, quer em decadência – através de acções homeopáticas e holísticas gerindo e transformando os seus conflitos em potencialidades.

> *Ainsi, la «table rase» est un crime contre la civilisation :* ***il existe toujours une trace, une marque même virtuelle dans un espace****! Faut-il une psychanalyse urbaine contre nous autismes professionnels?*[4]

2 FRIEDMAN, Yona; *"Pro Domo / Yona Friedman"*, ACTAR, Barcelona, 2006, p.3

3 DE CARLO, Giancarlo in BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, SERRALVES, Porto, 2014, p.277

4 KROLL, Lucien; *"Tout est paysage"*, SENS & TONKA, 2012, p.60



9:49 | Sexta-feira | 1/09/2017



9:32 | Terça-feira | 14/03/2017



12:35 | Sexta-feira | 20/01/2017

1.1|1 | **Arrábida-(In)visível**

Se num primeiro relance o Lugar da Arrábida poderá parecer árido e abandonado – um bairro-dormitório, marginal e isolado – noutro olhar se poderá manifestar a sua vitalidade própria. Aqui, parecem convergir as condições para a manutenção de uma domesticidade partilhada - na sua escala, proporção e contexto - ainda que intermitente ao longo do dia e das circunstâncias. Se a uma hora se mostra deserta, quase abandonada, a outra se mostrará como rua-casa – onde janelas viram varandas, degraus de soleira em assentos, rua em praça; preenchida por ecos de esgares de troça e disfarçada ternura; entre festejos futebolísticos à hora marcada e canções populares quando a lida assim o pede.

Tais cenários – espontâneos ou programados – como que uma rede invisível parecem estruturar no Lugar da Arrábida um ambiente de lugar partilhado, ainda que se trate de um aglomerado urbano de contrastes e anacronismos.

Procura-se entender o que estará em jogo na manutenção desta *rede* geradora do seu carácter acolhedor, humano e sobretudo da permanência da sua população apesar do seu isolamento geográfico, apreendendo como poderão tais qualidades ser repercutidas no futuro.

> *voir les "habitants" non comme une marchandise ou un prétexte à produire de l'art ou du commerce, mais comme un réseau infiniment précieux de relations, d'actions, de comportements, d'empathies qui forment lentement un tissu urbain. C'est ce réseau qui devient "matériau d'architecture.*[5]

Para tal, as acções e comportamentos dos seus habitantes e transeuntes tornam-se um ponto fulcral no estudo deste território e suas dinâmicas, do seu contexto presente, passado e da sua evolução.

> *Je connais à peu près que deux gestes humains qui créent de l'urbanisme. Un piéton marche et trace un sentier: Il fait une rue virtuelle. Il suffit de la laisser s'habiller de maisons pour la voir apparaître. Un autre piéton marche à sa rencontre : ils s'arrêtent et se parlent. Ils ont créé une place.*[6]

5 Lucien Kroll *a propósito da maison SEPIA em Valenciennes, "Bien vieillir chez soi"* in BOUCHAIN, Patrick; "*Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée*", ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.214

6 KROLL, Lucien; "*Tout est paysage*", SENS & TONKA, Paris, 2012, p.157



Estudo do processo evolutivo do Lugar da Arrábida | 1892 - 1939 - 1980s | escala original 1:1000

1.1|2 | **Arrábida-Estratificada**

O facto de o Lugar da Arrábida ter mantido um crescimento lento e pontual levou à sua natural estratificação urbana. Tal acumulação anacrónica, ao salvaguar a coerência de escala e densidade edificada, revelou-se como diálogo e matização de expressões de diferentes épocas. Procura-se perceber particularmente como poderá tal processo ter continuidade perante a circunstância actual. Para tal, levou-se a cabo a investigação-projecto sobre a evolução deste lugar - da sua estruturação, densificação e apropriação - analisando oportunidades de reabilitação e consolidação urbana - em deterimento de uma postura reformista e/ou de expansão.

Observando a sequência de cartas apresentada, juntamente com cartografia recolhida[123], denota-se que a urbanização se deu num primeiro momento a partir da aglomeração de casario aos caminhos existentes tendo os respectivos terrenos agrícolas, quintais ou logradouros sido posteriormente parcelados dando origem a lotes independentes. Assim sucessivamente, os quarteirões foram-se reticulando até à escala actual.

Quanto ao edificado, este foi-se densificando em profundidade a partir da ampliação geralmente do tardoz ou construção de volumes anexos.

Relativamente à densificação em altura esta é claramente constatável a partir da documentação disponível, sendo no geral a partir de construções de raíz ou subtituição de edificado existente, havendo casos pontuais que sugerem a ampliação vertical directamente sobre estruturas preexistentes.

Actualmente o casario apresenta entre 1 a 3 pisos[124] sendo que o edificado de maior cércea tem vindo a ser erguido na Rua da Arrábida.



Estudo da actual densificação em altura | escala original 1:2000

123 Ver ANEXOS págs. 4-12

124 Havendo apenas uma excepção, na Rua da Arrábida 152, com um quarto piso em mansarda.



Extracto da Carta Telles Ferreira | 1892

1.1|2.1 | **Arrábida-Intemporal**



Observando a Carta Telles Ferreira de 1892[7] reconhece-se quase integralmente a estrutura viária actual. Para além do reperfilamento da Calçada da Arrábida (actual Rua da Arrábida), da amputação da Viela de Entre Campos e reperfilamento devido à construção da VCI e Ponte da Arrábida da outrora Calçada do Bicalho (em parte, a actual Via Panorâmica), as restantes alterações perceptíveis evidenciam-se discretamente: a da Rua Alto da Arrábida e da Rua do Alto da Arrábida. A insólita semelhança da sua toponímia poderá provir do facto de ambas terem sido originadas a partir de uma mesma rua. Tal transformação indicia ter sido um processo seguindo as sugestões dos usos e da topografia existente, ora formalizando caminhos informais ora reaproveitando caminhos privados, assim urbanizando através da participação passiva.

> *… **ce n'est pas par nostalgie que l'architecte pourrait copier cette forme empathique, mais par re-création spontanée**, par une «écriture automatique» : Les «sujets se mettent face à face et côte à côte, puis s'écartent pour laisser des passages : **ces mouvements recréent des rues et des places plus authentiques**.*[8]

Deste modo conservaram-se até aos dias de hoje estas estruturas centenárias, remetentes a um outro quotidiano, insolitamente válidas no acolher das necessidades contemporâneas. Mesmo em ruas entremuros como a Rua do Alto da Arrábida e a Travessa do Alto da Arrábida, cuja estreiteza poderá questionar a sua operatividade na acessibilidade automóvel, por virtude apresentam condições para serem feitas cargas e descargas e até estacionamento, ainda que de número limitado.

Reconhecendo assim a sua operatividade contemporânea, num enredo em que nenhum dos seus traços se repete mecanicamente gera-se em si uma hierarquia natural determinada pelo próprio uso do espaço, num confronto dialogante entre a escala pedonal e automóvel priorizando a primeira contendo a segunda.

> *…making vehicular access easier would create a contradiction: **The more smoothly automobile traffic flows, the more people will choose to travel by car**. Any **increase in vehicular traffic will only exacerbate the existing problems of pedestrian safety** and air pollution. Hence, access policies are intended to minimize congestion, but by substituting for travel by car rather than promoting it.*[9]



Extracto de ortofotomapa | 2014

7 Ver ANEXOS pág.7
8 KROLL, Lucien; "*Tout est paysage*", SENS & TONKA, Paris, 2001, p.173/174
9 LYNCH, Kevin; "*City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch*", 1990, p.687

Estruturas rurais

Estruturas consolidadas

Percursos intermédios

Percursos informais

Percursos descaracterizados

Linhas de autocarros















Estudo de intensidades de intimidade no meio urbano







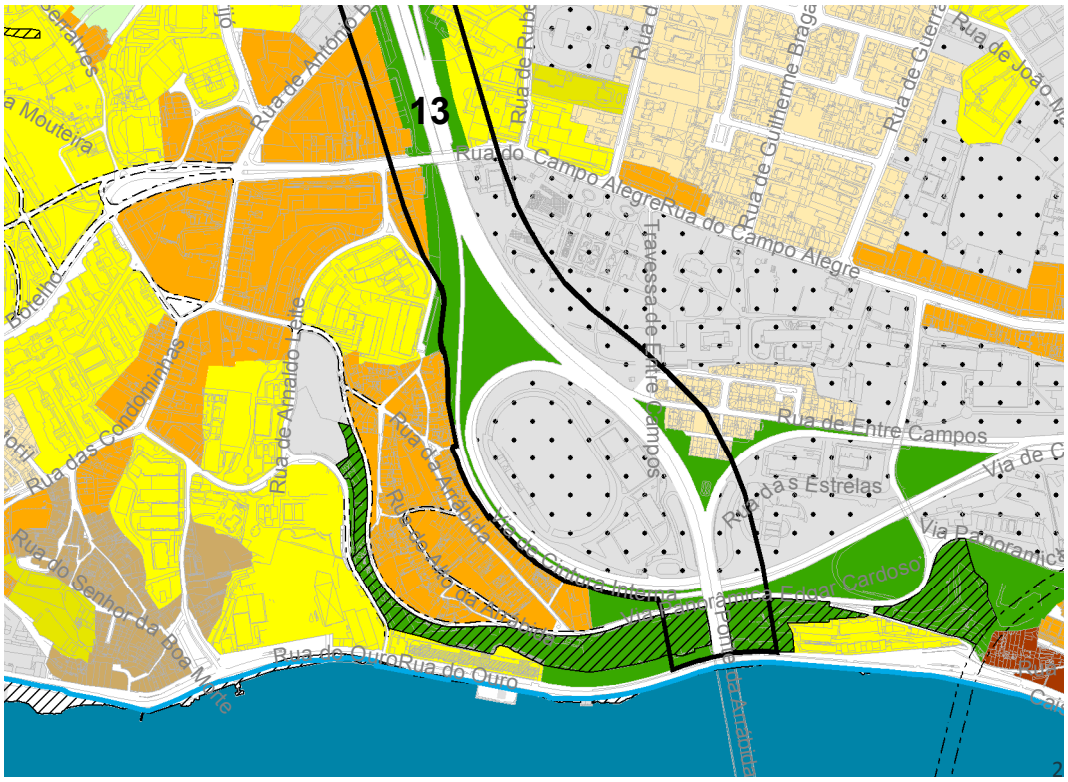






No actual PDM, é proposto o arranjo viário da Rua do Alto da Arrábida e da Travessa do Alto da Arrábida – ambas ruas entremuros – cuja intervenção implica o seu alargamento tomando parte do quarteirão que cinge. Tal postura presume-se advir do preconceito sobre a inviabilidade destas estruturas rurais perante um convencional modo de vida em torno do automóvel.

Argumentando contra tal proposta, defende-se a preservação destas estruturas não só como operativas e polivalentes perante a densificação urbana do Lugar da Arrábida mas também como estimulantes da riqueza e promiscuidade de intensidades de vitalidades urbanas, bem como testemunhos do passado local cuja escala humana[12] tem vindo a propiciar a espontaneidade na socialização vicinal, ou pelo menos o reconhecimento entre os seus habitantes.



Extracto da Planta de Ordenamento - PDM | Carta de Qualificação do Solo

SOLOS URBANIZADOS

- Área Histórica
- Área de Frente Urbana Contínua Consolidada
- Área de Frente Urbana Contínua em Consolidação
- Área de Habitação do Tipo Unifamiliar
- Área de Edificação Isolada com Prevalência de Habitação Colectiva
- Área de Urbanização Especial
- Área Empresarial do Porto
- Área de Equipamento Existente
- Área de Equipamento Proposto
- Sistema de Circulação e Mobilidade (Espaços-Canal e Tubos Subterrâneos)

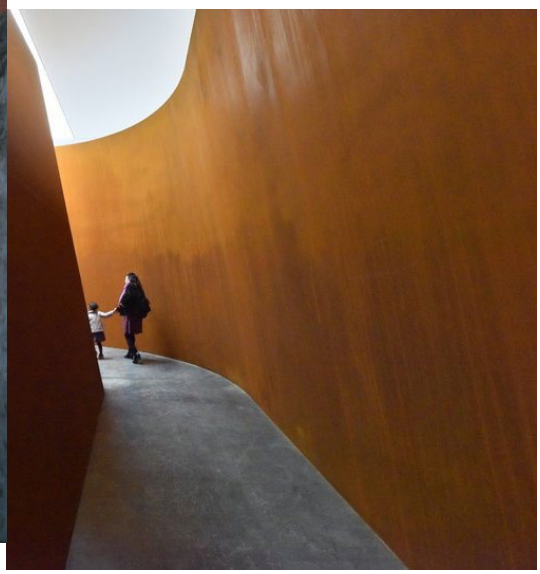
SOLOS AFECTOS À ESTRUTURA ECOLÓGICA

- Área de Equipamento Existente Integrado em Estrutura Ecológica
- Área de Equipamento Proposto Integrado em Estrutura Ecológica
- Área Verde de Utilização Pública
- Área Verde Mista
- Área Verde Privada a Salvaguardar
- Área Verde de Enquadramento de Espaço Canal

- Proteção de Recursos Naturais
- Cotas de Máxima Cheia
- Proposta Viária
- Limite do Concelho

12 'Escala humana' como o equilíbrio entre densidades edificada e populacional na geração de afinidades locais.





1.1|2.2 | **Arrábida-Sensorial**

> *(…) – o que torna uma cidade atraente – é o modo como os diversos espaços urbanos são distribuídos ao longo das **variáveis escalas de intensidade** estendidos entre os dois extremos; ou, noutras palavras, como são misturados, aproximados, justapostos, sobrepostos, contrapostos – no tecido urbano – **espaços de alta, média, baixa vitalidade**: a actividade e a tranquilidade.*[10]

O Lugar da Arrábida devido ao seu isolamento resulta numa espécie de microclima auto-generativo. Através da sua estrutura urbana rizomática sobrepõem e justapõem diferentes gradações de vitalidade numa *hierarquia-anárquica*, matizando a diversidade na unidade. A permanência da maior parte da sua estrutura rural vem assim contribuir para a dinamização destas gradações de vitalidade, particularmente as suas estruturas viárias de entremuros.

Deste modo ressalta-se a riqueza plástica e sensorial destas calçadas e vielas - que na sua escala e proporção poderão sugerir um interior ao ar-livre como que um primordial acesso em galeria - e que na irregularidade da sua conformação reverberam musicalmente o eco dos passos que as percorrem trazendo à memória instalações artísticas como *The Matter of Time (2005)* de Richard Serra, desenhando o tempo no espaço.

> *...es una concepción más amplia de lo antiguo como elemento de construcción, como materia de proyecto - no sólo conceptual sino también físico - de la ciudad nueva. Porque en nuestras ciudades no se puede físicamente tocar el presente sin asomarse al pasado.*[11]

10 DE CARLO, Giancarlo, *"Nelle città del mondo"*, MARSILIO ED., Venezia, 2002, p.126 - Tradução de autoria própria. Citação original: *"Per cui quello che conta - che fa diventare una città attraente - è il modo in cui i diversi luoghi urbani sono distribuiti lungo le variabili scale di intensità tese tra i due estreme; o, in altre parole, como sono mescolati, avvicinati, giustapposti, sovrapposti, contrapposti - nel tessuto urbano - luoghi ad alta, media, bassa vitalità: l'attività e la quiete."*

11 In coord. Maria Caballos Rufino, "Rehabilitación y Ciudad Historica: 1er Curso de rehabilitación del C.O.A.A.O.", C.O.O.A.O., Sevilla, 1982, p.18



Sopreposição de extracto do ortofotomapa de 2014 sobre carta de 1860

1.1|2.3 | De Al-Rabat a Arrábida

> Arrábida *teve origem em* ribat*, ~~uma fortaleza-mosteiro erguida no alto da falésia na margem direita do Douro (...)~~* Al-Ribat *terá ~~evoluído para~~* Al-Rabita*, resultando* Arrábida.[125]

A própria origem do nome *Arrábida* desperta uma das suas camadas estratigráficas mais remotas: o *ribat* erguido aquando a ocupação muçulmana por volta de 850[126]. À medida que o Monte da Arrábida foi sendo urbanizado após a libertação do domínio muçulmano as pedras do *ribat* foram reutilizadas em novas construções tornando os seus vestígios irreconhecíveis no quotidiano[127]. No entanto, uma cartografia de 1860 representa uma estrutura que sugere corresponder a um fosso ou valado que rodearia as paredes do *ribat*[128]. Apesar de a presente dissertação não dispor de ferramentas e conhecimento suficientes para explorar este tema com acertividade, a comparação de documentação cartográfica sugerem que a implantação de tal estrutura poderá corresponder em parte a um muro de suporte existente na Rua Alto da Arrábida (ver fig.1). Se tal presunção estiver correcta, a presença desta estrutura poderá ser motivo para a manutenção e qualificação mais cuidada da encosta.

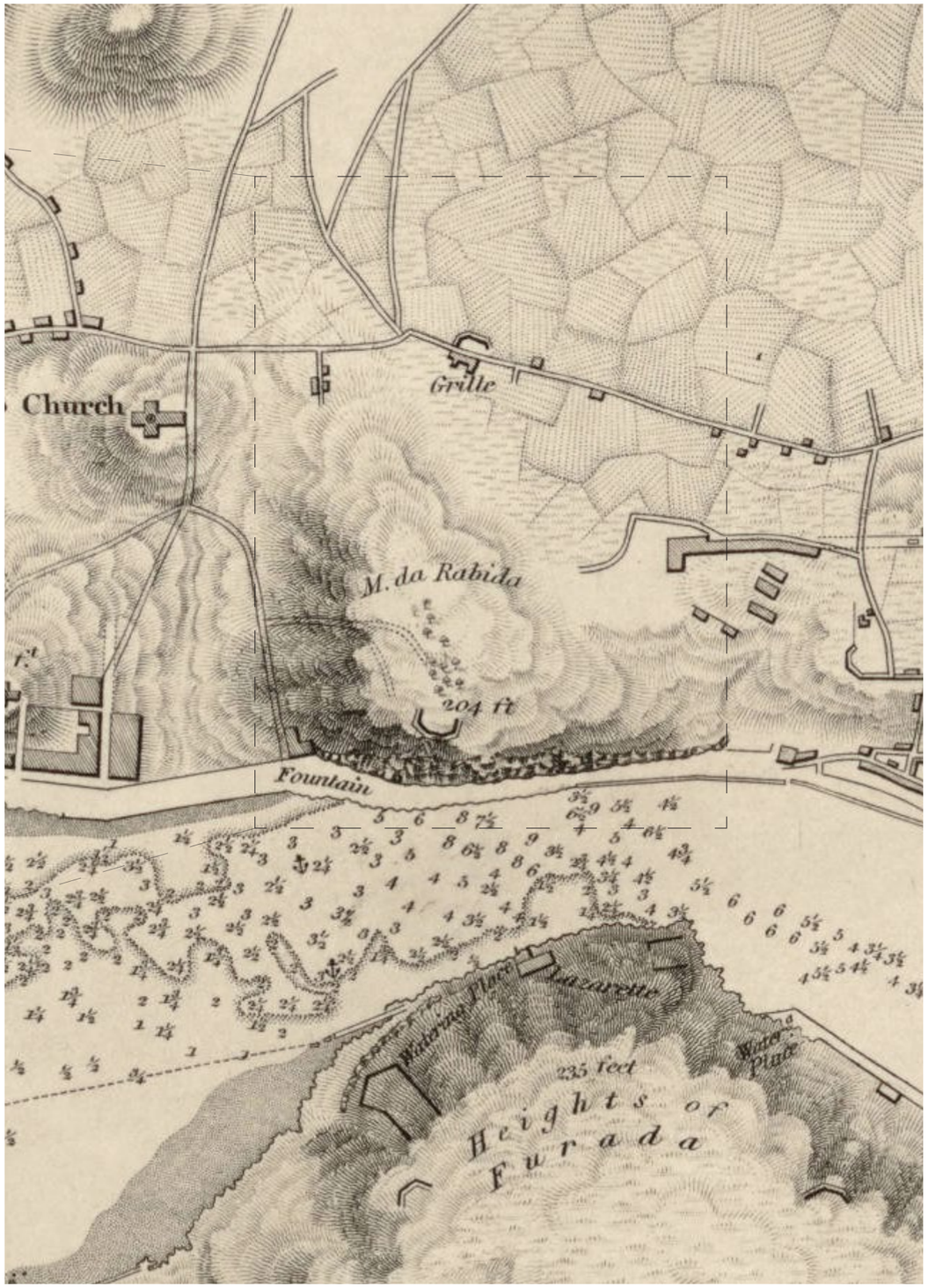
A este propósito é de referir que a Carta de Património[129] do PDM classifica grande área do Lugar da Arrábida com potencial valor arqueológico, não cobrindo no entanto toda a área a sul da Rua do Alto da Arrábida. Questiona-se se tal opção de zoneamento estará relacionado com a proposta de extensão da Via Panorâmica.



1

Muro de suporte que poderá ter feito parte do Ribat?

125 RODRIGUES, Adriano Vasco; *"Ocupação muçulmana do Porto – Al-Duar e Al-Ribat"*, 2016, p.3
126 Cft. Idem, p.7
127 *"A urbanização da área do* Ribat *do Porto, aproveitou as pedras, identificáveis pelo tamanho, nas casas e nos muros. Será possível, usando técnicas avançadas, fazer um levantamento e reconstrução da fortaleça moura." in* Idem, p.11
128 Cft. Idem, p.8
129 Ver pág. 40



Extracto da carta náutica 'Entrance of the River Douro by Commander Edward Belcher' 1860



Estudo da apropriação do solo dos logradouros | Escala original 1:1000

1.1|2.4 | Logradouros

De modo a informar projectos futuros procurou-se perceber a importância e o tipo de uso dado aos logradouros no Lugar da Arrábida. Analisando e comparando documentação a par da observação no local e à recolha de opiniões dos moradores, reuniu-se informação em duas sínteses: uma carta da apropriação do solo dos logradouros e uma segunda sobre a partilha dos loteamentos.

Na carta da apropriação do solo dos logradouros fez-se a distinção entre àreas ajardinadas, hortas e pavimentos. Com tal confronto identificou-se a tendência para a pavimentação de metade ou mais da área de logradouro, presumivelmente por motivos de mais fácil manutenção ou mesmo desinteresse na utilização de espaço exterior. No entanto aquando a manutenção de áreas ajardinadas estas tendem a ser de dimensões consideráveis em relação à área pavimentada se existente.

No que diz respeito a áreas de cultivo estas manifestam-se a diferentes escalas desde pequenas hortas caseiras a hortas de média/grande dimensão. Denotam-se ainda áreas de cultivo de grande dimensão na encosta, dando uso a terrenos não edificáveis aparentemente sem prejudicar a Estrutura Ecológica Municipal em que se inserem, assim nela integrando-se.



Escarpa da Arrábida | Implosão da Torre 5 do Bairro do Aleixo, 2011

"[Acha que se as pessoas aqui da Arrábida haviam de ter interesse em ter hortas comunitárias?]

Eu acho que sim, até podiam fazer assim nestas zonas que há assim uns bairrozitos para as pessoas que sejam mais pobres. Porque não podem estar a pagar aos 50 e aos 60 contos, que eu ainda falo em contos, para a gente também ter as nossas coisas porque ganhamos pouco e o nosso governo não nos pode dar mais… E a gente tira mais regalias, não é? Agora, eu que ganho 300 euros, o meu marido ganha 100 e estou a pagar 40 e tal. Agora se fizessem aqui uns bairrozinhos, que têm muito sítio para fazer, talvez a gente tivesse mais… [como diz, também há quem tenha quintais muito pequenos ou que nem os tenha de todo…] Sim, sim. Poderia fazer alguma coisa por nós aqui."

"[E acha que fazia falta uma horta comunitária, para toda a gente, para quem quisesse...]

- Sim, para quem quisesse. [Acha que havia gente a querer?] Ai era capaz de haver! Há aqui muitos que… Há aí um senhor que mora aí em Bessa Leite, mas esse tem quintal bom, e normalmente ele tira batata para todo o ano. Tem aí uns senhores que o deixam fazer os quintais, ele faz e leva para casa.

[Porque aqui na Arrábida os quintais acabam por ser mais pequenos, não?]

- É, sim, sim. [mas ainda assim vão havendo umas hortinhas?] Vai havendo, pouco. [Por exemplo, lembro-me que as senhoras na Rua Alto da Arrábida tinham…] Ah sim, aquelas senhoras ainda têm umas hortas grandes. [e assim no geral, é capaz de conhecer melhor as pessoas que vão passando aqui na mercearia, sabe se mais gente vai tendo assim hortas ou…] Mmh nem por isso, eu não vejo aí… Estes eu conheço (casario da Rua da Arrábida), os atrás eu já não sei o que é que eles fazem, sei que têm campos, mais lá ao fundo, virado ao rio, lá tem campos."

"Connosco andam à vontade. Agora, sozinhos, não os deixo sair dali fora (apontando para a porta da mercearia). Ainda são pequeninos. (...) ...anda de triciclo mas é dentro do nosso pátio. [Aqui no passeio, na rua, não?] Nã, nã,.. No passeio…Vai às vezes com a avó e comigo e vamos até debaixo da Ponte da Arrábida, ele vai no triciclo mas no passeio, não vai pela estrada. E anda no nosso pátio porque temos lá um pátio grande atrás e está seguro e anda lá ele e ela. Aqui, anda à vontade connosco, que agora em lado nenhum as crianças andam à vontade que às tantas torna-se perigoso."

Unifamiliar

Bifamiliar

Multifamiliar (3 ou mais famílias)

Comércio

Público

Estudo da partilha de logradouros | Escala original 1:1000

Na carta de partilha dos loteamentos fez-se a distinção entre lotes unifamiliares, bifamiliares e multifamiliares lendo-se em tal síntese uma variedade considerável apesar da prevalência de habitação unifamiliar.

A partilha de logradouros poderá suscitar circunstâncias potencialmente enriquecedoras das relações de vizinhança.

> *The enormous importance of nature contact from early childhood with a group larger than the family: the isolated family is today the normal one… Isolation leads to contact difficulties, with fear and aggressiveness as the most predominant social attitudes. This is especially obvious in larger cities."Social people" develop if they have the* ***possibility of living in an all-round social group from their early years, a society that does not consist of age groups such as infants or old people by themselves****.*[131]

Vê-se portanto no logradouro um protagonismo não só funcional - lavar tapetes, estender roupa, cultivar, ajardinar, etc - mas também social e de recreação como espaço de churrasco, brincadeira e de despreocupação.

> *Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim. Particular ou público, ou do vizinho. Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.*[132]



Coberto construído para festas e convívio num logradouro partilhado | Rua Alto da Arrábida

131 COLLYMORE, Peter; "*The Architecture of Ralph Erskine*", ARCHITEXT, London, 1985, p. 21

132 DE CAMPOS, Álvaro; "*Dobrada à Moda do Porto*" in "*Amar é Pensar, antologia de poemas de amor de Fernando Pessoa*", E-PRIMATUR, 2016, p.87











Lotes arborizados

Loteamentos de conjunto

Edificações de conjunto

Edificações singulares

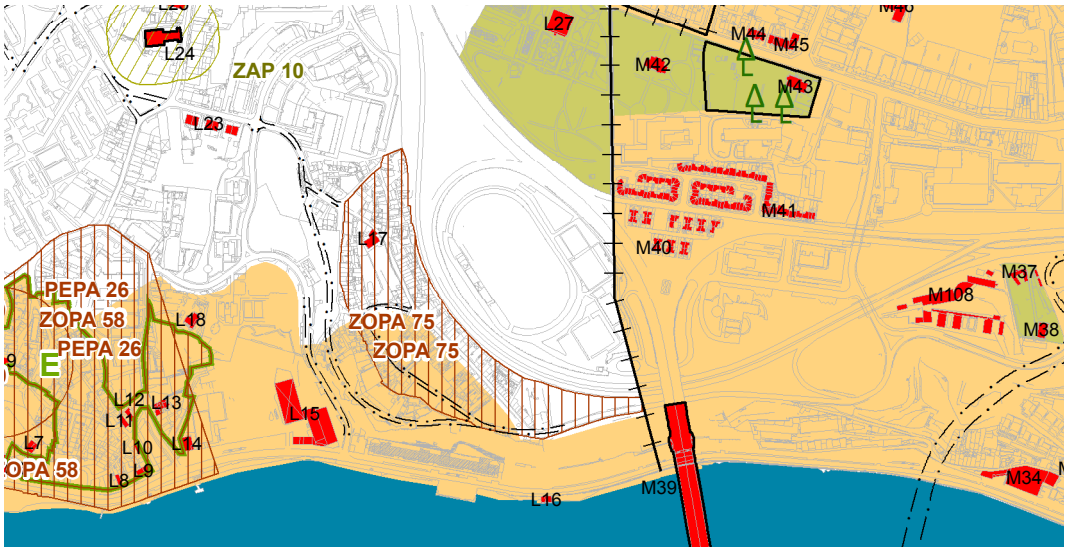
Estudo de conjuntos edificados a preservar | Escala original 1:2000

1.1|2.5 | Edificado Conjunto

Como foi referido, o crescimento urbano do Lugar da Arrábida deu-se por acumulação, sem reformas determinantes. Deste modo surgiram naturalmente diferentes posturas de edificação – desde o comum volume singular a construções conjuntas em banda, quer na frente de rua quer em 'ilha'. Procurou-se identificar estes fragmentos avaliando a sua pertinência própria de preservação e/ou reabilitação, não necessariamente como de interesse patrimonial mas antes como de interesse urbanístico e arquitectónico.

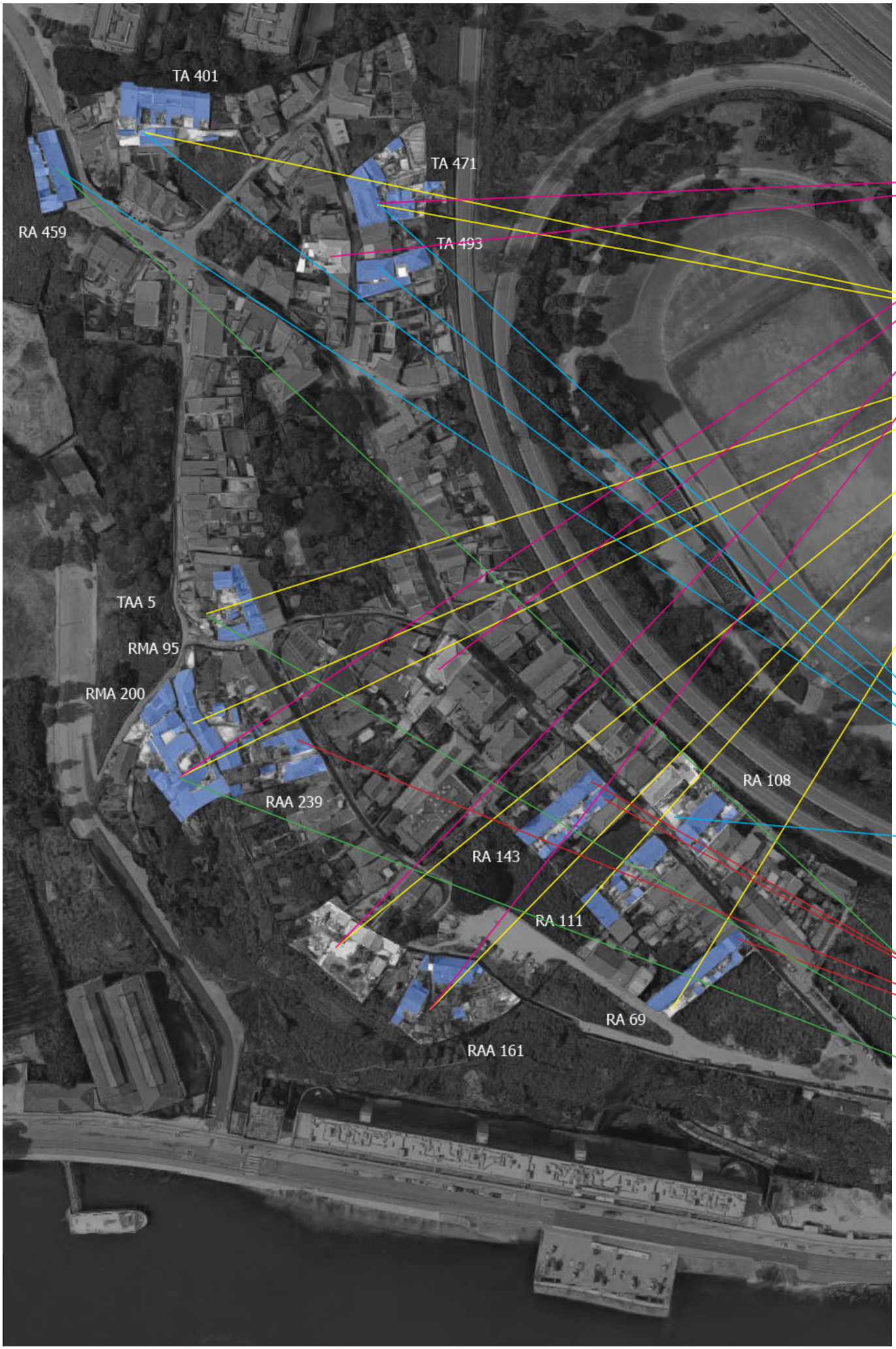
Na carta apresentada à esquerda distinguiram-se em quatro grupos o edificado e loteamentos que se reconheceram com particular interesse, quer pela sua presença urbana, tipologia, materialidade e estados de ocupação e conservação.

No caso dos loteamentos de conjunto gera-se um produto-processo particularmente interessante no sentido em que a autonomia de gestão de cada unidade habitacional possibilita alterações de revestimento/caixilharia, ampliações, adição de cobertos, etc, permitindo a personalização da unidade habitacional ao mesmo tempo que a modulação do conjunto preserva a sua coerência como tal.



Extracto da Planta de Ordenamento - PDM | Carta de Património





Reconhecimento das 'ilhas' da Arrábida em confronto com a sinalização destas pela Domus Social

1.1|2.5.1 | 'Ilhas'

A heterogeneidade de modelos de 'ilhas' no Lugar da Arrábida é de tal modo notória que alguns casos só conseguiram ser reconhecidos como 'ilhas' a partir da informação de 2014 disponível pela Domus Social tal é a ambiguidade da sua expressão edificada. Desde o tipo tradicional de 'ilha' às suas variantes tipológicas mais atípicas, como que se reúne neste lugar uma amostra da variedade que esta tipologia veio a reproduzir em toda a cidade.

Devido à particular circunstância geográfica deste lugar, várias das 'ilhas' têm vistas privilegiadas apartir do acesso exterior e em alguns casos até a partir do interior do próprio fogo.

É ainda de notar a variedade no controlo de acessos. Na 'Ilha' no nº69 da Rua da Arrábida[133] o atravessamento do quarteirão é claramente visível, controlado apenas na frente sul por um único portão, sendo que na frente norte não existe qualquer impedimento, apenas a própria conformação típica da 'ilha' intimida a sua invasão. A presença de tal portão vem pôr em causa a pertinência da 'ilha' como passagem pública, no entanto não a invalidando como travessia dos próprios moradores ou mesmo de vizinhos com os quais se tenha confiança.

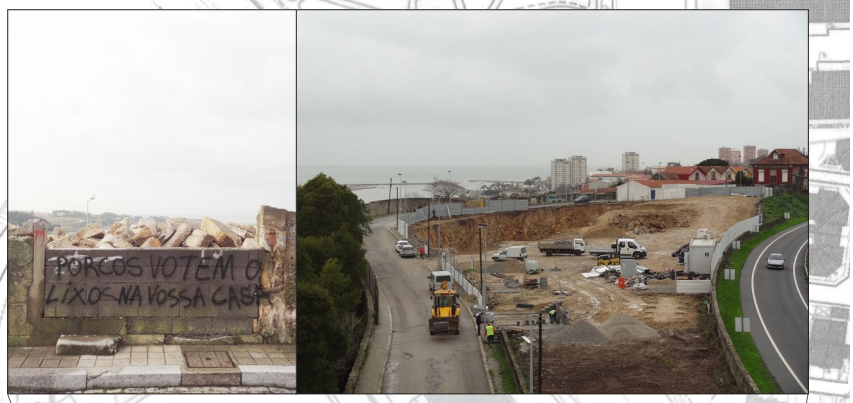
> *In fact, whether a given territorial space is private or public depends entirely on one's perspective:* ***the same space is simultaneously private to those not yet admitted and public to those from included territories, who are free to enter at all times****. (...) This duality holds for all but the deepest territory in the hierarchy: with no included territory, it is undivided space and entirely private, unless personal space is taken into account.*[134]

Na observação de várias 'ilhas' espalhadas por grande parte da cidade (ver pág.95) é considerável a frequência do acrescento de cobertos - quer especificamente da porta de entrada, quer de toda a área do corredor contígua à própria unidade. Tendo estas edificações por norma carências de insolação e de ventilação, tal adição não deixa de surgir contraditória sugerindo a sua presença para lá da mera protecção solar e de precipitação como marcação territorial da transição interior/exterior e colectivo/privado.

Quanto às habitações de frente de rua por norma estas funcionam como parte autónoma à 'ilha'. No entanto também se encontram casos onde as edificações de frente de rua apresentam características formais similares em tamanho e proporção reduzindo esta hierarquia formal a uma hierarquia de acessibilidade.

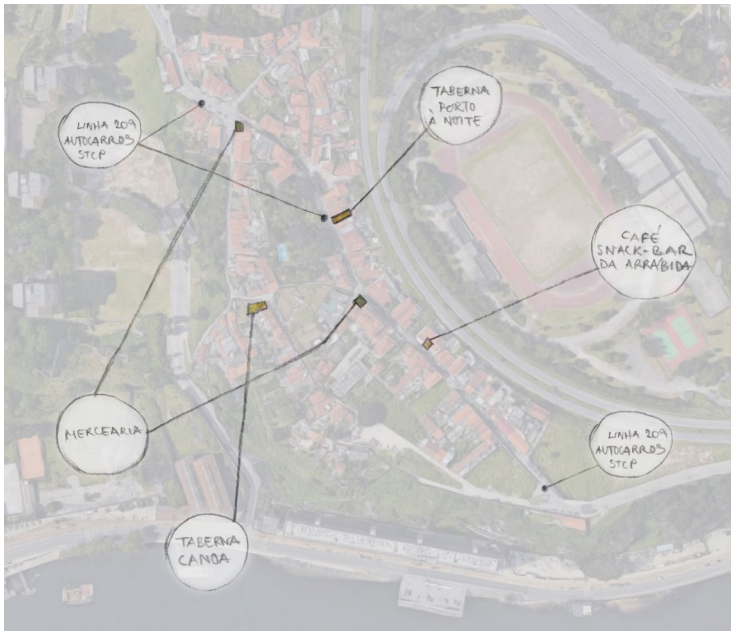
133 Ver ANEXOS pág.47

134 HABRAKEN, N. John; "*The structure of the ordinary: form and control in the built environment*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachussets, 1998, p.138/p.330



Construção de novo edifício com dois pisos subterrâneos | 15/12/2017

Estudo de parcelas/lotes inabitados | Escala original 1:2000



Pontos de passagem dos turistas que visitam o Lugar da Arrábida

"Aqui, é a rua panorâmica do Porto, é uma rua das mais bonitas, e tudo procura, e ultimamente os estrangeiros andam aqui todos a ver se compram casas."

"Há muita gente a procurar casa para aqui! Tanto para comprar como para alugar!"

"Há muitos turistas! Para cima e para baixo, todos os dias. Vêm cá para perguntar como se desce até ao rio ou como se vai para a Ribeira. [E sabe se ficam aqui alojados na Arrábida?] Não, acho que não… *[hesitação]* é tudo de passagem só…"

"Ah! Passa aqui muito turismo! Passa, passa. E tiram fotografias e tudo! [e sabe se ficam alojados cá?] [Rita] Eles ficam no Porto, aqui não, não temos hospedarias. [então vêm cá de propósito?] É, vêm a pé e de bicicleta. [Carolina] Quando veio aqui o Fidel Castro ele adorou a zona de Miragaia e daqui! Ele adorou esta zona aqui das Arrábida! E Miragaia e a Ribeira!"

1.1|2.6 | Parcelas/Lotes Inabitados

Devido à presença de várias parcelas não edificadas (pre-)vê-se a ameaça ao que poderá ser uma evolução coerente e socialmente justa deste lugar. A especulação imobiliária no Lugar da Arrábida indicia-se discreta mas decisiva, existindo já desde 2007 projectos aprovados para habitação ou hotelaria de 3 a 6 pisos, que a crise entretanto suprimiu, mas que foram retomados em 2017.

A crescente valorização imobiliária desta área deve-se não só pela sua relação paisagística fluvial, mas também pela sua proximidade a pólos universitários, empresariais e comerciais, respectivamente ao Campo Alegre (10 min.), ao Pólo II da UP (10-15 min.) e à Boavista (30 min.). No fundo reúne-se neste lugar esquecido um miradouro com a serenidade rural próximo da conveniência urbana.

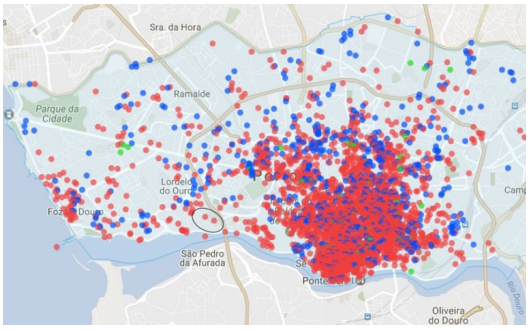
Em anexo[130] expõem-se uma leitura destes lotes inabitados devido à sua presença expressiva neste lugar, tanto como retratos de passados esgotados como de molduras para um futuro incerto.

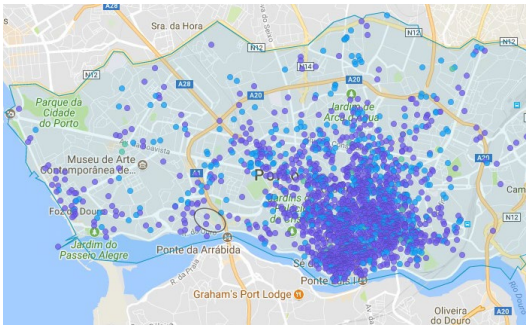






Procura turística e imobiliária

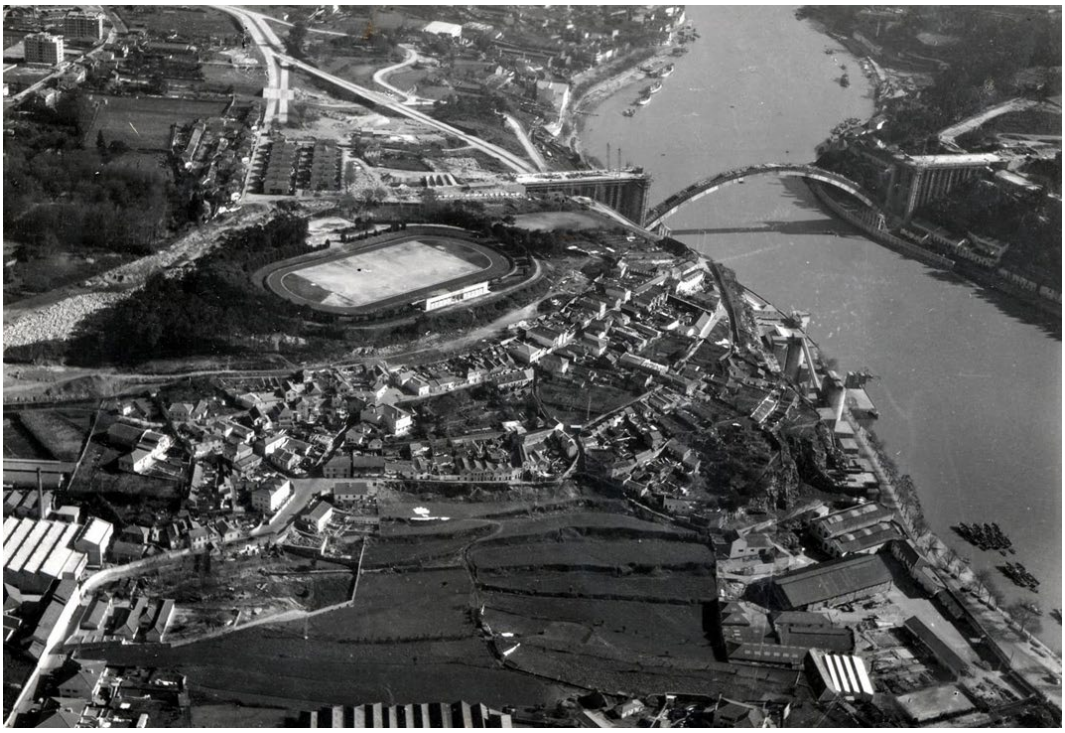




Airbnb Abril e Dezembro de 2017

130 Ver ANEXOS págs.19-42, 49-55

Perdido num porto
– perto e distante –
encontra-se, tímido e sereno,
o Lugar da Arrábida.
Em tempos se erguia
refugiado na topografia,
debruçado sobre o Douro e vale:
o mesmo cenário de hoje-em-dia.



Mas um *fosso* se alcatroou, e de VCI baptizado,
trouxe um jeito de olhar o Douro
como quem no Porto está desterrado.

Assim permaneceu,
tímido e sereno,
nas (en)costas de um Porto
– perto, mas mais distante –
entre fosso e escarpa.

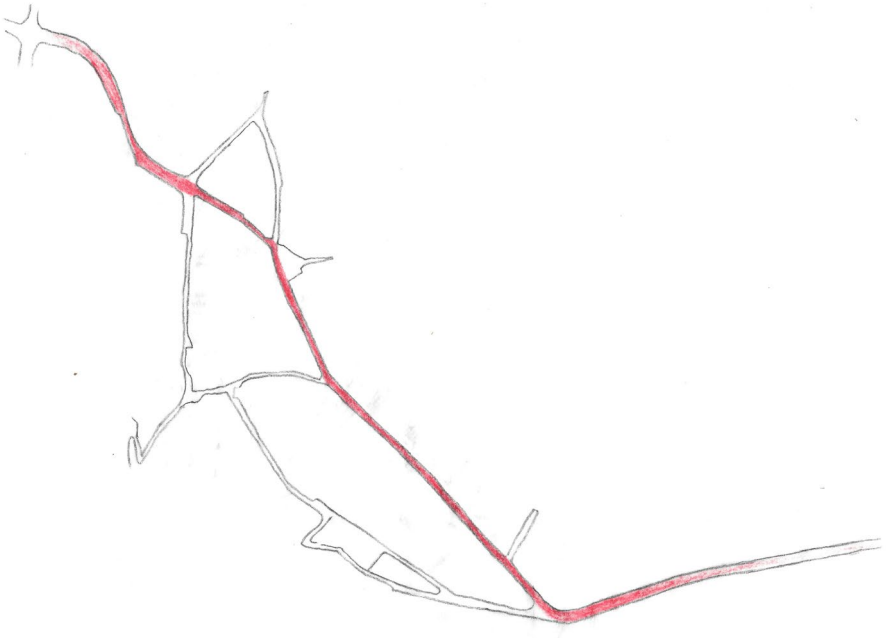
2 | **ENTRE FOSSO E ESCARPA**

Encontrar o Lugar da Arrábida requer um propósito ou um despiste. Entre uma íngreme escarpa até ao Douro protegida como Estrutura Ecológica Municipal e o rasgo da VCI, recorta-se o Lugar da Arrábida, como um *cantinho* esquecido escondido da restante cidade.

Tal isolamento – *entre fosso e escarpa* – levou à estagnação deste território. Por um lado, o constrangimento da sua acessibilidade – distanciando-o do Campo Alegre e Boavista – terá vindo a inibir a permanência de descendentes e fixação novas famílias; e por outro a impossibilidade física de expansão urbana, juntamente com o consequente desinteresse imobiliário, reflectiu-se como uma conservação espontânea das suas características mais remotas, tendo apenas ocorrido algumas edificações desde então.

2.1 | **Arrábida-Canal**

Escondida do resto da cidade, praticamente só a conhece quem lá mora ou morou. Quem a atravessa fá-lo como uma ponte – de Lordelo do Ouro a Massarelos – e retêm-na como um cenário sem bastidores. É na Rua da Arrábida que se canaliza em sentido único e entre passeios da largura dos ombros todo o pouco trânsito automóvel passageiro, onde o limite entre faixa de rodagem e faixa de estacionamento (ver pág.137) se deixa desenhar apenas pelo bom senso.



Acessibilidade automóvel em sentido único Oeste-Este pela Rua da Arrábida







Registos da passagem do autocarro na Rua da Arrábida

"[Rita] Aqui só está isolado quem não pode andar! [Carolina] O autocarro é que faz muita falta menina! E vem com muita pouca frequência. Às vezes está uma hora e duas horas sem aparecer!"

"...por causa de um retrovisor estava uma fila de perder de vista porque o autocarro não passava. Lá foi alguém recolhê-lo e passou."

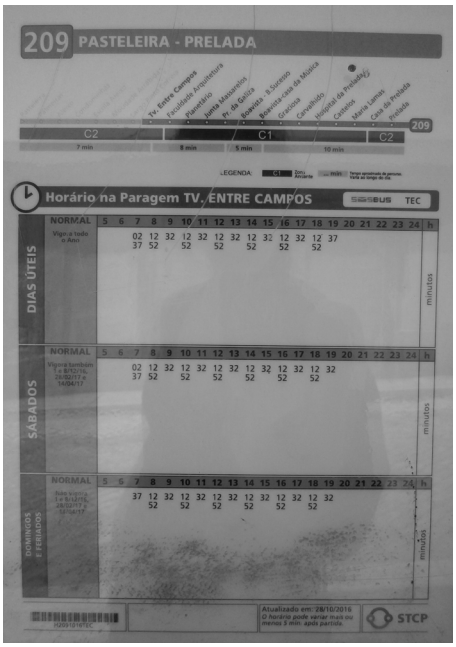
"Problemas temos aqui com o autocarro. (...) quando veio para aqui era um autocarro pequeno, depois, passados para aí dois anos, começaram a meter os grandes. Para quê, para facilitar não andar tantos autocarros. Mas estas ruas não são próprias para os autocarros grandes. (...) Se tem aqui uma carrinha já não passa..."



Entrada da mercearia na R. da Arrábida

Ocasionalmente testemunha-se o cenário surrealista da passagem do autocarro, confrontando habilmente a sua escala com a estreiteza e declive da Rua da Arrábida. Os acostumados a tal quotidiano não fazem caso: um mínimo de cautela no metro comprimido entre fachadas e autocarro.

Desde 1892 que a Rua da Arrábida surge como a mais significativa alteração da estrutura viária deste lugar. Tal reperfilamento viário, anterior a 1939[13], veio transformar a outrora Calçada da Arrábida numa rua apta ao trânsito de carros e automóveis, vencendo obstáculos como escadarias e estreitezas que até então impediam a sua passagem. E tal bastou: uma artéria e seus vasos.



Horário do autocarro reposto, esteve durante meses sem informação

> *Agora vou contar como é Otávia, cidade teia de aranha. Há um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade está situada sobre o vácuo, ligada aos dois cumes por teleféricos e correntes e passarelas. (…)*
>
> *Esta é a base da cidade: uma rede que serve de passagem e de apoio. Tudo o resto, em vez de se elevar por cima, está pendurado por baixo (…).*
>
> *Suspensa sobre o abismo, a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta do que noutras cidades. Sabem que além de um certo ponto a rede não aguenta.*[14]

Assim como Otávia, o Lugar da Arrábida serve como mero canal de passagem motora, onde tudo o resto passa despercebido e indiferente, *"pendurado por baixo"* como uma *"cidade teia de aranha"* hostil a quem não a tece – a *Arrábida-Invisível*.

Também como passagem pedonal e de transportes leves, *"correntes e passarelas"*, uns mais discretos outros mais evidentes no seu propósito, estabelece-se a particular ligação entre "dois cumes": o Bairro do Aleixo e a Via Panorâmica Edgar Cardoso. Se numa primeira aproximação tal relação poderá parecer ambígua, bastará um segundo olhar para a descobrir evidente.

13 Ver ANEXOS pág.8

14 CALVINO, Italo; *"As Cidades Invisíveis"*, TEOREMA, Alfragide, 2011 (14ª ed.), p.85


como filtro urbano/
na hospitabilidade/
como modo de vida
comunitário
aceitar a
marginalidade
não-agressiva
DESCONSTRUÇÃO DO
ESTIGMA/PRECONCEITO
|reinterpretar e revalidar|
'ILHAS'
DO PORTO
REABILITAÇÃO
DE VALORES E
POTENCIALIDADES
ARRÁBIDA-ILHA
|empatizar heterogeneidades|
CONCILIAÇÃO DE
HABITABILIDADES DIVERSAS
autonomia de
cada fogo consoante
o morador/programa
coexistência de actuais e
novos moradores,
estudantes, turistas, etc
(abastados ou não)

2.2 | **Arrábida-Ilha:** um paradigma local?

O Lugar da Arrábida assemelha-se, ainda que a outra escala, à tipologia de 'ilha': ambos escondidos e esquecidos na sua subsistência invisível; Ambos integradores da adversidade; Ambos estimulantes do convívio da vizinhança para o bem e para o mal[1]; Ambos flexíveis à modernização tecnológica; Enfim, ambos capazes de *"preservar um sentido de continuidade com o passado num contexto que permita a mudança."*[2] Ainda que a diferentes intensidades ambas têm vindo a sofrer uma crise de valores, manutenção e abandono do mesmo modo como descreve Eduardo Mosquera sobre os Corrales de Sevilla:

> *La última y letal crisis proclamó la obsolescencia de estas casas como inmuebles habitables, superadas definitivamente por las expectativas de vivir en la moderna periferia, perfectamente adaptada – se suponía – a los nuevos requerimientos sociales del habitar; la crisis produjo la consabida dinámica de incuria, degradación, destrucción, etc.*[3]

Na procura da pertinência e substanciação desta analogia, será proposta mais adiante uma leitura crítica da origem, passado e presente da tipologia de 'ilha' (ver pág.96) bem como o mapeamento do potencial da sua reabilitação e reinterpretação (ver pág.103).

1 *"…morar numa ilha é bom porque "há muito convívio, mas também há pessoas que levam as coisas para o outro lado e geram conflitos sem sentido, como no outro dia em que quase toda a gente andou à bulha por causa das cordas da roupa – de quem era o quê e coisa assim."; "…costumam reunir-se todos aí fora e fazem muito barulho, riem-se e ficam a conversar até muito tarde. Muitas vezes quero dormir e não consigo."* - Joana, 16 anos, residente numa ilha citada em WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís (coord.); *"Ilhas"*, PANMIXIA, Porto, 2004, p. 94

2 LYNCH, Kevin; "*City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachusetts, 1990, p.681 – Tradução de autoria própria. Citação original: *"Preserve a sense of continuity with the past within a context that allows for change."*

3 MOSQUERA, Eduardo; "*La Metamorfosis Domestica - Contribuiciones para un balance de la experiencia rehabilitadora en la vivienda tradicional Sevillana*" in "*Rehabilitación y Vivienda en Sevilla - Renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica 1975-1988*", C.O.A.A.O., Sevilha, 1989, p.353

De um lado se vê, ouve, cheira e sente,
erguida, obscura e evidente,
a representação edificada e simbólica:
marginal,
diabólica.

Do outro se estende,
esconde, disfarça ou indiferente,
sob a ponte, entre fosso e vista
o abrigo efémero mas intimista,
anónimo
(in)dependente.



Cantarolar corrido. Látex esquecido. Prata desleixada. Lenço de batom envelhecido.

São o rasto do invisível.

O silêncio

que se lê.

3 | MAPEANDO O SILENCIOSO

> *O processo, com efeito, degenera nos meandros de um paradoxo intrincado.* ***Se por um lado as actividades humanas se multiplicam, tornando-se diversificadas e omnipresentes, por outra, as decisões sobre onde e como devem elas ter lugar encontram-se cada vez mais concentradas nas esferas do poder económico, burocrático e tecnológico. O papel da arquitectura poderá ser contribuir para a imobilização ou mobilização desse paradoxo****, de acordo com o partido que ela decidir tomar – do lado da estrutura do poder, ou do lado das que ele esmaga e exclui. Embora seja certo que apenas a segunda opção permite uma renovação concreta, não o é menos que aquilo a que se chama "arquitectura dos arquitectos" nunca escolherá.*[15]

Giancarlo de Carlo denota o descuro pelo entendimento da realidade sobre a qual se intervém e a tendência autoritária em redefinir a gosto do preconceito as qualidades e actividades locais no desenho de uma realidade conveniente, mesmo que descontextualizada.

Reconhecendo tanto no caso do Bairro do Aleixo como na Via Panorâmica Edgar Cardoso uma forte presença de actividades marginais, procura-se contrariar a proposta ilusória e superficial de negação/erradicação destas realidades adversas, procurando por sua vez o entendimento de como se manifestam e se repercutem no quotidiano.

> *Despuis la naissance du Movement moderne en architecture et en urbanisme,* ***nous, les architects, nous sommes centrés sur l'object, sur la mécanique des territoires, la résolution des problèmes. Comme si nous allions subitement résoudre des problèmes en les baptisant fonctionnels*** *(ça veut dire quoi?).*[16]

Atrás de uma acção distorcida pela abstracção de ideais funcionalistas e pressões comerciais especulativas, paga-se o preço da subversão da realidade local através da sua negação. Ignoram-se problemas reais. Ilude-se a sua resolução. Acentuam-se diferenças sociais, sentimentos de inferioridade, de revolta e de incompreensão – a ordem que cria o caos.

O Lugar da Arrábida, por se situar entre estes dois pólos particularmente marginais, vem por circunstância acolher da sua reverberação, mesmo que passageiramente. Tal poder-se-á reconhecer, ora nos balbuciares frenéticos e impacientes Este-Oeste, ora nos cantarolares festivos Oeste-Este; e na ocasional e breve (ou não) estadia no fontanário (ver pág.53) situado no desembocar da Rua da Arrábida, ecoando por esta cantares de euforia, saciando a sede ou refrescando o corpo.

---

15 DE CARLO, Giancarlo in BANDEIRINHA, José António; "*O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976*", SERRALVES, Porto, 2014, p.274

16 KROLL, Lucien, "*Tout est paysage*", SENS & TONKA, Paris, 2012, p.23



"[o Bairro do Aleixo] É outra coisa, não tem nada a ver com aqui. Os jovens também não se metem lá para não arranjar problemas. Aqui também não há problemas talvez porque as pessoas achem que os do Bairro do Aleixo possam cá vir em nossa defesa." – anónimo

"O pior é estes rapazes que vêm – que não fazem mal! mas eu tenho medo, não é... – vêm aqui para o Aleixo têm que passar por aqui. De resto, isto é muito parado." – Carolina, moradora na Rua da Arrábida



"Aqui é seguro, sim, mesmo à noite – só ando é com mais cautela. Mas não é de haver assaltos nem brigas." – anónimo

"[na Via Panorâmica] é muito ermo. Desde que mudei de casa já não passo lá, mas a gente sabe a pouca vergonha... antes andava por onde quer que fosse sem me preocupar. Quando passo lá sozinho, vem um carro, a gente lá sabe...! Há grupos de senhoras que lá passam, para ir caminhar, mas é em grupo, é diferente." – anónimo

"Mesmo a gente a passar lá, não temos problemas [não assaltam?] Não... (...) Simplesmente eles vendem e apregoam droga como seja a vender meias ou a vender outras coisas quaisquer. Ainda agora lá passei."

"Ali [na Via Panorâmica] não é assim muito seguro mas antigamente era pior (...) nem estava tão limpo, ali o monte, não havia tanta limpeza, que agora normalmente de tempos a tempos cortam a vegetação e a gente vê mais longe as coisas. E a iluminação também é diferente, (...) era muito mal iluminado, agora à noite já é melhor. [E antes de cortarem, antes de dar para ver a vista, paravam ali muitos carros?] Param, mas isso é drogas... Antigamente eram namorados que paravam ali, e agora também são capazes de parar ali alguns namorados mas a maioria é drogas que vêm aqui ao Aleixo e param ali e deitam-se ali... é... por isso é que... não é MUITO muito seguro a gente passar lá. EU nunca tive problemas! Já passei ali muitas vezes. – Valentim, morador e comerciante na Rua da Arrábida



3.1 | **Entre incógnitas**

Se por um lado o Lugar da Arrábida se encontra – *entre fosso e escarpa* – cercado a norte pela VCI e a sul pela topografia, por outro lado, encontra-se também – *entre incógnitas: o especulativo e o ambíguo* – o Bairro do Aleixo cujo futuro apesar de previsível mantém a incerteza das suas repercussões e a Via Panorâmica Edgar Cardoso que estendida sob a Ponte da Arrábida entre a VCI e a Estrutura Ecológica Municipal esgotou as suas possibilidades de urbanização.

3.1|1 | **Bairro do Aleixo,** o especulativo

A presente dissertação levantará em diferentes momentos o Bairro do Aleixo como caso de estudo: por um lado pelo prenúncio da sua demolição total levantar a possibilidade de os seus moradores serem realojados no Lugar da Arrábida se assim intenderem, mas também como exemplo controverso e divergente entre a intensão do projecto de arquitectura e as suas repercussões socias.

> *Todos nós conhecemos bairros ou **edifícios projectados "para" os utilizadores que foram rejeitados de dentro para fora, o que os corrompeu e desintegrou num curto espaço de tempo.** Em geral essa rejeição é atribuída à imaturidade ou má interpretação, tratando-se mais uma vez de uma explicação credível mas incompleta. **Os bairros e edifícios planeados "para" os utilizadores degradam-se porque os utilizadores, não tendo participado no seu planeamento, não conseguem apropriar-se deles e, por conseguinte, não têm motivos para defendê-lo.**[17]*

O excerto apresentado de Giancarlo de Carlo serve-nos de referência para o entendimento do caso do Bairro do Aleixo, edificado no início dos anos 70 no vale a poente do Lugar da Arrábida.

O seu projecto propôs a organização em volta de um saguão – como uma extensa rua vertical ao longo dos seus 13 pisos – na intensão de cultivar nesta tipologia em altura, estrangeira ao modo de vida portuense da Ribeira, a união vicinal que os seus futuros residentes, originais do Barredo, mantinham. Idealizava-se um possível Barredo em altura num organismo autossuficiente distribuído em cinco torres.

No entanto, por motivos debatíveis, tornou-se um dos mais problemáticos bairros nacionais. Poder-se-á argumentar que o não cumprimento de grande parte do programa social previsto – como um lar de idosos – juntamente com o descuro no apoio social de uma população então desterrada na periferia, terá conduzido ao

17 DE CARLO, Giancarlo in BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, SERRALVES, Porto, 2014, p.275



Vista para a Marina de Gaia desde o Bairro do Aleixo | anos 80



Bairro do Aleixo após demolições



Terreno vendido na Travessa da Arrábida | Junho 2017

agravamento dos problemas sociais e económicos dos seus moradores e, consequentemente, à atracção de mercados ilícitos de tráfico de droga e prostituição. Por outro lado, surge também a acusação da própria tipologia em altura como disfuncional para habitação social, tanto no caso do Bairro do Aleixo como em idênticos casos europeus. No entanto questiona-se se em tal opinião não residirão segundas intensões. Sendo estes terrenos por norma implantados em outrora periferias hoje engolidas pela expansão urbana, o interesse em capitalizá-los vê na falta de manutenção dos edifícios a confirmação da sua invalidez e pretexto para a sua demolição. Ainda assim, a possibilidade de o projecto de arquitectura em si ser o cerne de toda a complexa problemática social do Bairro do Aleixo parece uma perspectiva redutora. Citando Lucien Kroll:

> *Bien sûr, cette architecture n'est pas LA raison, mais elle en est un détonateur indispensable. […] Ce sont des dissolvants de civilisations, ces projets hors d'échelle, sans connivence avec l'habitant seul ou en groupe.*[18]

O futuro do Bairro do Aleixo já foi mais incerto. Em 2011 é implodida a primeira das cinco torres que o compunham. Actualmente, três das cinco torres permanecem, em estado alarmante de abandono e degradação. As decisões políticas aproximam-se do consenso na sua demolição total. (Resolve-se a equação apagando-a)

Assim como no Lugar da Arrábida, estes terrenos nas encostas e margens ribeirinhas do Douro têm vindo a ser brutalmente valorizados pelo mercado imobiliário. No caso do Bairro do Aleixo, a sua vista panorâmica para o Douro, a considerável área edificável de boa localização e a proximidade à prevista marina do Ouro[19] prometem, com pouca imaginação, mais um projecto hoteleiro ou de condomínios de luxo.

Torna-se assim difícil contrariar o seguinte depoimento do psicólogo na Associação Norte Vida no Aleixo: *"o tráfico de droga foi um álibi que as autoridades políticas encontraram para construir um problema associado ao bairro e, deste modo, tirarem dali pessoas pobres para colocarem pessoas ricas"*[20].

18 KROLL, Lucien; "*Désordres urbaines: les événements annonciateurs*", Les Nouvelles d'Archimède nº43, octobre-décembre 2006 in BOUCHAIN, Patrick; *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.221

19 Observação: na margem oposta existe a Marina de Gaia.

20 Depoimento de Simão Mata ao JPN, 29/6/2015 *in* https://jpn.up.pt/2015/06/29/bairro-do-aleixo-querer-ficar-querer-sair/





Acampamentos e abrigos informais na envolvete do Bairro do Aleixo



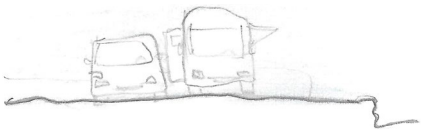
Caravanismo no descampado na Rua do Alto da Arrábida | Janeiro 2017

"[Os toxicodependentes] andam à volta do prédio, fazem barraquinhas, fazem de tudo (…) consomem em carros, tendas e descampados"[22]

> *Por cá traçou-se o fim do Aleixo.* ***Assumiu-se a passagem de uma "guetização", consequência involuntária da circunstância deste bairro social para uma "guetização" voluntária de um condomínio de luxo.*** *Não é "só" o fim do Aleixo. É o fim da participatividade, da reutilização, da liberdade, da transparência económica, da solidariedade social, da tolerância à diferença, da atenção às pessoas e ao que existe, da coragem política. É a ode ao umbigo, à ostracização, à superficialidade, à corrupção, à prepotência, à gentrificação, à insensibilidade e* ***habitação (anti)social****, ao desrespeito e enfraquecimento do património.*[21]

3.1|1.1 | **Permanências informais:** acampamentos e caravanismo

O tráfico de droga é nómada, exógeno a edificado. Assim como se têm vindo a instalar informalmente nos arredores do Bairro do Aleixo, também de lá sairão para onde encontrarem refúgio para as suas marginalidades. Uma realidade que tomou o Bairro do Aleixo como rosto, não se restringindo a ele, nem sendo na sua demolição que esta realidade encontrará fim ou solução.



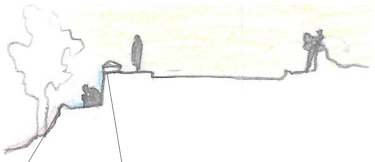
Se em volta do Bairro do Aleixo os acampamentos informais não se mostram particularmente discretos no seu propósito, no Lugar da Arrábida tais presenças surgem ambíguas. No terreno descampado[22] na Rua do Alto da Arrábida é por vezes possível encontrar-se roulottes abrigadas entre os automóveis dos moradores aí estacionados. De aspecto modesto, tais presenças mantêm recatado o seu propósito. Independentemente da sua marginalidade ou não, o próprio recato do lugar e a sua abertura visual – desde a Ponte da Arrábida à Praia do Cabedelo (ver fig.D da pág.127) – facilmente justificariam por si só a preferência de tal porto.

3.1|2 | **Via Panorâmica Edgar Cardoso,** o ambíguo

Se em tempos a Calçada do Bicalho se prolongava até ao Lugar da Arrábida, ladeada de casario e muros[23], com a construção da Ponte da Arrábida (1957-1963) e os seus consequentes arranjos viários envolventes grande parte da sua extensão

21 SANTOS LIMA, Ana; *"Aleixo, o início do fim",* REVISTA PUNKTO, Dezembro de 2011
22 Ver ANEXOS pág.29
23 Desde a actual Calçada da Arrábida até à Rua da Arrábida – Cft. ANEXOS págs.7-9
24 Depoimento de moradora do Bairro do Aleixo, 15 de Dezembro de 2016; *in* http://observador.pt/2016/12/15/cinco-anos-apos-primeira-demolicao-bairro-do-aleixo-esta-muito-sozinho/



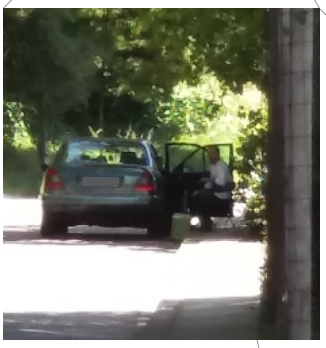










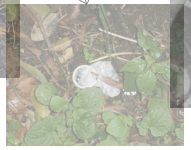





MIGUEL

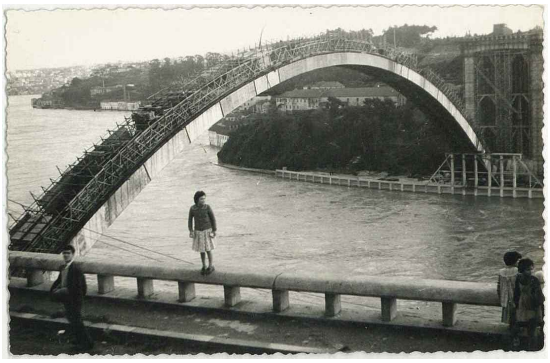








deu lugar à actual Via Panorâmica Edgar Cardoso.



Fotografia desde a Via Panorâmica Edgar Cardoso aquando a construção da Ponte da Arrábida 1957-1963

Apesar da sua conveniência, tal transformação deu lugar a uma circunstância de ambiguidade determinante e de certo modo irreversível. Por um lado, a norte, condicionada pela implantação da VCI e por outro, a sul, pela encosta classificada como Estrutura Ecológica Municipal - entre *fosso* e escarpa - esta via mostra-se condenada a não ser mais do que isso mesmo – uma função, aparentemente um *não-lugar* – pela sua impossibilidade de edificação e restrições na sua qualificação.

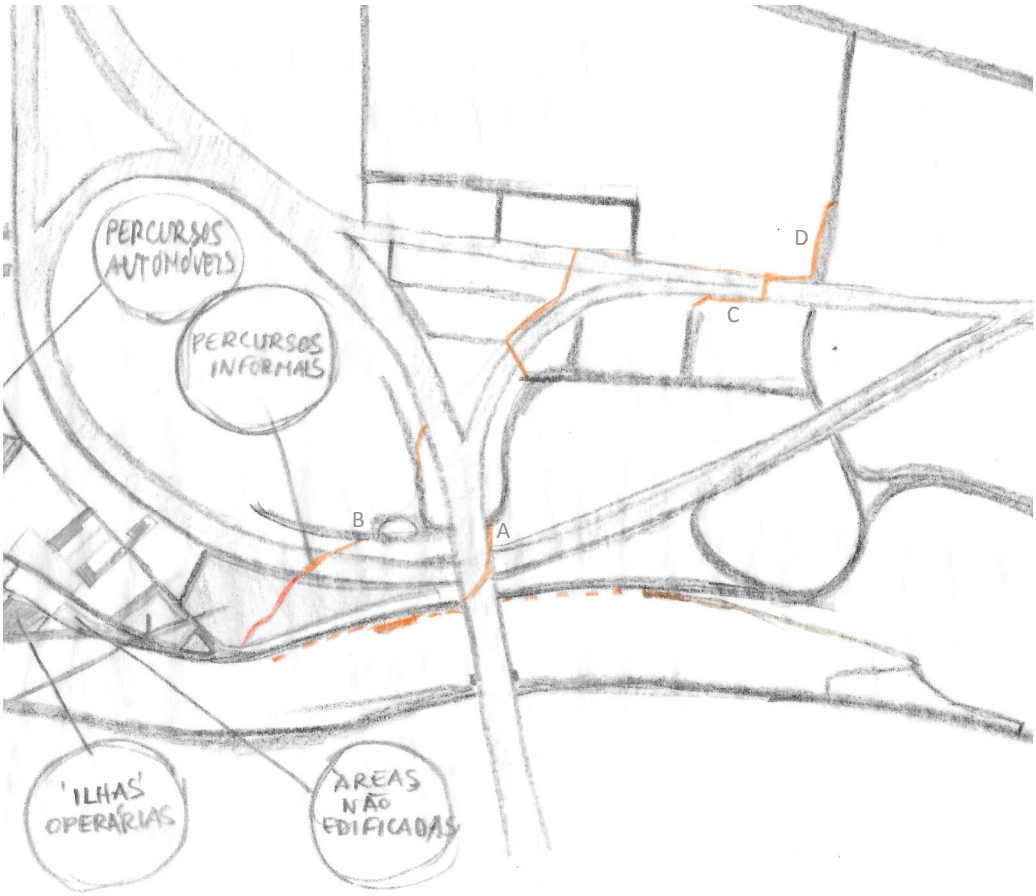
Servindo maioritariamente o acesso automóvel entre Lordelo do Ouro e Massarelos, manteve-se a acessibilidade pedonal necessária por um único passeio ladeado a sul. E assim se manteve desde então de carácter funcional, de serviço, de mera passagem.

3.1|2.1 | **Estadias informais:** o inóspito como abrigo

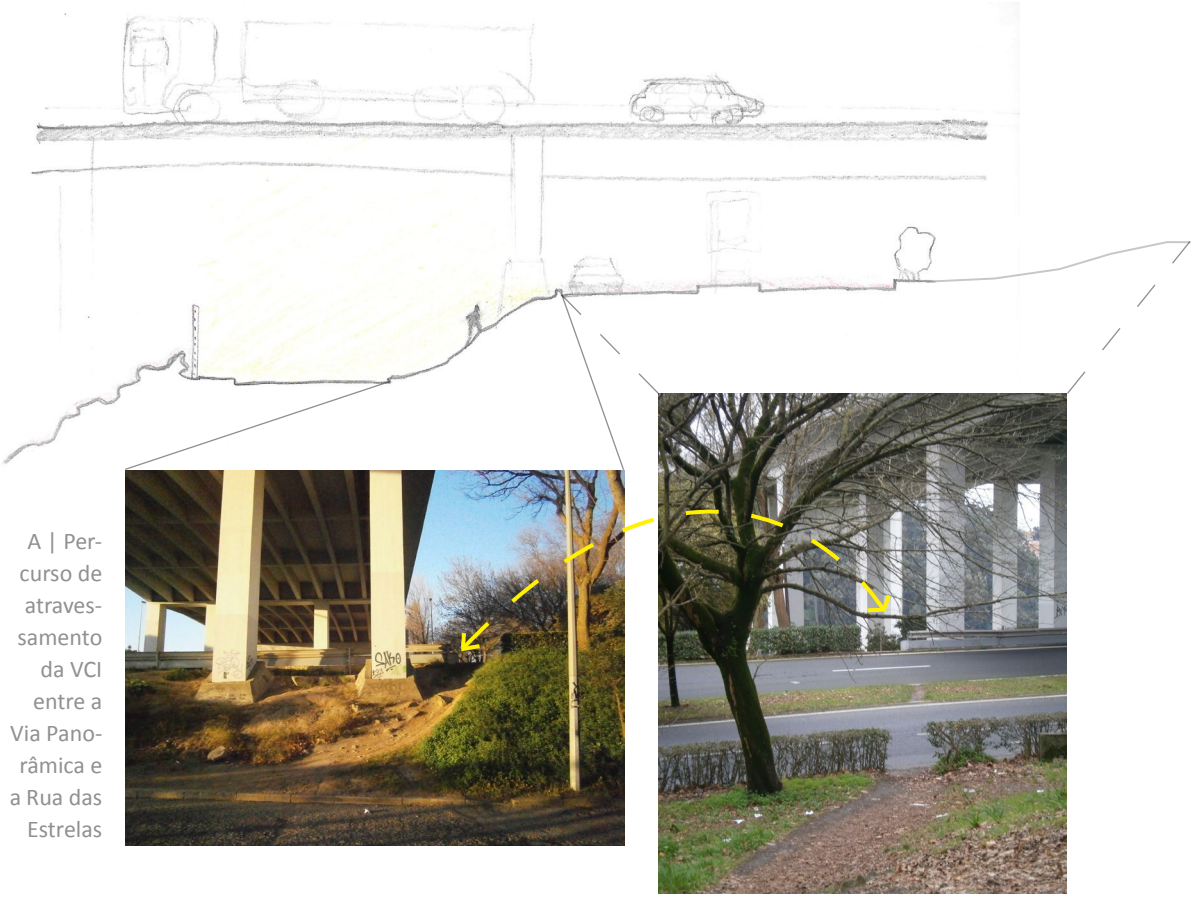
Na ambiguidade e anonimato gerados nesta via, juntamente com a sua expressiva relação visual com o Rio Douro e a Ponte da Arrábida (ver fig.F da pág.127), propiciou-se a concentração de uma vitalidade própria (real, crua, surreal).

No seu percorrer reconhece-se a presença – pela acção ou vestígio – de actividades denominadas marginais. Desde pratas no pavimento, seringas descartadas, carrinhas de caixa fechada que em seu lugar deixam toalhitas e preservativos, ao inocente mas sugestivo par de carros estacionados acolhendo enamorados no seu intervalo de almoço. Independentemente da maior ou menor reprovação ética das suas acções, entre si e com quem alheio poderá passar, parece ser partilhado o compromisso do anonimato e da indiferença. Neste aparente equilíbrio entre o comum e o ilícito, a Via Panorâmica surge como espaço de refúgio e tolerância à adversidade, onde os poucos relatos de assaltos datam já de há 5 ou mais anos.

Tal realidade estará também relacionada com a proximidade ao núcleo de tráfico de droga que é ainda o Bairro do Aleixo, encontrando o abrigo desejado na aparente inospitalidade desta via - quer no interior do automóvel quer nos recantos escondidos da encosta entre a vegetação bravia.



Identificação dos actuais percursos informais

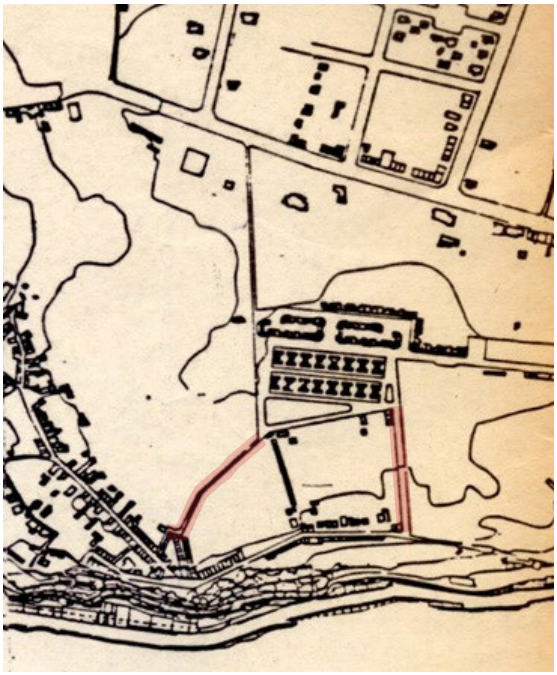


A | Percurso de atravessamento da VCI entre a Via Panorâmica e a Rua das Estrelas

3.1|2.2 | **Percursos informais:** sugestões de um colectivo

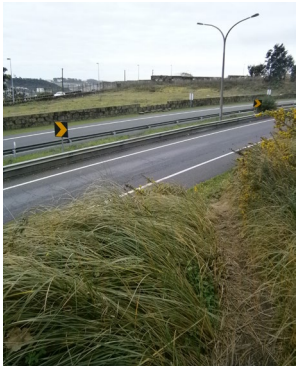
Com a construção da VCI e subsequente extinção das comunicações a norte cedo se fez notar o desbravar de percursos informais como alternativa à extensa Via Panorâmica Edgar Cardoso. Poder-se-á ler nestas manifestações a insatisfação da Via Panorâmica como uma opção eficaz no acesso pedonal a norte - Campo Alegre/Boavista.

Sendo contestável a natureza destas acções, ou temerária ou de bom senso, nelas expressa-se a preferência por um percurso reduzido, ainda que instável.



Extracto do levantamento de 1948 com marcação dos acessos suprimidos

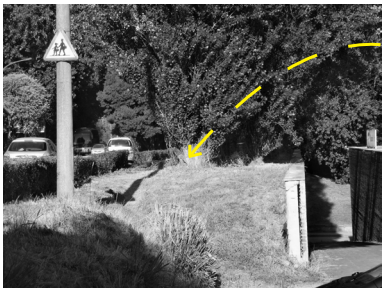
Em suma, não se descarta com a demolição do Bairro do Aleixo a permanência de actividades marginais neste território. Propõem-se o desafio de perceber que mutações poderá a Via Panorâmica Edgar Cardoso vir ou não a acarretar perante este cenário em transformação. Se o seu carácter ambíguo e ilícito poderá ser algo a manipular ou a integrar e que presença e significado poderão tais posturas expressar na sua relação e proximidade com o Lugar da Arrábida.



B | Vestígios do atravessamento da VCI, entre o CDUP e o Lugar da Arrábida



C | Percurso de ligação entre o Bairro Sidónio Pais e o Campo Alegre, formalizado pelo uso quotidiano





D | Sinalização do atravessamento informal entre o Teatro do Campo Alegre e o Bairro Sidónio Pais

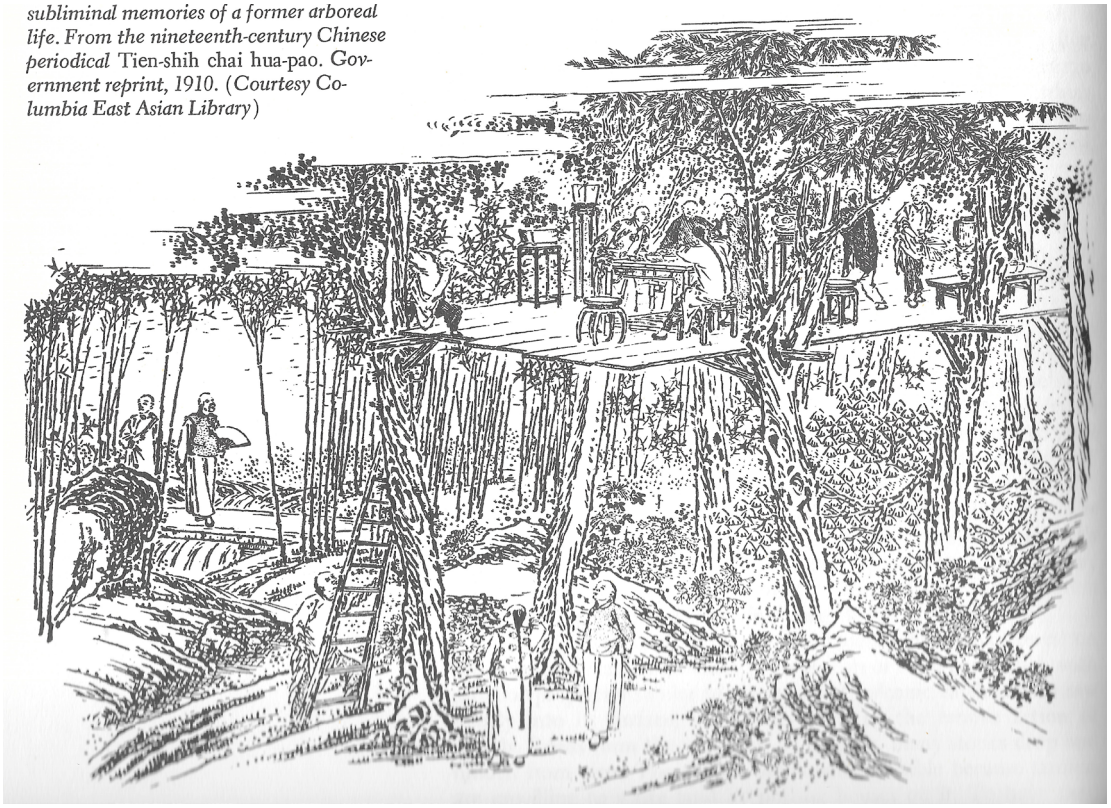
Toda a pessoa que de repente tomou uma resolução, não quer saber de mais nada daquilo que venha depois, e pode não experimentar as coisas que seriam magníficas para a sua vida. (…) resolver alguma coisa, ter chegado a uma situação de verdade é quase meio passo para daí a pouco instalar uma Inquisição qualquer com a qual quer obrigar todos os outros a serem como ele e chagarem à mesma verdade.[24]

24 DA SILVA, Agostinho, entrevista por Adelino Gomes in "Conversas Vadias" Episódio 2, RTP, 1990

2 | PRESPECTIVAS



subliminal memories of a former arboreal life. From the nineteenth-century Chinese periodical Tien-shih chai hua-pao. *Government reprint, 1910. (Courtesy Columbia East Asian Library)*



1 | **ATIVISMO E TRANSFORMAÇÃO**

Na procura de uma estratégia de intervenção perante o caso do Lugar da Arrábida – onde diversas realidades sociais se entrecruzam, num contexto estratificado por intervenções remotas, modernas e reabilitações contemporâneas – levanta-se também a questão sobre a pertinência da re-ciclagem de configurações do passado na coesão cultural e social de uma civilização em exponencial evolução tecnológica e de costumes. Quer preservando – dando continuidade a testemunhos culturais operativos e representativos – quer reabilitando – compatibilizando qualidades e valores culturais e arquitectónicos adormecidos e substituídos por novas modas – provoca-se a manutenção de um contexto colectivo comum de referências potencialmente intemporais – simbólicas, históricas, culturais e sensoriais – como base unificadora de um processo evolutivo da civilização presente e do futuro, entre ativismo e metamorfose.

> *Auguste Comte observava que o **equilíbrio mental resulta em boa parte**, e antes de tudo, **do facto de os objectos materiais com que estamos em contacto diário não mudarem ou mudarem pouco e nos oferecerem uma imagem de permanência e estabilidade**.*[25]

1.1 | **Cultura e civilização:** (des)continuidades em evolução?

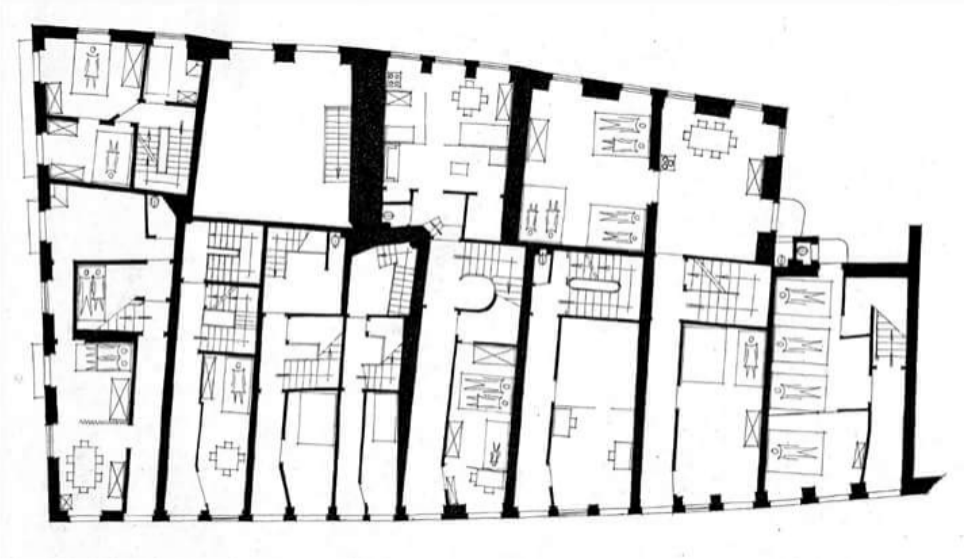
Será de notar a relação intrínseca das manifestações culturais a par da Teoria da Origem das Espécies. Contemplam-se as suas semelhanças tanto como produtos de processos de influência e adaptação geográfica, funcional, social, etc como de idiossincrasias e contradições provenientes de uma complexa herança de continuidade. No entanto contesta-se a validade do processo evolutivo como contínuo numa linha temporal. Para a 'evolução' será necessário não só o desenvolver de novas habilidades como a adaptação e aperfeiçoamento de habilidades já adquiridas.

O caso do Lugar da Arrábida surge como exemplo de um contexto que evoluiu ao ritmo das necessidades dos seus habitantes, transformando obstáculos (como a necessidade de melhores acessibilidades que levou ao reperfilamento da Rua da Arrábida) em oportunidades de revisão do existente, num processo exógeno a reformas urbanísticas fundamentadas em convicções idealistas e especulativas. Deste modo gerou-se naturalmente a reciclagem do preexistente e economia de meios na adaptação às necessidades da população, em contínua e gradual trans-

25 Halbwachs 1969: 130 citado em SILVANO, Filomena; *"Antropologia do Espaço"*, ASSÍRIO E ALVIM, Lisboa, 2010, p.19



Casa no Barredo em épocas diferentes, Porto



Levantamento de quarteirão no Barredo, Porto, 1967-68

formação.

Provoca-se ainda a noção de evolução cultural como um processo *retro-pro-spectivo* – de contínua aprendizagem com o passado a par da experimentação para o presente e futuro – numa lógica de "descontinuidade na continuidade"[26]. A 'continuidade' como o material expressivo na consolidação do indivíduo e colectivo como tal; e a 'descontinuidade' como acção anacrónica de confronto da virtude e pertinência dos costumes e hábitos, quer invalidando-os quer confirmando-os (tal como a tendência adolescente em contrariar a autoridade na procura de significado próprio, individual ou geracional).

> *Une véritable mutation se produit imperceptiblement. C'est le lent passage d'une époque mécaniste à une attitude culturelle. Certains dissent le passage du quantitative au qualitative.*[27]

Posto isto, a preponderância da experimentação como descoberta do processo de adaptação "...cambiando siempre en una constante evolución por el procedimiento de la prueba y constatación del error"[28] vem estimular o equilíbrio entre a consolidação de uma aprendizagem colectiva ao longo das gerações com o entendimento do indivíduo/colectivo de si mesmo num recíproco jogo de influências – na significação dos seus hábitos, ambições e preferências de conforto.

1.2 | **Da ferramenta ao descartável:** reflexões sobre a evolução da arquitectura

> *Praticamente não existe uma coluna de jornal ou revista que fale da arquitectura levando em conta o utilizador; (…). É como se a arquitectura fosse apenas um espaço virtual e não um lugar real, concreto, feito de* ***materiais reais e habitado por pessoas numa relação constante e em permanente mudança. Portanto, porque havia a arquitectura de ser credível hoje?***[29]

Na sua essência, poder-se-á interpretar a arquitectura como o produto da gestão e manipulação da matéria para a melhor adaptação do *ser* ao *meio físico*; e por conseguinte, uma resposta tanto defensiva como recreativa subjugada às necessidades e interpretações de conforto do seu manipulador.

---

26 Cf. Expressão proferida por Nuno Portas citada da reportagem "*O Portugal de...: Nuno Portas*" episódio X, RTP Memória, 2006

27 KROLL, Lucien; "*Tout est paysage*", SENS & TONKA, France, 2001, p.31

28 coord. Maria Caballos Rufino; "*Rehabilitación y Ciudad Historica: 1er Curso de rehabilitación del C.O.A.A.O.*", C.O.O.A.O., Sevilla, 1982, p.20

29 Giancarlo de Carlo in BANDEIRINHA, José António; "*O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976*", SERRALVES, Porto, 2014, p. 273

Identifica-se assim o dispositivo edificado como uma potencial ferramenta[30] do habitar[31]: que possibilita a transformação e adaptação mútuas entre o(s) habitante(s) e o espaço – num diálogo de experimentação, contestação e confirmação.

> *Through all but one-twentieth of humanity's life span man led the life of a savage (…). Paradoxically, his habitation was conceived and contrived with far more imagination than that of today's urban savage.*[32]

No entanto, o edificado como *ferramenta do habitar* renegou-se com particular impacto com o despertar da industrialização e standardização.

> *Le Mouvement moderne (…) visait essentiellement une* ***rationalisation de la conception du milieu habité*** *et de sa fabrication, une démocratisation brutale de l'image du logement, un effacement des désordres culturels, etc. (…) Ce qu'il taisait, c'était son* ***désir d'inventer une architecture abstraite, entièrement nouvelle, non localisée, non date****.*[33]

Na ânsia por uma fórmula-panaceia, geram-se certezas coerentes apenas na abstração e racionalização niveladoras da realidade, confundindo-se necessidades humanas subjectivas com números, médias, modas, estatísticas e outras generalizações. Como acima exprime Lucien Kroll, "*uma democratização brutal da imagem da habitação"*, onde tudo é igual para todos, a mesma solução para todos os problemas (e o mesmo problema para todas as soluções). Igualdade e liberdade distanciam-se, quando apenas construídas pela imagem:

> *Il est irrationnel d'imposer des éléments identiques à des habitants divers; cela les rend identiques, amorphes ou révoltés.*[34]

Não obstante, a presença de ideologias das massas na História da Humanidade não será de todo contraproducente no processo evolutivo da civilização. Reconhece-se o seu contributo em contextos onde o sujeito-habitante é temporário e rotativo – como um hotel, um hospital, uma residência de estudantes. No entanto, no que toca à residência permanente – da habitação e da cidade – o seu contributo serão lições edificadas sobre o impulso psicopatológico pela ordem e controlo e o seu reflexo na alienação da humanidade pela tentadora e ilusória segurança das certezas descurando a dúvida, a curiosidade e o discernimento individual como motores da civilização.

---

30 *Ferramenta*, como meio para (in)determinado fim.

31 *Habitar*, como a manutenção de hábitos em determinado contexto espacial. Observação: *Abita* = "peça (…) na proa do navio, para fixar a amarra da âncora." *in* https://www.priberam.pt/dlpo/abita

32 RUDOFSKY, Bernard; *"The prodigious builders: notes toward a natural history of architecture"*, FIRST HARVEST/HBJ, New York, 1979, p.11

33 KROLL, Lucien; *"Tout est paysage"*, Sens & Tonka, Paris, 2012, p.126

34 Lucien Kroll citado em BOUCHAIN, Patrick; *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, p.105

Neste sentido a arquitectura, como a acção da *ferramenta do habitar,* poderá vir a ter um papel preponderante na contracultura das massas, na humanização das cidades e na sua contínua construção e maturação cultural – unindo o arquitecto--estratega e o arquitecto-habitante na construção de um projecto intemporal.

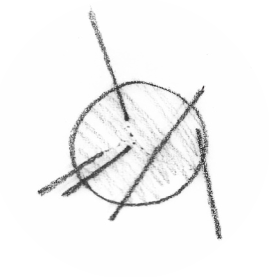
> *Já Tafuri reafirmara as noções de criticismo arquitectónico e de criticismo histórico como sendo uma e a mesma coisa. Mas alertara também para a existência de um hiato entre o criticismo arquitectónico e a prática profissional, ou seja,* ***não se pode esperar que a história forneça soluções à la carte para os problemas concretos surgidos no exercício da profissão, a história pode, quando muito, ajudar a clarificar o contexto da produção arquitectónica num determinado momento***[35]

35 TAFURI, Manfred; "*Teorias e História da Arquitectura*", Editorial Presença, Lisboa, 1988 citado em BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976",* SERRALVES, Porto, 2014, p.252



FLEXIBILIDADE

no acolher do
imprevisível



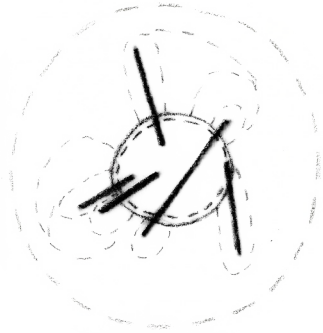
AFINIDADE

na significação
do lugar



METAMORFOSE

na adaptação ao
subjectivo



PROSPECÇÃO

como preposição
polivalente

2 | **NO PROJECTAR DO EVOLUTIVO**

> *É impossível uma renovação radical do comportamento e das características da arquitectura ocorrer rapidamente, tal como ela não pode ter lugar fora de uma renovação mais geral das estruturas da sociedade. (…)* ***Mas para que tal renovação venha a ser realidade, ela tem de ser produzida no interior das próprias estruturas deixando margem para mais transformações estruturais.*** *(…) Nesse aspecto* ***a arquitectura*** *possui uma vantagem incalculável sobre as outras actividades, já que* ***produz imagens concretas daquilo que o meio físico seria se a estrutura da sociedade fosse diferente****. Por outras palavras, permite a* ***inserção de factos fisicamente perceptíveis e experimentáveis nas estreitas margens de escolha (ou nas feridas abertas pelas contradições) da estrutura tal como ela existe hoje*** *(…) Mas esta nova ocorrência, se for realmente nova,* ***se realmente se projectar na transformação estrutural****, torna-se a "causa material" da situação em que é colocada,* ***reflectindo-se na estrutura da sociedade e contribuindo para a transformação da sociedade.***[36]

Uma vez reconhecendo o potencial da capacidade evolutiva como manutenção operativa, narrativa e subjectiva do *meio habitado*, procura-se perceber que factores estarão em jogo para a estruturação e desenrolar de tal habilidade.

Nesta procura de pontos de orientação úteis à estruturação do evolutivo identificou-se a articulação essencial de quatro posturas: a Flexibilidade no acolher do imprevisível; a Afinidade na significação do lugar; a Metamorfose na adaptação ao subjectivo; e a Prospecção como preposição polivalente; tanto identificáveis no preexistente como reproduzíveis em novas intervenções – desde a escala do sujeito à escala global. Assim procurando alcançar uma abrangência e coerência holísticas, praticáveis e realistas. Como nos propõe Eduardo Mosquera:

> *Sinópticamente podríamos convenir en que las intervenciones más lúcidas son aquellas que inciden dentro de su estrategia en un máximo de niveles de interpretación.*[37]

36 DE CARLO, Giancarlo in BANDEIRINHA, José António; "*O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976*", SERRALVES, Porto, 2014, p.274

37 MOSQUERA, Eduardo; "*La Metamorfosis Domestica - Contribuiciones para un balance de la experiencia rehabilitadora en la vivienda tradicional Sevillana*" in "*Rehabilitación y Vivienda en Sevilla - Renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica 1975-1988*", C.O.A.A.O., Sevilla, 1989, p.354

2.1 | **Flexibilidade** no acolher do imprevisível



Retomando como referência o processo de selecção natural Darwiniano, a flexibilidade é um agente fundamental na sobrevivência da espécie. Se perante obstáculos esta se mostrar rígida o mais certo é a curto ou longo prazo dar-se a sua extinção, enquanto que ao se mostrar flexível - adaptando os seus comportamentos a tais obstáculos - estes possam ser incluídos como parte da sua sobrevivência e evolução, na aquisição de novas aptidões ou até mesmo na adaptação desses mesmos obstáculos a seu favor.

Transpondo tal cenário à escala urbana, a flexibilidade reflectir-se-á como a capacidade de determinado lugar ou edificado em acolher passivamente circunstâncias imprevistas, sem se adulterar perante a transformação dos seus usos, dos seus habitantes, do seu propósito – em suma, sem requerer a sua transformação para que tal acolhimento seja praticável.

Tais características poderão ser notadas em conformações onde a estrutura construída/apropriada serve antes de mais a função de abrigo o mais polifuncional possível de modo a economizar recursos entre a área construída e a área praticável.

Neste sentido é de notar a relação entre a complexificação tecnológica e a monofuncionalização dos espaços. Com o avançar da tecnologia, a criação de dispositivos domésticos – desde um tear, uma cama, um lagar, uma pia, uma televisão, etc – vieram determinar a organização e utilização do fogo, assim como a instalação de infraestruturas de abastecimento e recolha, que comummente comprometem a organização do fogo e sua versatilidade. No entanto questiona-se até que ponto o avançar da tecnologia poderá vir a reverter esta tendência, em vez de *definir* uma possibilidade, *possibilitar* várias definições.

> *But, on the other hand,* ***modern technology*** **can** ***restitute the "reunification of the artist and the spectator*** *in the case of architecture,* ***making the "user", the inhabitant into the creator and materializer of the object***.[38]

A este propósito, a integração de tecnologia contemporânea perante a reabilitação desafia a flexibilidade e coerência da própria tipologia sobre a qual intervir. Na necessidade de sobrepor uma nova habitabilidade, levantam-se questões sobre o valor e valorização do preexistente (que serão retomadas e aprofundadas na pág.90).

38 FRIEDMAN, Yona; "*Pro Domo: Yona Friedman*", ACTAR, Barcelona, 2006, p.3

Poder-se-á argumentar que, tal como a selecção artificial das espécies (como é a própria pecuária e agricultura), a preservação estará sempre dependente do interesse restaurador e conservacionista de determinado investidor, e portanto independente da flexibilidade própria da estrutura a intervir. Contra argumenta-se tal perspectiva no sentido em que para a conservação de um agente rígido será determinante que a sua habitabilidade original se mantenha válida, pois caso contrário esta poderá estar dependente ou da sua transformação ou da sua musealização para que seja operativa.

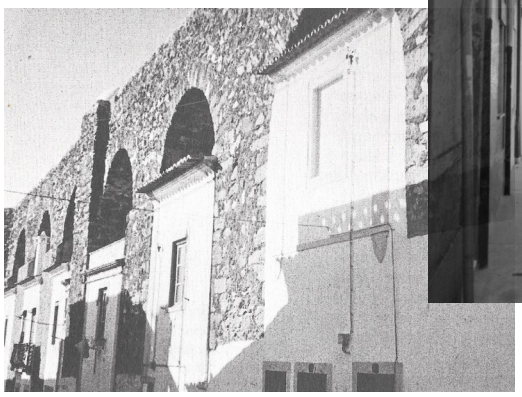
Em suma, a flexibilidade surge como proporcionadora de condições para a confluência de diversas e díspares habitabilidades, ao longo do tempo ou em simultâneo, sem que sejam necessárias adulterações para a sua integração, e assim promovendo a longo prazo a adequação e vitalidade do próprio meio habitado, como propõem Kevin Lynch:

> *1.* **Vitalidade***: o grau em que um aglomerado populacional* ***suporta as funções vitais****, os requisitos biológicos* ***e as capacidades dos seres humanos*** *– acima de tudo,* ***como protege a sobrevivência da espécie****. (…)*
>
> *3.* **Adequação***: o grau em que, num aglomerado populacional, a forma e capacidade dos espaços, canais e equipamentos correspondem ao padrão e à quantidade de acções em que as pessoas normalmente se envolvem, ou em que se querem envolver – ou seja,* ***a adequação dos cenários comportamentais, nomeadamente a sua adaptabilidade a acções futuras****.*[39]

O aglomerado populacional surge assim como um conjunto complexo e heterogéneo, sendo as suas relações territoriais e sociais preponderantes na construção do *sentido* que cada habitante retém do meio habitado, doméstico e urbano, e com este o constrói como casa-afectiva, subjectiva e colectiva.



O pedonal e o automóvel no Lugar da Arrábida



Aqueduto como parede de meação, Évora

39 LYNCH, Kevin; "*A Boa Forma da Cidade*", colecção Arquitectura e Urbanismo, EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999, p.117

Exposição









Localização

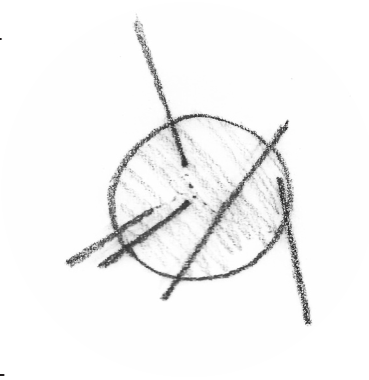


Acolhimento





2.2 | **Afinidade** na significação do lugar



Para uma natural evolução do lugar como tal (ou seja, como espaço afectivo e não como mero espaço funcional/dormitório), identifica-se como preponderante: por um lado a afinidade entre o habitante e o espaço habitado (quer privado quer público); e por outro o inter-reconhecimento vicinal. Noutras palavras, vê-se na tecelagem de afinidades humanas e territoriais a manutenção do *lugar*, ao conceder-lhe um sentido afectivo – através da acção e memória dos seus habitantes – promovendo a fundamentação de motivos próprios de permanência, defesa e preservação do lugar como casa-afectiva.

> *2.* **Sentido***: o grau em que um aglomerado populacional pode ser compreendido e mentalmente diferenciado e estruturado no tempo e no espaço pelos seus residentes, e o grau em que essa estrutura mental se liga com os seus valores e conceitos – a* ***correspondência entre o ambiente, as nossas capacidades mentais e sensoriais e as nossas construções culturais****.*[40]

No que diz respeito à construção de uma identidade comum através da socialização vicinal, tal poderá ter repercussões mais conservadoras quão mais homogéneo for o seu panorama social, e mais progressistas quão mais heterogéneo este for. No entanto a virtude estará no equilíbrio onde as diferenças sociais e culturais propiciarão a autoconstrução do indivíduo e colectivo em vez da sua categorização.

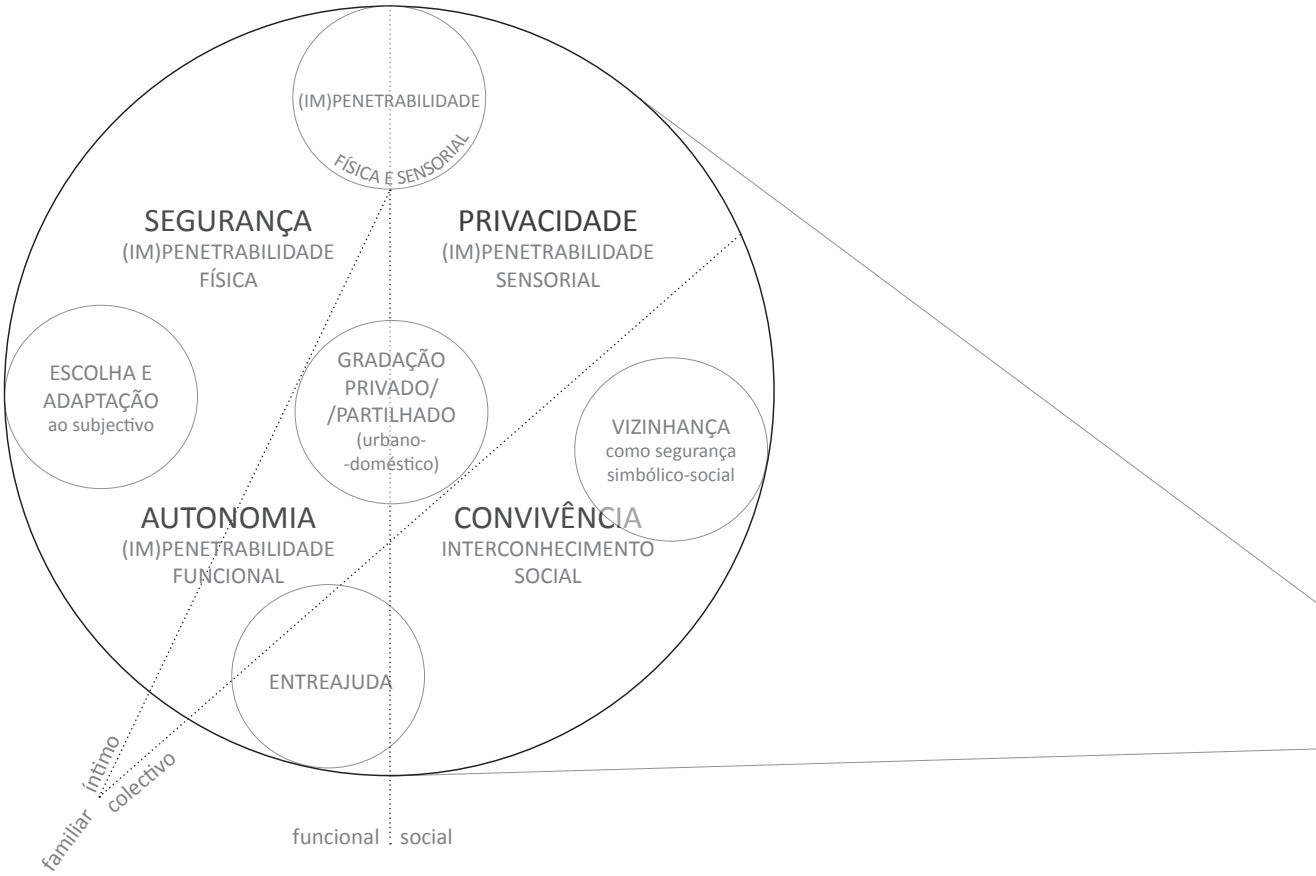
> *...neighborhood should be planned and built as a whole to endow a sense of identity and to promote feelings of community. (…) The population would be a balanced mix of social classes and different interests.*[41]

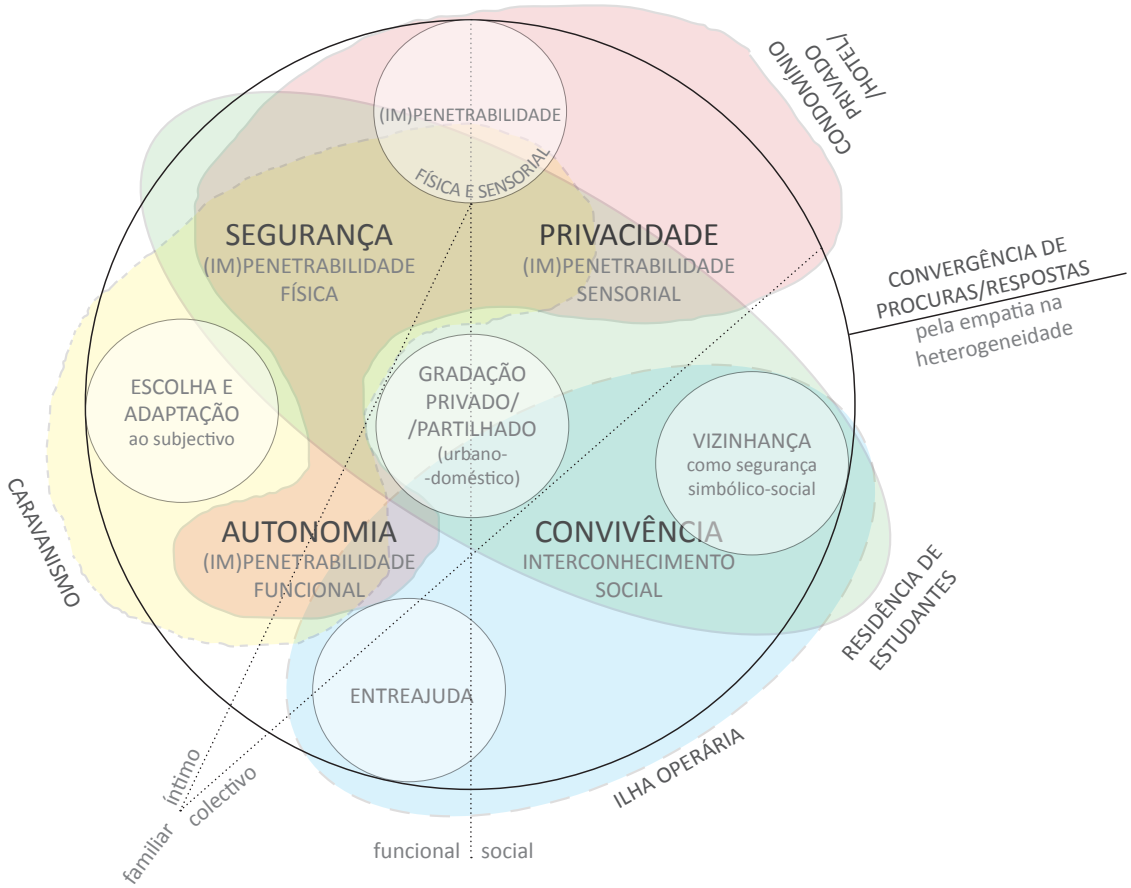
O Lugar da Arrábida surge como exemplo de um contexto social e cultural homogéneo que tem vindo a acolher, directa ou indirectamente, habitabilidades diversas – desde a acomodação temporária de estudantes, à passagem de turistas, ao abrigo informal e circunstancial de toxicodependentes, à aquisição e reabilitação de imóveis por parte de indivíduos abastados inclusive "estrangeiros"[42]. Perante tal cenário surge por um lado a mais-valia do interesse em reabilitar e reabitar edificado actualmente abandonado e em degradação, mas por outro lado, tal interesse vem também ameaçar a gentrificação do Lugar da Arrábida no projectar

40 LYNCH, Kevin; "*A Boa Forma da Cidade*", colecção Arquitectura e Urbanismo, EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999, p.117

41 Clarence A.; *"Man in the Machine Age"*, 1929 citado em LEE, Terence; *"Psychology and the environment"*, METHUEN, London, 1976, p.131

42 Em conversa com Rita, moradora e trabalhadora no Lugar da Arrábida à 35 anos, 1/9/2017.





Estudo de relações de conforto numa vizinhança heterogénea

especulativo dos vários terrenos não edificados (rever pág.43) e na turistificação das suas habitações actualmente arrendadas a preços modestos por contractos antigos a moradores com dificuldades económicas.

Eleva-se assim a procura por uma estratégia capaz de equilibrar tal variedade de interesses e procuras em virtude de uma urbanidade conciliadora e unificadora da diversidade. Exploram-se as semelhanças e disparidades – desde o morador permanente, ao estudante, ao turista, ao caravanista, ao adepto do condomínio privado e ao na sua 'ilha' acomodado.

> *On one point no consensus can be expected – the definition of what makes shelter fit for humans. (…) Stone Age man might have wondered what we see in that vulnerable commodity we call Home. (...) Yet* ***the house*** *looms large, if not as a refuge, as a metaphor, live, dead, and mixed. It* ***is the repository of our wishes and dreams, memories and illusions****. It is, or at least* ***ought to be****,* ***instrumental in the transition from being to well-being****.*[43]

No esquema apresentado identificam-se quatro pontos-chave na conformação do conforto humano como ser social:

- SEGURANÇA como (im-)penetrabilidade física – como necessidade primordial de protecção corporal.

- PRIVACIDADE como (im-)penetrabilidade sensorial – como filtro da percepção exterior/interior e agregado familiar/indivíduo.

- AUTONOMIA como (im-)penetrabilidade funcional – como salvaguarda da independência do agregado familiar e indivíduo.

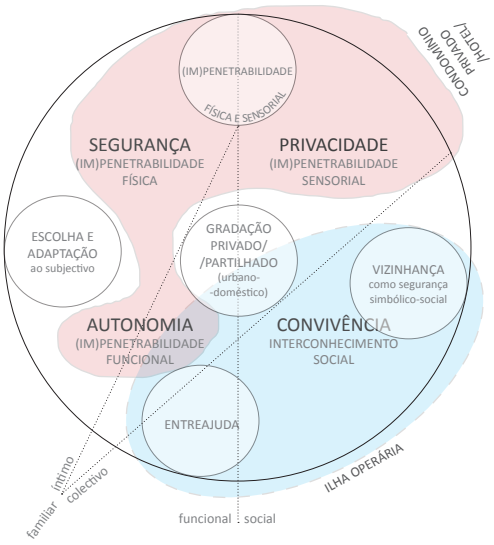
- CONVIVÊNCIA como interconhecimento social – como segurança social e simbólica perante ou não a adversidade pessoal ou local.

A identificação destes quatro pontos não bastará por si só para a conciliação e *con-vivência* de diferentes espectros culturais, sociais e demográficos; Para tal, será preponderante a possibilidade de balanço subjectivo de cada um destes *ingredientes* na gestão das preferências de conforto de cada habitante desenhando o seu próprio conforto pessoal – entre independência e convivência, solidão e socialização, privacidade e partilha, entre a autonomia do privado e o estímulo de um colectivo – tanto à escala do conjunto vicinal como à escala da unidade habitacional.

43 RUDOFSKY, Bernard; *"The prodigious builders: notes toward a natural history of architecture"*, FIRST HARVEST/HBJ, New York, 1979, p.12

2.2|1 | **Condomínio Privado**: o bairro associal?

Reconhece-se como factor comum de conforto a impenetrabilidade física e sensorial do espaço privado, na procura de Segurança e Privacidade. Tal pretensão terá como reflexo característico os denominados condomínios fechados, "*de mera habitação multifamiliar com zonas intersticiais de propriedade colectiva*" por vezes até incorporando "*uma série de serviços (…) como espécies de micro-cidades*"[44]. Interpretando a premissa do condomínio fechado como a possessão pelo sujeito e seu agregado familiar de um espaço restrito devidamente delimitado onde qualquer sobreposição num espaço partilhado será reflexo de economia de área construída e sobretudo financeira.



Comummente associam-se as relações de vizinhança a comunidades que enfrentam nas suas vidas algum tipo de adversidade, onde a necessidade de (entre)ajuda surge de um ou outro modo comum a todos. Por sua vez, no condomínio fechado assegura-se a autonomia funcional, estando todas as necessidades do indivíduo satisfeitas *a priori* dentro da sua esfera privada, não havendo necessidade nem pretexto de acção para lá desta, tornando-se remota a oportunidade de identificação, reconhecimento e interacção vicinal, (in)significando os espaços colectivos como meramente funcionais.

Neste sentido, a estruturação e densidade edificada e populacional do *bairro* surge como contraposição: onde o espaço colectivo se reflecte como interconector e não como inevitabilidade.

> *[o bairro] já não é um espaço no qual as pessoas se conhecem umas às outras porque vivem lado a lado, mas* ***um espaço definido por todas as pessoas****, a que todas as pessoas dão um nome e* ***no qual as pessoas consideram ser relativamente fácil unirem-se quando as situações se tornam perigosas****.*[45]

Nesta perspectiva, encontra-se na rigidez e exclusividade da relação entre Segurança, Privacidade e Autonomia a castração da possibilidade de interconhecimento vicinal, como Segurança simbólica, prática e social.

44 CASTRO SEIXAS, Paulo; *"Ilhas e Novos Condomínios no Porto do século XX: reflexos do passado, interrogações do presente"*, p. 497

45 LYNCH, Kevin; "*A Boa Forma da Cidade*", EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999, p.235

2.2|2 | **'Ilha':** núcleo e escala por uma habitação vicinal?

Identifica-se na tipologia de 'ilha' operária portuense a reunião de qualidades estimulantes da convivência, domesticidade e afectividade do lugar como casa-bairro. Neste sentido, desafia-se a exploração desta tipologia como potencial agente na significação do lugar habitado, entre o urbano e o doméstico, tendo ainda em conta o carácter adverso da sua origem, passado e presente:

> *As más condições materiais são compensadas, não só pelo conforto psicológico do "lar", mas também pela qualidade de vida que dá a entre ajuda da vizinhança.*[46]

O facto de a 'ilha' se organizar no interior do quarteirão tendo geralmente apenas uma entrada, faz com que esta se represente como um conjunto que os seus moradores reconhecem como íntimo colectivo, simultaneamente questionando estranhos sobre a pertinência da sua presença nele, mesmo que de limites trespassáveis. Este tipo de estruturação em núcleo vem assim gerar naturalmente a sua Segurança simbólica e prática através da sua escala, proporção e distribuição.

> *An important concept is that of undermanning/over-manning of behavior settings. This is used in an exhaustive study comparing large with small schools (ibid.)* ***The latter have less variety of settings but*** *an average each setting is undermanning* ***(because there is a scarcity of children to play the different roles) so more children are actually drawn into social activity***[47]

Realça-se que as relações de vizinhança não se cingem necessariamente ao seu núcleo formal, consolidando-se naturalmente em rede consoante as afinidades afectivas entre os próprios moradores. Noutras palavras, a vizinhança não é planeável: apenas a reunião de condições que a propiciem o poderá ser.

> *Spontanément, cette décentralisation se cherche des relations d'échelle «domestique» qui évitent les groupes géants, voraces et offensifs*[48]

No entanto é de notar a tendência de segregação social nas 'ilhas'. Independentemente do passado adverso que propiciou tal tendência, esta poderá ser contrariada quer na distribuição participativa e socialmente heterogénea dos (re)alojamentos, quer na salvaguarda da subsistência financeira dos seus moradores, em que *"Une telle participation consiste à réintroduire une* évolution *enfin naturelle au-delà de l'artifice urbain qui est devenu exclusivement technique"*[49]*.* E neste sentido:

---

46 WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís (coord.); "*Ilhas*", PANMIXIA, Porto, 2004, p. 43
47 LEE, Terence, *"Psychology and the environment"*, METHUEN, London, 1976, p.31/32
48 KROLL, Lucien, *"Tout est paysage"*, SENS & TONKA, Paris, 2012, p.179
49 Idem, p.230

"Agora há poucas crianças aqui. [Rita] Agora já não há crianças, é tudo velhotes. [Carolina] As crianças vão para os infantários. [e acabam por não aparecer?] não, não aparecem. É só infantários e depois vão para as escolinhas, não é, e vêm tarde, que os pais trabalham, vão busca-las aos infantários já são horas quase de estarem em casa. [e quando muito brincam no pátio, se o tiverem…] Ora bem, quem tiver pátio, quem não tiver fica em casa."

"...não é assim um sítio muito aleeegre… [Rita] A solidão são as pessoas que a fazem! [Carolina] Somos nós que a fazemos! [Rita] É! [Carolina] Eu se me meter dentro de casa menina, estou na solidão! [aqui portanto é fácil de contrariar a solidão?] Aqui não há assim muitos problemas, por acaso não, não há muitos problemas nem nada, não senhor. E a Ritinha sabe perfeitamente que aqui é prontos… A menina se vier aqui a partir de umas tantas horas isto não anda ninguém na rua. (…) Aqui é assim, depois de umas tantas horas ninguém já está aqui… [Rita] Quem está cá mete-se na sua casa… [Carolina] Estão nas suas casinhas e então no Inverno é que é. (…) [Rita] Quando são horas de trabalho todo o mundo vai trabalhar. [Carolina] Agora o que a menina podia ouvir é muita música a tocar, que cada casa bota uma música a tocar. Olhe eu sou uma! Sou sozinha, quero arrumar…"

"[E quanto a estudantes aqui na Arrábida, nota muitos?] Não, aqui não porque as escolas são mais lá para cima. A gente, só quando passa o autocarro, é que vê os estudantes. Fora isso… ou que venham aqui procurar uma casita…."

"[E os turistas incomodam de alguma maneira?] Não, não, não, não, até é engraçado! Ainda ontem passaram aqui uns poucos de bicicleta. [e perguntam coisas?] Às vezes perguntam, olhe… "Nasceu aqui?" e eu digo sim, quando percebo. E perguntam-nos como é que se pode ir para a ponte, como é que podem ir para baixo… enfim, perguntam. E depois desejam-nos felicidades, são pessoas… prontos, não são mal-educadas, não.."

> *O gueto pode ser considerado […] como uma forma de **acomodação entre grupos diferentes** (…). Constitui ao mesmo tempo, uma forma de tolerância através da qual um modus vivendi se estabelece entre grupos que estão em **conflito sobre questões fundamentais**.*[50]

Posto isto, não se toma a afectividade entre vizinhos em si como fundamental, mas sim as condições para o seu reconhecimento mútuo como agentes num mesmo território partilhado; podendo-se ou não gerar a partir desse inter-reconhecimento acções de entreajuda, empatia e afectividade – desde o aviso do esquecimento de uma janela aberta, da saudação passageira ao vizinho rotineiro e solitário, do retorno do cachorro perdido, do enxotar passivo do intruso assaltante, etc. Possibilita-se a gradual conformação da vizinhança – o *bairro-casa* – que numa organização individualista seriam improváveis ou mesmo impraticáveis por anonimato.

2.2|3 | **Empatia na heterogeneidade**: como integração social?

> *Um local bom é aquele que, de algum modo **adequado à pessoa e à sua cultura**, consegue tornar essa pessoa **consciente da sua comunidade, do seu passado**, da teia da vida e do universo do tempo e do espaço em que estes se integram.*[51]

Reconhecendo a coesão da vizinhança como despoletada naturalmente por empatia directa – na partilha de particular fortuna ou adversidade – e portanto não planeável, questiona-se até que ponto poderá tal empatia ser estimulada num contexto socialmente heterogéneo.

Desafia-se a hipótese do reconhecimento directo de/por distintas realidades sociais e culturais como incentivo a uma potencial desconstrução de estereótipos e preconceitos: onde "*todas as contradições compatíveis enriquecerão o programa"*[52]*.* Ainda que reconhecendo a tendência natural de nivelação dos comportamentos dentro dos colectivos sociais:

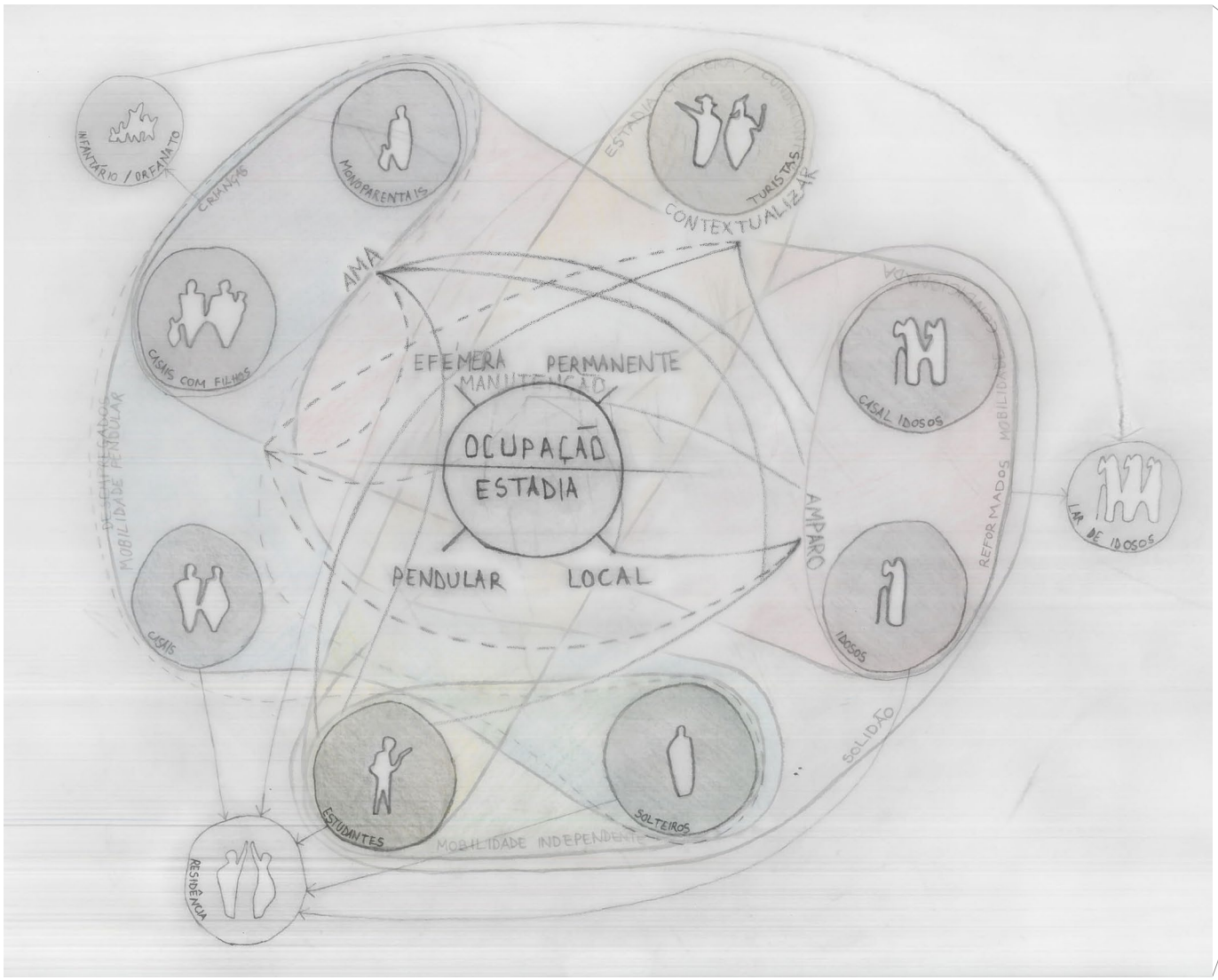
> *If a person 'inhabits' (not only enters) a behavior setting, he will behave in accordance with explicit set of rules that are apposite to that setting. **This is conformity but is not uniformity** because **settings require complementary and hence different actions from the people involved if they are co function.***[53]

50 Louis Wirth; *"Le ghetto"*, Presses Universitaires de Grenoble, Grenoble, 1980, p. 26 citado em *"Antropologia do Espaço"*, ASSÍRIO E ALVIM, Lisboa, 2010, p.38

51 LYNCH, Kevin; "*A Boa Forma da Cidade"*, EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999, p.137

52 Lucien Kroll citado em *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.68. Tradução de autoria própria. Original: *"Tout les contradictions compatibles enrichiraient le programme."*

53 BARKER, Roger; "ecological psychology", 1968 citado em LEE, Terence, *"Psychology and the environment"*, METHUEN, London, 1976, p.31



Estudo de relações de entreajuda numa vizinhança heterogénea

Neste sentido, e podendo tal heterogeneidade consistir aos mais diversos níveis (demográfica, financeira, cultural, profissional, comportamental, etc) vê-se na sua *con-vivência* o fomento do *inter-reconhecimento* directo, intercâmbio e potencial intercompreensão – em prol da consolidação de uma possível vizinhança integradora de *excepções* (se todos o são, quem o é?).

Não obstante, reconhece-se que tal transformação de valores – na prevalência da apreciação sobre o preconceito – poderá só ser possível como um processo atribulado de confrontações, prolongando-se por gerações.

> *Elle **accueillera la diversité** des images culturelles, en continuité, en contrastes, **en conflits parfois, mais sans les annihiler**. Une société compatible.*[54]

Como repercussões da heterogeneidade social nas práticas quotidianas encontra-se com particular potencialidade a diversidade de mobilidades entre permanências parciais, integrais e pendulares – em casos de desemprego, horário incompleto ou reformados activos.

Perante tal cenário amplificam-se oportunidades de entreajuda dentro da própria vizinhança como ama-seca, manutenção, vigia (activa ou passiva), podendo tais trocas ser geridas espontaneamente por passa-palavra. Vê-se neste intercâmbio um estímulo da confiança e afeição entre vizinhos assim como da dinamização da própria vitalidade urbana: gerando no conforto da partilha do lugar atmosferas de domesticidade, enraizando memórias e afectividades no espaço *casa-rua-bairro*.

No entanto, a Convivência vicinal poderá gerar atritos particularmente aquando o convívio de quotidianos socialmente heterogéneos – adversos até, fora da lei – favorecendo tendencialmente a alienação e homogeneização social por obra de preconceitos estigmatizantes.

Retome-se o exemplo do Bairro do Aleixo. A par da sua reputação, mora também quem pouco ou nada tem a ver com ela, e no entanto, todo o bairro é igualmente estigmatizado. Não obstante argumenta-se contra tal tendência. Como relatam respectivamente uma moradora do Bairro do Aleixo e um trabalhador e morador no Lugar da Arrábida:

> *Andreia tem 33 anos, (…) é convicta ao afirmar que ela e a sua família nunca tiveram problemas com as pessoas ligadas ao tráfico de droga: **"Não se metem connosco, nem com os nossos meninos. Isto tem mais fama do que aquilo que é**"*[55]

54 KROLL, Lucien; "Le quartier des Vignes Blanches à Cergy-Pontoise" in BOUCHAIN, Patrick, *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.153

55 "*Bairro do Aleixo: Entre o "querer ficar" e o "querer sair""*, artigo JPN, 29/6/2015

> ***Mesmo a gente a passar lá*** *(no Bairro do Aleixo),* ***não temos problemas*** *[não assaltam?] Não... [também não querem chamar atenção…] Sim, também porque ali (…) tem uma esquadra da polícia de investigação criminal, ali mesmo ao pé do Aleixo. Simplesmente eles vendem e apregoam droga como seja a vender meias ou a vender outras coisas quaisquer. Ainda agora lá passei. Eles estão lá, é da branca e é da preta e não sei da quê, é a do Eusébio é do… dizem o nome fictício.*[56]

Testemunhos como estes denunciam mais-valias na integração de realidades ditas adversas no quotidiano comum. Por um lado, contra a guetização e acentuação de sentimentos de revolta por exclusão; mas por outro lado para o reconhecimento, pelo dito *cidadão comum*, das complexas circunstâncias e consequências de tal realidade – contra presunções e ideias feitas – sensibilizando jovens e adultos e desincentivando a curiosidade no desespero a que a vida por vezes conduz.

> ***Acabar com as drogas exige a intervenção da polícia e encoraja a marginalidade e o contrabando.*** *(…) Ser-se privado da droga que se escolhe é algo que é difícil de se suportar (…)* **A monotonia e a opressão potenciais de um mundo completamente seguro e devidamente controlado** *são temas comuns na ficção científica. (…) Até é possível que possa existir um grande leque de riscos para a espécie se os seus indivíduos não tiverem de enfrentar a tensão e o risco.*[57]



Envolvente do Bairro do Aleixo vista da Rua da Mocidade da Arrábida

56 Em conversa com Valentim, morador e comerciante no Lugar da Arrábida há 35 anos.

57 LYNCH, Kevin; "*A Boa Forma da Cidade*", EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999, p.125

Com o excerto supracitado de Kevin Lynch reforça-se a hipótese de não ser ignorando ou *demolindo a representação* do problema que este se resolve. Pelo contrário, a sua marginalização torna-o mais perigoso para toda a população. Mas talvez com a sua aceitação, compreensão e integração se possa vir a promover a sensibilização e sua gradual decadência?

Neste sentido, vê-se na gestão urbana habitacional em núcleos de baixa/média densidade um potencial estímulo da virtude da vizinhança em prol da integração e reabilitação social, numa nova postura de *habitação social*. Para tal, será preponderante encontrar o equilíbrio – desde o número de fogos e agregados familiares por núcleo, à dinamização da inter-relação entre habitantes e gestão de eventuais conflitos – na procura da escala da afinidade.

> *Enfim, o gueto revela como,* ***de forma subtil, essa comunidade cultural se transforma pouco a pouco, até se fundir na comunidade envolvente, reaparecendo, ao mesmo tempo, sob diversas formas, mais ou menos alteradas relativamente ao seu aspecto primitivo, mas ainda claramente identificáveis****.*[58]

2.2|4 | **Habitação social:** de uma concepção corrente a uma concepção coerente

> ***Most utopian proposals fail to keep space and society simultaneously in mind.*** *(…) Creative, forward-looking, sometimes brilliant when discussing the physical setting,* ***yet they accept society as it is, and simply give it a new home****. And any society would in all likelihood become even more autocratic, were it called on to manage those gigantic, intricate structures. (Indeed, this may be one subconscious intention of those dreams.)*[59]

Com a previamente exposta procura por uma estratégia de conciliação da diversidade social desafia-se a revisão do conceito de *habitação social*, sua pertinência actual e suas potencialidades por explorar.

Comummente a habitação social reflecte-se como empreendimentos que visam proporcionar habitação economicamente acessível a população com dificuldades financeiras perante o mercado imobiliário. Não depreciando tal intenção, questiona-se o que é (ou poderia ser) realmente *habitação social*.

Esgotar-se-á esta numa habitação economicamente acessível? Ou poderá ter o papel de promover a integração social e urbana dos seus moradores, independen-

58 Louis Wirth, *"Le ghetto"*, Presses Universitaires de Grenoble, Grenoble, 1980, p. 27, citado em SILVANO, Filomena, "*Antropologia do Espaço*", ASSÍRIO E ALVIM, Lisboa, 2010, p.38

59 LYNCH, Kevin; "*City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachusetts, 1990, p.789

temente das suas características sociais, culturais e económicas? Não deverá então a habitação social, para realmente o ser, promover a empatia entre diferenças sociais em vez de as segregar e distanciar?

> ***The pattern of social relations is far and away the prime determinant of the quality of life.*** *It is hardly surprising, then, that their spatial proposals are as banal and conventional as are the architects' thoughts of society.*[60]

Procura-se um consenso, uma estratégia habitacional que concilie a intersecção de interesses e necessidades dos diferentes agentes em jogo, conservando a sua autonomia na sua inter-relação.

> *Uma diferença maior distingue as situações não urbanizadas do que se passa* ***na cidade urbanizada****. Nesta última, com efeito,* ***os sistemas social, cultural e da personalidade já não se integram segundo um processo uno e único****: já não é a relação interpessoal, é doravante o projecto individual que vai desempenhar um papel transversal aos três sistemas.*[61]

60 LYNCH, Kevin; "*City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachusetts, 1990, p.789

61 RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane; *"A Cidade: Rumo a Uma Nova Definição"*, AFRONTAMENTO, Lisboa, 1992 (1ª ed.), p. 97 in SILVANO, Filomena; "*Antropologia do Espaço*", ASSÍRIO E ALVIM, Lisboa, 2010, p.61

2.3 | **Metamorfose** na adaptação ao subjectivo

A própria acção de habitar um espaço é por si só simultaneamente um modo de conservação e transformação. Neste sentido, destaca-se a importância da acção para lá da sobrevivência mecanicista como maturação humana da civilização: por um lado, o ócio e a recreação na confrontação entre hábitos mecânicos e vontade própria, discernimento, tédio e criatividade; e por outro, a socialização (activa ou passiva) na confrontação de diferentes valores pessoais e subjectivos.





Pavilhão Carlos Ramos, FAUP



Paragem de Tv. Entre Campos, Rua da Arrábida



The ideal setting would be a connected one that is intimately linked to its inhabitants, meaningful to them, expressive of time, of the place and its function, of the society that occupies it.[62]

Deste modo, com Metamorfose sugere-se a possibilidade de adaptação e gestão do meio habitando – de controlo – por parte do próprio utilizador, gerando "*motivos para defendê-lo*"[63] ao reflectir nele os seus ideais de conforto próprios (físicos e psicológicos) bem como os dos que com quem convive.

62 LYNCH, Kevin; "*City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachusetts, 1990, p.791

63 Giancarlo de Carlo citado em BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, SERRALVES, Porto, 2014, p.275

> *5.* **Controlo***: o grau em que* ***a utilização e o acesso a espaços e actividades****, e a sua criação, reparação, modificação e gestão* ***são controlados por aqueles que os usam*** *e neles trabalham ou residem.*[64]

Com a preservação da capacidade de metamorfose – e portanto também de resiliência – a própria intervenção de adaptação às necessidades de conforto de determinado indivíduo não deverá comprometer a sua validade perante a ocupação de outros habitantes futuros.

> *In the temporal dimension, it means* ***adaptability and resilience****, a landscape* ***easily changed by incremental effort and tolerant to experiment****. The ability to change must itself be conserved, and that requires the avoidance of any dead-end, irreversible transformation. Note that this emphasis on* ***dynamic openness is quite different from*** *(…)* ***the usual assumption of utopias that they will last forever****.*[65]

Neste ponto, o papel do arquitecto emerge como gestor estratega na proposta eficaz para um utilizador concreto, numa circunstância concreta, tendo em conta o máximo de possibilidades de utilização e/ou transformações incrementais e económicas dessa mesma resposta que propõem – quer para o mesmo utilizador no futuro, quer para um outro utilizador imprevisível, independentemente da sua capacidade financeira. Noutras palavras, citando Kevin Lynch:

> *Os grupos e as pessoas têm de valorizar aspectos diferentes e atribuir-lhes prioridades diferentes. Mas, depois de os medir, um grupo específico, numa situação real, deve ser capaz de avaliar o que é relativamente bom no seu local, e deve passar a ter ao seu dispor as pistas necessárias para melhorar ou manter o que é bom.*[66]

Em suma, propõem-se o arquitecto não como um artista mercenário de quem se espera uma obra de arte intocável mas como um estratega de processos e gestor de habitabilidades num projecto evolutivo, afectivo ao seu utilizador, flexível no acolher do imprevisível e incrementalmente metamórfico que possa evolui a par dos seus habitantes.

Neste sentido, torna-se crucial promover a experimentação quotidiana do próprio utilizador ao nível da organização da unidade habitacional; em adaptar às suas necessidades pessoais o espaço que habita, num processo de tentativa erro questionando-se a si mesmo das suas próprias escolhas e prioridades.

---

64 LYNCH, Kevin; "*A Boa Forma da Cidade*", EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999, p.117

65 Idem; "*City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachusetts, 1990, p.791

66 Idem; "*A Boa Forma da Cidade*", Idem, p.118

> *El **individuo se reconoce en su propia casa**, se identifica con ella, alejando así el fantasma moderno del anonimato y la indiferencia metropolitana.*[67]

Deste modo, contraria-se a certeza de uma resposta única transversal e imutável, promovendo a confrontação do utilizador consigo mesmo.

O próprio percurso histórico da arquitectura tem vindo a evoluir a par da experimentação, quer progressista quer conservadora:

> ***La modernidad, con su voluntad de experimentación, fue capaz de trascender a las demandas de realismo** y **revolucionó el sentido de lo privado y las condiciones del habitar, intentando dar respuesta en simultáneo a acuciantes problemas sociales.** La experimentación tipológica y espacial, la ruptura linguística, (…) convivieron con la seriación y normalización, la segregación urbana de los ámbitos residenciales, la definición de estándares de dimensionamiento, exigencias de funcionalidad y, finalmente, con **la regulación jurídico-tecnológica de la casa, de espacio de lo privado**.*[68]

Nesta procura experimental pelo conforto e/ou eficiência, o próprio sistema construtivo adoptado terá um protagonismo preponderante na ampliação das possibilidades de experimentação e metamorfose da própria unidade habitada, quer na manipulação de divisórias, da configuração interior, de infraestruturas e do programa.

> *La metamorfosis doméstica finalmente seria no sólo metamorfosis de la casa sino transformación de lo moderno. Una nueva vigencia de lo moderno se convalida en las intervenciones más interesantes y coherentes, en la creencia de que **el lenguaje no se crea, sino que se transforma**.*[69]

2.3|1 | **Metamorfose** como reabilitação

Todo o edificado tem inevitavelmente um passado, uma história. A questão estará na pertinência da reprodução das características de tal testemunho. Levantando a hipótese da Metamorfose como acção reabilitadora, surge à partida a necessidade do entendimento e/ou revisão do significado de termos como *valor intemporal*, *valor arquitectónico* e mesmo *reabilitação* para a conformação de uma reflecção coerente.

---

67 MOSQUERA, Eduardo; "*La Metamorfosis Domestica - Contribuciones para un balance de la experiencia rehabilitadora en la vivienda tradicional Sevillana*" in "*Rehabilitación y Vivienda en Sevilla - Renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica 1975-1988*", C.O.A.A.O., Sevilla, 1989, p.355

68 Idem, p.353

69 Idem, p.358

2.3|1.1 | **Reabilitação?**

> *En Arquitectura, el término [reabilitação] comieza a utilizarse después de una época de «efermedad y culpa»: veinte años de destrucción o abandono del patrimonio construído de las ciudades.*[70]

Sendo que comummente qualquer intervenção sobre uma preexistência tende a se intitular como *reabilitação*, questiona-se o verdadeiro significado do termo. Na desconstrução da palavra encontra-se a sugestão de *re-habilitação*: por um lado a recuperação de uma *habilidade* original (em deterioração ou desuso) e por outro lado a adaptação de uma nova *habilidade* antes inexistente (que caso não seja integrável na preexistência recorre-se à sua reconversão, transformando a tipologia original numa sua *con-versão*). A coexistência de ambas as interpretações na acção de intervenção será plausível e até potencialmente enriquecedora como ponte narrativa entre *habilidades* remotas e contemporâneas.

Apesar da vastidão do espectro da sua acção, a sua interpretação por vezes reflecte-se como adulteração ou mesmo anulação de grande parte da própria preexistência – se não mesmo integral – caindo no *fachadismo* e negando a acepção de reabilitar em si:

> *…las aptitudes creadoras de algunos arquitectos virtuosos del diseño, se desbobran convirtiendo la rehabilitación en el escaparate de un cúmulo de artefactos rutilantes, sólo hermosos en su lógica interna, pero que ocultan la insensibilidad ante la casa existente, olvidando que as veces con el silencio se puede ser más elocuente.*[71]

Em suma, propõem-se a definição de *reabilitação* como a intervenção discernente na manutenção e/ou adaptação da tipologia e materialidade preexistentes a novas habilidades e interpretações de conforto, preservando a estrutura preexistente.

2.3|1.2 | **'Valor do tempo' ou 'valor intemporal?**

> ***La revisión de los contenidos del pasado supone la continuidad transmisión de su sabiduría**. (...) Cualquier aproximación que realicemos en tal sentido no puede estar marcada por actitudes serviles, **abdicando frente a los «errores» de las cuales la Historia de la Arquitectura nunca estuvo exenta**.*[72]

---

70 coord. Maria Caballos Rufino; "Rehabilitación y Ciudad Historica: 1er Curso de rehabilitación del C.O.A.A.O.", C.O.O.A.O., Sevilla, 1982, p.36

71 MOSQUERA, Eduardo; "*La Metamorfosis Domestica - Contribuciones para un balance de la experiencia rehabilitadora en la vivienda tradicional Sevillana*" in "*Rehabilitación y Vivienda en Sevilla - Renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica 1975-1988*", C.O.A.A.O., Sevilla, 1989, p.357

72 Op.Cit., p.58

A persistência de determinada característica não garantirá por si só a sua qualidade. Em qualquer processo evolutivo surgem naturalmente paradoxos. Perante a intervenção numa pré-existência edificada eleva-se a revisão do seu *valor* (simbólico, semiótico, narrativo, histórico, arquitectónico, construtivo) na preservação das suas características originais, assim como a pertinência e capacidade operativa da sua tipologia perante o modo de vida contemporâneo.

Não deixará de ser abstrata tal procura pelo entendimento do intemporal, visto este apenas se manifestar na sua persistência – no contexto presente – sem garantia exacta da sua validade na posterioridade. Posto isto, desafia-se a noção de 'intemporalidade' como a capacidade de acomodação, adaptabilidade e resiliência de habitabilidades anacrónicas.

> *By invariably emphasizing the parts played by architects and their patrons he has obscured the talents and achievements of the anonymous builders, men whose concepts sometimes verge the utopian,(…) but today we should be able to recognize it as the result of rare good sense in the handling of practical problems.* ***The shapes of the houses, sometimes transmitted through a hundred generations, seem eternally valid, like those of their tools****.*[73]

2.3|1.3 | 'Valor arquitectónico'?

> ***Quando há valor, este reflete a sua qualidade sobre aquilo de que depende e também sobre aquilo que acaba dependente de si****. Não é autónomo; é heterónomo.*[74]

Se na perspectiva do senso comum 'valor arquitectónico' poderá ser concebido como a materialização de conquistas técnico-construtivas e/ou a expressão de uma linguagem particular/excepcional/representativa/manifesto, o bom senso desafia a procura de um melhor entendimento do seu significado, contra o fácil equívoco entre 'valor arquitectónico' e 'valor histórico'.

Retome-se como caso de estudo o Bairro do Aleixo. Sendo testemunho de uma intervenção social numa tipologia construtiva em altura, *autofuncional* e autónoma a uma escala então invulgar – e portanto, com maior ou menor consenso, uma referência na história da arquitectura da cidade do Porto – questiona-se o seu 'valor arquitectónico' perante o seu proclamado insucesso como resposta social. Terá

73 RUDOFSKY, Bernard; "*Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*", UNIVERSITY OF NEW MEXICO, Albuquerque, 1995, p.fig.4

74 BUNCUGA, Franco; *"Convesazioni con Giancarlo de Carlo: architettura e libertá"*, ELÈUTHERA, Milano, 2001, p.106 - Tradução de autoria própria. Citação original: "*Quando ha valore, riverbera le sue qualità su quello da cui dipende e anche su quello che da lei finisce col dipendere. Non è autonoma; è eteronoma."*

a *verticalização do bairro* prejudicado as relações de vizinhança e o apoio social afectivo proveniente destas? Estaria tal equilíbrio dependente de uma participação político-social mais activa?

Questiona-se sobretudo o 'valor arquitectónico' não como *representação edificada,* mas como *reflexo social*. O *valor* da *arquitectura*, mais do que boas intensões projectuais, refletir-se-á nas suas repercussões humanas, sociais, quotidianas, subjectivas e colectivas, que por sua vez se reflectirão no habitar do edificado.

O Bairro do Aleixo, sendo ou não reconhecido como testemunho histórico, não deixará de ser reflexo de uma intenção fracassada, não obstante, um fracasso didáctico que veio corroborar a interrelação entre *arquitectura edificada* e (des) *construção social*, e como a má gestão de qualquer uma delas se mostra decisiva para a sua prospecção conjunta.

Em suma, citam-se as palavras de Lucien Kroll *"la qualité n'est pas la fonctionnalité mais l'hospitalité"*[75]*,* propondo o 'valor arquitectónico' como produto da acção subjectiva e colectiva de habitar, em detrimento do objecto em si "*…c'est l'attitude «ethnologique*» (*orientée complexité sociale), par opposition à l'attitude objective (orientée object).*"[76]

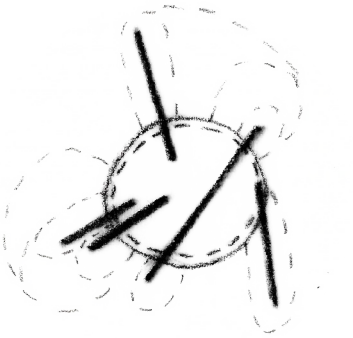
> ***Uma obra arquitectónica não faz sentido dissociada da sua utilização e o modo como é usada, ou pode ser usada, é um dos factores fundamentais que contribuem para a definição da sua qualidade.*** *Na forma de recipiente vazio, não pode representar-se nem estabelecer intencionalmente relações com a natureza e a história: porque* ***o seu propósito reside*** *na sua "completude"* ***– em todo o conjunto de relações estabelecidas com aqueles para quem foi concebida****.*[77]

75 KROLL, Lucien; "Global Learning Environments" in BOUCHAIN, Patrick; *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.72

76 Idem; "*Tout est paysage*", SENS & TONKA, Paris, 2001, p. 172

77 Giancarlo de Carlo citado em BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, SERRALVES, Porto, 2014, p.277

2.4 | **Prospecção** como preposição polivalente



Nesta procura de pontos de orientação úteis à estruturação do evolutivo, a Prospecção propõem-se como a capacidade projectual de corresponder holisticamente a contextos reais concretos, tendo em conta cada uma das suas mais variadas complexidades numa intervenção informada sobre o lugar – no tempo, no espaço e no imaginário, em detrimento da especulação com propósitos exógenos ao lugar – e simultaneamente prevendo múltiplos desenredos locais partindo de uma mesma proposta. Em suma, projectando a proposta de intervenção como agente na construção da coerência, qualidade e continuidade evolutiva do lugar.

Deste modo a Prospecção vem dar coesão – em si e entre si – aos pontos anteriores: expandindo o espectro da Flexibilidade na adaptação passiva a circunstâncias (im)previsíveis; salvaguardando a capacidade de Metamorfose a longo prazo a cada intervenção incremental; e a partir da intervenção informada e participativa ressalvando e estimulando Afinidades territoriais e sociais que significam o lugar como casa-afectiva. Noutras palavras, contrariando uma intervenção superficial e insubsistente.

Em confronto com as palavras de Kevin Lynch, a capacidade de Prospecção virá estruturar a Eficiência e a Justiça da intervenção, propondo a auto-estruturação do seu próprio equilíbrio ao longo do tempo e ao passo da transformação das circunstâncias:

> *6.* **Eficiência***: **o custo, em termos de outros elementos valorizados, da criação e manutenção do aglomerado populacional**, para qualquer dos níveis de concretização das dimensões ambientais anteriormente listadas [1.Vitalidade, 2.Sentido, 3.Adequação, 4.Acesso e 5.Controlo].*

> *7.* **Justiça***: o modo como os benefícios e os custos ambientais se encontram distribuídos pelas pessoas, em conformidade com alguns princípios específicos como a igualdade, a necessidade, o valor intrínseco, a capacidade de pagamento, o esforço despendido, a contribuição potencial, ou o poder.* ***A justiça*** *é o critério que* ***equilibra os ganhos entre as pessoas****, ao passo que* ***a eficiência equilibra os ganhos entre diferentes valores****.*[78]

78 LYNCH, Kevin; "*A Boa Forma da Cidade*", colecção Arquitectura e Urbanismo, EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999, p.117





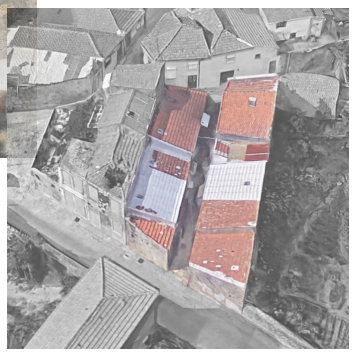
R. de Aníbal Cunha 74

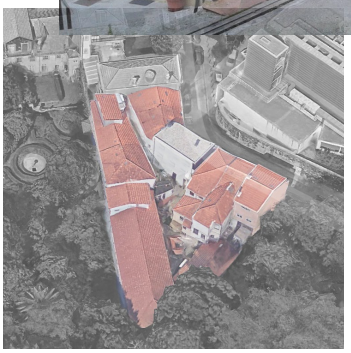






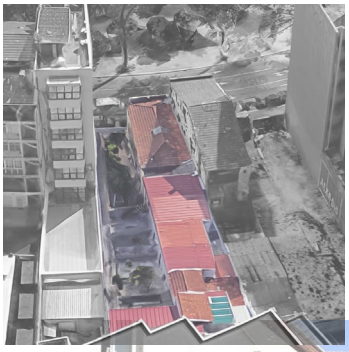
R. dos Burgães/da Peneda 222





R. Entre Campos 305





Praça Mouzinho de Albuquerque 57



R. de Pedro Hispano 475



3 | **(RE)DESENHANDO COM A ADVERSIDADE**

> *…intervenções que, embora pontuais e fragmentadas, apontavam implicitamente para um modelo radical de cidade e de planeamento: "uma cidade em que os pobres também têm direito ao centro histórico,* ***onde se admitem vários estratos sociais de moradores e várias funções urbanas****; uma cidade onde* ***novos tipos de habitação podem referir tipos antigos e, sendo diferentes deles pela forma, assumem o carácter fragmentário da cidade, contrapondo o velho e o novo sem parca de um carácter geral solidificado pelo uso e o tempo****.*[79]

3.1 | **'Ilha':** reflexões sobre uma existência

> *Para um arquitecto não é particularmente importante uma análise histórica em si própria. Ela só interessa, no plano disciplinar, se for um contributo positivo para ancorar um qualquer projecto transformador.* ***Abandonando a nostalgia para ser memória, só assim a história será operativa****.*[80]

Apesar do reconhecimento de uma tipologia específica das 'ilhas' do Porto[81] não são raros os exemplos que desta definição se distanciam morfologicamente. "*A origem da tipologia das ilhas é inteiramente urbana e ditada pela lógica do seu contexto urbano particular*"[82], deste modo, os talhões portuenses e a casa burguesa foram o ponto de partida das 'ilhas'. Estas discretas fontes de rendimento na acomodação de operários das então emergentes fábricas, manifestaram-se como *"uma criação tão genial que a sua lógica modular foi utilizada em largos terrenos que já nada tinham a ver com a forma dos talhões que lhes deram origem, tendo existido até, em tempo intermédio, projectos de raiz para casas de talhões estreito ou duplo com ilha incluída."*[83]

Posto isto, torna-se claro que a viabilidade ou não de salubrização das 'ilhas' que hoje persistem depende decisivamente da especificidade do contexto espacial particular em que se inserem. E portanto, dificilmente haverá coerência na definição de uma solução prototípica, quer na demolição quer na reabilitação da sua habitabilidade.

79 VARELA GOMES; *"Arquitectura, os últimos 25 anos"* in Paulo Pereira (ed.), *"História da Arte Portuguesa",* 3ºvol., Lisboa: Círculo de Leitores, 1995 in BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, SERRALVES, Porto, 2014, p. 83

80 BANDEIRINHA, José António, "*O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976*", SERRALVES, Porto, 2014, p. 85

81 Construção modular em banda, no aproveitamento económico de lote estreito e comprido, cujos acessos se dão a partir de um ou mais corredores exteriores (consoante as dimensões do lote), onde cada módulo é conformado por três paredes de meação partilhadas entre os seus módulos adjacentes tendo portanto apenas uma parede exterior (única possibilidade de insulamento e ventilação).

82 C. TEIXEIRA, Manuel; *"Habitação Popular na Cidade Oitocentista - as ilhas do Porto"*, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1988 (1ª edição), p.77

83 ALVES COSTA, Alexandre; "2. A Ilha Proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas Considerações sobre um Título enigmático", *in* Jornal Arquitectos nº204, 2002, p.9

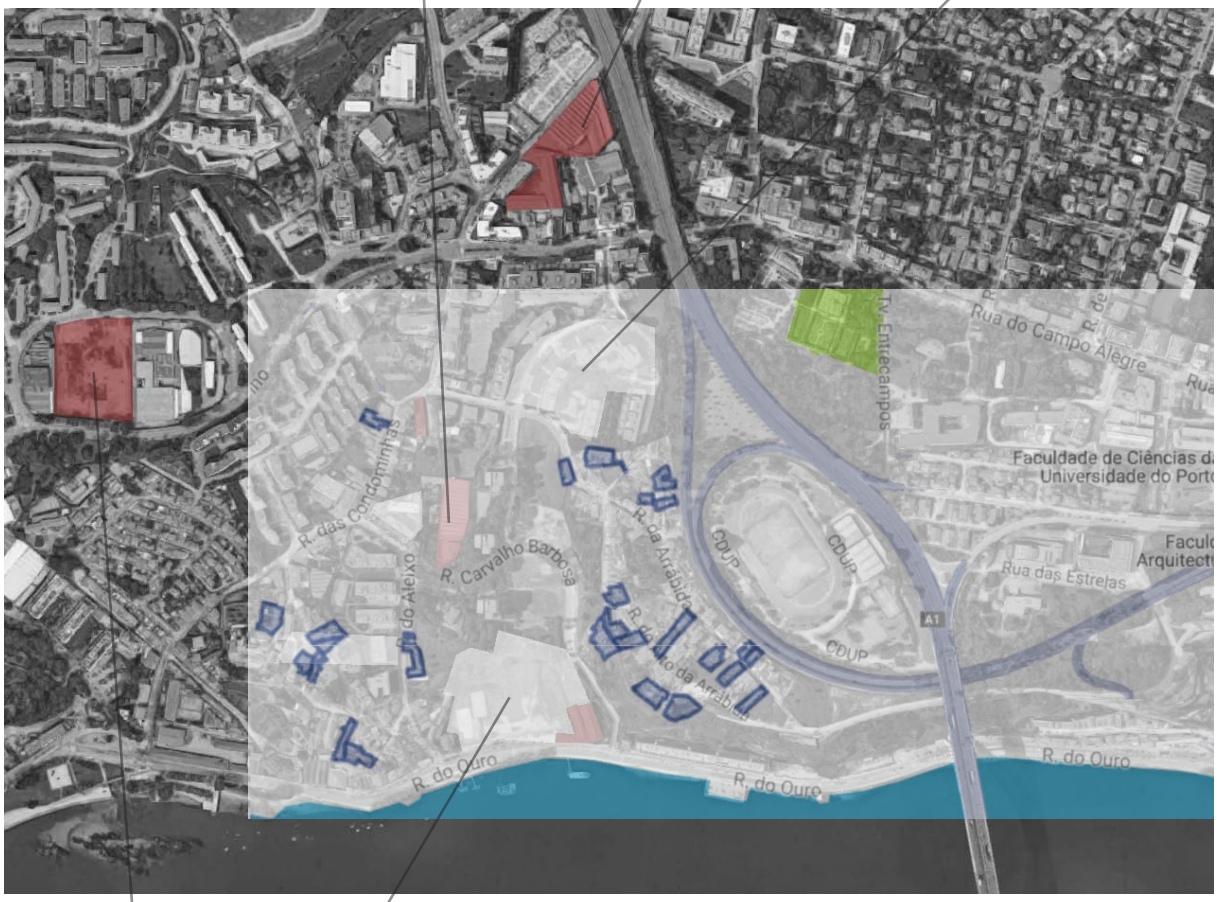
Adira Sa - Fornecedor de Metalomecânica

Carlicporto - Comércio de Automóveis, Lda

ex-Fábrica de Guarda-Chuvas

Carlicporto - Comércio de Automóveis, Lda

ex-Fábrica de Fósforos



Fábricas envolventes mais relevantes e 'ilhas' segundo a Domus Social

Terreno abandonado

ex-Fábrica do Gás

Terreno abandonado

ex-indústria metalúrgica

> *Não parece deixar dúvidas que, justificada pelo **enraizamento de formas de vida próprias das "ilhas"** bem visíveis no forte apego dos seus residentes, a regeneração destes espaços é tarefa fundamental que cabe ao arquitecto mas, antes de mais, ao poder público, através da **definição de uma política forte de intervenção e proteccionismo de populações** que, **não se tendo apropriado de espaços da cidade, são, acima de tudo, fruto da sua evolução histórica e da sua afirmação em contextos geográficos** que, como se sabe, já ultrapassam o âmbito nacional.*[84]

Será ainda de referir que actualmente a 'ilha' continua a ter procura, não só pela sua acessibilidade económica, mas pela sua própria domesticidade e proximidade vicinal.

3.1|1 | **Oportunidade na miséria:** dualidade de interpretações

Como em tantas outras cidades europeias, a necessidade de concentração operária disparou com a chegada das tecnologias da Revolução Industrial. Tal cenário, juntamente com a crescente desvalorização económica dos produtos do sector primário, manifestou-se como uma oportunidade para povoações de meios rurais subsistirem. Apesar da "sobreocupação de velhos edifícios"[85] levantavam-se ainda problemas, como a fragilidade económica e impossibilidade de aquisição de propriedade própria de grande parte das populações em êxodo (fragilidade que até hoje subsiste).

> *Vinha a gente das aldeias, ora vinham sem nada, traziam a malinha da roupa, não eram precisas casas grandes, era só comer e trabalhar.*[86]

Perante tal realidade, a pequena e média burguesia comercial viram no prescindir dos seus logradouros a oportunidade de combater a sua própria decadência económica construindo e alugando edificações em banda de mínima dimensão e qualidade material, assim economicamente acessíveis à crescente classe operária.

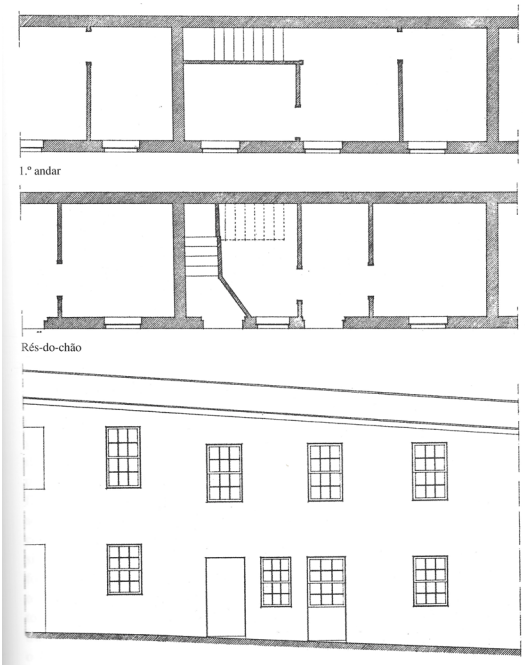
Apesar da comum inexistência de abastecimento de água e saneamento, da deficiente ventilação e insolação das escassas áreas que não excediam os 16m^2 e consequente insalubridade das instalações, ainda assim, os agregados familiares cresciam para lá da sobrelotação com o acolhimento de familiares em êxodo.

Não obstante, poder-se-á ver neste oportunismo da classe média-alta portuense

84 Luís Paulo Novais Pacheco, arquitecto *in* WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís (coord.); "Ilhas", PANMIXIA, Porto, 2004, p. 44

85 C. TEIXEIRA, Manuel; *"As estratégias de habitação em Portugal, 1180-1940"*, Análise Social vol.XXVII, FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA, Lisboa, 1992 (1ª ed.), p.67

86 Luísa, 75 anos, residente numa ilha citada em WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís (coord.); *"Ilhas"*, PANMIXIA, Porto, 2004, p. 94



Planta e alçado de uma das casas nas filas laterais.
Escala original 1:100



Vista da primeira rua do Bairro do Vilar



Implantação do Bairro do Vilar | Escala original 1:500

o que foi uma oportunidade única para uma população com meios insuficientes habitar, trabalhar e subsistir numa cidade sobrelotada.

> *A ilha aparecia, assim, como uma hipótese de sobrevivência das famílias pobres numa fase particularmente crítica do seu ciclo de existência: o momento em que, com os filhos pequenos não participando ainda no mercado de trabalho, a família trabalhadora conheceria um desequilíbrio entre os salários e os consumos (…). (…) com a saída de alguns filhos jovens para trabalhar fora de casa (…) teria de provar-se que os filhos continuariam a devolver aos pais uma parte significativa do seu salário.*[87]

Não deixando de ser deplorável a qualidade de vida então possível nas 'ilhas' operárias, questiona-se se de outro modo a inclusão destas populações no meio urbano teria sido possível.

O caso do Bairro do Vilar servirá de referência como "*um dos raros exemplos de habitação operária do Porto que apresentam maiores áreas e melhores padrões de habitação que a vasta maioria das ilhas*"[88] que no entanto acabou por se mostrar inacessível à população mais pobre e sem procura pelas classes trabalhadoras economicamente mais estáveis para as quais foi idealizado. Em síntese, tal cenário traduziu-se na inviabilidade da construção do "tipo tradicional da ilha"[89] de melhor qualidade, sendo que "era necessário romper com o modelo das ilhas e adoptar uma nova forma de habitação"[90] para alcançar as classes trabalhadoras com recursos mais elevados.

3.1|2 | **O estigma:** a cidade encoberta e o direito à cidade

Todo este condicionamento económico e habitacional levou à segregação de uma população de referências rurais num confronto com o modo de vida urbano de então, contraste este que se escondia na 'ilha' para lá do tardoz. Tal segregação despoletou a sua estigmatização como antros de miséria e incivilização, aos quais só os pobres sem melhor opção se submetiam.

Este isolamento no miolo do quarteirão – que deu o nome de 'ilha' a estes edificados isolados da frente urbana – veio levantar a questão do direito à cidade por estas populações.

---

87 Gaspar Martins Pereira, Professor Associado da FLUP in WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís (coord.); *"Ilhas"*, PANMIXIA, Porto, 2004, p. 55

88 C. TEIXEIRA, Manuel; *"Habitação Popular na Cidade Oitocentista - as ilhas do Porto"*, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1988 (1ª edição), p.293

89 Idem, p.308

90 Idem, p.308

As primeiras tentativas municipais de salubrização[91] das ilhas surgiram na sequência do inquérito realizado em 1939 - visto 17% da população portuense habitar ainda neste tipo de edificações - mas perante a escala exorbitante deste problema habitacional tal intenção veio mais tarde a ser substituída por outro governo pela campanha de erradicação destas, através da sua demolição e realojamento dos seus habitantes nos então recentes "*bairros, ditos de habitação social, dispersos por diferentes áreas da cidade*"[92]. Com tal proliferação da habitação social na periferia de então deu-se a larga escala os progressivos abandono, ruína e demolição tanto das 'ilhas' que se desocupavam como das que permaneciam habitadas, sem meios para contrariar a sua deterioração.

A persistência da tipologia de 'ilha' até aos dias de hoje mostra-se simultaneamente admirável e perturbadora. Por um lado, como produto da industrialização portuense que auto-subsistiu para lá desta, mas por outro, reconhecendo tal auto-sustento relacionado com a subsistência de uma fragilidade económica encoberta no miolo do quarteirão. E assim, no silêncio, chegaram as 'ilhas' até hoje, sem o reconhecimento legal para promover a sua devida habitabilidade e onde os próprios regulamentos dificultam e impossibilitam a habilitação destas habitações[93].

> *Mas repudiar esta imagem, que supõe implicitamente segregação e miséria, não significa necessariamente recusar o sistema de adaptação topográfica e aquilo que de positivo existe naquela vida comunitária.*[94]

Apesar do seu reduzido número comparativamente à realidade do século XIX persistem ainda 957 'ilhas', sendo ao todo contabilizado cerca de 10.400 pessoas a habitar em 'ilhas'[95]. Apesar de todas as transformações – das políticas urbanas e habitacionais, do desenvolvimento demográfico, social e urbano – *a saga das 'ilhas'*[96] continua, ainda que mais tímida, igualmente real.

Deste modo, o seu estigma, fundado numa concepção que na sua génese lhe terá correspondido, ainda assim prolonga-se sobre realidades que evoluíram e se dis-

---

91 "*constituída fundamentalmente pela demolição de alguns edifícios em cada conjunto e beneficiação das condições sanitárias*", Fernando Távora *in* Idem, p.XIV

92 Fernando Távora *in* Idem, p.XIV

93 *"…os regulamentos, que hoje são os herdeiros dos que procuravam fazer o saneamento geral, são regulamentos que prejudicam, objectivamente, os habitantes actuais das ilhas. A sua marginalização, hoje, não é apenas psicológica, é real: eles estão à margem da lei, habitam casas que não têm direito, legal, a um "certificado de habitabilidade"."* – *WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís (coord.); "Ilhas", PANMIXIA, Porto, 2004,* p.39

94 *BANDEIRINHA, José António; "O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, SERRALVES, Porto, 2014, p. 265

95 Num total de 8.000 habitações, das quais 4.900 são ainda habitadas. Cft. *"Ilhas' do Porto: levantamento e caracterização"*, MUNICÍPIO DO PORTO, Porto, 2015

96 Cf. Fernando Távora in *"Habitação Popular na Cidade Oitocentista - as ilhas do Porto"*, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1988 (1ª edição), p.XIV

tanciaram para lá desta, sem descrer muitos dos seus moradores da vontade de permanecer: "*Daqui, só para o cemitério!*".

Posto isto, propõem-se a exploração de qual poderá ser o valor das 'ilhas' a apreender e como poderá este vir a reflectir-se na sua subsistência, reabilitação e evolução.

> *Explicadas pela História dos locais, pelos ambientes sociais, económicos e políticos de cada época,* ***as habitações herdadas arrumam-se em novos tipos****. Umas, envelhecidas,* ***outras que, por via da pressão da procura, procuram sobreviver aos efeitos do tempo*** *e, finalmente,* ***aquelas que sendo novas ou velhas, são o retrato de um esforço de preservação de formas de vida presas na memória dos habitantes****.*[97]

97 Luís Paulo Novais Pacheco, arquitecto *in* WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís (coord.); "Ilhas", PANMIXIA, Porto, 2004, p. 39

3.2 | **O que apreender da 'ilha'?**

> *A forma de uma época só se torna completamente visível quando ela desaparece. E assim oferecia-se a perspectiva de poder traçar o desenho* ***sem cair na admiração ou na aversão*** *pelo objecto.*[98]

Perante o testemunho de um passado inglório, como é o caso das 'ilhas' do Porto, o reconhecimento do seu valor como testemunho histórico torna-se controverso.

Segundo Portoghesi *"todo el final del siglo passado* [XIX]*, al menos en el mundo de la cultura arquitectonica, está recorrido por* (…) *un fuerte sentido de culpa a causa de la falta de un nuevo estilo capaz de expressar el 'espírito del tiempo'"*[99]*.* Neste sentido, as 'ilhas' serão uma das mais expressivas representações do modo de vida popular do Porto em industrialização. No entanto, como garantir a autenticidade da 'ilha' como testemunho portuense da capacidade de adaptação à adversidade - do *desenrascar* típico português - sem comprometer a qualidade da sua habitabilidade no futuro?

Procura-se compreender como poderão os seus modos de vida originais ser comunicados contra o seu esquecimento possibilitando simultaneamente a qualificação da sua habitabilidade, sem romantismos ou analogias forçadas.

> *En la "interpretación" (…) reencontramos una práctica de forcejo y violacion enfrentada a una adquisición mecánica de los significados, nos hallamos ante un dispositivo de arbitrariedad controlada que "inventa" el sentido de una realidad histórica, más que* ***"revelar" los supuestos secretos de sus virtudes****.*[100]

Neste sentido salienta-se o modo como as 'ilhas' se transformaram nas últimas décadas. Ruskin denuncia as (des)continuidades próprias do processo evolutivo ao afirmar *"Otra época podrá darle otra alma, pero sería ahora un nuevo edificio"*[101] e as 'ilhas' não têm sido excepção, assim como os equiparáveis Corrales de Sevilha:

> *En los tipos colectivos – los corrales – apenas se ha conseguido huir de la tuguración, para alcanzar unos minimos basados casi en la antropometria. Mientras, las casas se hacen modernas, marcando unos ámbitos subsidiarios con un amueblamiento tecnológico y funcional, la casa tradicional se va transformando en "otra" casa.*[102]

---

98 GUARDINI, Romano; "*O fim da idade moderna: em procura de uma orientação*", EDIÇÕES 70, Lisboa, 2000, p.13

99 Portoghesi citado em Instituto Andaluz del Patrimonio Historico; "*Conservación arqueológica: reflexión y debate sobre teoria* y práctica", CUADERNOS 3, J.A.Universidad de Alcala y Valladolid, Sevilla, 1994, p. 122

100 Instituto Andaluz del Patrimonio Historico; "*Conservación arqueológica: reflexión y debate sobre teoria* y práctica", CUADERNOS 3, Sevilla, J.A.Universidad de Alcala y Valladolid, 1994, p. 135

101 Ruskin citado em coord. Maria Caballos Rufino; "*Rehabilitación y Ciudad Historica: 1er Curso de rehabilitación del C.O.A.A.O.*", C.O.O.A.O., Sevilla, 1982, p. 17

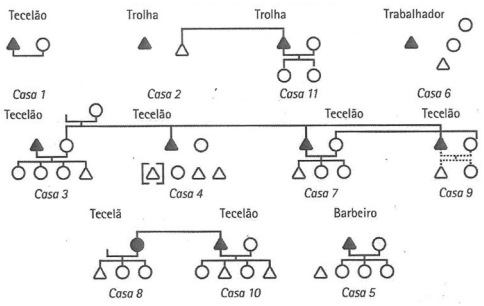
102 MOSQUERA, Eduardo, "*La Metamorfosis Domestica - Contribuciones para un balance de la experiencia*

Com a melhora das condições económicas dos seus moradores e/ou proprietários, levaram-se a cabo ampliações – tanto horizontais como verticais – como resposta à necessidade geral de uma maior e melhor área habitável, inclusão de instalações sanitárias interiores ou maior privacidade dentro do agregado familiar, entre outras. Tais intervenções de autoconstrução foram-se assim manifestando isolada e incrementalmente consoante as possibilidades e aspirações de conforto de cada família.

> *...havia ali um quintalito que só servia para ter ali umas galinhas. Então fiz o quarto para os miúdos que iam crescer.*[103]

> *O espaço comum das ilhas inclui ainda, muitas vezes, outros pequenos **espaços que se relacionam com o uso comum ou individualizado da terra**. Encontramos neste caso o terreno a monte, as **pequenas hortas** e, porventura, **capoeiras** e **coelheiras**. Trata-se da utilização de espaços que, nalguns casos, nunca chegaram a ser urbanizados e que noutros casos, denotam a **reutilização de um espaço onde existira previamente uma qualquer construção, muitas vezes casas de ilhas que foram destruídas ou se desmoronaram por ruína**.*[104]

Outra solução também constatável é a ampliação do fogo aglutinando unidades habitacionais adjacentes interligando-as internamente. Já no século XIX se expressavam intervenções a estas similares, onde moradores de fogos contíguos - geralmente familiares[105] - partilhavam, num deles, funções domésticas.



Reconstituição de famílias da Ilha do Cordoeiro

> *A natureza da habitação em ilha possibilita a residência de fogos vizinhos aparentados, **utilizando, por vezes, partes de casa comuns em diversas funções domésticas, os quais noutras situações poderiam ser encarados como o mesmo fogo**.*[106]

Graças à própria modulação da 'ilha' salvaguada-se a coesão do conjunto apesar da autoconstrução livre – individual, anárquica, incremental – estruturando o im-

rehabilitadora en la vivienda tradicional Sevillana" in "*Rehabilitación y Vivienda en Sevilla - Renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica 1975-1988*", C.O.A.A.O., Sevilla, 1989, p.353

103 Manuel, residente numa ilha em Paranhos citado em WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís (coord.); "Ilhas", PANMIXIA, Porto, 2004, p. 86

104 Gaspar Martins Pereira, Professor Associado da FLUP *in* Idem, p. 81

105 *"... diversas situações de vizinhos aparentados, bem como alguns casos de filhas ou filhos que, após o casamento, ficam a morar na mesma ilha em que vivem os pais."* - Gaspar Martins Pereira, Professor Associado da FLUP *in* Idem, p.57

106 Gaspar Martins Pereira, Professor Associado da FLUP *in* Idem, p. 57

previsível, *"Structurer le desórde de la vie"*[107], favorecendo a autonomia do fogo no conjunto – possibilitando a heterogeneidade de respostas na unidade do conjunto.

Tal heterogeneidade reflectiu-se ainda no acolhimento de outros programas:

> *Em certas situações,* ***estes núcleos de parentes podem ter-se mesmo associado como grupos de trabalho****. Em 1891, duas das casas da ilha referida [ilha do Cordoeiro, R. da Saudade] aparecem transformadas temporariamente em "fábrica de tecidos", o que deixa supor a sua utilização colectiva pelas 5 famílias de tecelões que então habitavam a ilha.*[108]

A tipologia de 'ilha' veio ainda levantar a questão do direito à cidade devido ao seu característico distanciamento da frente de rua. No entanto questiona-se se as qualidades de tal característica tenham vindo a ser distorcidas pelo estigma a elas inerente. Tomemos como exemplo a Rua do Campo Alegre, de afluência automóvel constante. Não poderá a habitação intra-quarteirão – dita sem o *direito à cidade* – ter a mais-valia como abrigo dessa poluição sonora? Onde através da sua estrutura, linear ou nuclear, se qualifica e *subjectifica* gradualmente a escala humana na malha urbana? Ou seja, onde também se poderá *fazer cidade*?

Em suma, desafiam-se como valores a apreender e preservar da tipologia de 'ilha' a sua capacidade de adaptação ao imprevisível, a flexibilidade perante a estratificação cronológica e o potencial social da sua escala doméstica – e portanto não apenas como conjuntos edificados materiais mas também como processos de ocupação territorial, social e urbana.

> *...el único momento legítimo, y válido para cualquier reutilización del vestígio, resultará ser precisamente el "instante en el que* ***la obra de arte se evidencia como tal en la conciencia del observador****, pudiendose estructurar una recuperación a partir de la* ***asunción de su ser*** *y de su* ***vinculación con el tiempo presente****.*[109]

107 Lucien Kroll in *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.149

108 Gaspar Martins Pereira, Professor Associado da FLUP *in* WELLENKAMP, Margarida, PISCO, Luís (coord.); "*Ilhas*", PANMIXIA, Porto, 2004, p. 58

109 Brandi citado *in* Instituto Andaluz del Patrimonio Historico; "*Conservación arqueológica: reflexión y debate sobre teoria* y práctica", CUADERNOS 3, J.A.Universidad de Alcala y Valladolid, Sevilla, 1994, p.136

3.3 | **Como apreender a 'ilha'?**

> *… necesitamos de nuevo conocer la Historia de la conservación arquitectonica, la Historia de la Restauración, y nos damos cuenta que en este estudio **cada época, más que conservar, reinterpreta la Historia en sus actuaciones**.*[110]

Como já foi referido, a possibilidade de salubrização das 'ilhas' operárias dependerá decisivamente do contexto particular em que se insere: se é ou não possível a devida exposição solar, ventilação, integridade estrutural na reabilitação ou renovação dos seus revestimentos, etc. Neste sentido, a reabilitação das 'ilhas' que persistem poderá depender de grandes transformações, especulativas até, traduzindo-se tanto por acções de renovação, de reabilitação como de reconversão, por intervenções quer públicas quer privadas. Ainda assim desafia-se a 'ilha' como, mais uma vez, *'porta para a cidade'*: acolhendo habitantes/famílias no início (ou mudança) de vida como *incubadora*, mantendo os seus actuais moradores, e assim inserindo novos actores que se apropriem delas e as defendam.

> *En la vida del edificio es una etapa más. Ello le dará un carácter progresivo, siempre una mejora de la situación anterior, nunca una recuperación de un pasado esplendor*[111].

Perante a impossibilidade de impedir a adulteração das 'ilhas' persistentes, a presente dissertação propõem explorar como poderá a reinterpretação desta tipologia em novos projectos promover a sua valorização arquitectónica e narrativa na conciliação de uma tipologia do passado, no presente, para o futuro, desmistificando o estigma sobre a 'ilha', reabilitando os seus valores inerentes e simultaneamente promovendo a reabilitação e preservação das 'ilhas' operárias do século XIX: ao *""reabilitá-las" no (pre)conceito social"*[112].

Posto isto, e partindo do princípio que *"La memoria es un fenómeno siempre actual, una ligazón con el eterno presente"* enquanto que *"La historia, una representación del pasado"*[113], eleva-se a reinterpretação como transporte dessa memória e seus valores sociais, culturais e arquitectónicos perante a ameaça – gradual mas irreversível – de adulteração, degradação, ruína e extinção das 'ilhas' do século XIX. Para tal, expõem-se o estudo de quatro casos de estudo orientadores à formação crítica da estratégia de intervenção.

110 Instituto Andaluz del Patrimonio Historico; "*Conservación arqueológica: reflexión y debate sobre teoria* y práctica", CUADERNOS 3, J.A.Universidad de Alcala y Valladolid, Sevilla, 1994, p.122

111 coord. Maria Caballos Rufino, "*Rehabilitación y Ciudad Historica: 1er Curso de rehabilitación del C.O.A.A.O.*", C.O.O.A.O., Sevilla, 1982, p.21

112 Luís Paulo Novais Pacheco, arquitecto, *in* "*Ilhas*", PANMIXIA, Porto, 2004, p. 44

113 Instituto Andaluz del Patrimonio Historico; "*Conservación arqueológica: reflexión y debate sobre teoria* y práctica", CUADERNOS 3, J.A.Universidad de Alcala y Valladolid, Sevilla, 1994, p.133











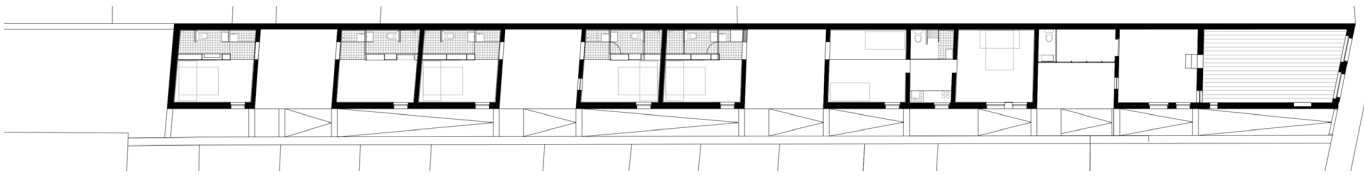


3.3|1 | **Ilha em S. Vítor, BERNARDO AMARAL ARQ + URB** 2013-15

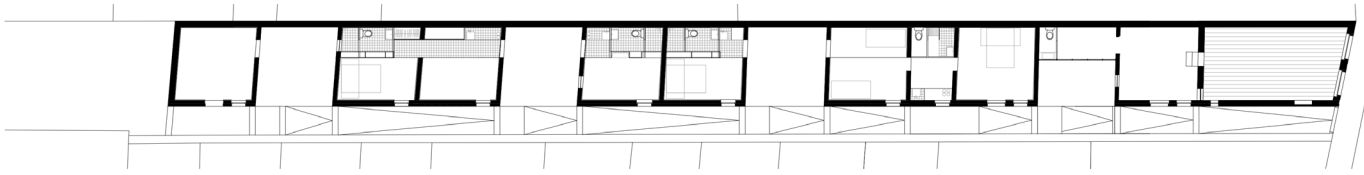
Dentro dos exemplos de reabilitação de 'ilhas' que se foi analisando ao longo da investigação, a intervenção nesta 'ilha' na Rua de São Vítor, realizada pelo atelier BAAU, reconheceu-se como a mais interessante em diversos aspectos.

Como postura base da reabilitação do conjunto, como tal, foi levada a cabo a supressão de três módulos em pátios e a introdução de claraboias para melhorar as condições de ventilação e insolação dos oito módulos mantidos, aproveitando paredes preexistentes. Sobre esta base foram propostas três variantes do mesmo projecto, em todas preservando-se a independência do fogo de frente de rua ao qual se aglutinaram os dois módulos seguintes em ampliação e pátio.

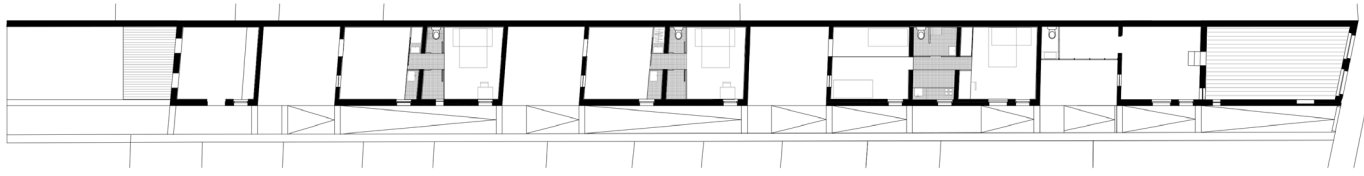
Ressalta-se a utilização de materiais de baixo custo, o reaproveitamento de portas e a crueza dos acabamentos e instalações técnicas e de infraestruturas assumindo uma intervenção económica e humilde, mas nem por isso descuidada, desafiando com destreza as concepções estéticas convencionais. Por outro lado, a integração das instalações sanitárias incitam novos modos de habitar, plausíveis perante a dimensão do fogo e do programa em questão, ora integrando o chuveiro na mesma divisão que a cozinha, ora integrando o lavatório ou a banheiro no quarto.



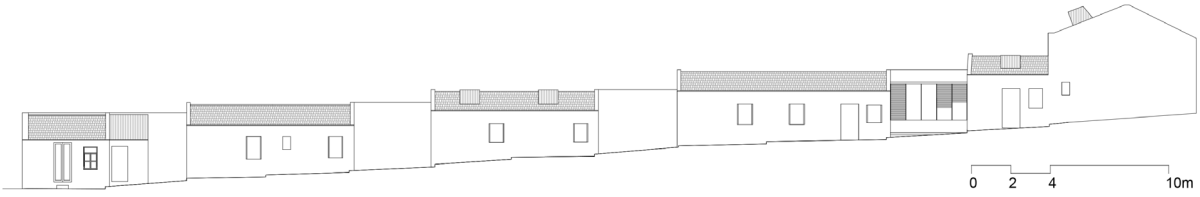
Cenário 0 "Artist residence - Sharing a patio" | Cinco módulos independentes e dois aglutinados, cada dois partilhando um pátio.



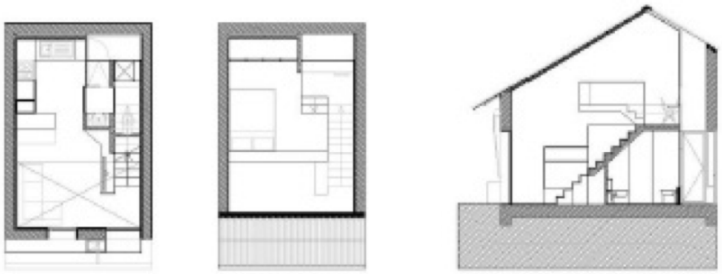
Cenário 1 "Artist residence - Studios 2+1" | Último módulo para programa indefinido e aglutinação dos dois módulos seguintes.



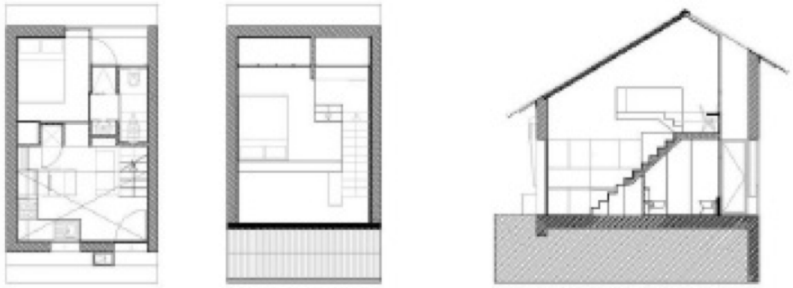
Cenário 2 "Artist residence - Studios houses" | Aglutinação dos módulos dois a dois, em três fogos.



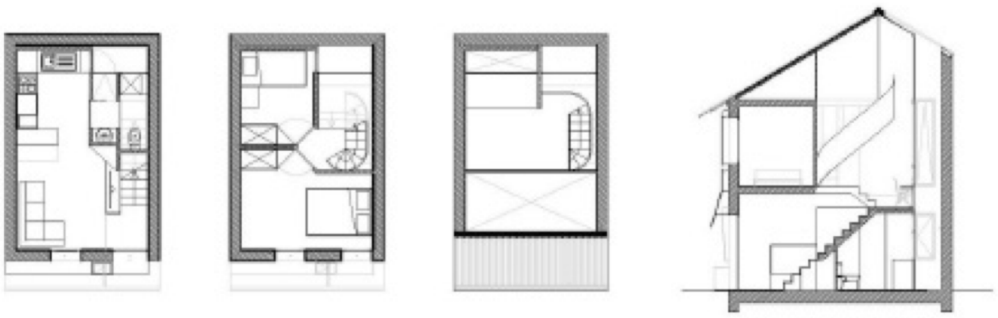
Alçado comum aos três Cenários



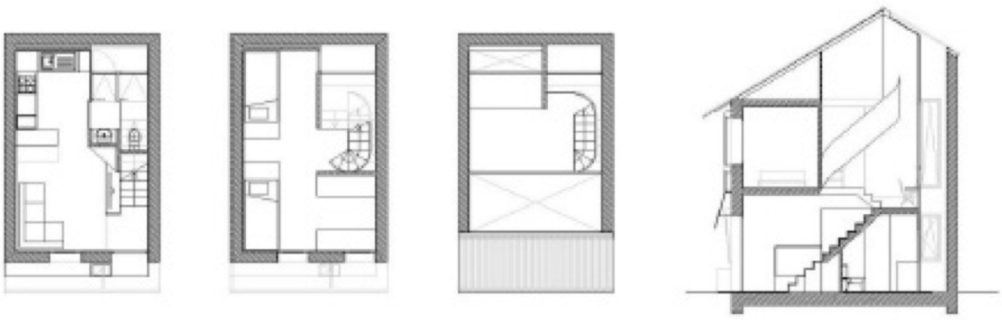
Tipologia B | Casa Mezzanine



Tipologia B | Casa Alcova



Tipologia A | Casa Colmeia



Tipologia A | Casa Camarata





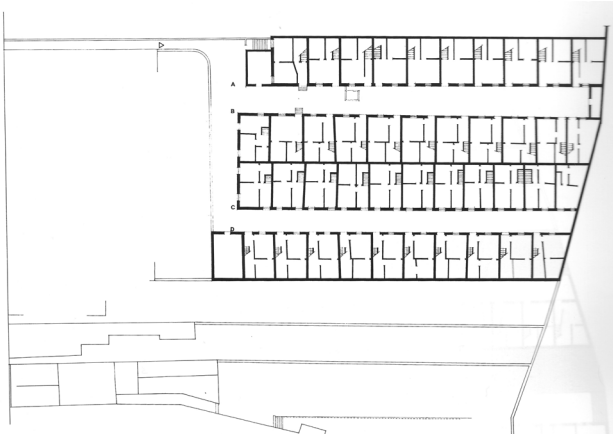
3.3|2 | **Ilha da Bela Vista, CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO** 2014-presente

Apresenta-se este projecto por ser a primeira intervenção municipal de reabilitação de 'ilhas', defendendo como propósito apontar a possibilidade de recuperação económica destas como habitações dignas e salubres, encorajando o investimento privado, como "uma experimentação que depois pode ser replicada"[114].

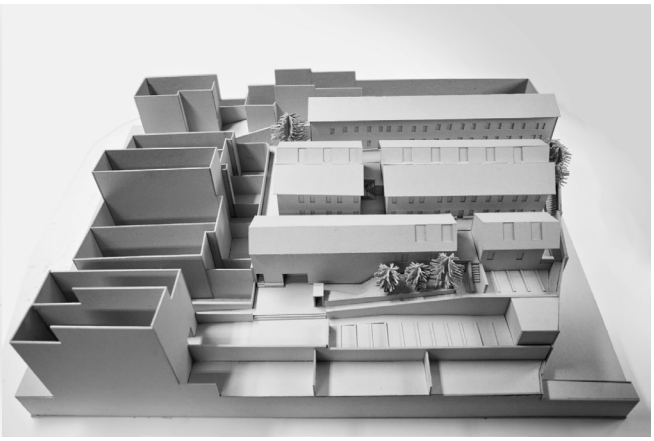
O projecto visa a transformação dos actuais 43 fogos em 30 casas de 2 a 3 pisos, "quatro praças, uma sala de convívio, outra para a associação de moradores, uma lavandaria"[115], suprimindo três módulos do conjunto para melhor circulação do ar, criando alternativas de passagem com "rampas para (...) moradores com dificuldades de locomoção. Um elevador. Novas entradas e saídas (…) e 20 hortas comunitárias"[116]. Visa-se a permanência dos actuais 13 moradores e o acolhimento dos "que saíram e gostariam de voltar"[117] e novos moradores, estudantes e turistas.

Para a organização interior dos fogos propõem-se quatro modelos, desde T0+1 em mezzanine ao T3. A inserção de um estreito saguão tardoz vem possibilitar a ventilação transversal do fogo e a iluminação da cozinha, instalações sanitárias, quartos e um patamar como zona de estudo.

Apresentam-se alguns aspectos discutíveis, como a presença excessiva dos estores exteriores, que poderiam ter encontrado uma solução mais subtil; os acabamentos interiores, em particular o do piso térreo, que pouco ou nada comunicam da materialidade original destas casas (contrariamente ao projecto analisado anteriormente); e questiona-se ainda a pertinência da mezzanine como quarto num programa familiar, com crianças, onde a susceptibilidade ao ruído é maior – questão esta que se anulará caso a mezzanine tenha a possibilidade de ser posteriormente fechada.

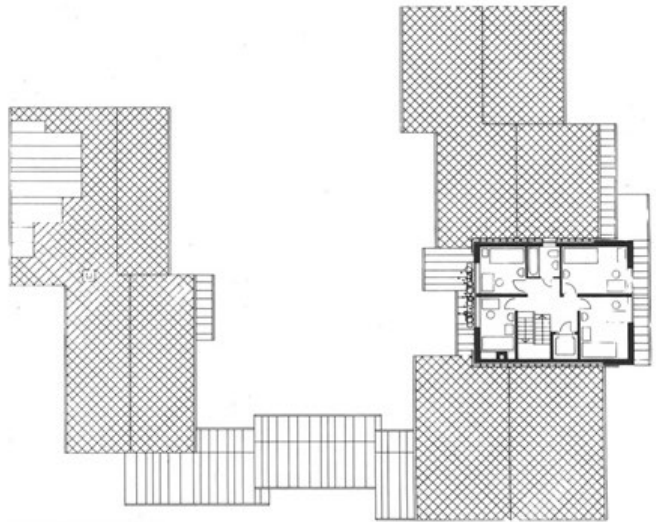


Planta original | escala original 1:500



Maquete da intervenção proposta

114 Rui Moreira citado em "*A ilha que vai mostrar que pode ser península*" JORNAL DE NOTÍCIAS, 5/7/2014
115 Idem
116 "*Cara nova para devolver a identidade de sempre*" PORTO 24, 24/9/2015
117 Rui Moreira, Op.Cit.



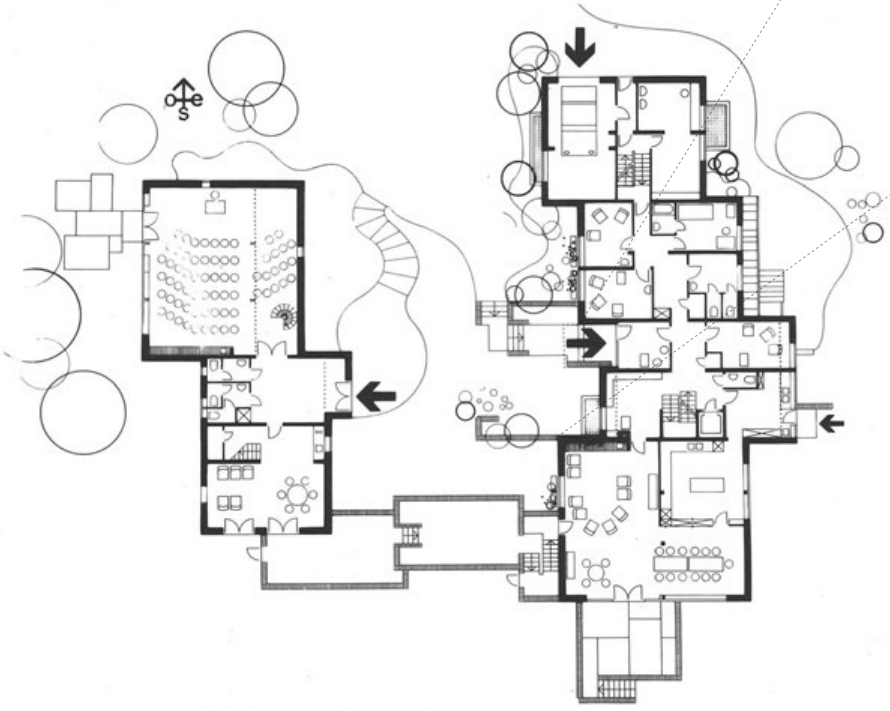
Plata do segundo piso



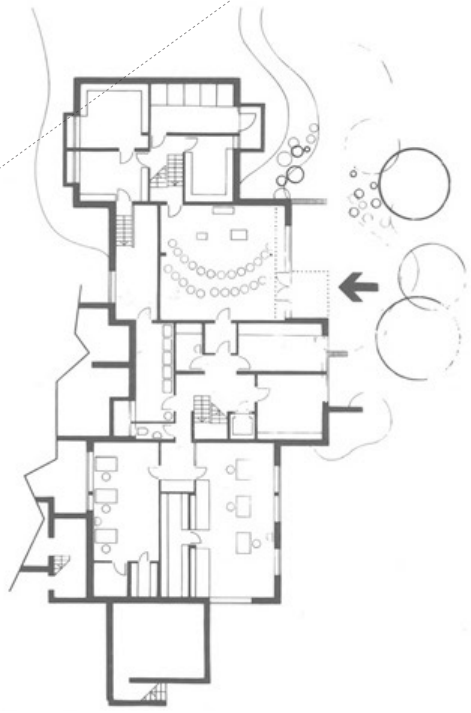
Plata do primeiro piso



Entrada do dormitório



Plata do piso térreo



Plata do piso -1

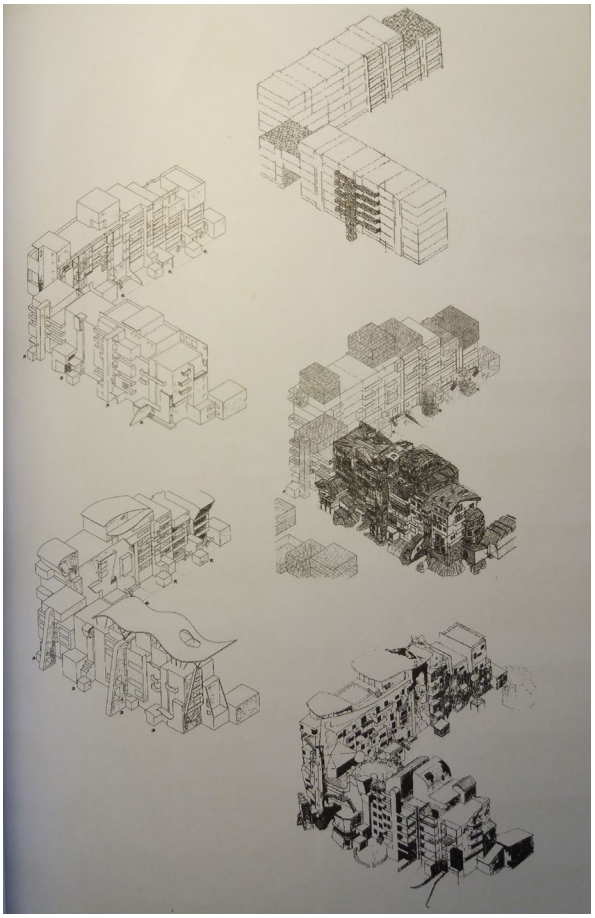
3.3|3 | **Convent for Dominican Sisters, SIMONE E LUCIEN KROLL** 1975

Os projectos e literatura de Lucien Kroll foram das principais referências para este trabalho. Este convento, em Ottignies, Bélgica, destacou-se como exemplo construído (1975) de um projecto de programa flexível. As freiras a quem a obra se destinava estavam cientes que o programa de convento se esgotaria mais tarde ou mais cedo, e portanto desejavam que o projecto possibilitasse a fragmentação do edifício em unidades que pudessem ser gradualmente autonomizadas, empregando nestas outros programas à medida que a comunidade conventual fosse diminuindo.

Conceberam-se então dois edifícios em torno de um jardim modesto, numa composição que favorecesse a vida comunitária e a coesão do conjunto, contrariando a imagem de soberania convencionalmente associada à tipologia de convento. Os volumes edificados conformaram-se a partir de uma métrica e disposição desfasada que possibilitasse a sua económica repartição em unidades a partir do emparedamento de respectivo vão e alterações mínimas, quando necessárias. Nas plantas apresentadas do convento, tal divisibilidade é distintamente reconhecível, sendo clara a possibilidade de adaptação a unidades de habitação autónomas.

Comment replacer l'architecture contemporaine dans l'évolution générale des mentalités et des tendances politiques vivantes ? Je ne veux pas qu'on la limite à des objets plus ou moins jolis, économiques ou photogéniques : mes propositions s'inscrivent dans un courant culturel (ou politique) visant tranquillement l'écologie. Elles contiennent mon refus fondamental de l'agressivité industrielle, ma culpabilité devant l'irrespect pour les autres cultures et pour les économies spontanées ou locales et mon ambition d'aider une société à démontrer ses complexités à travers son paysage urbain.[1]

Grande parte dos projectos do Atelier Kroll caracterizam-se pela intensão de transformação sucesiva do edifício, dando ao morador controlo na conformação do seu espaço, quer através do projecto participativo - como o icónico Quartier des Facultés Médicales à Woluwé-Bruxelles (1970-1975) - quer pela metamorfose do existente, como os exemplo de reabilitação de grandes blocos de habitação - como Béthoncourt, Montbéliard (França, 1990); Admiraalsplein, Dordrecht (Países Baixos, 1998); Berlin-Hellersdorf (Alemanha, 1994).



1 KROLL, Lucien; *"Tout est paysage"*, SENS & TONKA, 2012, contracapa

NOME DO BAIRRO: Arrábida
CONCELHO: Porto
DISTRITO: Porto
SERVIÇO: SAAL/NORTE
PROJECTO: Arqº. José Luís Carvalho Gomes, Arqº. Camilo Cortesão, Arqº. José Manuel Soares,
BRIGADA TÉCNICA: Miguel P. Vieira, José G. Corte Real e Romero Cunha

NOME DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES: Grupo Dramático e de Moradores Mocidade da Arrábida
INÍCIO DA OPERAÇÃO: Abril de 1975
CONSTITUITÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES: 76/05/08
150 Fogos e 133 Fogos a recuperar.
Não foi construído.

G.D.M.M.A.

"com a construção da Ponte da Arrábida, o espaço útil do Mocidade foi cerca de 50% encurtado e muita população desenraízada do local, o que fez com que fosse o primeiro passo para uma menor solidariedade, carências redobradas e a desertificação acabou também por se fazer notar no Grupo." – *in*"*Historial do Mocidade"*





Plenário de moradores
no Palácio de Cristal, 1975

"[E tiveram aí o SAAL, mas que acabou por não ser nada construído…] Ai aqui a gente até teve uma associação de moradores...! Mas sempre a procurar trabalho para eles e nada para nós! [Rita] ...queriam ocupar a casa de outros e as deles *(de Carolina e ex-vizinhos)*, que estavam vagas, não ocupavam (...). Tinha a garagem em baixo vazia e estava a querer f*der a casa dos outros. Esses não eram comunistas, eram comodistas! [Carolina] ... nunca fizeram nada pela Arrábida... A Arrábida consoante está, cada qual faz as suas obritas e é assim. (...) Mesmo a Junta de Freguesia, ainda agora chamamos (...), recebemos cartas, recebemos de tudo mas ninguém apareceu. Não vou votar por ninguém menina!"



Assembleia
de moradores
Maio 1976

3.3|4 | **O SAAL na Arrábida** 1975-76

> *…a acção das brigadas portuenses teve sempre implícita uma crítica em relação ao grande planeamento urbano de tradição moderna, apontando para* ***um novo tipo de urbanismo, adequado a uma nova cultura e uma nova era****: o plano constantemente aferido e alterado pela sua própria aplicação, o plano menos rígido, mais fragmentado, mais pragmático,* ***tendo em conta a conflituosidade de interesses que rege a cidade contemporânea****.*[118]

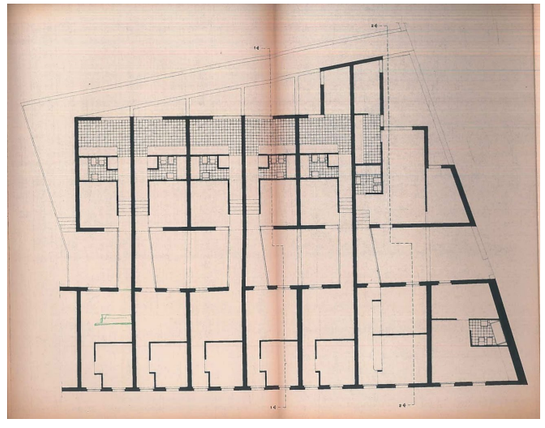
A intervenção no Lugar da Arrábida, assim como no restante Porto, tratava-se, "no essencial, de um processo de reconversão urbana"[119] ou seja, "não para expansão, mas para consolidação e ordenamento da cidade."[120]

Propunha-se tanto a recuperação como a ampliação de fogos preexistentes, delineando-se a área de expansão de acordo com as pretensões de extensão da Via Panorâmica Edgar Cardoso, bem como o reperfilamento da R. do Alto da Arrábida e da Tv. do Alto da Arrábida, e a pedido dos moradores, um projecto de raiz para o Colégio da Arrábida, inserido nos jardins de uma casa particular então desocupada (ver implantação na pág.140).

A associação de moradores então criada[121] está ainda hoje operativa na Rua da Arrábida nº190 1º, espaço partilhado desde 1936 com outras associações. A associação de moradores será dos poucos vestígios que o SAAL deixou na Arrábida. Para lá deste, apenas a revolta de uma esperança perdida.

Recuperação e ampliação de 7 casas:

"Construir-se-ia em primeiro lugar o corpo novo, no interior do lote, que seria dividido segundo o número de fogos pré-existentes e que lhes daria continuidade. Esta fase corresponderia ao volume de obra mais importante e demorado (construção de raíz com zonas de água e serviços). Após a sua conclusão e com a passagem dos moradores para este novo sector, efectuar-se-ia a recuperação das casas antigas e a respectiva ligação por várias galeiras."[122]



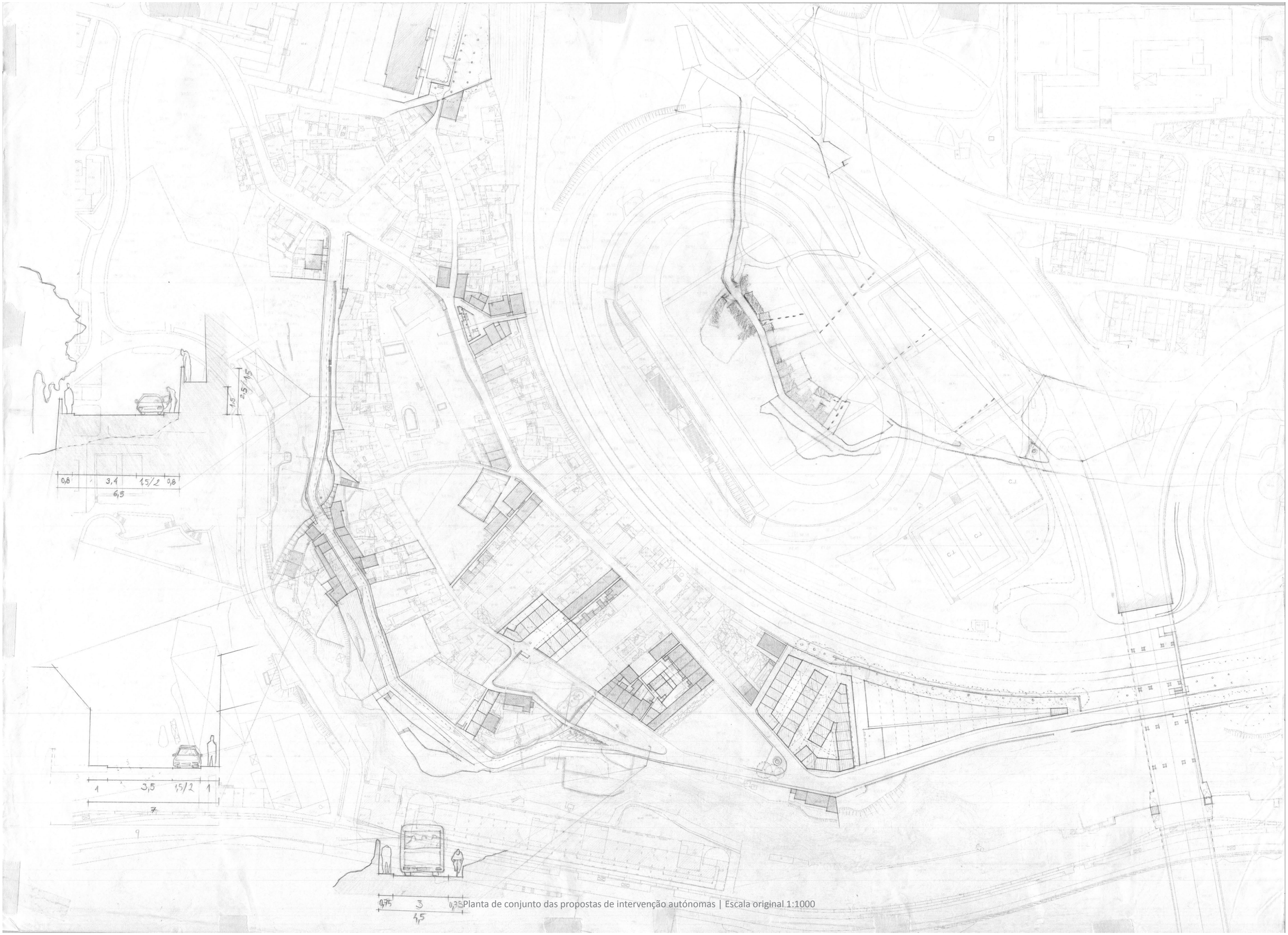
118 Alexandre Alves Costa *in* BANDEIRINHA, José António; "*O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976*", Porto, Serralves, 2014, p. 80

119 BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974"*, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Coimbra, 2011, p.247

120 Alexandre Alves Costa *in* Op.cit.

121 A partir do Grupo Dramático e Beneficente Mocidade D'Arrábida (fundado em 1915) alterando o seu estatuto para Grupo Dramático e de Moradores Mocidade da Arrábida.

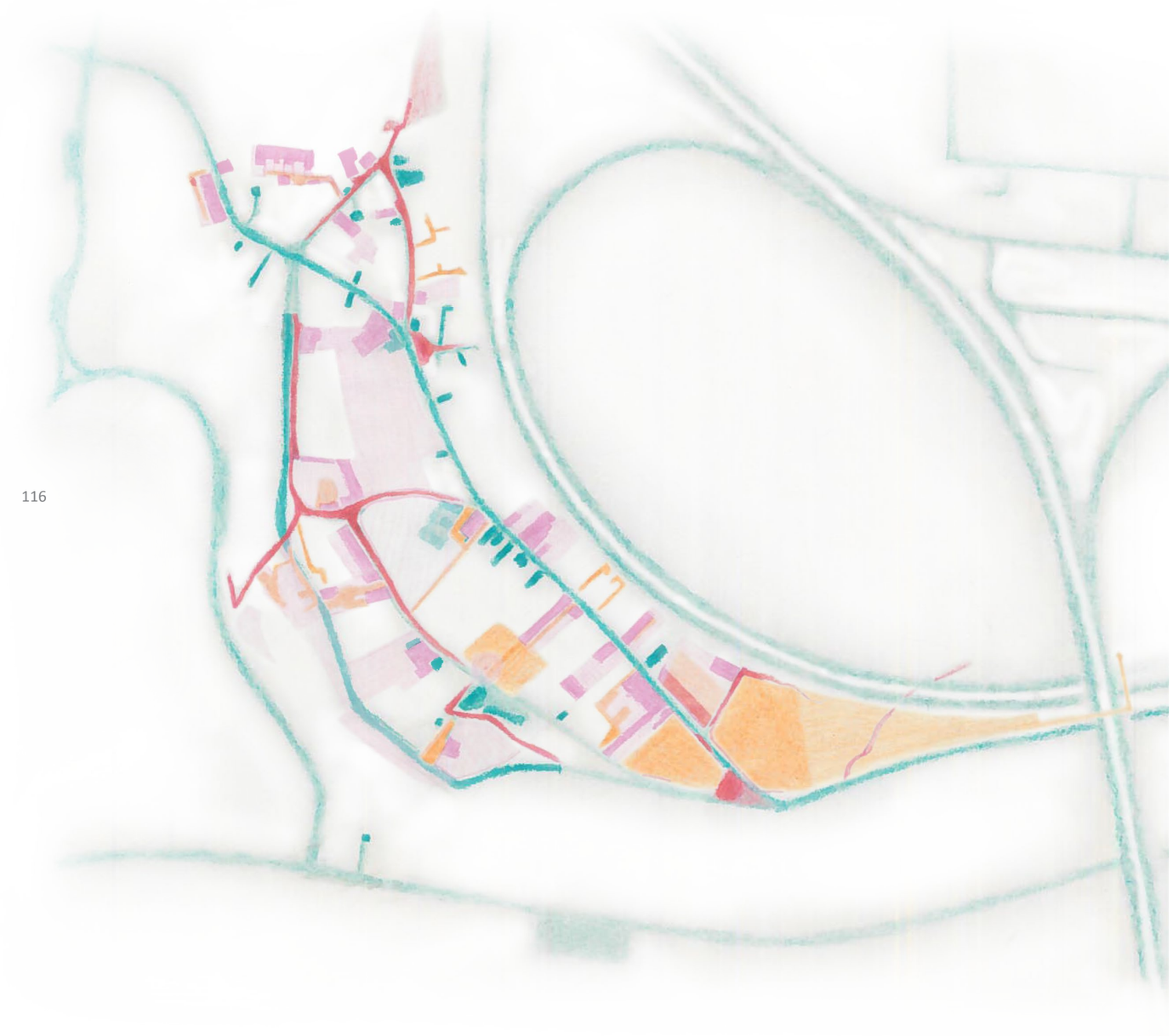
122 SOARES, José Manuel; "A*mpliação de 7 casas na Arrábida. SAAL. Abril 76*" *in* Portfolio do autor

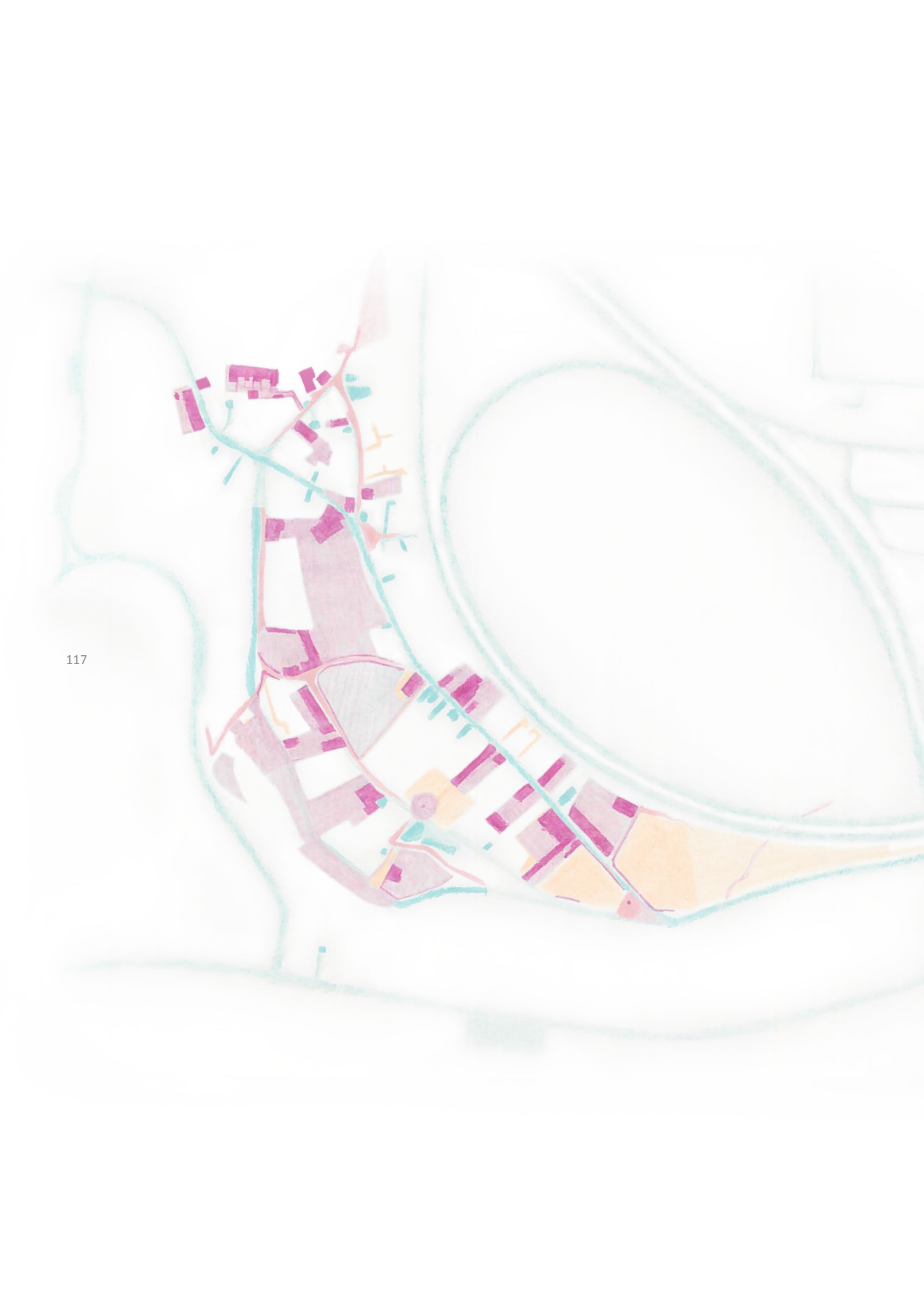


Planta de conjunto das propostas de intervenção autónomas | Escala original 1:1000

3 | PROJECÇÕES

Intervenções autónomas de um processo global





1 | **ARRÁBIDA ESTRATIFICADA:** velhas histórias, velhas leituras

Nesta terceira e última secção expõem-se os projectos experimentais que foram surgindo ao longo da investigação como meios de confrontação entre teoria e prática. Partindo de um processo conjunto de intervenções pontuais, de diferentes escalas, complexidade e aprofundamento, formaram-se dentro de quatro intensões-base de projecto que se intersectam e sobrepõem: Arrábida Estratificada, Intensidades de Vitalidades, Receptível ao Imprevisível e Porosidade na Densidade. Mais do que soluções, procuram-se perguntas.

[O que melhorar aqui na Arrábida?]

[Rita] *Tudo!*

[Carolina] *As casas menina!*

[Rita] Remodelar as casas!

[Carolina] Fazerem casas para os pobres!

[Rita] Fazerem um parque para crianças…

[Carolina] Um parque, sim senhora! Um infantário para as mães irem trabalhar e deixarem lá os filhos (...) para ir trabalhar, quase que nem ganham para aquilo que estão a pagar!

[Rita] Quem tiver duas mais vale a pena não ter!

[Carolina] E botarem aqui uma coisa para idosos que não há quem fique com eles! Estão a pagar aos mil euros para olharem por eles! Botassem aqui uma coisa melhor, não é só isto! (apontando para o Centro Social do outro lado da rua) *Aqui é só para comer!*

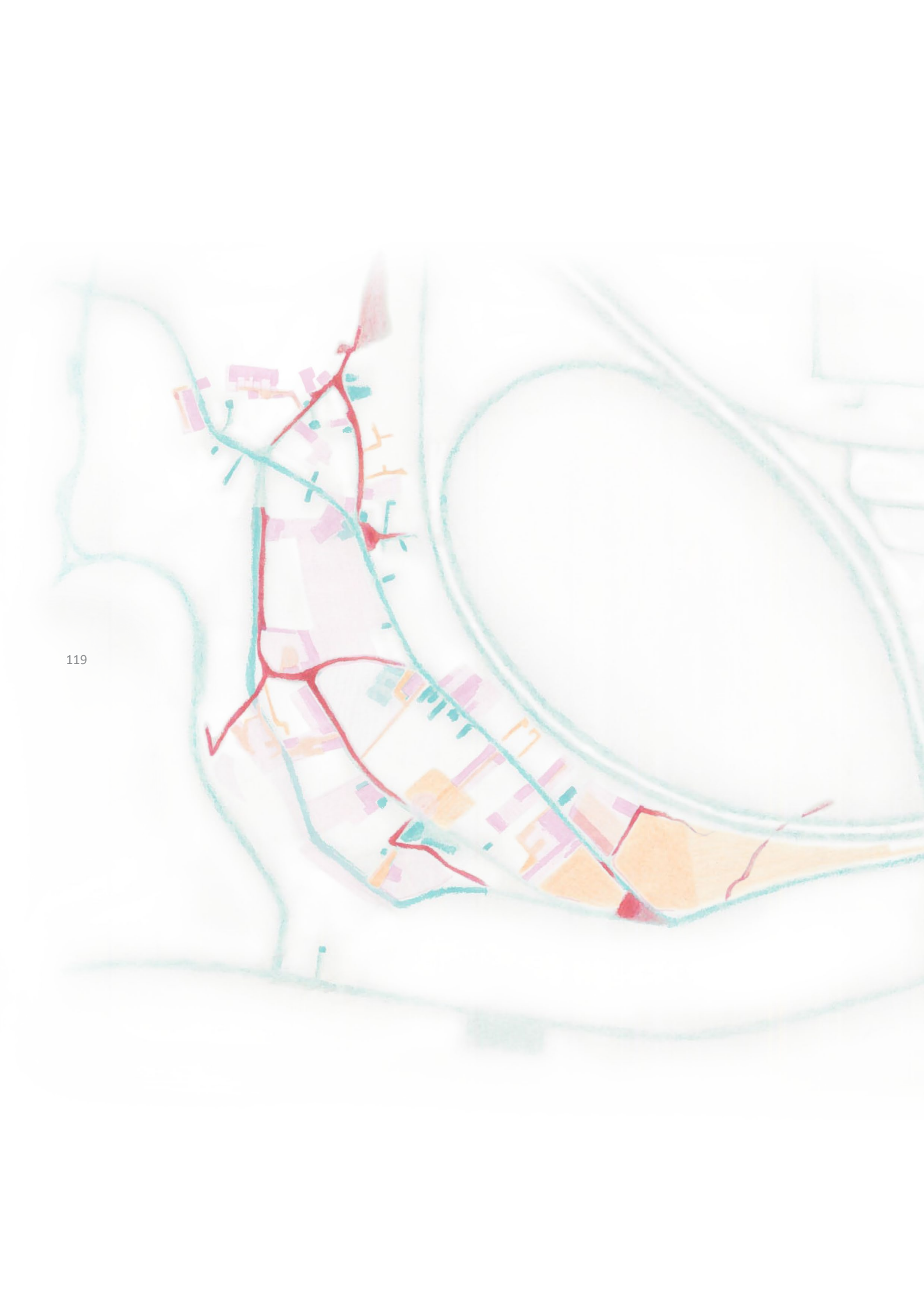
[Rita] Aqui é só até às 17 horas.

[Carolina] (…) E tem isto lá em cima para botar umas carninhas para estas pessoas que não têm quem olhe por elas! E vão para um lar e têm que dar aos 200 contos e ó menina não se pode! Um pobre não pode fazer isso! É, era isso que a gente queria melhorias, era assim realmente.









2 | **INTENSIDADES DE VITALIDADES:** velhas histórias, novas leituras

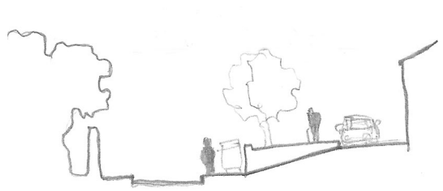
Uma das características mais particulares do Lugar da Arrábida é a coexistência de variáveis escalas de intensidade de vitalidade. Tal particularidade não se exprime apenas no enriquecimento narrativo e estético do lugar mas também na conformação de diferentes situações de conforto: desde a rua mais movimentada, a vielas mais intimistas, a largos de potencial repouso e convívio num enredo heterogéneo, oscilante entre vistas pontuais e panorâmicas em contraponto com a hospitalidade e interioridade da escala e proporção das suas ruas interiores.

Nesta diversidade de conformações geram-se não só diferentes circunstâncias de encontro e/ou passagem entre moradores e habitantes como o acolhimento espontâneo de espécies empáticas ao ser humano desde os primórdios da agricultura (ver fotografia na pág.122). Noutras palavras, geram-se condições para uma domesticidade autóctone. Posto isto, propõem-se intervenções pontuais na potencialização, complementação e (re)significação desta diversidade de intensidade de vitalidades.



Estudo das diferentes gradações de intimidade dos espaços públicos e privados-partilhados
(os espaços mais desempedidos não correspondem à preferência de estadia dos seus moradores)

2.1 | **Largo de Pinto Correia**



Observando a estrutura urbana do Lugar da Arrábida tudo indica que o Largo de Pinto Correia e, quando muito, o largo do fontanário seriam os espaços públicos privilegiados para o encontro. No entanto, observando directamente a vitalidade do lugar ao longo do dia e do ano, o convívio manifesta-se muito mais anárquico e espontâneo – através de janelas, varandas, degraus, soleiras, cruzamentos e circunstâncias – reflectindo-se o A.R.U.P.[139] como um núcleo no encontro dos seus moradores, transformando intermitentemente a atmosfera e domesticidade da Rua da Arrábida.

Em contraposição, no Largo de Pinto Correia não foi testemunhado durante todo o período da presente investigação qualquer uso de estadia, acabando este por servir apenas de acesso ao casario contíguo e respectivo estacionamento automóvel (ver fig.C, pág.137), apesar da sua boa manutenção e potencial.

(Em certa ocasião escolhi este sítio para aguardar um compromisso tendo encontrado apenas condições para repouso nos muros de suporte, dos quais só um se encontrava em sombra, ao meio-dia. O incómodo desta estadia forçada revelou o pouco que poderá estar em falta para que este largo se torne acolhedor.)



Largo de Pinto Correia
Fotografia anterior a 1975



Largo de Pinto Correia
Estado actual, 2016

139 Associação Recreativa União Portuense ou Associação Recreativa e Cultural da Arrábida: café e associação desportiva onde também têm lugar concertos e aniversários.

[Aqui as pessoas juntam-se para ir caminhar…] "Sim fazem, fazem. […e já vi que quando há futebol também se juntam aqui no ARUP.] Não é futebol…! Aquilo é uma colectividade que jogam as cartas e dominó, é só isso. Caminhadas, a umas poucas também ia. Dar a vooolta e vinha. [e as pessoas juntam-se por mais motivos?] Não aqui só se juntar na colectividade a beber um café ou a conversar."

(o Largo de Pinto Correia) *Era uma rua em que botavam lá carros, e tudo. Não tinha nada… E tinha um fontanário. Um fontanário igual a este. Deitaram tudo fora.*

[E costuma ir ali ao ARUP?] "Sim, e convivia com os que lá iam. [e costuma ir muita gente, é uma coisa geral no bairro? Ou é um grupo mais fechado?] (…) tem uma sala em baixo para os sócios. [Mas a cima pode ir qualquer pessoa?] Sim. Para baixo, jogar às cartaz, jogar à sueca e ver televisão, o futebol e essa coisa já tem que ser sócio. Agora, em cima pode ir qualquer pessoa.



Espaços calmos, como a Rua da Mocidade da Arrábida e a Travessa da Arrábida,
têm outro tipo de habitantes permanentes, alimentados pelos moradores

Procurou-se desenvolver uma peça de mobiliário urbano que fosse versátil nos motivos e modos de utilização – desde o jogo de cartas, à merenda ou ao convencional descanso – tirando simultaneamente partido do potencial paisagístico deste largo, ainda que sazonal e subtil, como gerador de motivos de interesse e permanência.





Exploraram-se possibilidades em altura - aumentando o campo visual do rio numa estrutura escalável que convida-se crianças e adultos a descobrir novos pontos de vista - e em extensão, incluíndo o uso convencional de banco e/ou mesa ao nível térreo para indivíduos com menor mobilidade.

Procurou-se ainda uma implantação que propiciasse uma estadia acolhedora e espaços de brincadeira entre e sob o mobiliário urbano.

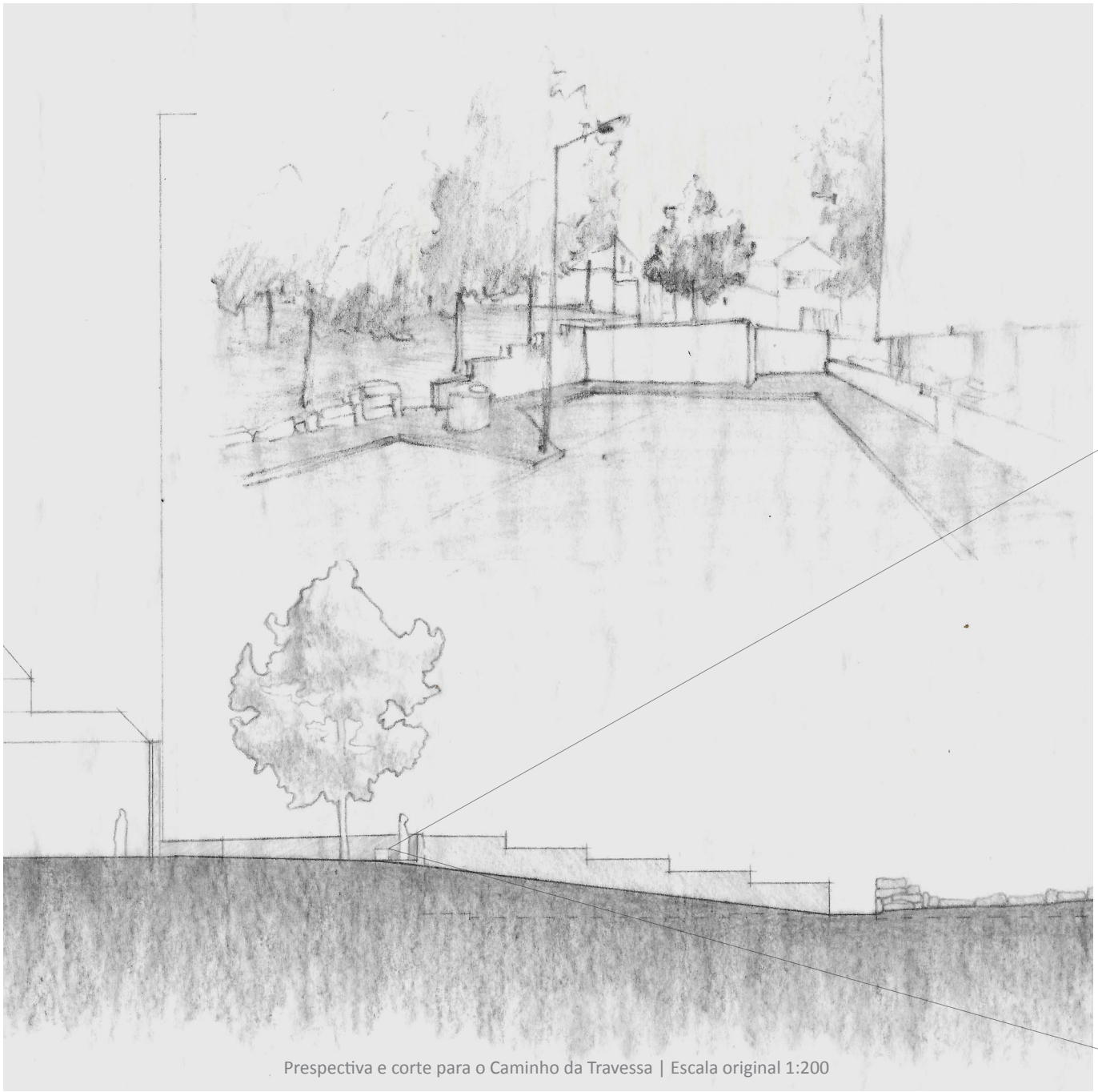
Estudos para peça de mobiliário urbano no Largo de Pinto Correia | Escala original 1:200 e 1:100



Implantação de duas peças de mobiliário urbano no Largo de Pinto Correia | Escala original 1:100



Planta para o Caminho da Travessa | Escala original 1:1000



Prespectiva e corte para o Caminho da Travessa | Escala original 1:200

2.2 | **Caminho da Travessa**

De modo a contrariar o isolamento deste lugar propõem-se a abertura de um caminho que facilite o acesso pedonal a Norte, qualificando em simultâneo parte do terreno[140] sobrante no confronto com o condomínio fechado na Rua Júlio Lourenço Pinto.

Tal intervenção consistiria no desmantelamento do portão existente no topo da Travessa da Arrábida, na demolição do respectivo entaipamento e na conformação do percurso até ao passeio: através da elevação do solo – de modo a proteger as raízes dos plátanos preexistentes – e respectivo calcetamento, de modo semelhante ao da Rua da Mocidade da Arrábida, para assim evitar o deslizamento de terras.

Este caminho facilitaria ainda o estacionamento próximo aos moradores na Travessa da Arrábida a partir da Rua Júlio Lourenço Pinto.

Como complemento, poder-se-ia implantar um banco à sombra do acer preexistente como ponto de estadia ou espera por boleia.







Rua da Mocidade da Arrábida

140 Ver ANEXOS pág.49









A | Rua da Mocidade da Arrábida






B | Rua da Arrábida




C, **D** | Rua Alto da Arrábida




E | Rua do Alto da Arrábida





F |Via Panorâmica Edgar Cardoso (aquando o Red Bull Air Race 2017)

2.3 | **Escarpa-Miradouro**

A abertura paisagística no Lugar da Arrábida manifesta-se pontual e expressivamente ora por *janelas* ora por *varandas*, privadas e/ou públicas, desenhadas ou apagadas ao longo do tempo. Reconhece-se nesta relação com a paisagem um dos argumentos fortes na defesa do lugar pelos seus moradores e no desejo de permanência, mesmo quando insatisfeitos com as suas casas. Noutras palavras, como hospitalidade na adversidade.

> *Porque ao fim e ao cabo tiraram-nos o que aqui as casas tinham de melhor que era a paisagem. As casas são centenárias (...) e perderam toda a qualidade*[135]

Para além da significação do lugar para os seus moradores é também convite para novos habitantes, quer permanentes, quer temporários, quer apenas de visita passageira. No entanto, a exploração deste potencial paisagístico-comercial levanta questões sobre as consequências que poderão ser reflectidas na manutenção coerente e socialmente justa da evolução do Lugar da Arrábida assim como da sua vitalidade doméstica própria.

Uma percentagem considerável do edificado no Lugar da Arrábida tem uma abertura paisagística privilegiada - ou possibilidade de a ter - quer a partir do interior do fogo quer a partir do logradouro, pátio ou terraço. No entanto reconhece-se que para muitos tal deslumbre só é possível a partir do espaço público.

Neste contexto procurou-se perceber como se articulam estes pontos e panoramas visuais públicos, como poderão persistir ou não a par da consolidação urbana deste lugar e como poderão vir a incitar novos projectos.

Os pontos de vista com maior abertura situam-se na Rua do Alto da Arrábida no, entanto ao longo do desenvolver da presente dissertação, não foi testemunhado o seu usufruto público. Tal poderá ser devido ao carácter ermo desta envolvente.

Curiosamente, o ponto de vista mais usufruído é também o mais informal. Após a demolição do conjunto 'As Varandas'[136] na Rua da Arrábida, manteve-se parte das suas fachadas como guarda. Foi no entaipamento parcial da entrada para o logradouro comum que antes tinha ali lugar que se gerou um miradouro espontâneo: um degrau preexistente, um entaipamento circunstancial, um miradouro.

135 Depoimento de moradora do Bairro da Rua da Granja de Lordelo aquando a construção de blocos residenciais ladeando o bairro a Sudoeste; "*Aqui jaz bairro centenário enterrado por projecto milionário*", REPORTAGEM SIC, 11/07/2007

136 Ver ANEXOS pág.23

...eu não concordo muito com isso das árvores. Aqui mesmo em frente (na Rua Mocidade da Arrábida) costumava ter uma vista panorâmica, e desde que puseram essas árvores aí já não dá para ver nada. Ficou tudo tapado.

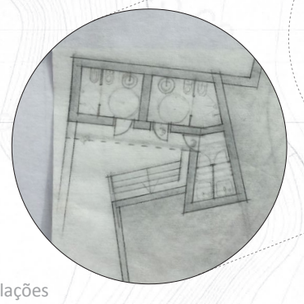
[Carolina] *... eu vejo tudo! Tanto vejo para a Afurada...*

[Aurora] *Eu também se vier ao quintal vejo tudo!*

*...quando vi os aviões (*Red Bull AirRace) *se estivesse tudo rapadinho por ali abaixo... Estava TANTA gente, menina, aqui* (na Via Panorâmica)*...! (...) até ao terminar da bouça era só gente! E aqui mais ó para a frente não pararam porque está tudo cheio de ervas, como nós estamos ali atrás (nos quintais), que até cobras ali o Sr. Aníbal apanha (...). Já apanhou cinco!*



Cortes transversais para o Miradouro da Escarpa | escala original 1:200



Instalações
sanitárias públicas
e de apoio a sem-abrigo e caravanistas. A sua divisão em dois módulos idênticos propõem-se, não como separação de géneros mas como princípio defensor da higiene do espaço público, diferenciando entre utilização gratuita e paga. Esta distinção vem possibilitar a livre escolha entre pagar pelo acesso a sanitários menos frequentados (e portanto mais limpos) ou ter acesso livre a sanitários mais frequentados.

Havia São João, lá de baixo até lá em cima, tudo enfeitado! Era muito linda a Arrábida. (...) Agora não se faz, aqui não. [só dentro da casa de cada um?] Não, é que as Juntas uniram-se, Massarelos com Lordelo, e fazem ali no Calém (Largo António Calém). *Agora aqui já não há nada.*

Planta para o Miradouro da Escarpa | Escala original 1:200

Plataforma à cota alta

Plataforma calcetada, com árvores de fruto

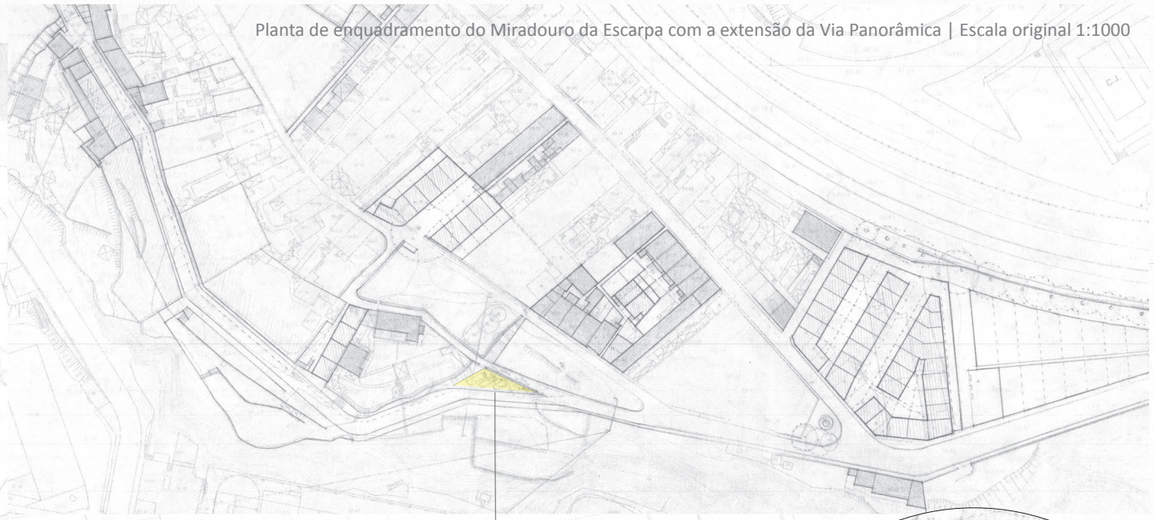
Plataforma apta a merendas

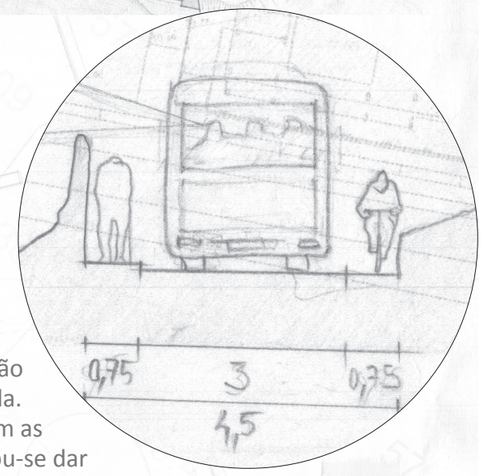
Plataforma para grandes ajuntamentos

ACESSO PÚBLICO/PRIVADO (ver pág.156)

Parque de caravanismo

Planta de enquadramento do Miradouro da Escarpa com a extensão da Via Panorâmica | Escala original 1:1000





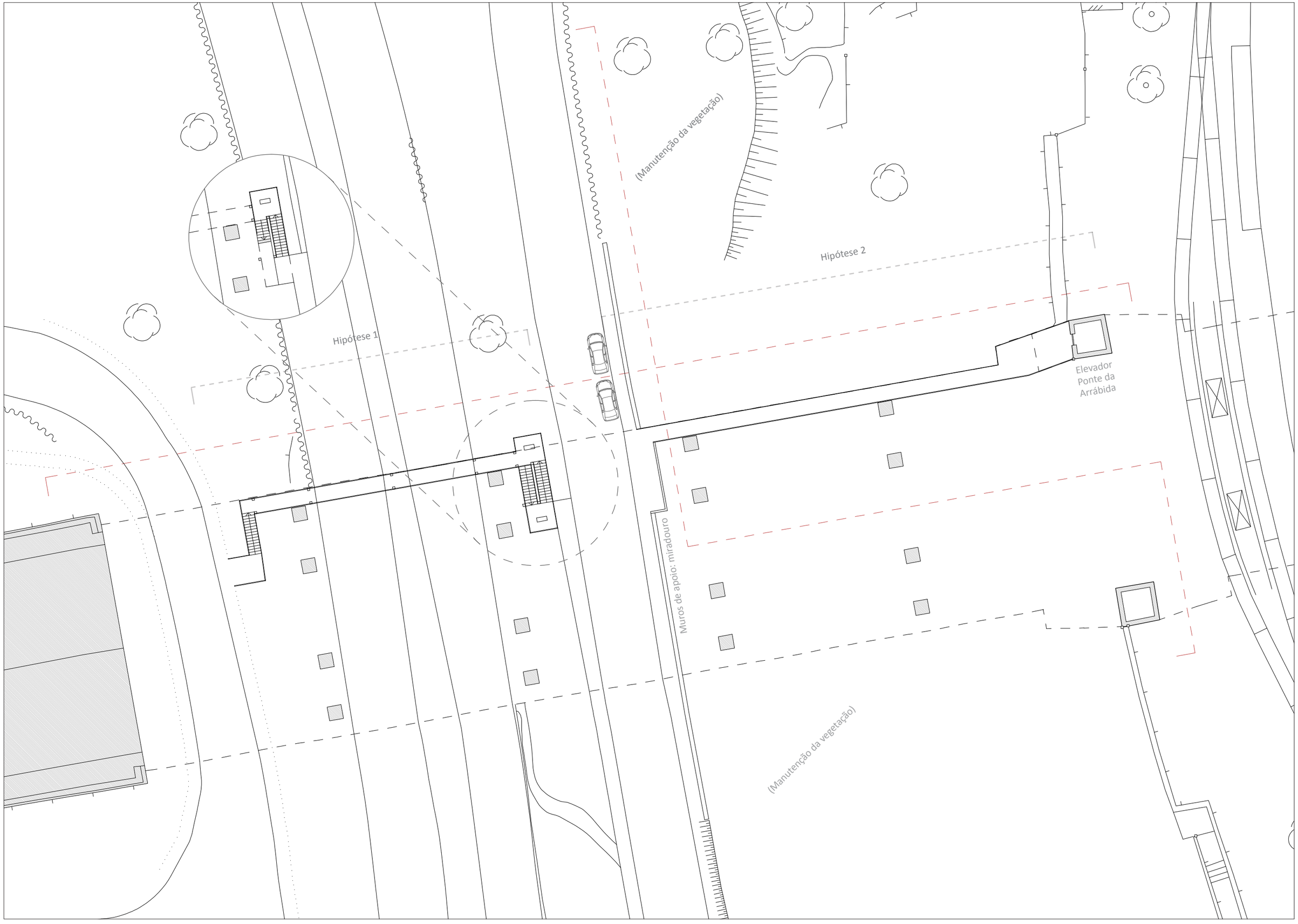
Na procura de perceber as potencialidades da escarpa na conciliação entre o seu estatuto de Estrutura Ecológica Municipal e o seu aproveitamento humano, surgiu o projecto para um miradouro na escarpa.

Se em tempos o largo do fontanário foi um espaço de encontro e celebração, após o desalojamento dos moradores do casario[137] envolvente e respectiva demolição tal deixou de suceder. Desde então que festas como o São João deixaram de ser celebradas no Lugar da Arrábida. Estando o futuro deste largo comprometido com as futuras construções na sua envolvente, procurou-se dar resposta a esta ausência noutros horizontes.

Neste contexto propõem-se o aproveitamento da topografia actual[138] para a conformação de um miradouro em quatro plataformas – três das quais preexistentes – conformando diferentes gradações entre acolhimento e exposição, todos acessíveis por rampa. Para além das pontuais festas do bairro, seria no quotidiano espaço de recreio, repouso e passeio de animais, com vista até ao Cais de Gaia numa panorâmica de mais de 180º de montante a jusante.

Na conformação do seu acesso principal – o qual dependeria de uma intervenção mais determinante na topografia – propõem-se ainda uma pequena área para caravanismo complementada por instalações sanitárias com chuveiro no extremo oposto do miradouro.

137 Ver ANEXOS págs.23-26
138 Ver ANEXOS pág.53-55



Implantação para atravessamento pedonal da VCI | escala 1:500

2.4 |**Ponte-Miradouro**

Perante as sugestões levantadas pelos percursos informais existentes[150] levou-se a cabo a sua formalização experimental de modo a tornar este trajecto não só mais seguro como também acessível a indivíduos com menor mobilidade ou carregados.

Para tal apresentam-se duas propostas de pontes pedonais – independentes mas de coexistência compatível – abrigadas sob a Ponte da Arrábida, tendo a segunda a possibilidade de acesso a um dos seus elevadores – actualmente inactivos. Tal intervenção permitiria a acessibilidade da Via Panorâmica a Norte assim como à cota ribeirinha e à Ponte da Arrábida – a partir da qual se poderia aceder ao Campo Alegre ou a Gaia, quer a pé, de bicicleta, com carrinho de bebé ou cadeira de rodas.

A hipótese 1 apresenta-se tanto como alternativa estruturalmente mais económica como tecnicamente mais fácil, inclusive por não necessitar da reabilitação do elevador da Ponte da Arrábida.

Esta hipótese tem ainda a mais-valia de integrar pequenos miradouros nos patamares das escadas a Sul, onde quem cansado ou carregado possa retomar o fôlego depois de as subir. No entanto não é a melhor resposta para quem, por exemplo, quer atravessar a VCI de bicicleta – que actualmente acontece com bastante frequência.



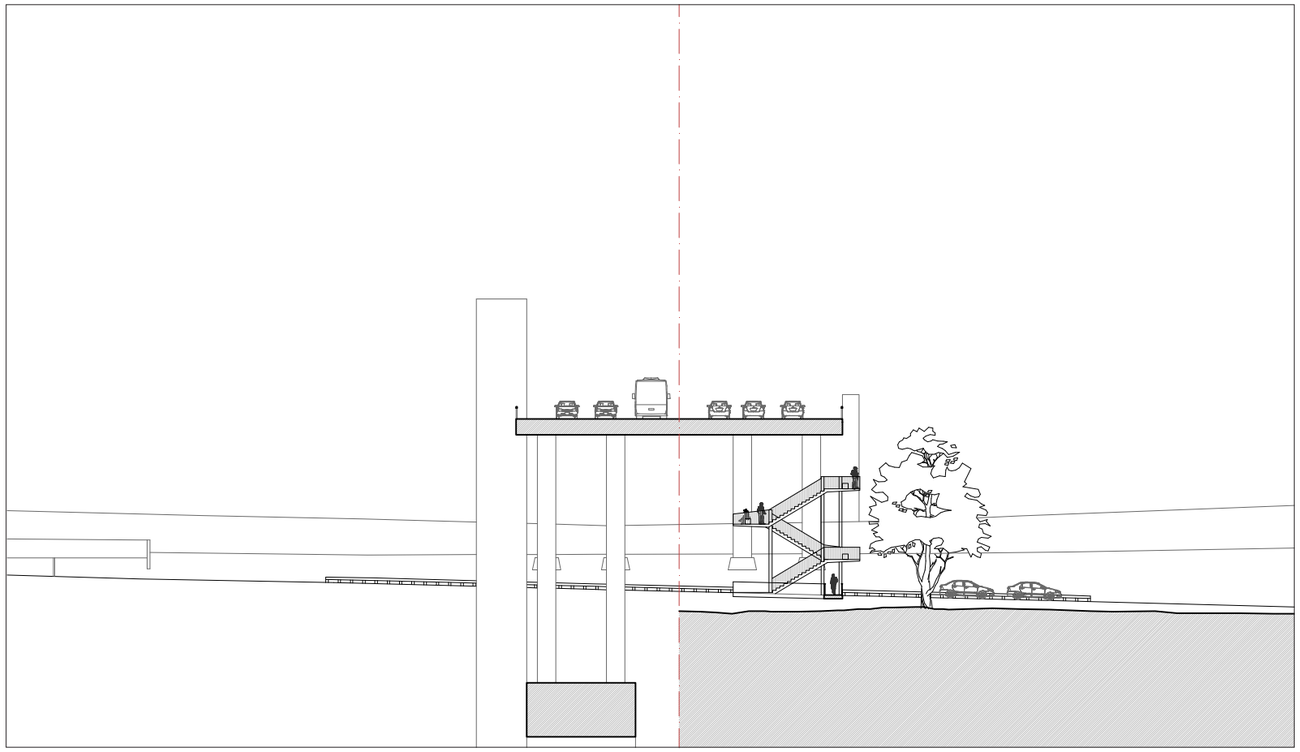


Percursos informais na envolvente Norte

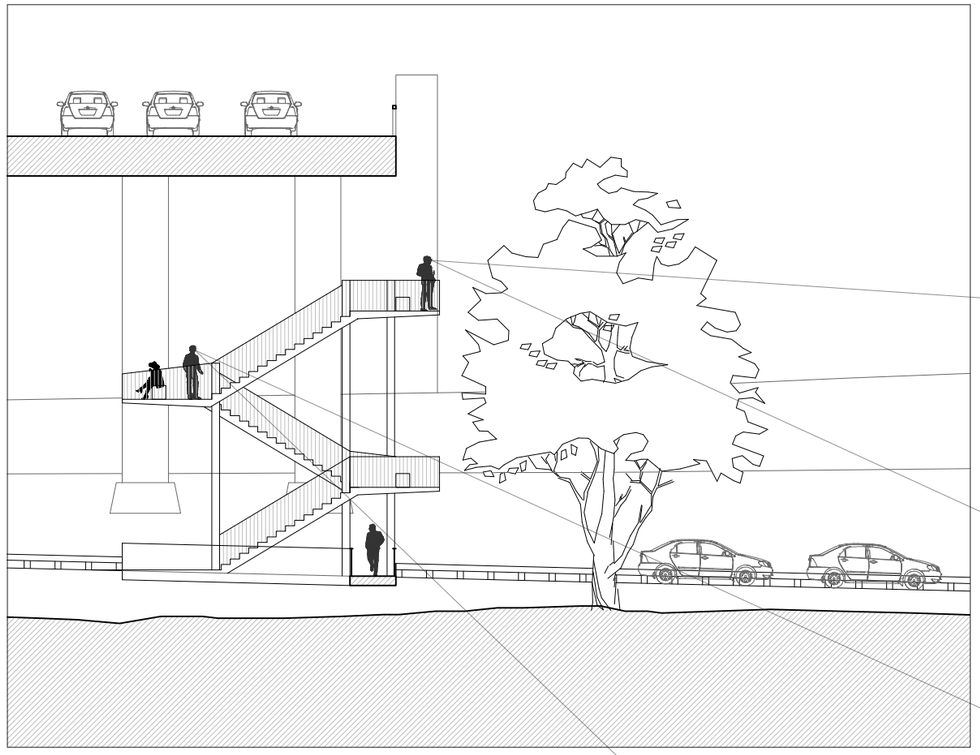
150 Rever pág.62



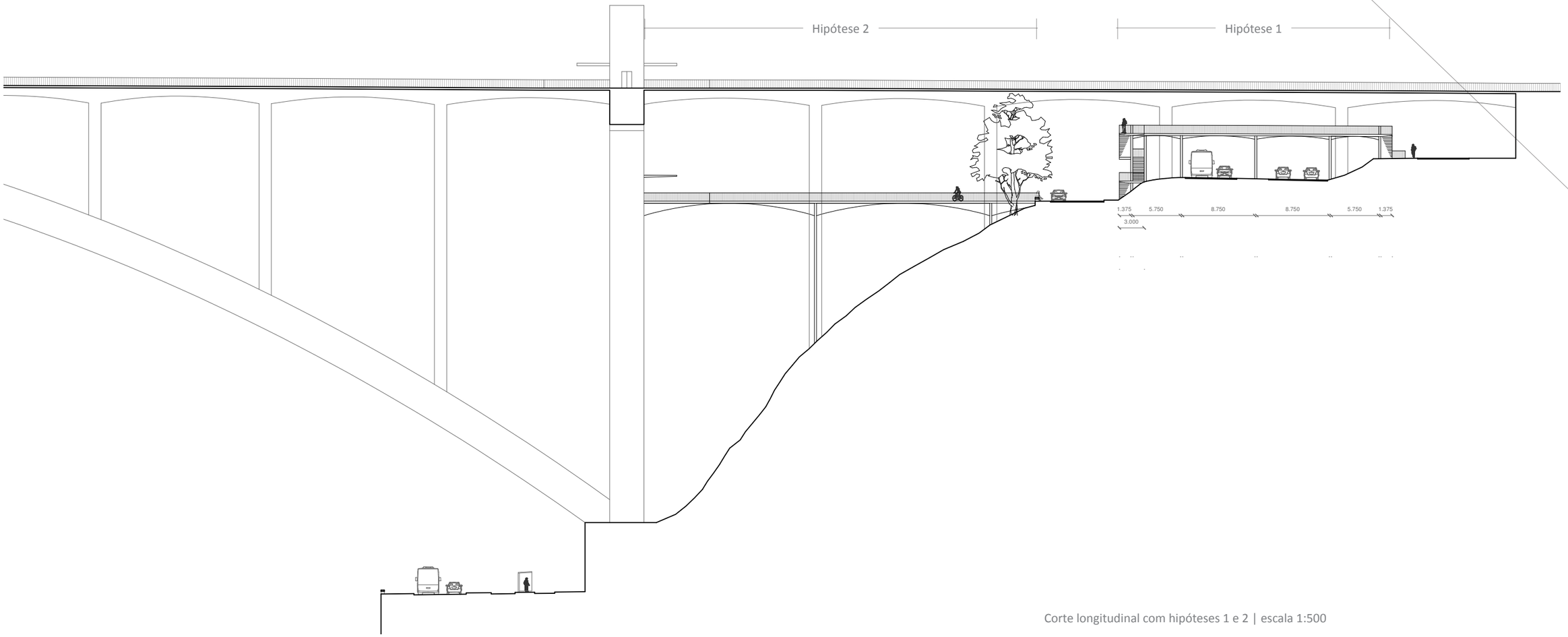
Hipótese 1 para o atravessamento pedonal da VCI



Corte transversal de enquadramento da hipótese 1 | escala 1:500



Corte transversal da hipótese 1 | escala 1:200

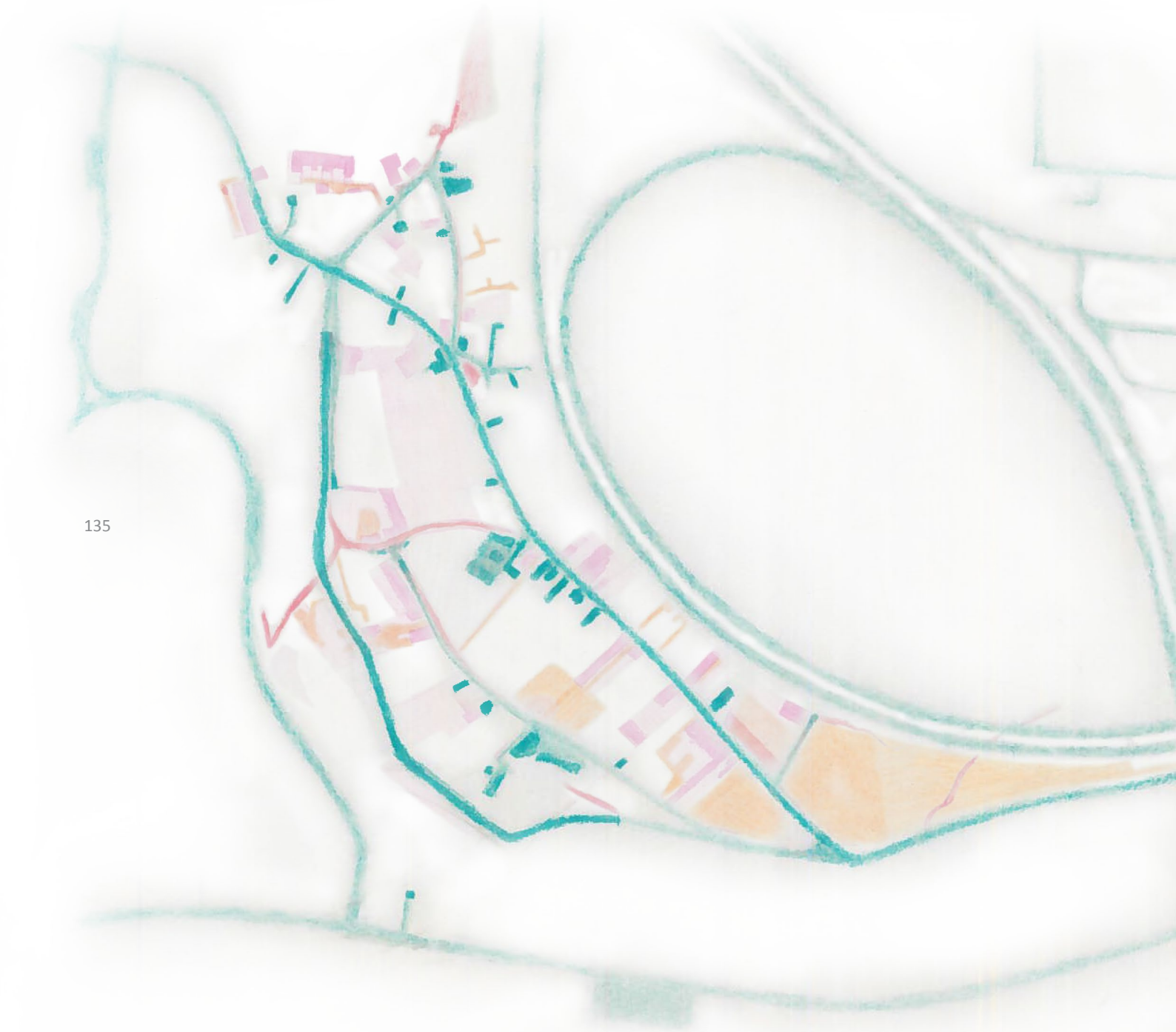


Corte longitudinal com hipóteses 1 e 2 | escala 1:500





Vistas do Douro a partir da Hipótese 1



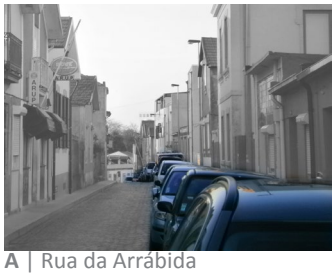
3 | **RECEPTÍVEL AO IMPREVISÍVEL:** novas histórias, novas leituras

> *Accepter l'état actuel des choses, et penser que les habitants, ayant expérimenté cette erreur, seraient à même d'améliorer l'architecture, qu'ils ont vécue. C'est vraiment l'exemple d'une démarche démocratique et expérimentale:* ***assurer la continuité de l'histoire par la transformation d'une architecture coercive****.*[141]

Quer em projecto quer no quotidiano, a habilidade de se ser e estar receptível ao imprevisível traz mais-valias na conciliação entre situações presentes e/ou passadas com o futuro. No Lugar da Arrábida tal reflecte-se de modo particular na adaptação da sua estrutura rural persistente à integração do automóvel. Neste sentido, os projectos apresentados neste segundo fascículo procuram entender e questionar como poderá a dependência automóvel neste lugar isolado vir a transforma-lo, adaptar-se a ele ou ser contrariada com outras alternativas.

141 Lucien Kroll *in "Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013, p.323





A | Rua da Arrábida



B | Rua da Arrábida



C | Largo Pinto Correia



D | Rua da Mocidade da Arrábida



E | Rua Carvalho Barbosa



F | Travessa da Arrábida



G | Rua do Alto da Arrábida



H | Rua Alto da Arrábida

Estudo da capacidade de estacionamento | escala original 1:1000

3.1 | Estacionamento automóvel

Na carta apresentada foi reunida e sintetizada a informação apreendida ao longo da investigação sobre a utilização do automóvel no Lugar da Arrábida. Observando ao longo do dia os movimentos pendulares juntamente com declarações de moradores concluiu-se que – contrariamente às espectativas – não se mostra problemático estacionar perto de casa.

A adaptação deste lugar ao automóvel veio a manifestar-se de diferentes modos: desde o já referido reperfilamento da Rua da Arrábida[142] – única intervensão formal para melhorar a acessibilidade – à conversão informal do campo de frutas abandonado na Rua Alto da Arrábida num descampado[143] para estacionamento, à abdicação do piso térreo para construir garagens privadas.

Ressalta-se o referido descampado apropriado como estacionamento público (ver fig.H, pág.137). Reconhece-se o valor do seu uso actual, particularmente para os moradores da Rua do Alto da Arrábida, todavia o PDM classifica-o como área a consolidar[144] – assim como a brigada do SAAL o propôs como zona de expansão[145]. Toma-se como postura mais pertinente a sua manutenção como espaço público adaptável às necessidades dos seus moradores ao longo do tempo, podendo com alguma criatividade e espontaneidade vir a tornar-se um miradouro. A qualidade de uso deste terreno estará certamente condicionada pela edificação que poderá ser erguida na sua envolvente. A sua edificação poderá vir a corromper o actual equilíbrio desta rua, ao impossibilitar o estacionamento público onde nem todas as casas têm possibilidade de ter garagem.

No entanto não é na dependência automóvel que se prevê uma equilibrada evolução deste lugar, pois apesar de actualmente o Lugar da Arrábida suportar o estacionamento dos veículos dos seus moradores, tal poderá vir a esgotar-se perante a acomodação de novos moradores e/ou a sua consolidação urbana.

Neste sentido, de modo a contrabalançar a necessidade e dependência automóvel neste lugar isolado, vê-se como resposta gritante a melhor gestão e eficiência dos transportes públicos[146] retomando por enquanto a circulação mais frequente e pontual de autocarros de menor porte.

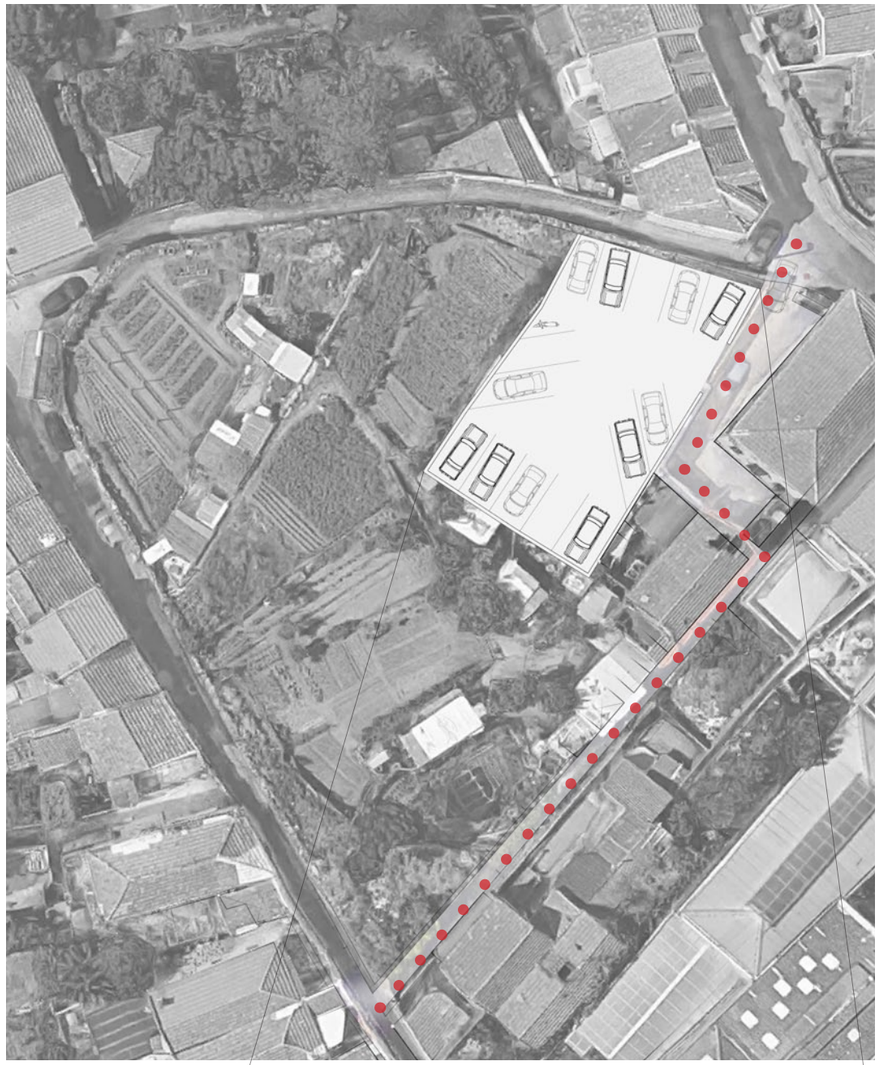
142 Rever pág.28
143 Ver ANEXOS pág.29
144 Cft. pág.30
145 Cft. pág.113
146 Rever pág.48

3.2 | Travessa da Mercearia

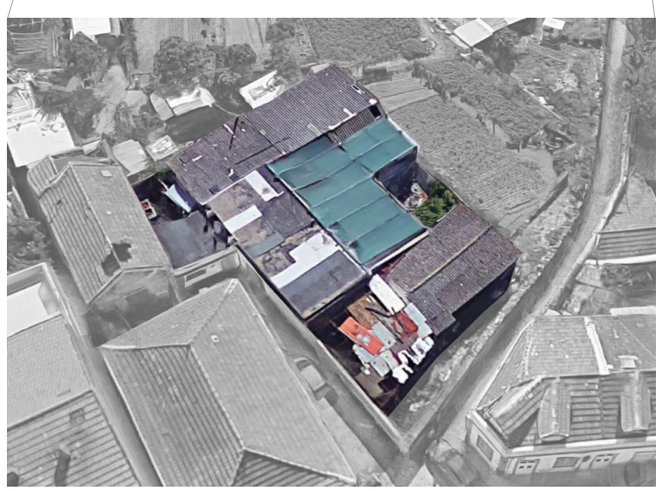
Na hipótese de virem a ser realmente necessários mais lugares de estacionamento, sugere-se a colaboração privada no aproveitamento de um terreno devoluto na Rua da Arrábida – actualmente ocupado pelas ruínas de uma carpintaria abandonada[147].

Tal intervenção consistiria na demolição das estruturas existentes e alargamento da sua entrada lateral. Caso o proprietário não estivesse interessado em gerir tal empreendimento e respectivo aluguer, levantam-se as hipóteses de angariação de fundos dos interessados como auxílio nos custos da intervenção ou o acordo de venda deste terreno para a Associação de Moradores.

Poder-se-ia assim consolidar a defesa da reactivação do caminho de servidão[148] reestabelecendo a comunicação entre a mercearia e a Rua do Alto da Arrábida.

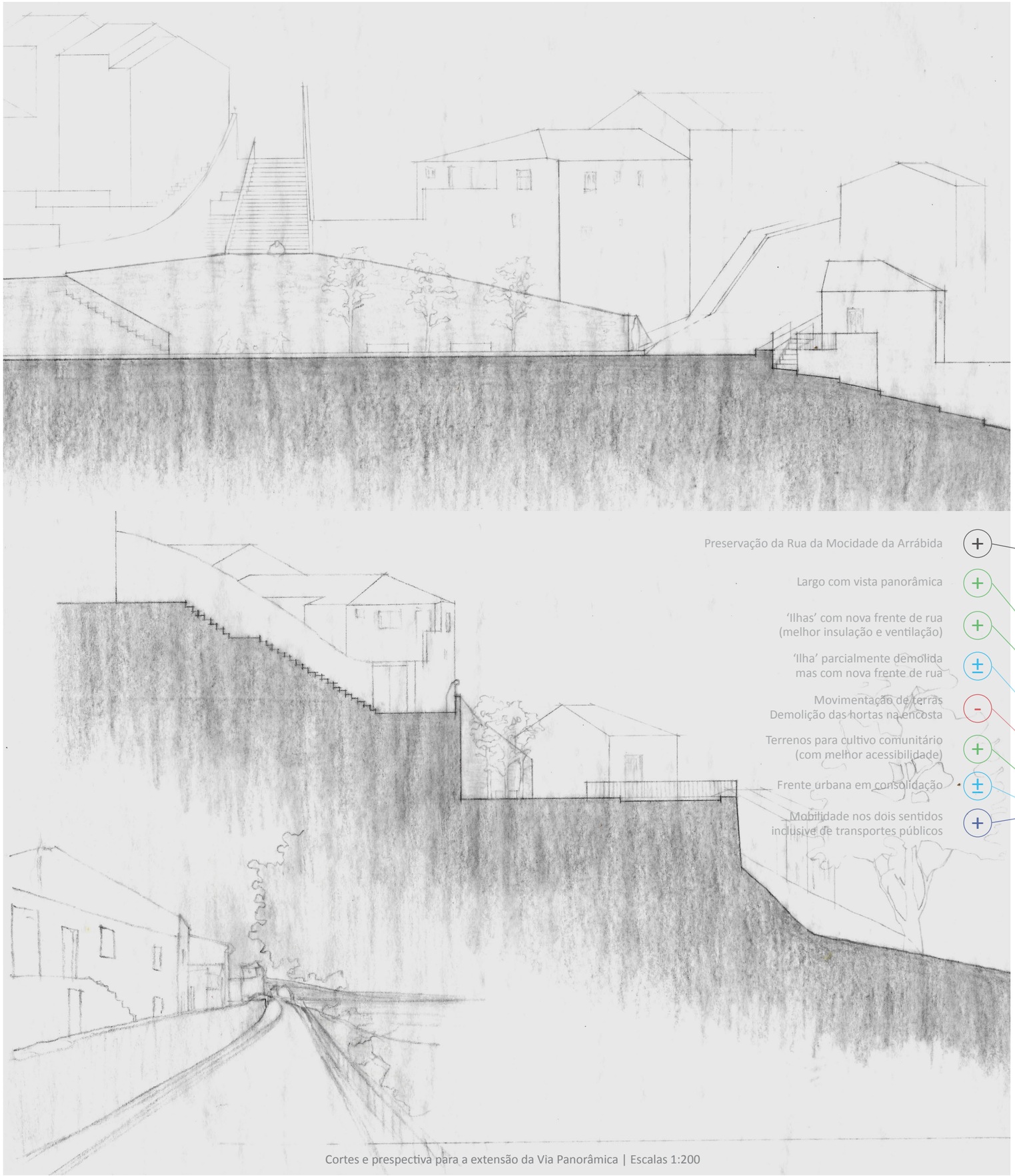


Proposta temporária como lote de estacionamento | escala original 1:500



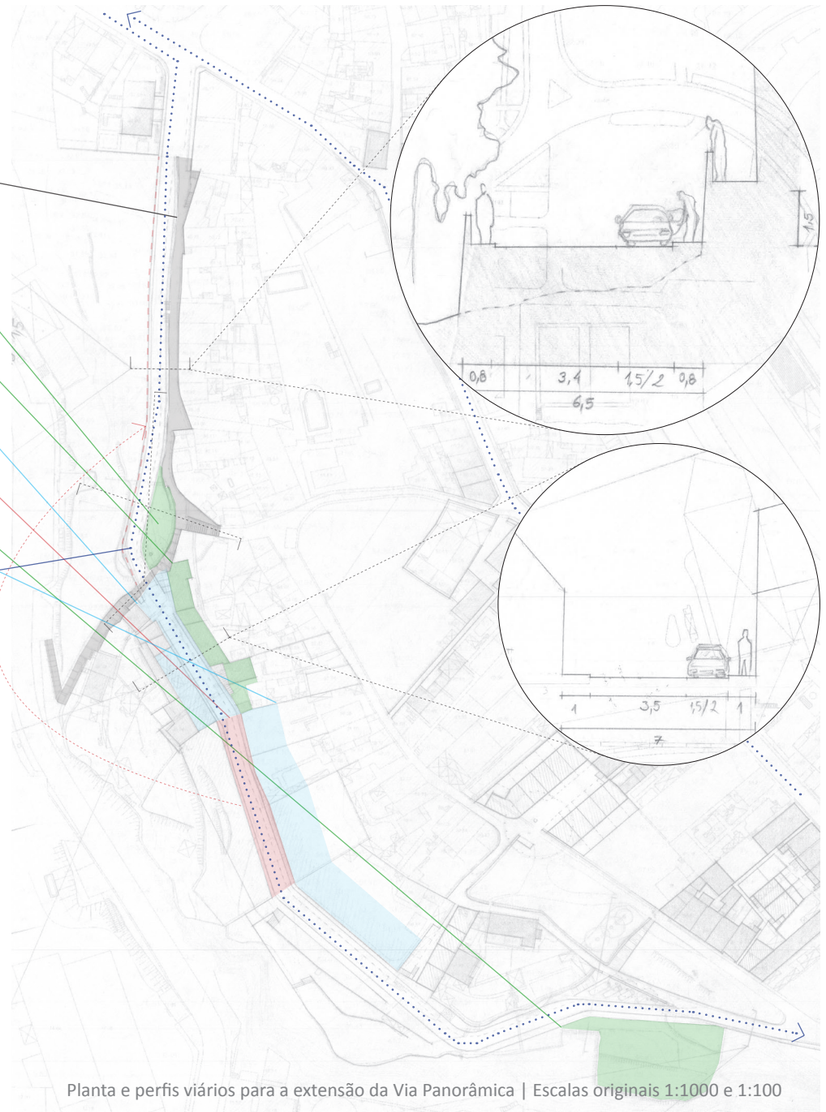
Carpintaria abandonada actualmente em ruínas

147 Ver ANEXOS pág.14
148 Ver ANEXOS pág.13



Cortes e prespectiva para a extensão da Via Panorâmica | Escalas 1:200





Planta e perfis viários para a extensão da Via Panorâmica | Escalas originais 1:1000 e 1:100

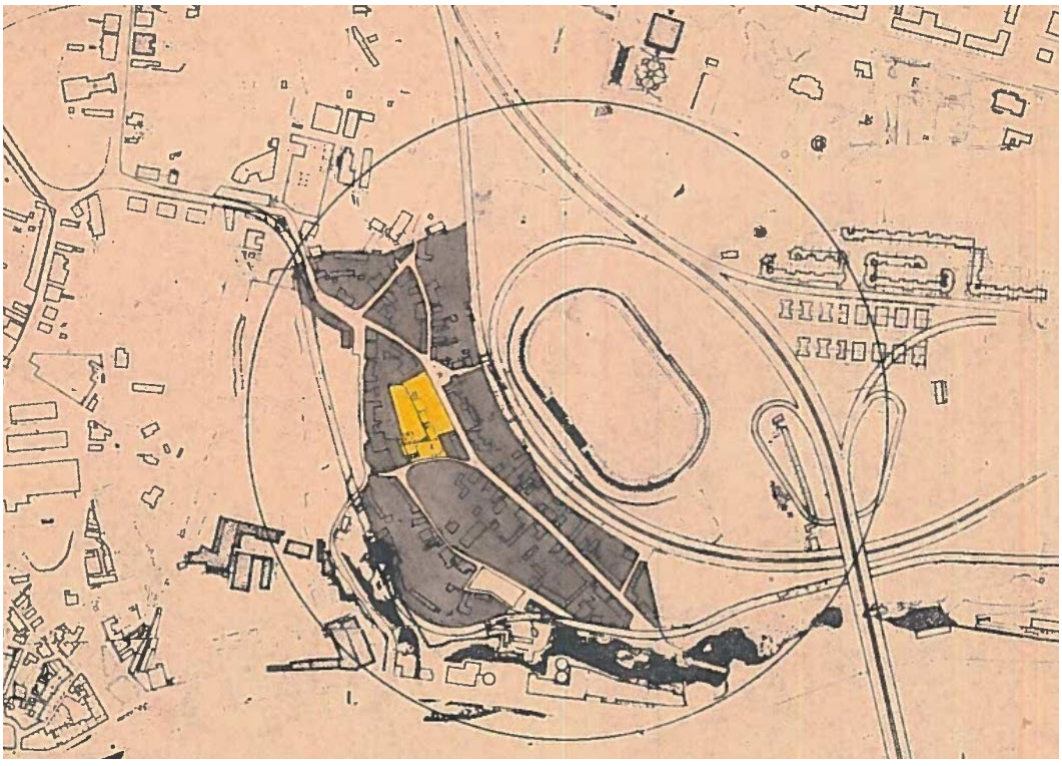
3.3 | **Extensão da Via Panorâmica Edgar Cardoso**

A proposta de extensão da Via Panorâmica data deste a construção da Ponte da Arrábida, mantendo-se actualmente presente no PDM como o rasgo de uma nova via na encosta, a Sudoeste – orlando, na sua face interior, uma nova frente urbana a consolidar e, na oposta, uma frente panorâmica sobre o rio.

Tendo em conta a eficiência da actual estrutura viária, poderemos interrogar a intenção desta proposta como cúmplice da valorização imobiliária especulativa deste lugar: promovendo uma nova frente edificada sobre o rio traçada para os bolsos mais abonados, assim como valorizando este lugar no mercado turístico atraindo empreendimentos hoteleiros que acompanhem e ampliem a actual procura pelos seus percursos e pontos de vista panorâmicos.

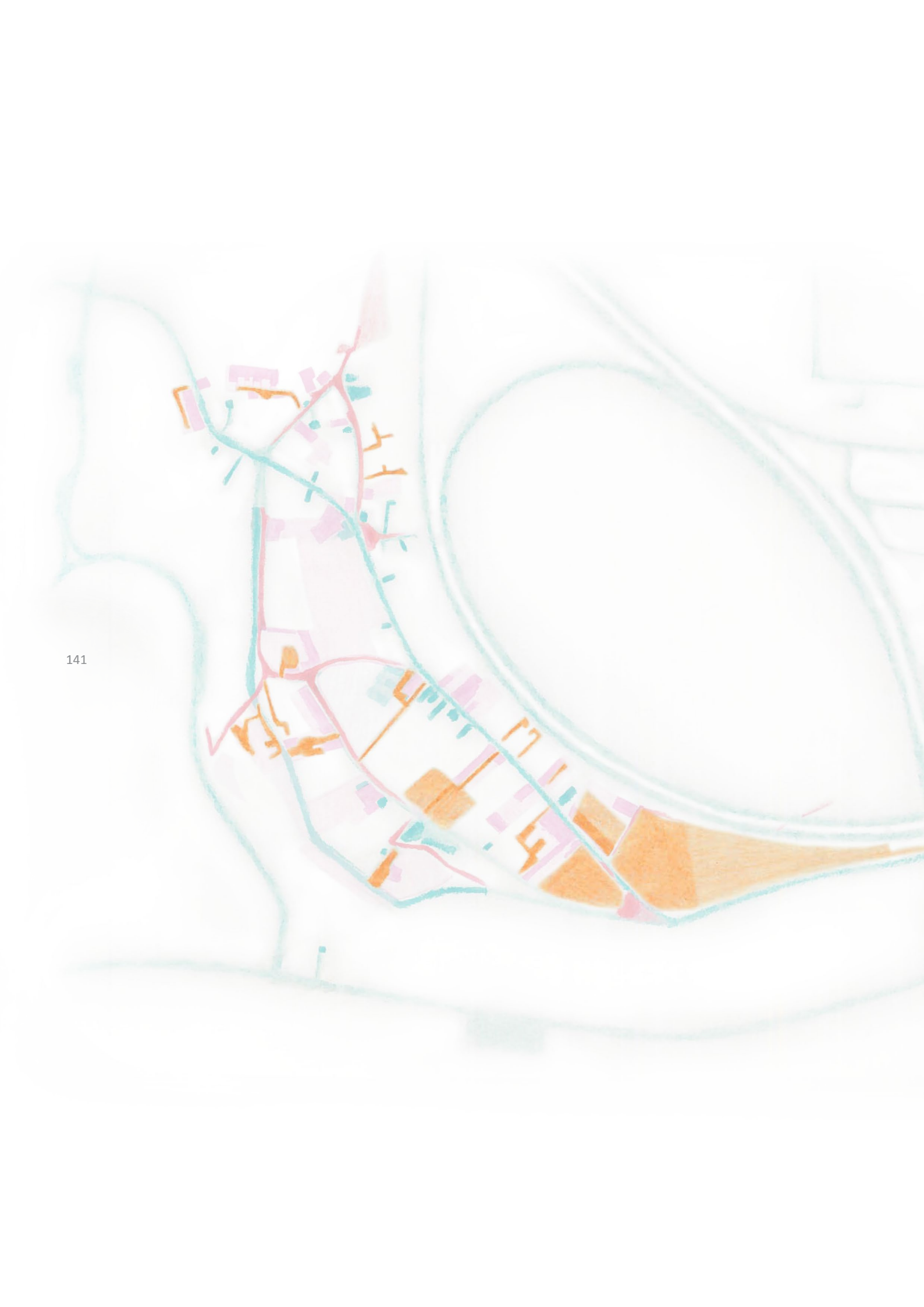
A partir da documentação de diferentes propostas[149] para o seu desenho identificaram-se várias contradições na sua adaptação topográfica assim como insensibilidade no seu enquadramento paisagístico.

Ainda que discordando da necessidade actual de tal extensão, apresenta-se uma proposta para o seu desenho por dois motivos: por um lado como precaução e alternativa conciliadora do preexistente e do devir perante a irrevogabilidade desta intensão do PDM; mas por outro, como teste da capacidade desta extensão poder vir ou não a melhorar a circunstância actual.



Proposta de extensão da Via Panorâmica Edgar Cardoso | Projecto SAAL para o Colégio da Arrábida

149 Cft. págs.30, 113 e 140



4 | **POROSIDADE NA DENSIDADE:** novas histórias, velhas leituras

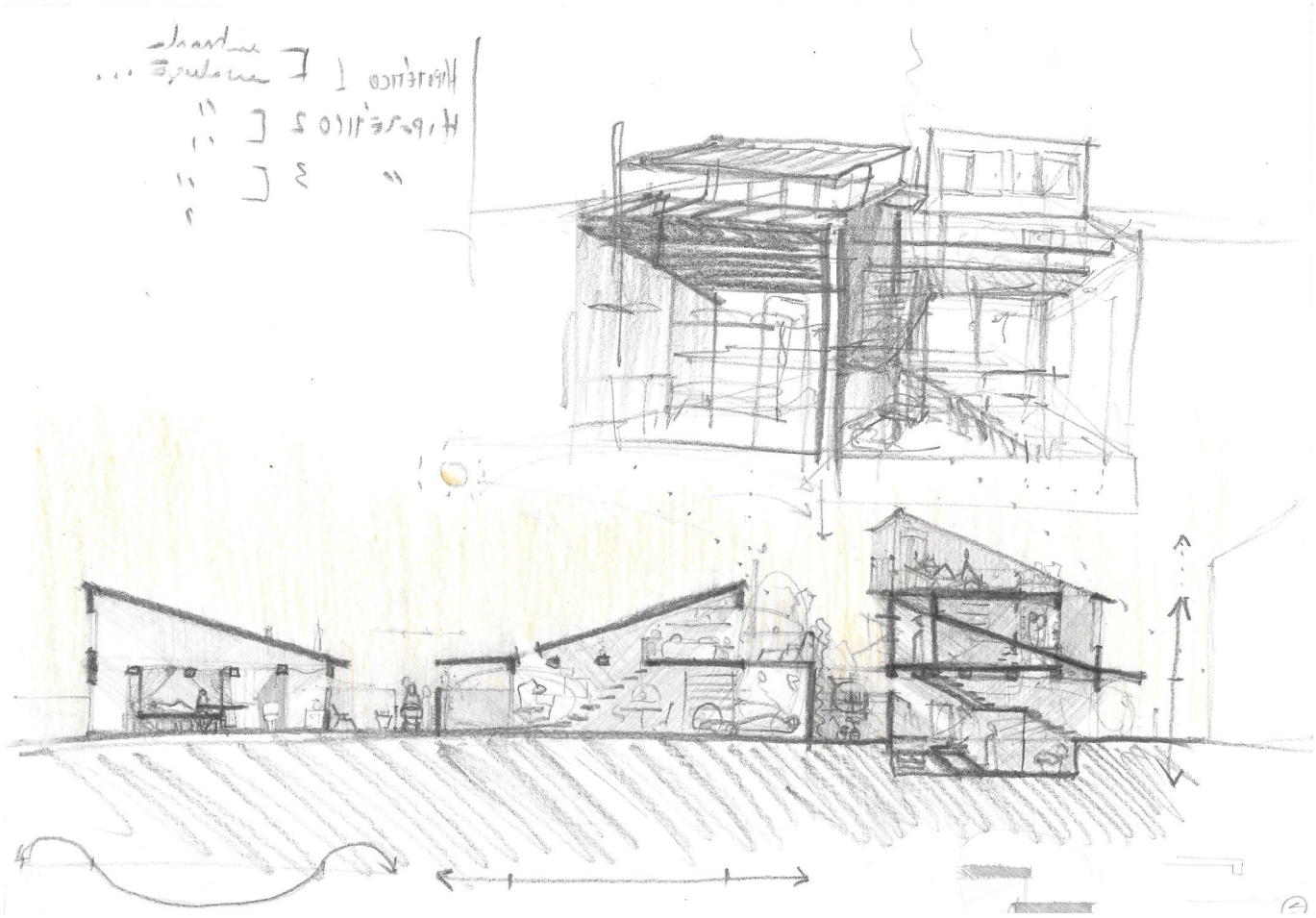
De expansão condicionada, população envelhecida, edificado devoluto, terrenos por edificar, isolado entre fosso e escarpa, admirado por quem mora e quem conhece. Para a Arrábida propõem-se duas prospecções: a geral manutenção e reabilitação do existente e a pontual densificação, não em altura mas em profundidade.

> *…**identificar as necessidade do utilizador** não significa planear "para" eles, mas sim planear "com" eles. Por outras palavras, significa alargar o campo da participação através da definição e da utilização do plano, **introduzindo no sistema todo um conjunto de variáveis complexas que nunca poderiam compor situações equilibradas sem sistemas de procedimentos baseados numa contínua alternância de observações, propostas e avaliações**[151]*

Apresentam-se os projectos experimentais de habitação que a investigação foi alimentando, tomando como princípios a consolidação do quarteirão como continuidade do processo de densificação desde a parcela agrícola; a ramificação de caminhos pedonais domesticando o espaço público desde o interior do quarteirão na aproximação e inter-reconhecimento dos moradores; projectando para todos desde o carenciado ao abonado, da criança ao idoso, do dependente ao independente, do temporário ao permanente, para os de hoje e para os de amanhã, fazendo do lugar e da casa não uma condição mas uma ferramenta de possibilidades.

---

151 Giancarlo de Carlo *in "O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, 2014, p.277




DESCONSTRUÇÃO DO
ESTIGMA/PRECONCEITO
|reinterpretar e revalidar|
'ILHAS'
DO PORTO
REABILITAÇÃO
DE VALORES
e potencialidades
|empatizar heterogeneidades|
CONCILIAÇÃO DE
HABITABILIDADES DIVERSAS
ARRÁBIDA-ILHA
Reabilitação
Reinterpretação
e(m) evolução
Conciliação
de Procuras
|em estrutura flexível|
Gestão
Auto-generativa
na afinidade
urbano/doméstico
Diversidade
de Respostas
|por metamorfoses subjectivas|
UNIDADE
NO CONJUNTO
na integração
urbana
CASA
INCUBADORA
na integração
social
TIPOLOGIA
EVOLUTIVA
casa-bairro
incremental

4.1 | **Tipologia Evolutiva:** proposta experimental em contexto real

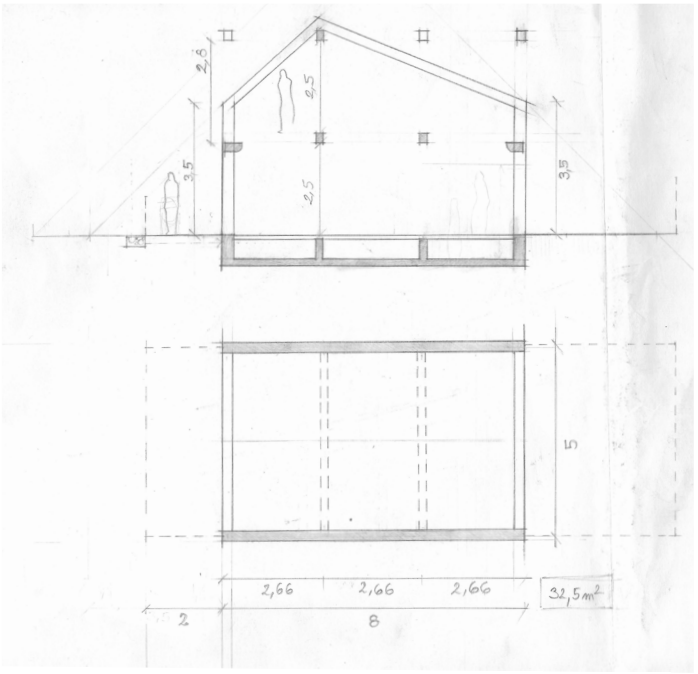
> *Residential building in historic towns typically occured pieacemeal, as citizens build individual houses. Although subject to implicit rules, styles, typology, and other conventions, the house was created under the control of a single party. Thus* ***houses in historic towns are not uniform; they are variations on a vernacular theme****.*[162]

Foi surgindo a ambição de explorar como poderia na prática formalizar-se a densificação do Lugar da Arrábida respondendo à sua variada procura, contra uma postura especulativa e determinista.

Tomando como referência a evolução típica das cidades históricas – incremental, talhada, fragmentária – procurou-se desenvolver um módulo-parcela de dimensões económicas que possibilitasse a sua ampliação incremental e livre compartimentação desde T0 a T4 podendo servir à partida ou como parcela para construção em altura de uma só obra ou como invólucro-incubadora para posteriores ampliações, sempre salvaguardando a sua integração na envolvente.



Quarto onde morei dois anos, na Rua Marques da Silva, e que informou este projecto como referência das dimensões mínimas habitáveis (mas a evitar). A gestão da sua reduzida área fez-me confrontar com as minhas próprias prioridades, reavaliando-as, e alimentou a criatividade na gestão e apropriação do espaço ao longo do dia: cama/sofá/sapateira/guarda-capas; cesto do lixo/mesa de cabeceira; secretária/mesa para refeições/apoio de monitor.



Estrutura base do módulo-parcela com respectivas áreas exteriores dianteira e tardoz | Escala 1:200

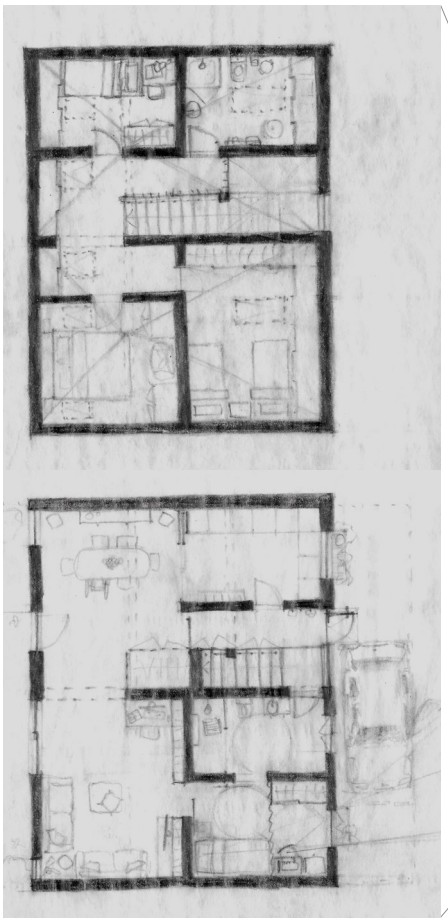
162 HABRAKEN, N. John; "*The structure of the ordinary: form and control in the built environment*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachussets, 1998, p.48

*No planeamento de processo a execução do plano em termos tridimensionais é uma **hipótese experimental**. A sua adequação é testada por meio do uso e, portanto, é confiada ao utilizador que confronta o habitat construído ao experimentá-lo. **Essa fase, que ajusta, subtrai, acrescenta ou modifica o desenho, ainda faz parte do projecto**; continua até à sua obsolescência física e técnica, que ocorre quando a motivação que o pôs em marcha se esgota ou quando os tecidos do edifício se desgastam e perdem a sua capacidade de regeneração.*

- Giancarlo de Carlo in "O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976", Porto, SERRALVES, 2014, p.277



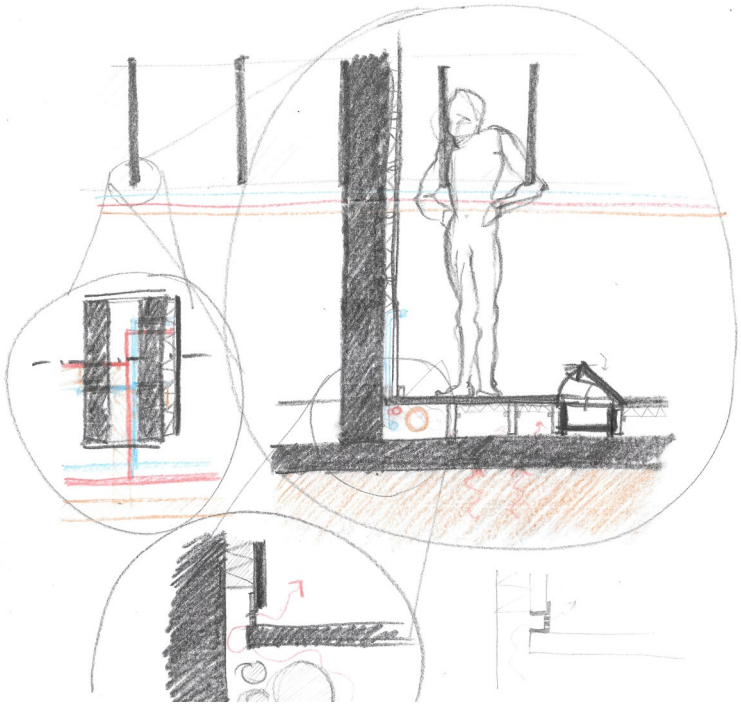
Estudo de ampliações a partir de diferentes caixas de escada | escala 1:400



Aglutinação de módulos | escala 1:200

Deste modo famílias carenciadas poderiam adquirir um módulo-parcela, complementando-o e ampliando-o ao longo do tempo consoante as suas possibilidades e pretensões, à medida que o agregado familiar crescesse ou diminuísse.

Para que tal capacidade de metamorfose seja viável a disposição das infraestruturas é decisiva. Estudou-se a hipótese de distribuição e recolha de águas pelo piso num estrado visitável, tornando as infraestruturas directamente acessíveis tanto para alteração como para manutenção. Para o isolamento acústico do estrado propõem-se o enchimento da caixa de ar com isolamento granulado, podendo também servir de arrumo para cobertores e mantas.

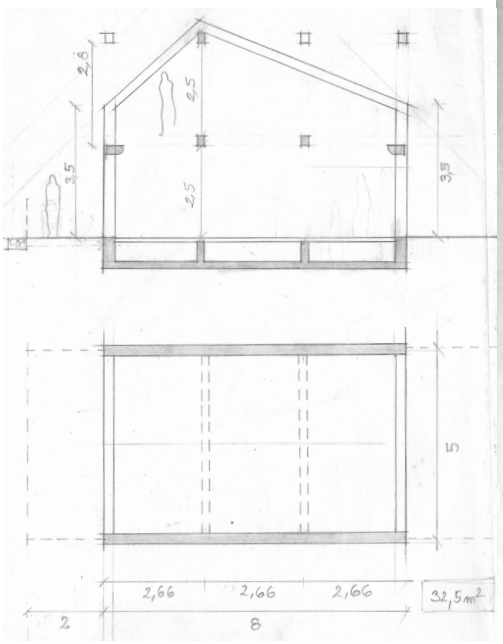


> ***Better articulation of the infill level****, which mediates the large building's response to the flow of life within it, does not require improved or more flexible partitioning systems or equipment: it* ***depends almost solely on finding better ways to distribute supply lines****. (...)* ***For architectural articulation to evolve with the changing environment****, in ways that go beyond questions of shapes, surfaces, and styles, will depend on how the infill level emerges.*[163]

Para que a ampliação vertical do fogo fosse possível e coerente, estudaram-se várias hipóteses de escadas (ver estudo de ampliações pág.145) que permitissem a maior variedade possível de conformações, salvaguardando a sua eficiência aquando a adição de novos pisos. De modo a economizar os custos destas ampliações propõem-se uma estrutura desmontável cujas vigas possam ser separadas e reutilizadas em novas intervenções.

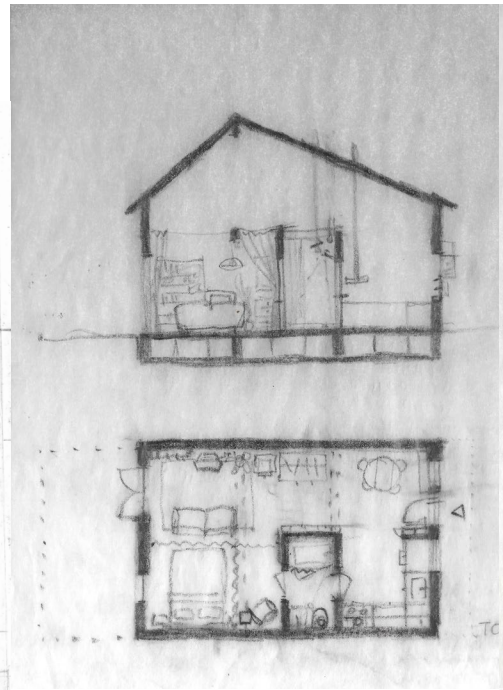
Em contrapartida, a ampliação horizontal ou estará dependente da construção de novas estruturas na frente e/ou tardoz ou na aglutinação de módulos adjacentes.

163 HABRAKEN, N. John; "*The structure of the ordinary: form and control in the built environment*", THE MIT PRESS, Cambridge, Massachussets, 1998, p.117



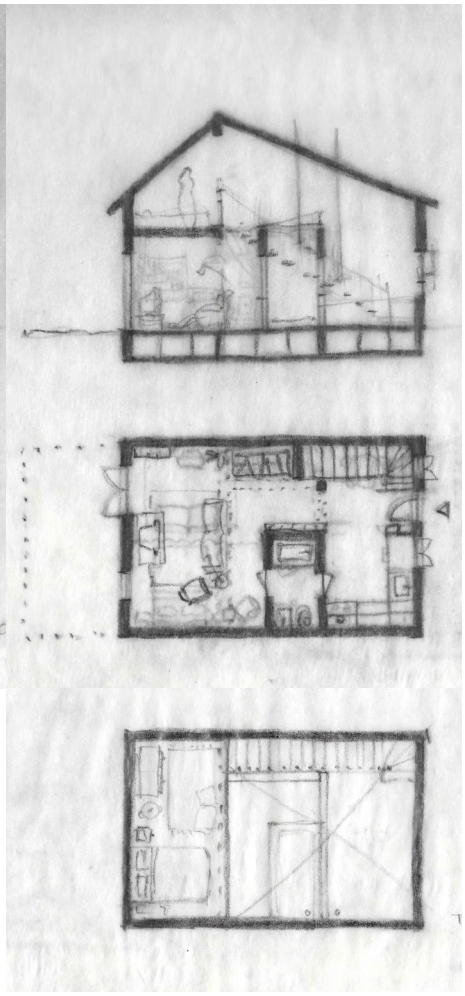
MÓDULO-PARCELA

Estrado visitável para infraestruturas e vigas desmontáveis no interior prontas a receber um novo piso.



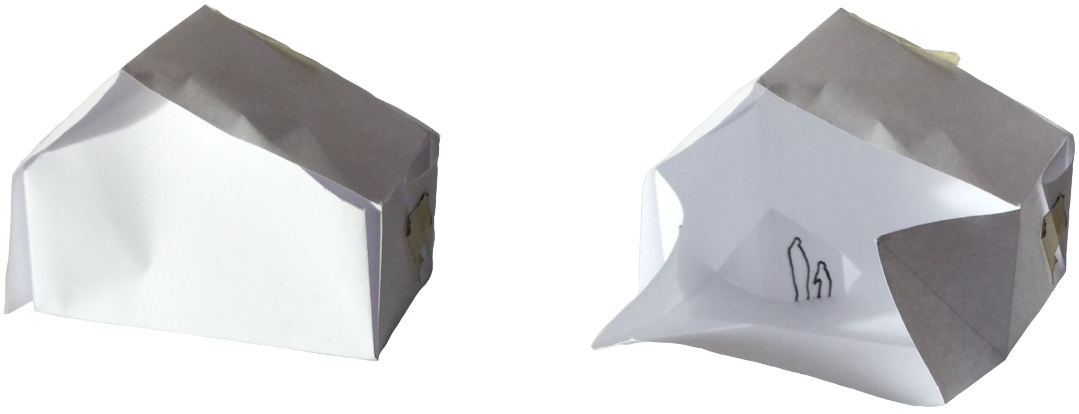
T0

Intervenção mínima compartimentada com têxteis pendurados entre vigas. Cozinha e casa de banho definidas tendo em conta futuras ampliações.



T0+1

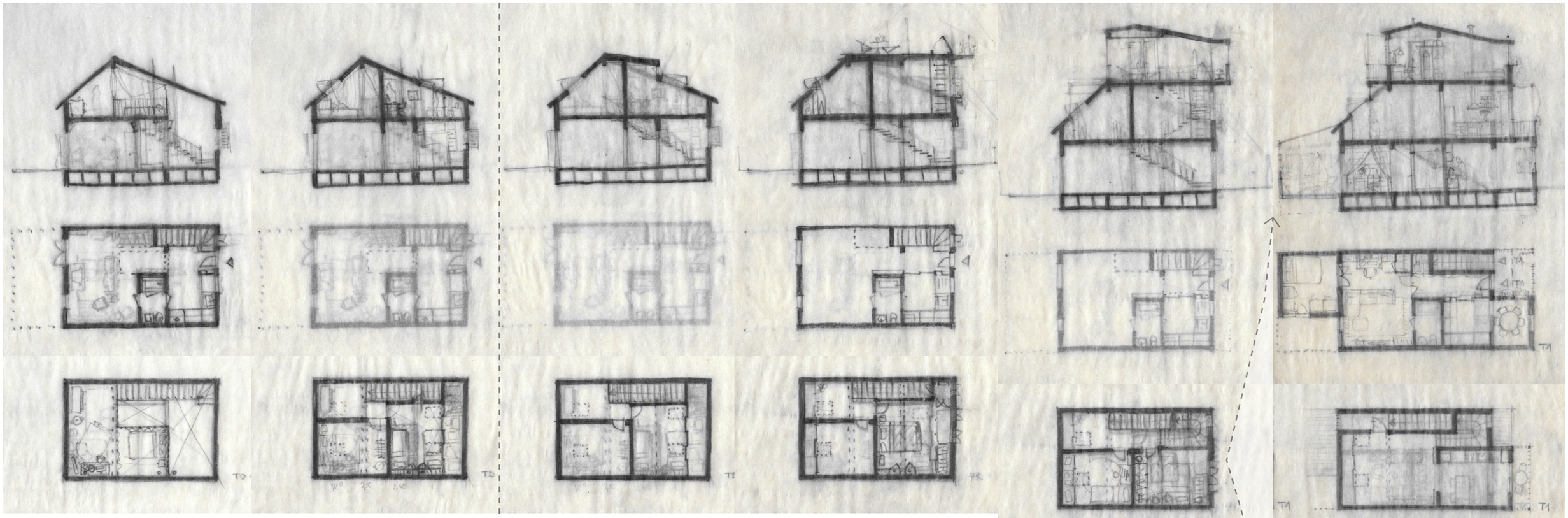
Adição de lance de escadas e *mezzanine*.



Maquete de estudo das proporções do módulo-parcela | Escala 1:100

Quando se planeia "para", o acto de planear nunca deixa de ser autoritário e repressivo, por mais liberais que sejam as intenções preambulares. Quando se planeia "com", o acto torna-se libertador e democrático, ***estimulando uma participação múltipla e contínua****. (…)* ***também o torna resistente ao desgaste causado por circunstâncias adversas e tempos de mudança****.*[1]

1 Giancarlo de Carlo in "*O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976*", SERRALVES, Porto, 2014, p.275



T0+1 | T1

Extensão da *mezzanine* em dois espaços compatimentáveis.

T2

Extensão do 1º piso e compartimentação em duas divisões em mansarda com clarabóias.

T2

Elevação da cobertura e abertura de vão.

Primeira alteração da estrutuda do invólucro exterior original

T2

Alteração da cobertura em terraço e respectivo acesso. Confinamento da cozinha.

T3

Adição do 2º piso e respectivo acesso com quarto, instalações sanitárias e varanda.

T4

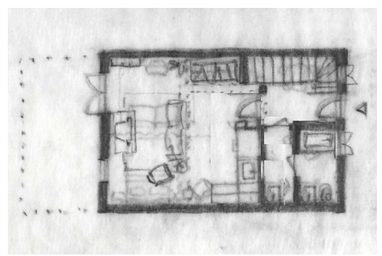
Adição de zona de refeições na frente e de quarto no tardoz.

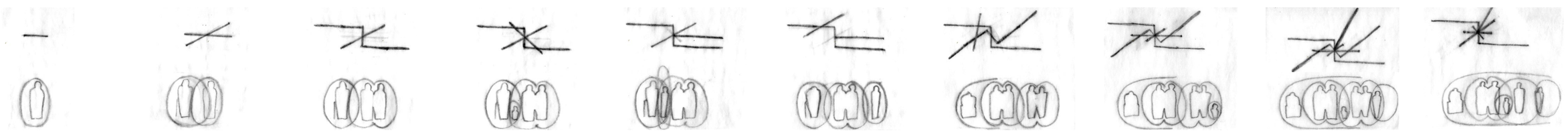
T1 e T1

Subdivisão do fogo. Adição de zona de refeições na frente e de quarto no tardoz. Separação das escadas para o 1º piso como acesso directo ao fogo superior. Sala e cozinha no 1ºpiso na demolição de parede, abertura de vão (opcionais) e extensão de infraestruturas.

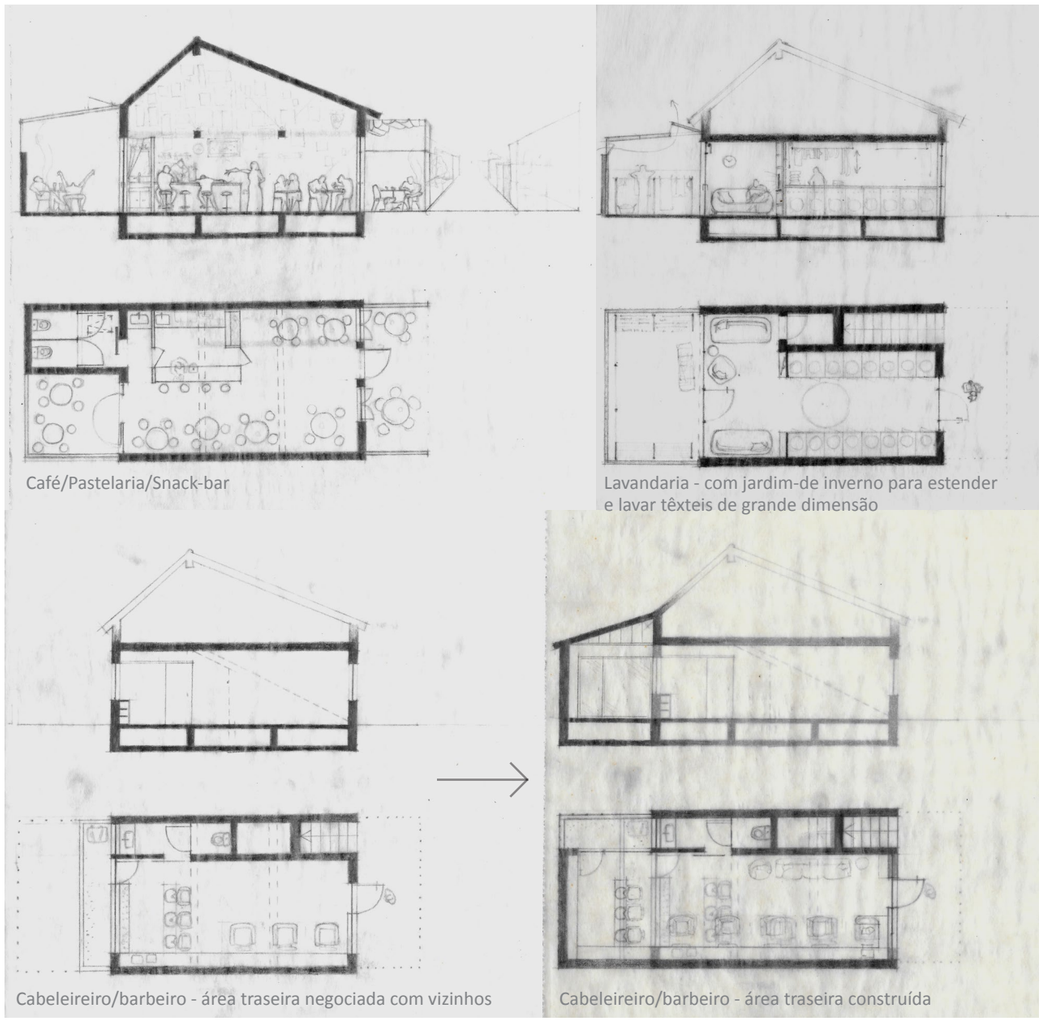
Hipótese de evolução do fogo

Dependendo das pretensões do proprietário, a edificação da parcela poderia partir de qualquer uma das etapas hipotéticas apresentadas. Assim como a disposição da cozinha, poderia estar em contacto directo com a sala de estar invertendo no piso térreo a disposição das instalações sanitárias pela cozinha – aconselhando-se o confinamento entre cozinha e escadas para evitar odores.





Estudo sobre a complexificação das relações de intimidade dentro do agregado familiar

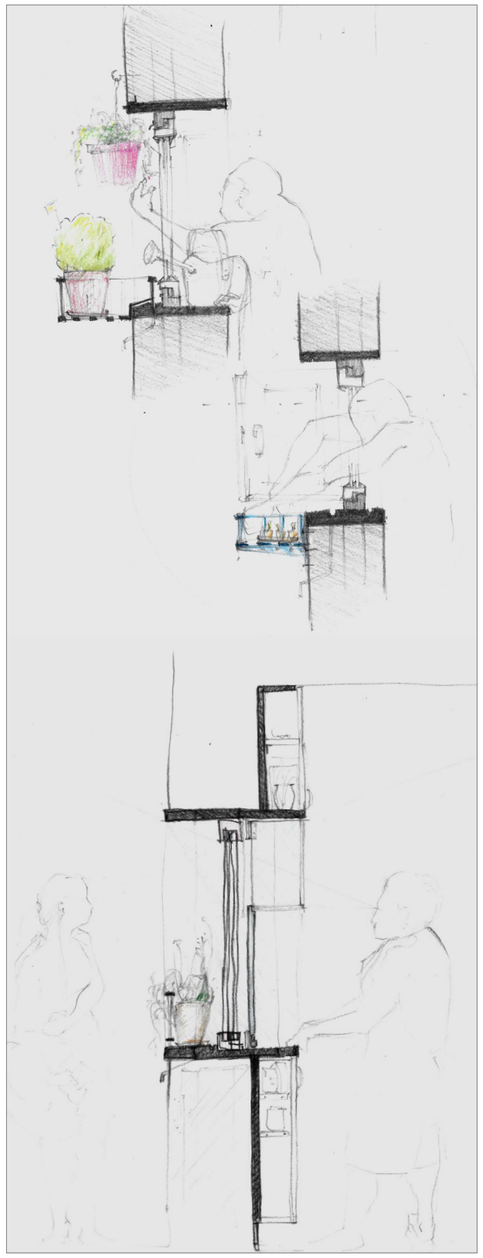


Estudos de programas públicos prevendo ou não habitação nos pisos superiores | Escala 1:200



Estudo de fogo para mobilidade reduzida | hipótese de *mezzanine* e possível subdivisão a partir do 1º piso

Quanto ao desenho de vãos e fachadas, este seria definido participativamente como se de um projecto autónomo se tratasse. Deste modo a espessura do filtro público/privado corresponderia ao conforto de cada agregado familiar. Tal filtro reflectir-se-ia não só através da dimensão dos vãos, assim como na sua profundidade, número de folhas, têxteis, portadas (divisíveis ou não), etc; mas principalmente na conformação da área dianteira da parcela, quer delimitando-a com canteiros, muretes ou grades para o cão não fugir, toldos, vasos e afins que delimitam subtilmente o espaço privado e distanciam a percepção do intruso do interior do fogo.



*They [human] move freely between large numbers of **overlapping territories**, use a limitless number of culturally learned markers and appear **to recognize invasions by cues of great subtlety and abstractness and to respond to these functionally rather than automatically**. (…) **Each space has its threshold of privacy**. He would resist or resent invasion with differing degrees of strength using a variety of techniques of which aggression is only one; he might also use verbal hints to indicate a **desire for solitude** or the **withholding of hospitality**[1]*

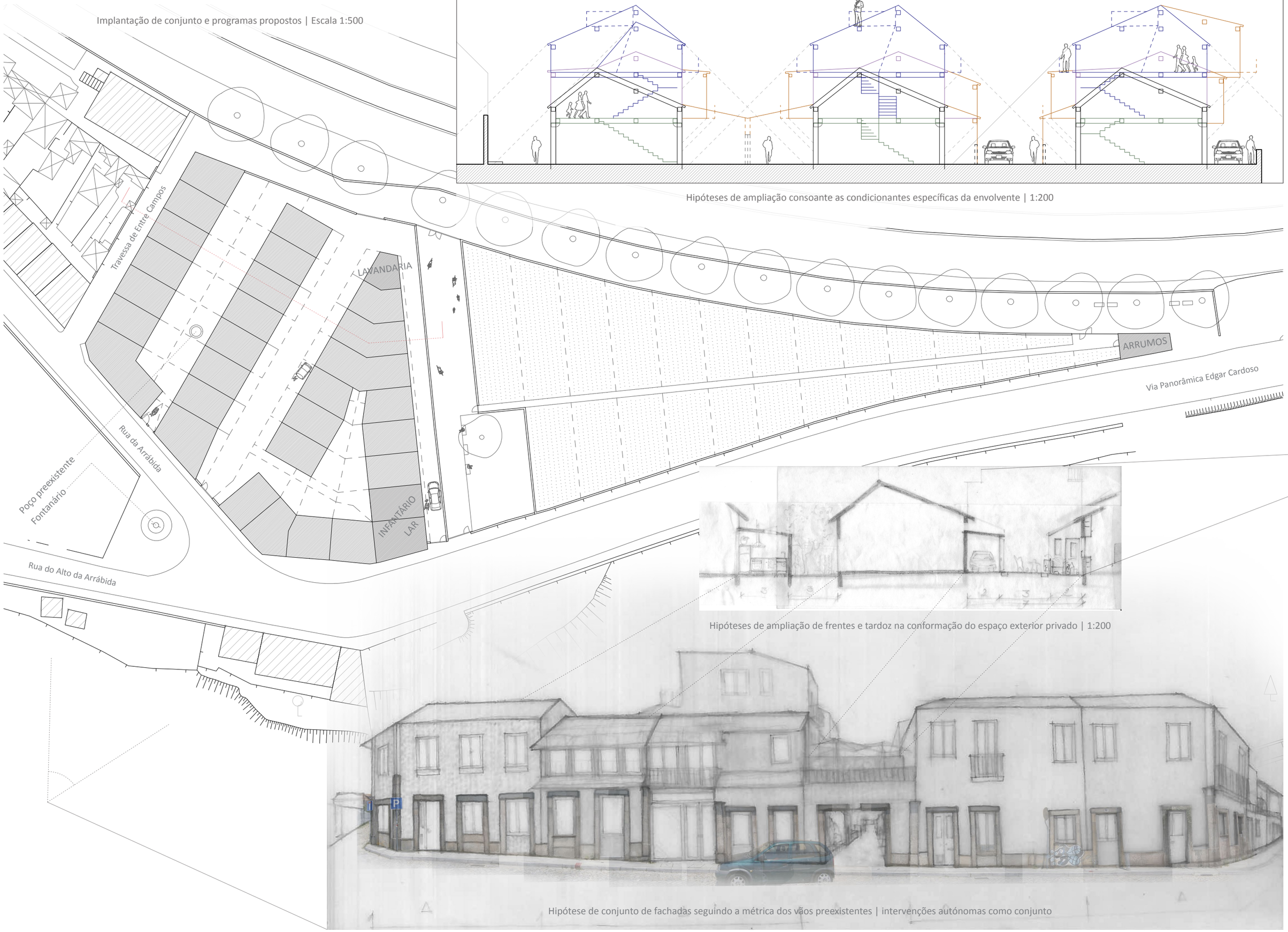
Posto isto segue-se a exposição dos projectos que visaram testar esta tipologia a várias escalas em contexto real, desde um conjunto de 30 módulos a intervenções mais pontuais e discretas.

1 LEE, Terence; *"Psychology and the environment"*, METHUEN, London, 1976, p.42

*No processo de planeamento, o plano não termina com a construção do objecto arquitectónico. (…) os conflitos são transferidos para a relação entre o objecto arquitectónico e aqueles que o usam. Para essa relação ser dialéctica, é necessário que cada lado tenha a possibilidade de alterar, por meio de uma alternância contínua entre identificação e desassociação recíprocas. **O objecto arquitectónico muda de acordo com a transformação que o utilizador lhe impõem ao adaptá-lo a necessidades práticas e criativas diversificadas**; mas o utilizador também muda de acordo com o estímulo que a qualidade intrínseca do objecto arquitectónico lhe transmite.[1]*

1 in "*O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976*", SERRALVES, Porto, 2014, p.277

Implantação de conjunto e programas propostos | Escala 1:500



Hipóteses de ampliação consoante as condicionantes específicas da envolvente | 1:200

Hipóteses de ampliação de frentes e tardoz na conformação do espaço exterior privado | 1:200

Hipótese de conjunto de fachadas seguindo a métrica dos vãos preexistentes | intervenções autónomas como conjunto

4.1|1 | Casa-Bairro Incremental

Na ambição de testar a tipologia evolutiva num conjunto de grande escala seleccionou-se como área de intervenção o terreno do conjunto demolido 'O Paquete'[164] não apenas pela sua dimensão, mas como contraproposta ao projecto aprovado em 2007 de habitação ou hotelaria[165] num bloco com cerca de 19 metros de altura, em 6 pisos mais 2 pisos de estacionamento subterrâneo.

Apesar da sua área total ser de 5 590 m², apenas 2 524 m² são edificáveis devido à proximidade da restante área à VCI[166]. Como resposta a tal constrangimento – também um dos motivos de escolha como desafio projectual – propõem-se para esse terreno programas comunitários: um parque de jogos, área de recolha de reciclagem[167] e lixo, hortas comunitárias e respectivo acesso por um caminho pedonal de comunicação com a Travessa de Entre Campos (por onde seria possível passar uma ambulância).

"Há muito menos crianças. Ali à frente brincam no pátio. Mas na rua não."

Para a área edificável propõem-se um conjunto de 30 módulos distribuídos em quatro diferentes acessos: uma galeria a Este (L=2,5 m) com vista para o terreno comunitário, uma rua interior (L=4m/8 m), pela Travessa de Entre Campos e pela Rua da Arrábida, havendo módulos com opção entre diferentes acessos. Estes conformar-se-iam também pelas diversas intervensões nas áreas dianteiras de cada fogo ao longo do tempo, salvaguardando o acesso para cargas e descargas.

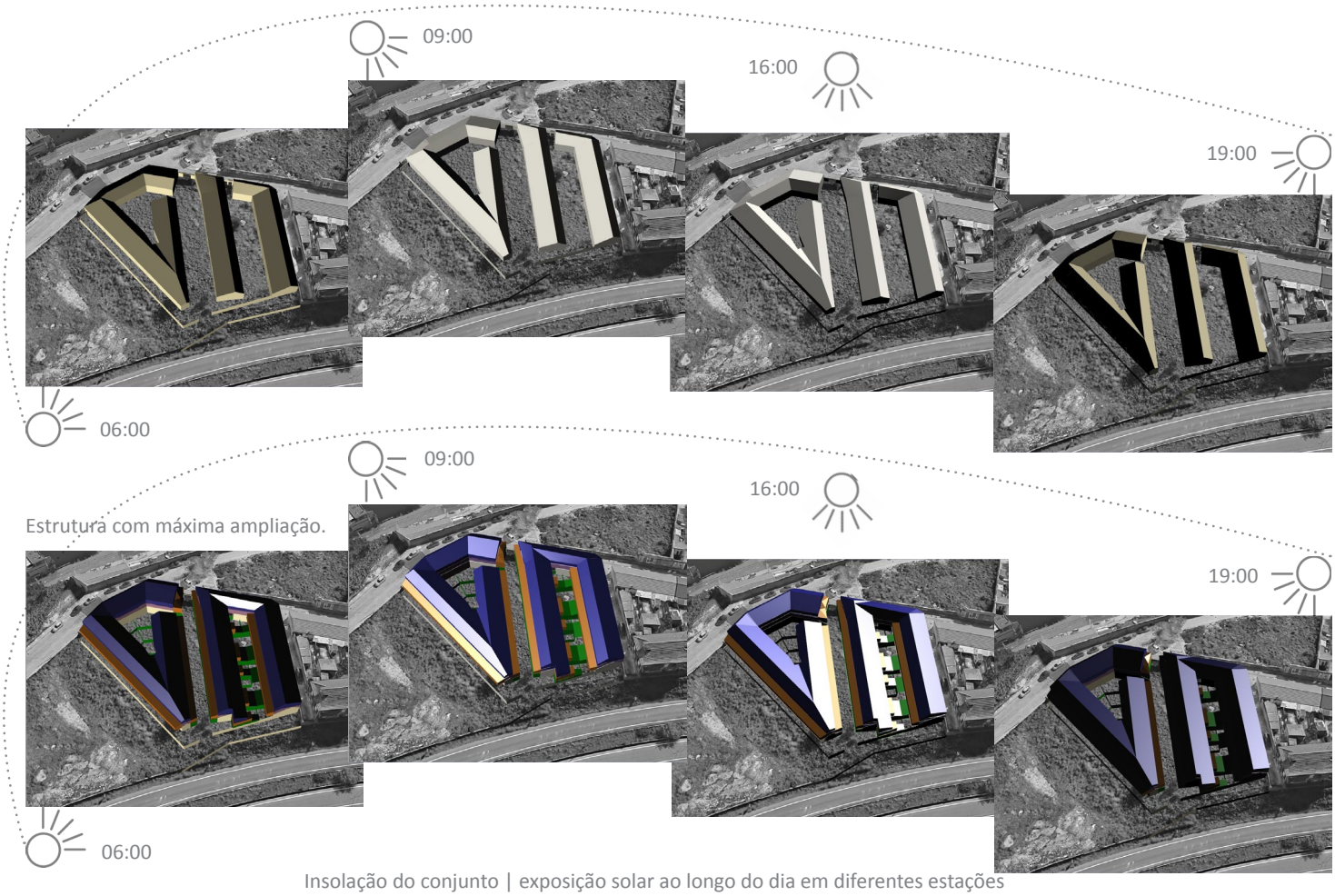
> *Front door contact creates activity along the main pedestrian streams – **strong social lines with urban qualities which are offset by quiet semi-private interiors within groups of houses… Individual privacy in the gardens and houses will as far as possible be protected… Thus the physical structure must give social experience, help orientation and identify both "place" and "community"**. Ideally areas of housing are sub-divided into recognizable "gossip groups" of thirty to fifty dwellings around pedestrian streets and squares, car courts, with community rooms, play spaces and other functional requirements.*[168]

Quanto à divisão dos logradouros esta seria negociada consoante a pretensão em usufruir ou não de um – salvaguardando as condições de insolação e ventilação dos fogos. Na planta representa-se a tracejado a área média para cada módulo, havendo casos com hipótese de acesso directo ao logradouro.

Quanto à inclusão de programas públicos propõem-se uma lavandaria e um lar com infantário como complemento do actual Centro Social, estando qualquer um dos restantes módulos também aptos a receber pequenos negócios locais.

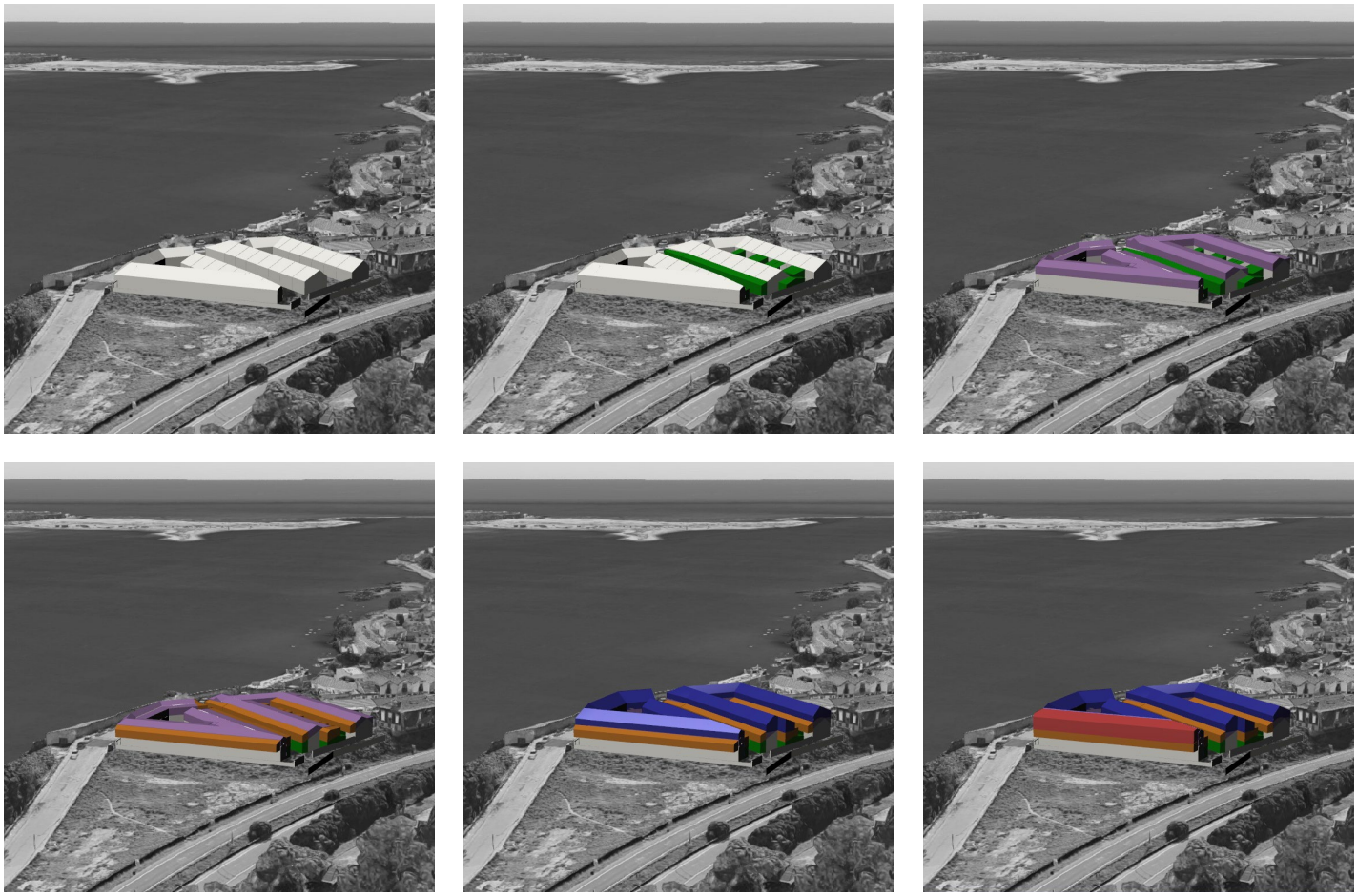
---

164 Ver ANEXOS pág.25
165 COLLIERS INTERNATIONAL, *"Investment Opportunity: land plots, residential or hotel, Porto"*, Julho 2016
166 Cft. Carta de Qualificação do Solo - PDM, pág.30
167 Apenas existente a mais de 400 m. Cft. ANEXOS pág.49
168 Ralph Erskine in COLLYMORE, Peter; "*The Architecture of Ralph Erskine*", ARCHITEXT, London, 1985, p. 21



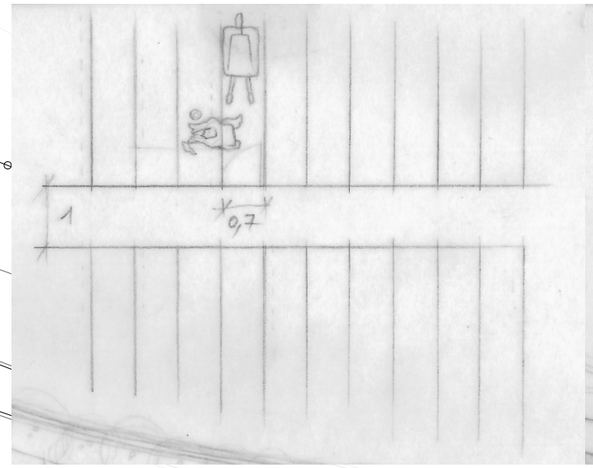
Estrutura com máxima ampliação.

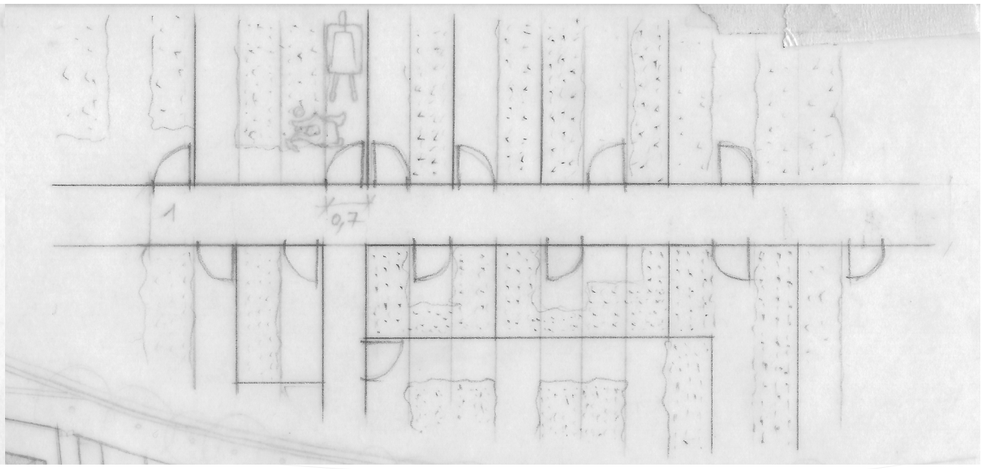
Insolação do conjunto | exposição solar ao longo do dia em diferentes estações



Vistas | Ampliações possíveis na relação com a paisagem (não representa a autonomia incremental do fogo)

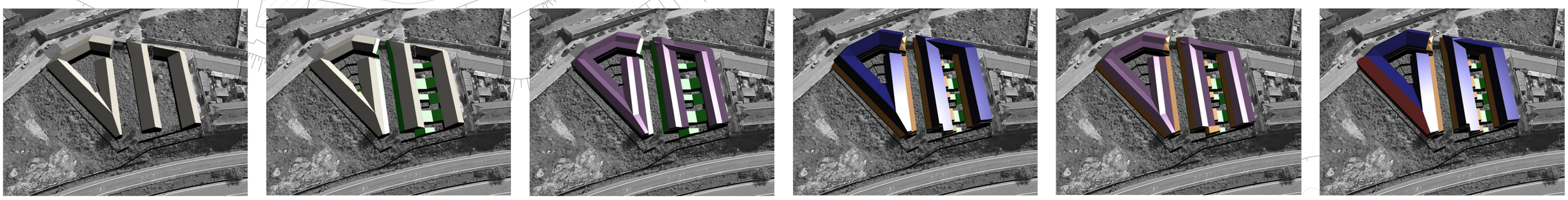
Implantação de conjunto com hipóteses de intervenções autónomas | Escala 1:500



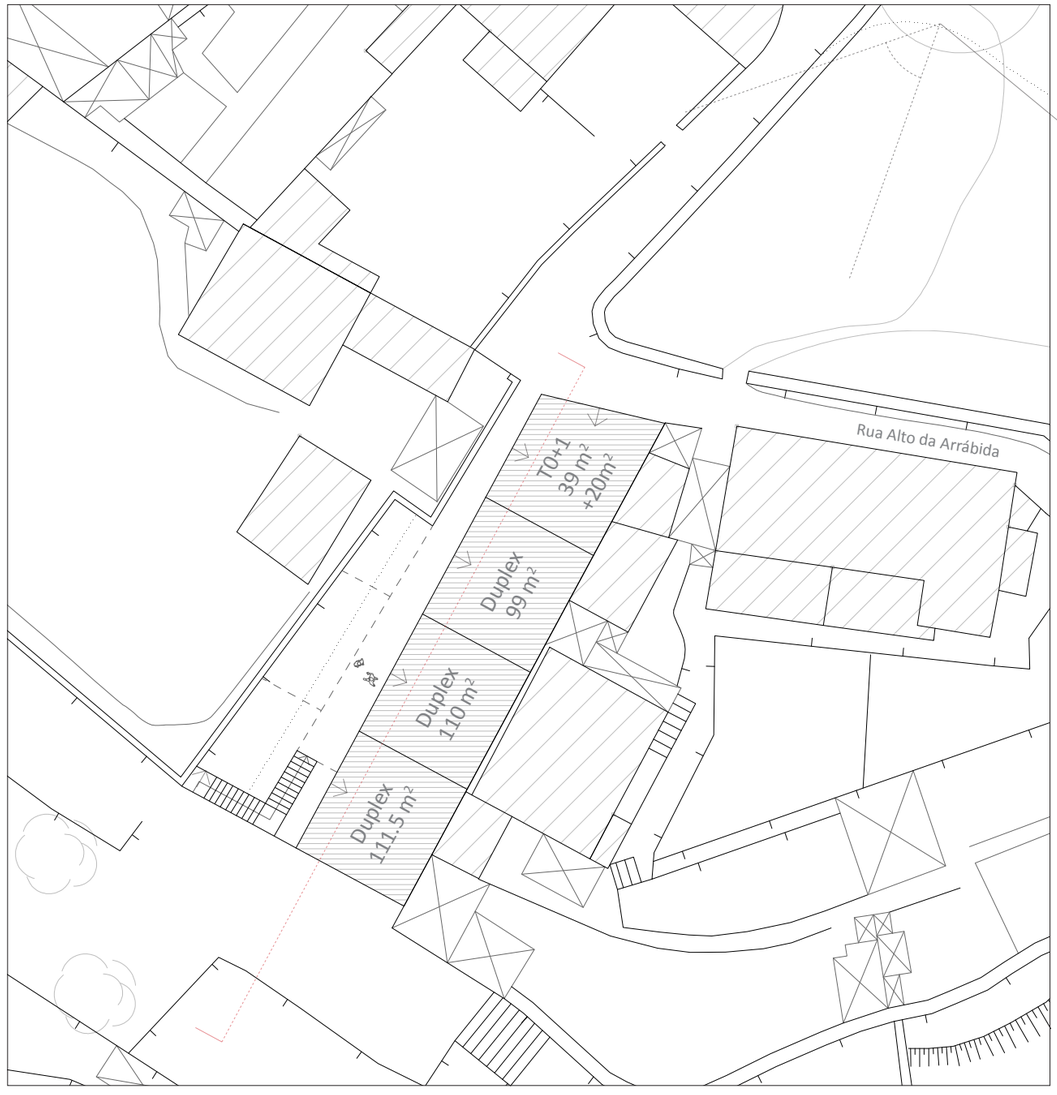


Hortas comunitárias | o parcelamento das hortas seria definido consoante a área pretendida por cada interessado partindo de uma grelha base | Escala 1:100

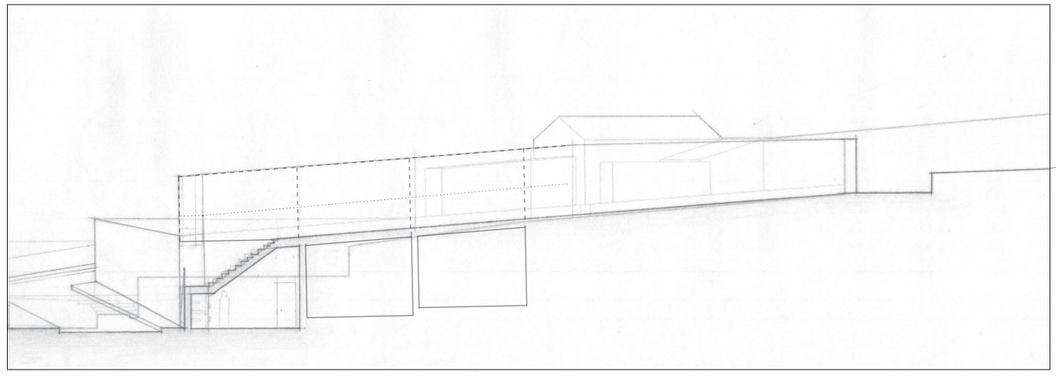
Edifício de apoio ao armazenamento de utensílios e carrinhos de mão



Insolação | Hipóteses de ampliação horizontal e vertical garantindo a boa insolação do conjunto (não representa a autonomia incremental do fogo)



Implantação para conjunto habitacional a Travessa do Miradouro | Escala 1:300



Corte para conjunto habitacional a Travessa do Miradouro | Escala original 1:200

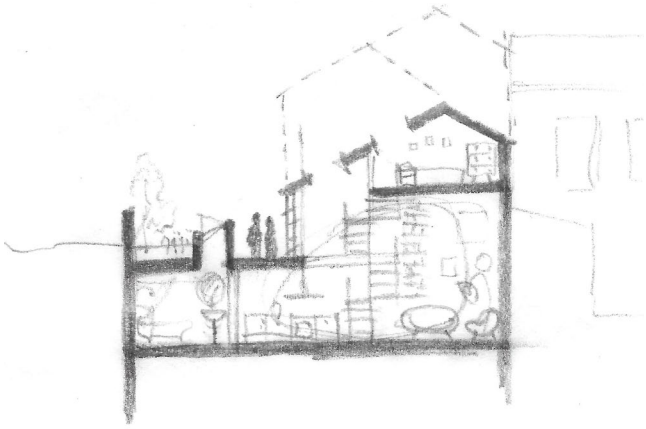


4.1|2 | **Travessa do Miradouro**

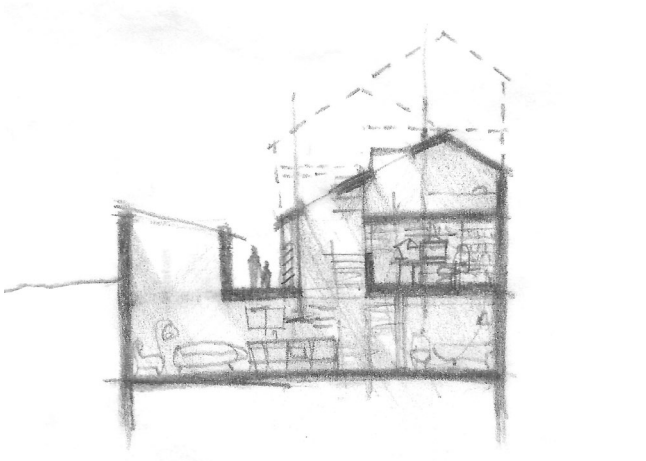
Aquando o desenvolvimento do projecto para um miradouro na escarpa[159], este terreno[160] surgiu como oportunidade de acesso pedonal. Foi no entanto concebido como intervenção autónoma, independente da existência ou não do miradouro.

Seguindo tal intenção propuseram-se 4 módulos para ampliação vertical, 3 dos quais em duplex com área exterior para uso privado – pátio, jardim ou ampliação vertical (inclusive para alojamento temporário.)

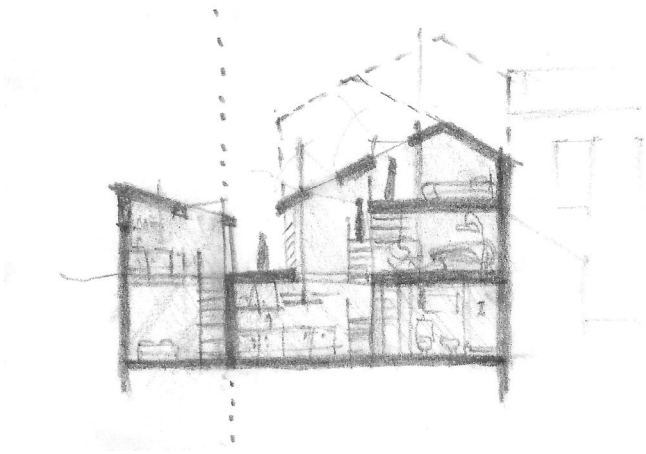
Perante a sua coexistência com o miradouro e/ou a extensão da Via Panorâmica[161] o piso subterrâneo do módulo a Sul poderia abrigar um programa público.



T1 / T1+1
Área exterior com clarabóia
separando horta privada da travessa

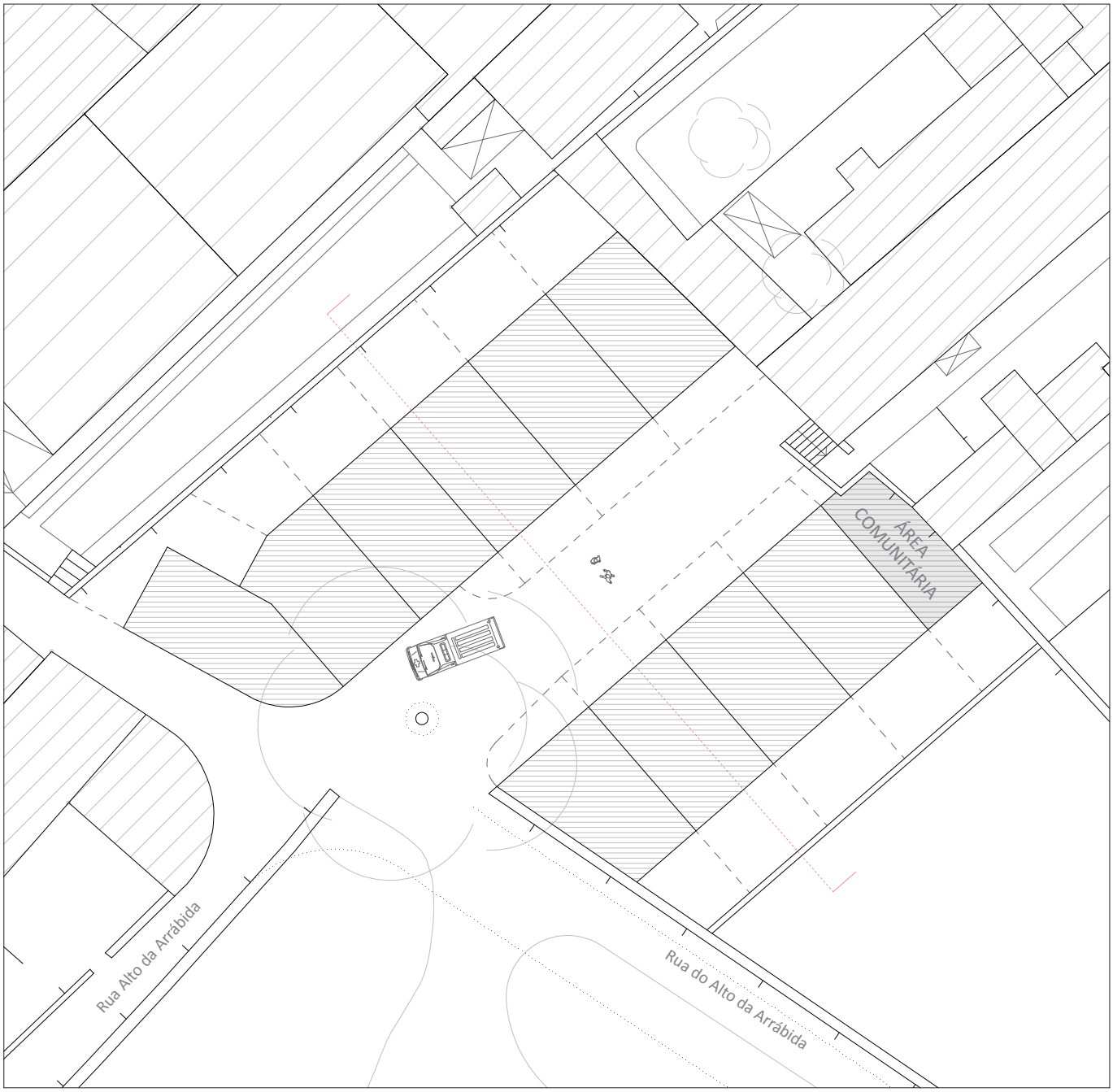


T1+1
Área exterior construída
pé-direito duplo com iluminação zenital

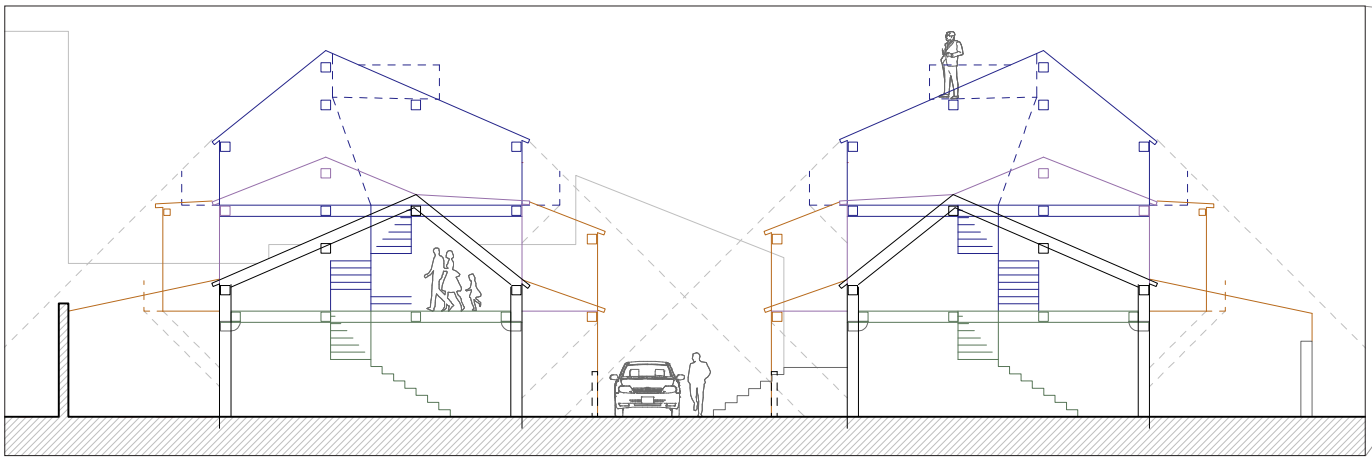


Célula de alojamento | T1+1
Área exterior construída
alojamento temporário em duplex

159 Rever págs.129-130
160 Ver ANEXOS pág.55
161 Rever págs.139-140



Implantação para conjunto habitacional a Travessa do Pinheiro Manso | Escala 1:300



Corte para conjunto habitacional a Travessa do Pinheiro Manso | Escala 1:200

4.1|3 | Travessa do Pinheiro Manso

Este projecto surgiu da ambição em explorar a possibilidade de extensão de 'ilhas' preexistentes na permeabilização da malha urbana. Encontrou-se como oportunidade pertinente a comunicação desde a 'ilha' no nº143 da Rua da Arrábida[156] até à Rua do Alto da Arrábida, podendo tal percurso estender-se até à escarpa através do projecto da Travessa do Miradouro[157].

Para tal propõem-se o parcelamento do terreno[158] posterior, tomando o pinheiro manso preexistente como marcação da interioridade do conjunto habitacional proposto – bem como referência na definição do percurso e eventual sugestão na conformação de um largo, caso o descampado venha a ser edificado. Nesta extensão procurou-se ainda salvaguardar o acesso a cargas e descargas (incluindo ambulância).

Quanto ao conjunto habitacional, propõem-se 10 módulos e um espaço interior de 25 m^2 para programa comunitário ou aglutinação do módulo adjacente. Os módulos a Nordeste poderiam ser ampliados até 3 pisos – consoante a sua distância ao pinheiro manso – enquanto que os módulos a Sudoeste poderiam crescer até 2 pisos, ambos incluindo terraço.



Percurso conjunto Tv. do Pinheiro Manso e Tv. do Miradouro | 1:1000

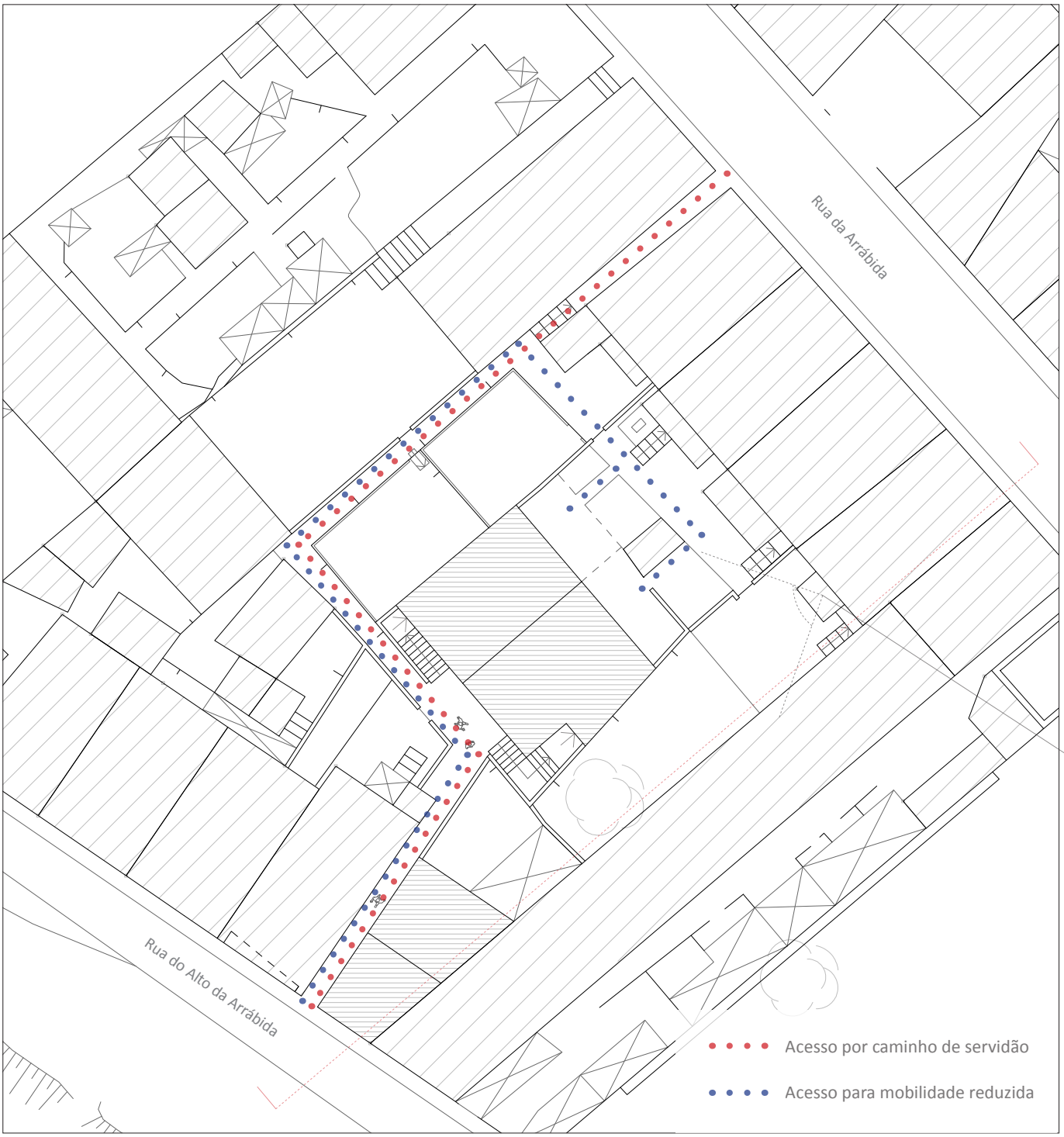


158

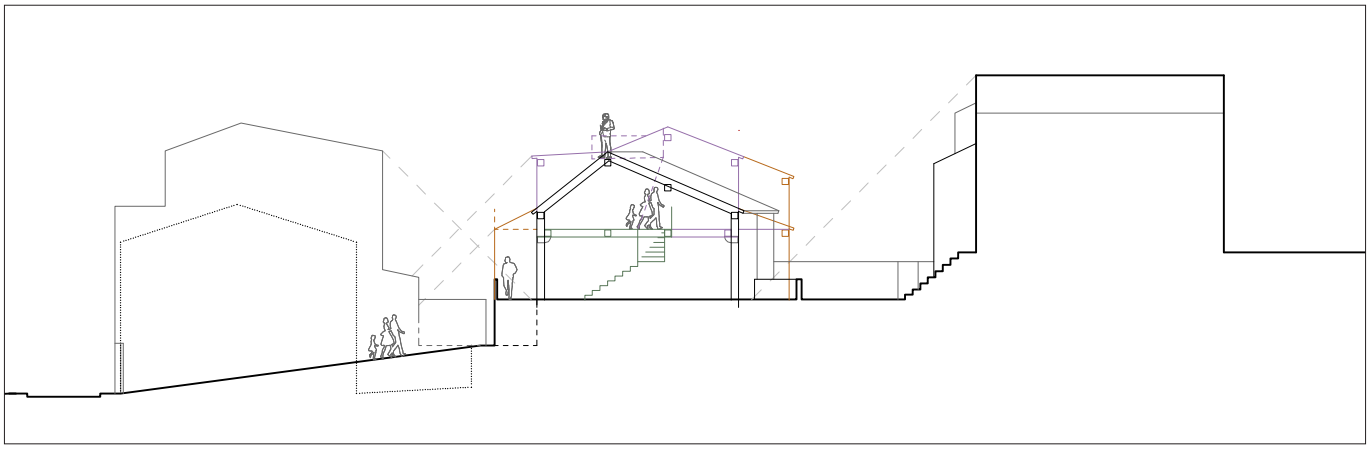


Estruturas preexistentes

156 Cft. pág.41
157 Rever pág.156
158 Ver ANEXOS pág.28



Implantação para conjunto habitacional a Travessa dos Quintais | Escala 1:300



Corte para conjunto habitacional a Travessa dos Quintais | Escala 1:300

4.1|4 | Travessa dos Quintais

Este último projecto surgiu da investigação sobre a partilha de logradouros e caminhos de servidão[152] tendo sido escolhido como terreno de experimentação o interior do quarteirão da Rua do Alto da Arrábida 92-96 e Rua da Arrábida 79-97[153] devido à deterioração de parte considerável do seu interior, quer por abandono quer por falta de interesse na manutenção. Neste sentido propõem-se três intervensões independentes mas dialogantes cuja construção e programa – habitação temporária ou permanente – dependeria das pretensões dos respectivos proprietários em tal investimento.

Salvaguardando a devida insolação do casario envolvente, propõem-se dois módulos no interior do quarteirão de possível ampliação na horizontal e em altura até T3, em dois pisos com terraço. O seu acesso principal dar-se-ia através da reactivação do caminho de servidão e, no caso de mobilidade reduzida, seria possível o acesso tardoz a partir dos quintais vizinhos e respectivos portões partilhados[154].

Devido ao constrangimento altimétrico na sua acessibilidade e à impossibilidade de cargas e descargas a menos de 22 metros da entrada do fogo[155], questiona-se a flexibilidade desta proposta no acolhimento vitalício. No entanto, não se encontram contrapartidas determinantes quer no seu arrendamento a longo prazo – a famílias ou a estudantes – quer como alojamento temporário.



Vista do 1º andar do nº 79 da Rua da Arrábida

152 Rever pág.35-38 e ver ANEXOS págs.13-17
153 Ver ANEXOS págs.15-17
154 Ver figura superior central em ANEXOS págs.16
155 Problemático também no transporte de crianças pequenas e de compras semanais para um agregado familiar de três ou mais membros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se por uma aproximação projectual teórico-prática e realista – pelo entendimento da complexidade humana, social e comportamental do lugar, pela psicanálise dos costumes, das afinidades e das aversões culturais que se refletem nas casas e cidades onde vivemos – contra a parcialidade e limitação de um reconhecimento apenas formal e funcional daquilo sobre o que se intervém como arquitecto, de profissão ou recreação.

Descobriu-se e apurou-se a sensibilidade em olhar a cidade e o seu processo evolutivo lendo[1], especulando[2] e reconhecendo – quer através de documentação concebida para tal fim, quer através da leitura interpretativa da subtileza narrativa dos testemunhos históricos persistentes, fragmentados, transformados, estratificados, matizados num conjunto de apontamentos anacrónicos – para assim informar uma intervenção projectual prospectiva, tanto como gesto integrado neste processo de acumulação, ativismo e transformações, como gesto integrador do devir do preexistente.

Neste processo incremental e metamórfico encontraram-se pistas para uma concepção de habitação social, pela criação de condições para a inserção, adaptação e coesão de uma vizinhança heterogénea – para lá da habitação meramente económica. Contra-argumentando a tendencial separação de diferentes realidades sociais, financeiras, culturais, etc, propôs-se a hipótese do inter-reconhecimento e convivência de uma vizinhança heterogénea como possível confronto pessoal de reavaliação e desconstrução de estigmas e preconceitos adquiridos. Neste sentido, de modo a tornar compatível a coexistência do máximo de variantes de interpretações de conforto possíveis, propôs-se uma estrutura-base sobre a qual o projecto participado se manifestaria fogo a fogo, na espessura do filtro público/privado, na delimitação da área e acessibilidade dos espaços exteriores privados, assim como na organização interior do fogo e respectivas possibilidades de transformação incremental em altura e extensão. E assim, poder partir de uma casa de dimensões modestas que possibilite a sua transformação e adaptação consoante as pretensões e fundos do seu morador.

Utopia? Talvez. E no entanto, de que vale um projecto sem um pouco dela?

1 'Ler' como a capacidade de traduzir símbolos abstractos em ideias concretas.

2 'Especular' como quem olha o passado através do reflexo deste no espelho a que damos o nome de cidade.

Por força da própria natureza e objectivos do formato de Dissertação de Mestrado, permanece um certo desassossego particular por no ensaio exposto faltar a profundidade e desafio da participação directa com clientes, que o sejam realmente por necessidade própria – e não apenas para ajudar no trabalho de escola –, expandindo a investigação para lá de uma postura pessoal e circunstancial, um tanto burocrática.

Apesar da experiência e aprendizagem, pessoalmente valiosas, desencadeadas neste ensaio fica a sensação de faltarem propósitos – reais, exteriores ao ensaio académico – às hipóteses e perguntas a que se chegaram, para além do seu propósito nas páginas que sobre elas se escreveram. Parece faltar-lhes espaço para se materializarem, sujeito para as experimentar e tempo para as contestar, transportando-as de uma hipótese teórica a uma hipótese real, não como fase concretizadora do projecto mas sim como mais um passo no processo crítico da sua construção. Tal frustração foi-se compensando ao longo do trabalho visitando memórias de outras casas, intervindo na casa dos pais, no sótão…

Enfim, esta longa viagem valeu, por toda a ginástica mental exercitada na dificuldade pessoal de verbalização e comunicação oral e escrita do pensamento, assim como pelas dúvidas e contradições que atribularam tal processo. Resta a esperança de que este trabalho possa levantar questões para lá das que expõem, lançando a curiosidade a novas pendências e/ou continuidade das que foram exploradas, numa descoberta conjunta da arquitectura como profissão e como modo de ver e (re)agir no mundo em que vivemos.

Fecho o percurso académico e continuo a questionar o que é arquitectura; tecto, paredes, vãos, a rua, o largo, o lugar, o habitante, os hábitos, a convivência, os impulsos, a necessidade, a consciência, a sensibilidade, a observação, a iniciativa, a compreensão, a interpretação, a contradição, a consonância, a comunicação, a discussão, a cooperação, a materialização, a experimentação; uma ferramenta da dúvida instrumental?

A inquietação permanece,

a vida continua.

AGRADECIMENTOS

Ao quarto no Porto, pelas dimensões mínimas.

Ao quarto em Oslo, pela desproporção.

Ao quarto na Arrábida, pelo feliz acaso.

Ao quarto na Póvoa, por me ver crescer para lá dele…literalmente.

Ao sótão, pelo refúgio.

Aos meus pais, pela liberdade, sem a qual não teria vivido nenhuma destas casas.

Ao professor Manuel Mendes, pelos desafios e provocações.

Ao professor José Manuel Soares, pela prestabilidade e confiança.

Aos moradores da Arrábida, pelas conversas.

À Dona Carolina, ao Sr. Valentim, à Dona Rita e às senhoras da R. Alto da Arrábida.

Obrigada

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

. KROLL, Lucien; *"Tout est paysage"*, SENS & TONKA, Paris, 2012

. Idem; *"Tout est paysage"*, SENS & TONKA, Paris, 2001

. BOUCHAIN, Patrick; *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013

. HABRAKEN, N. John; "*The structure of the ordinary: form and control in the built environment"*, THE MIT PRESS, Cambridge, Massachussets, 1998

. CABALLOS RUFINO, Maria (coord.); *"Rehabilitación y Ciudad Historica: 1er Curso de rehabilitación des C.O.A.A.O."*, Sevilla, 1982

. IAPH - Instituto Andaluz del Patrimonio Historico; "*Conservación arqueológica: reflexión y debate sobre teoria y práctica"*, CUADERNOS 3, J.A.UNIVERSIDAD DE ALCALA Y VALLADOLID, Sevilla, 1994

. RUDOFSKY, Bernard; *"Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture"*, UNIVERSITY OF NEW MEXICO, Albuquerque, 1995

. Idem; *"The prodigious builders: notes toward a natural history of architecture"*, FIRST HARVEST/HBJ, New York, 1979

. BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL: arquitectura e participação 1974-1976"*, SERRALVES, Porto, 2014

. Idem; *"O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974"*, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Coimbra, 2011

. BUNCUGA, Franco; *"Convesazioni con Giancarlo de Carlo: architettura e libertá"*, ELÈUTHERA, Milano, 2001

. LYNCH, Kevin; "*City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch"*, THE MIT PRESS, Cambridge, Massachusetts, 1990

. Idem; "*A Boa Forma da Cidade"*, col. Arquitectura e Urbanismo, EDIÇÕES 70, Lisboa, 1999

. FRIEDMAN, Yona; "*Pro Domo: Yona Friedman"*, ACTAR, Barcelona, 2006

. LEE, Terence; *"Psychology and the environment"*, METHUEN, London,1976

. SILVANO, Filomena; "*Antropologia do Espaço"*, ASSÍRIO E ALVIM, Lisboa, 2010

. WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís (coord.), *"Ilhas"*, PANMIXIA, Porto,2004

. RODRIGUES, Adriano Vasco; *"Ocupação muçulmana do Porto – Al-Duar e Al-Ribat",* Separata do Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto Nº1, Porto, 2016

. TEIXEIRA, Manuel C.; *"Habitação Popular na Cidade Oitocentista - as ilhas do Porto"*, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1988 (1ª edição)

. BREDA VÁZQUEZ, Isabel; CONCEIÇÃO, Paulo (coord.); *"'Ilhas' do Porto: levantamento e caracterização"*, MUNICÍPIO DO PORTO, Porto, 2015 (1ª edição);

. CASTRO SEIXAS, Paulo; *"Ilhas e Novos Condomínios no Porto do século XX: reflexos do passado, interrogações do presente",* texto elaborado com base em SEIXAS, 1999 e SEIXAS 2008

. ALVES COSTA, Alexandre; *"A Ilha Proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas Considerações sobre um Título Enigmático",* in JORNAL DE ARQUITECTOS nº204, 2002, p.9

. BACHELARD, Gaston; *"A poética do espaço"*, COLECÇÃO TRÓPICOS, São Paulo, 1998 (3ªedição)

. FRISCH, Karl von; *"Animal architecture"*, NEW YORK AND LONDON, New York, 1974

. COLLYMORE, Peter; *"The Architecture of Ralph Erskine"*, ARCHITEXT, London, 1985

. CALVINO, Italo; *"As Cidades Invisíveis",* TEOREMA, Alfragide, 2011 (14ª edição)

. SILVA, Augusto Alves da [Et.Al.]; "*Registos de uma transformação"*, col. Cityzines, [S.N.], Porto, 2011

. MENDES, Manuel; "*(In)formar a modernidade: Arquitecturas Portuenses, 1923-1943: morfologias, movimentos, metamorfose"*, FAUP PUBLICAÇÕES, Porto, 2001

. TEIXEIRA, Joaquim José Lopes; "*Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal"*, Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Outubro 2014

FONTES DIGITAIS

ESCRITOS

. Ilha na Rua de São Vítor, BAAU *in* http://www.baau.pt/project/ilha-s-vitor/ [consultado a 15/12/2017 19:00]

. Ilha da Bela Vista, CMP, "*A ilha que vai mostrar que pode ser península*" JORNAL DE NOTÍCIAS, 5/7/2014 *in* http://3.bp.blogspot.com/-mgBYHj8u8lY/U8QW7ioPRwI/AAAAAAAAAnY/Ennh-1rwnCE/s1600/SKonica_Cen14071011060_0001.jpg [consultado a 7/02/2016 11:10]

"*Cara nova para devolver a identidade de sempre*" PORTO 24, 24/9/2015 *in* http://www.porto24.pt/cidade/cara-nova-para-devolver-identidade-de-sempre/ [consultado a 7/02/2016 10:25]

"*Ilha da Bela Vista - um programa, um projecto de habitação básica participada*" É PROIBIDO APONTAR, 10/7/2014 *in* http://proibidoapontar.blogspot.pt/2014/07/ilha-da-bela-vista-um-rograma-um.html [consultado a 7/02/2016 10:14]

"*"Ilhas" típicas do Porto ganham nova vida com turistas e estudantes*" OBSREVADOR, 1/7/2017 *in* http://observador.pt/2017/07/01/ilhas-tipicas-do-porto-ganham-nova-vida-com-turistas-e-estudantes/ [consultado a 20/01/2018 12:04]

. DOMUS SOCIAL, "*Sinalização de ilhas*", 2014 *in* http://www.domussocial.pt/sinalizacao-de-ilhas

. "*Cinco anos após primeira demolição, bairro do Aleixo está "muito sozinho""*, OBSERVADOR, 15/12/2016 *in* http://observador.pt/2016/12/15/cinco-anos-apos-primeira-demolicao-bairro-do-aleixo-esta-muito-sozinho/

. "*Bairro do Aleixo: Entre o "querer ficar" e o "querer sair""*, JPN, 29/6/2015 *in* https://jpn.up.pt/2015/06/29/bairro-do-aleixo-querer-ficar-querer-sair/ [consultado a 14-04-2017 8:53]

. COLLIERS INTERNATIONAL, *"Investment Opportunity: land plots, residential or hotel, Porto" in* http://www.colliers.com/pt-pt/portugal/properties/p-prt30000024/terrenos-para-constru%C3%A7%C3%A3o-alto-da-arr%C3%A1bida-porto [consultado em Julho de 2016 - actualmente indisponível]

. SANTOS LIMA, Ana; *"Aleixo, o início do fim"*, REVISTA PUNKTO, Dezembro 2011 *in* http://www.revistapunkto.com/2011/12/aleixo-o-inicio-do-fim-ana-lima.html [consultado a 7/07/2016 20:58]

. GUERREIRA, Filipa de Castro; CORREIA, Tiago Macedo; (ATELIER DA BOUÇA); *"Notas sobre a prática do acaso: A casa como laboratório espacial"*, REVISTA PUNKTO, Janeiro 2011 *in* http://www.revistapunkto.com/2011/01/notas-sobre-pratica-do-acaso.html [consultado a 7/07/2016 20:35]

. BISMARCK, Pedro Levi; *"Da farsa à tragédia: A SRU-Porto Vivo"*, REVISTA PUNKTO, Abril 2013 *in* http://www.revistapunkto.com/2013/04/sru-da-farsa-tragedia-pedro-bismarck.html [consultado a 7/07/2016 19:12]

. Lucien Kroll "*1979 January: Ecological architecture of Lucien Kroll*", THE ARCHITECTURAL REVIEW, 13/02/2012 *in* https://www.architectural-review.com/archive/1979-january-ecological-architecture-of-lucien-

-kroll/8626073.article [consultado a 3/03/2016 09:10]

"*The ecological architecture of Lucien Kroll*", THE ARCHITECTURAL REVIEW, 26/07/2016 *in* https://www.architectural-review.com/rethink/the-ecological-architecture-of-lucien-kroll/10008693.article

. GRUPO DRAMÁTICO E DE MORADORES MOCIDADE DA ARRÁBIDA; "*Historial do Mocidade"*, 3 de Novembro 2008 *in* https://mocidadearrabida.wordpress.com/ [consultado a 20/11/2017 10:08]

AUDIOVISUAIS

. HABRAKEN, John, "*De Drager / a film about Architect John Habraken"* SCHWARZPICTURES, Março 2013 *in* https://vimeo.com/61410893 [consultado a 15/09/2017 00:45]

. MORRIS, Desmond; "*The Human Animal Ep.3 - The Human Zoo"* A Personal View of the Human Species, BBC, Reino Unido, Julho 1994 *in* https://www.youtube.com/watch?v=nsU4WRVpS-k [consultado a 15/09/2017]

. MENDES, Manuel; *"Despertadores de projecto e conhecimiento intersecçoes de perspectivas"*, Seminario Internacional sobre rehabilitación y mejoramiento de Barrios: investigación, gestión y acción, Setembro 2012 E.T.S. Arquitectura *in* http://obiter.us.es/index.php/categories/57-jornadas-y-seminarios/seminario-internacional-sobre-rehabilitacion-y-mej/938-user-65-vuo9tmaz2il1wf

. DAWKINS, Richard, "*The Purpose of Purpose"*, THE RICHARD DAWKINS FOUNDATION, Conferências em Minnesota, Oklahoma e Omaha, E.U.A., Março 2009 *in* https://www.youtube.com/watch?v=mT4EWCRf-dUg&t=2632s [consultado a 23/03/2017 16:17]

. *Plenário de moradores no Palácio de Cristal*, ARQUIVO RTP, Porto, 1975 *in* "*SAAL project - Porto, Portugal" in* https://www.youtube.com/watch?v=s_Ub7QnPEFw&app=desktop [consultado a 11/07/2017 18:42]

FONTES CARTOGRÁFICAS

. "*Plan de La Ville du Port & des Environs D'OPORTO en Portugal*", 1832 *in* http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84450385

. "*Beilage zur Allg. Preufs. Staats Zeitung NI 55*", 1830-1850 *in* http://digitool.is.cuni.cz:1801/view/action/nmets.do?DOCCHOICE=809476.xml&dvs=1513798662495~376&locale=pt_PT&search_terms=&adjacency=&VIEWER_URL=/view/action/nmets.do?&DELIVERY_RULE_ID=3&divType=&COPYRIGHTS_DISPLAY_FILE=licence_mapy

. "*Planta da Foz do Douro até Quebrantoens*", Comander Eduard Bolder, 1820 *in* http://portoarc.blogspot.pt/2016/02/rio-douro-barra-iv.html

. "*Entrance of the River Douro*" por Comander Eduard Bolder, 1823 *in* http://portoarc.blogspot.pt/2015/11/rio--douro-xxxi.html

. '*Entrance of the River Douro by Commander Edward Belcher*', 1860 *in* http://cartotecadigital.icc.cat/cdm/ref/collection/espanya/id/2407

. '*Carta Telles Ferreira*', 1982, Arquivo Histórico da Casa do Infante

. '*Levantamento fotográfico aéreo da Cidade do Porto*', 1939, Arquivo Histórico da Casa do Infante

. '*Fotoplano da Cidade do Porto*', 1958, Arquivo Histórico da Casa do Infante

. '*Levantamento fotográfico aéreo da Cidade do Porto*', 1980-90, arquivo FAUP e cortesia do arq. Nuno Valentim

. '*Levantamento fotográfico aéreo da Cidade do Porto*', 2014, Câmara Municipal do Porto

. "*Plano Director Municipal do Porto*", 2015; *in* Gabinete do Munícipe, Câmara Municipal do Porto

in http://mipweb.cm-porto.pt/MuniSIG/MuniSIGViewer/Index.html?configBase=http://mi-

pweb.cm-porto.pt/MuniSIG/REST/sites/Urbanismo/viewers/Mipweb_-_Mobile/virtualdirectory/Resources/Config/Default

CRÉDITOS DE IMAGENS

As fotografias de autoria própria só serão mencionadas quando a sua data de captura o justifica.

p.16 | Ponte da Arrábida com o Lugar da Arrábida em segundo plano | 1963; CRUZ, Paulo Jorge de Sousa; *"As Pontes do Porto"*, CIVILIZAÇÃO, Porto, 2001, pág. 149

p.26 | "NJ-1" The Matter of Time (2005), Richard Serra; GREENBERG, Philip; THE NEW YORK TIMES, Richard Serra/Artists Rights Society, New York, 2016 *in* https://www.nytimes.com/2016/05/13/arts/design/review-from-richard-serra-steel-behemoths-that-get-into-your-head.html

p.29 | Muro de suporte que poderá ter feito parte do Ribat?; GOOGLE MAPS *in* https://www.google.pt/maps/@41.1482164,-8.6449428,96a,35y,2.89h,58.56t/data=!3m1!1e3

p.31 | Escarpa da Arrábida | Implosão da Torre 5 do Bairro do Aleixo, 2011; captura de ecrã de "*IMPLOSÃO BAIRRO DO ALEIXO - IMAGENS DE HELICÓPTERO - TORRE 5*" *in* https://www.youtube.com/watch?v=l6uzPhFS1ug

p.39 | Airbnb Abril e Dezembro de 2017; *in* https://www.airdna.co/city/pt/porto [consultados a 22 Abril 2017 19:03 e 22 Dezembro 2017 9:20]

p.40 | Lugar da Arrábida com construção da Ponte da Arrábida em segundo plano; "*Os Planos para o Porto–dos Almadas aos nossos dias 8 (I parte)*", DO PORTO E NÃO SÓ..., publicado a 12/04/2011, *in* http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/04/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos.html

p.46 | Vista aérea Bairro do Aleixo - Lugar da Arrábida - Via Panorâmica; GOOGLE MAPS *in* https://www.google.pt/maps/@41.1429924,-8.642333,82a,35y,344.29h,79.11t/data=!3m1!1e3

p.50 | Vista para a Marina de Gaia desde o Bairro do Aleixo | anos 80; cortesia de Ricardo Mendes ao blog Porto Desaparecido *in* http://porto-desaparecido.blogspot.pt/ e https://www.facebook.com/photo.php?fbid=769868926373516&set=o.332201940168348&type=3&theater

Bairro do Aleixo após demolições; Foto de André Cepeda, cortesia do arq. Paulo Moreira

p.52 | Depoimento de Margarida Martins, de 66 anos, moradora na torre 3 do Bairro do Aleixo *in* http://observador.pt/2016/12/15/cinco-anos-apos-primeira-demolicao-bairro-do-aleixo-esta-muito-sozinho/, 15 de Dezembro de 2016

p.55 | Fotografia desde a Via Panorâmica Edgar Cardoso aquando a construção da Ponte da Arrábida 1957-1963; Repositório Temático da Universidade do Porto *in* https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/1083

p.57 | Extracto do levantamento de 1948; DO PORTO E NÃO SÓ..., "*Os Bairros Sociais no Porto II*" publicado a 19/12/2010 *in* http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/12/os-bairros-sociais-do-porto-ii.html [consultado a 28/1/2017 15:20]

p.60 | Chimpanzee in sleeping nest; Jane van Lawick-Goodall, "*My Friends the Wild Chimpanzees*", Washington, D.C., 1967; *in* FRISCH, Karl von; *"Animal architecture"*, NEW YORK AND LONDON, New York, 1974, pág.279

Piquenique nas árvores, China, 1910; cortesia de Columbia East Asian Library; *in* RUDOFSKY, Bernard; *"The prodigious builders: notes toward a natural history of architecture"*, FIRST HARVEST/HBJ, New York, 1979, pág.48

p.62 | Casa no Barredo em épocas diferentes, Porto; FOI ASSIM..., "*Viela do Buraco 18-20 Parcela 75*" publicado a 7/06/2010 *in* http://foiassimk.blogspot.pt/2010/06/alcados-sul-da-p-75-76-e-alcado.html [consultado

a 20/11/2017 10:51]

Levantamento de quarteirão no Barredo, Porto, 1967-68; Desenho de António Brito sob orientação do Professor Octávio Lixa Felgueiras, ESBAP

p.69 | Aqueduto como parede de meação, Évora; *in* RUDOFSKY, Bernard; *"The prodigious builders: notes toward a natural history of architecture"*, FIRST HARVEST/HBJ, New York, 1979, pág.348

p.70 | Registo de modos de apropriação do espaço público; autoria própria 12/6/2017, 6/7/2017, 28/8/2017, 28/8/2017, 20/11/2017, 12/6/2017; excepto primeira imagem: GOOGLE MAPS, Julho 2009 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1504594,-8.6460136,3a,80.3y,149.87h,90.83t/data=!3m6!1e1!3m4!1snTXN-twSYvEMPUP0yWxRT1A!2e0!7i13312!8i6656; p.00 | Envolvente do Bairro do Aleixo vista da Rua da Mocidade da Arrábida, autoria própria 20/11/2017

p.83 | Pavilhão Carlos Ramos, FAUP; autoria própria 23/6/2017

Paragem de Tv. Entre Campos, Rua da Arrábida; cortesia de Sanzio Hanzo, Maio 2017

Cromeleque do Xarez, Monsaraz; cortesia de Sanzio Hanzo 29/12/2008

p.90 | Algumas das 'ilhas' do Porto analisadas durante a investigação; DOMUS SOCIAL *in* http://www.domussocial.pt/sinalizacao-de-ilhas; e GOOGLE MAPS

p.92 | Fábricas envolventes mais relevantes e 'ilhas' segundo a Domus Social; DOMUS SOCIAL *in* http://www.domussocial.pt/sinalizacao-de-ilhas; e GOOGLE MAPS

p.94 | Planta e alçado de uma das casas nas filas laterais; TEIXEIRA, Manuel C.; *"Habitação Popular na Cidade Oitocentista - as ilhas do Porto"*, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1988 (1ª edição), pág.329

Vista da primeira rua do Bairro do Vilar; Idem, pág.326

Implantação do Bairro do Vilar; Idem, pág.197

p.99 | Reconstituição de famílias da Ilha do Cordoeiro; WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís (coord.), *"Ilhas"*, PANMIXIA, Porto, 2004, pág.58

p.102 | Ilha em S.Vítor, BAAU; fotografias e desenhos *in* http://www.baau.pt/project/ilha-s-vitor/

p.104 | Desenhos da Ilha da Bela Vista, CMP; *in* (fonte perdida)

Fotografias da Ilha da Bela Vista, CMP *in* http://www.porto.pt/noticias/reabilitacao-da-ilha-da-bela-vista-continua-mesmo-sem-verbas-comunitarias;

p.105 | Planta original; TEIXEIRA, Manuel C.; *"Habitação Popular na Cidade Oitocentista - as ilhas do Porto"*, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1988 (1ª edição), pág.399

Maquete da intervenção proposta; *in* http://proibidoapontar.blogspot.pt/2014/07/ilha-da-bela-vista-um-rograma-um.html

p.106 | Desenhos do Convent for Dominican Sisters, Atelier Kroll; *in* https://www.architectural-review.com/archive/1979-january-ecological-architecture-of-lucien-kroll/8626073.article

p.107 | Desenho manifesto de Lucien Kroll sobre a reabilitação de blocos habitacionais; *in* BOUCHAIN, Patrick; *"Simon et Lucien Kroll, une architecture habitée"*, ACTES SUD EDITIONS, 2013

p.108 | Planta SAAL-Arrábida; *in* BANDEIRINHA, José António; *"O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974"*, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Coimbra, 2011, pág.412

Plenário de moradores no Palácio de Cristal, 1975; captura de ecrã aos 3:31 de "*SAAL Project - Porto, Portugal*" *in* https://www.youtube.com/watch?v=s_Ub7QnPEFw&app=desktop

Assembleia de moradores Maio 1976; Foto de Camilo Cortesão, cortesia do arq. José Manuel Soares

p.109 | Recuperação e ampliação de 7 casas, anteprojecto SAAL Arrábida, José Manuel Soares, Abril de 1976; cortesia do arquitecto José Manuel Soares

p.117 | Largo de Pinto Correia, fotografia anterior a 1975; cortesia do arq. José Manuel Soares

Largo de Pinto Correia, estado actual, 2016; GOOGLE MAPS *in* https://www.google.pt/maps/@41.1514907,-8.6458398,52a,35y,136.54h,55.55t/data=!3m1!1e3

p.118 | Fotografias da vista desde o Largo de Pinto Correia, autoria própria 12/7/2017, 8/1/2017

p.134 | Fotografia aérea anterior a 1975; cortesia do arq. José Manuel Soares

p.135 | Proposta de extensão da Via Panorâmica Edgar Cardoso | Projecto SAAL para o Colégio da Arrábida; cortesia do arq. José Manuel Soares

p.155 | Vista do 1º andar do nº 79 da Rua da Arrábida; cortesia de Sanzio Hanzo, 4/12/2017

ANEXOS

p.14 | Vista da carpintaria - óculo; GOOGLE MAPS, Julho de 2014 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1502114,-8.6448585,3a,60y,241.78h,86.44t/data=!3m6!1e1!3m4!1sNgl9i-xO385NxGns8Sb-fA!2e0!7i13312!8i6656

p.21 | Fotografia do terreno; GOOGLE MAPS, Julho de 2014 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1519417,-8.646614,3a,75y,203.99h,85.38t/data=!3m6!1e1!3m4!1srNfXw2DQ-nXUXFd5KKby-cg!2e0!7i13312!8i6656

p.23 | SAAL Arrábida - 7 casas R. Entrecampos, anteprojecto, planta do existente e de localização; cortesia do arq. José Manuel Soares

Levantamento fotográfico aéreo, 1980-90; cortesia do arq. Nuno Valentim

p.24 | 'As Varandas'; GOOGLE MAPS, Maio de 2009 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1487773,-8.6433733,3a,75y,321.84h,80.25t/data=!3m6!1e1!3m4!1sJmVsoG1yBaRSNs0w2fYR0g!2e0!7i13312!8i6656

p.27 | 'Extracto da Base Cartográfica da década de 40'; DIRECÇÃO MUNICIPAL DE URBANISMO, CMP

p.31 | Cartaz "VENDE-SE (...) APROVADO - 2 CASAS" removido pelo menos desde Julho 2016; GOOGLE MAPS, Maio 2009 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1488785,-8.6438094,3a,75y,309.81h,86.81t/data=!3m6!1e1!3m4!1s5brABp66QK1CA1-OXSMZyg!2e0!7i13312!8i6656

p.36 | Logradouro com ruína de 'ilha'; GOOGLE MAPS, Julho 2014 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1513296,-8.6448168,3a,75y,248.89h,87.58t/data=!3m6!1e1!3m4!1smF_AojXtpJS0xD-W98Ovp5Q!2e0!7i13312!8i6656

p.45 | Logradouro; DOMUS SOCIAL, 2014 *in* http://www.domussocial.pt/sinalizacao-de-ilhas

p.46 | Fotografia anterior a 1976; cortesia do arq. José Manuel Soares

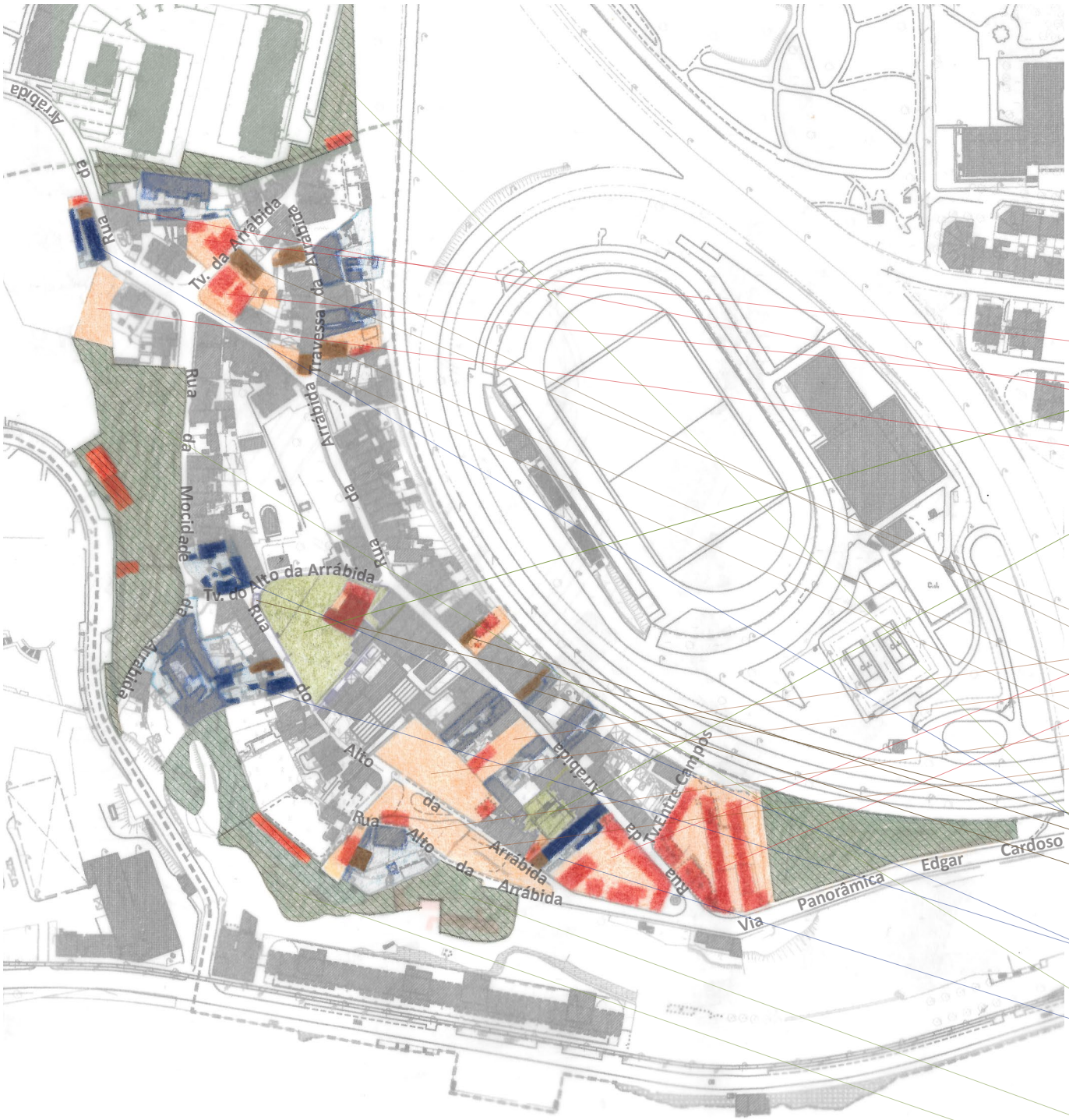
p.47 | Instalações sanitárias; DOMUS SOCIAL, 2014 *in* http://www.domussocial.pt/sinalizacao-de-ilhas

p.49 | Contacto com a Rua da Arrábida; GOOGLE MAPS, Julho 2014 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1521093,-8.6467144,3a,75y,117.79h,93.01t/data=!3m6!1e1!3m4!1sTqs1bwsbnt5txDRoeR-faBA!2e0!7i13312!8i6656

p.54 | Estado de conservação em 2009; GOOGLE MAPS, Maio de 2009 *in* https://www.google.pt/maps/@41.1488831,-8.6438925,3a,75y,279.41h,80.14t/data=!3m6!1e1!3m4!1sPF9OwqK559x5e0TPg-t4aiA!2e0!7i13312!8i6656

4 | ANEXOS

Cartografia e trabalho de campo


Rua da Arrábida
Tv. da Arrábida
Arrábida
Travessa da Arrábida
Rua da Arrábida
Rua da Mocidade
Rua da Arrábida
Tv. do Alto da Arrábida
Rua do Alto da Arrábida
Rua Alto da Arrábida
Arrábida
Rua Tv. Henrique Campos
Via Panorâmica Edgar Cardoso

1

CONTEÚDO

| CARTOGRAFIAS |

4 | 1832 Plan de *La Ville du Port & des Environs D'OPORTO en Portugal*
[1830-1850] *Beilage zur Allg. Preufs. Staats Zeitung NI 55*
5 | 1820 Planta da Foz do Douro até Quebrantoens
1823 Entrance of the River Douro
6 | 1860 Carta Náutica *Entrance of the River Douro*
7 | 1892 Carta Telles Ferreira
8 | 1939 Levantamento Fotográfico aéreo da Cidade do Porto
9 | 1958 Fotoplano da Cidade do Porto
10 |]1980-1890[Levantamento Fotográfico aéreo da Cidade do Porto
11 | 2008 Levantamento Fotográfico satélite da Cidade do Porto
12 | 2014 Levantamento Fotográfico satélite da Cidade do Porto

| LOGRADOUROS |

13 | Rua da Arrábida 221
15 | Rua do Alto da Arrábida 92-96, Rua da Arrábida 79-97

| LOTES VAGOS |

19 | Lote vago - Travessa da Arrábida 434
20 | Lote vago - Rua da Arrábida 372
21 | Lote vago - Rua da Arrábida 468
22 | Lote vago - Rua da Arrábida 437
23 | Conjunto demolido - 'As Varandas'
25 | Conjunto demolido - 'O Paquete'
27 | Lote vago - Rua da Arrábida 108
28 | Lote vago + Ruína - Rua Alto da Arrábida 201
29 | Descampado - Rua do Alto da Arrábida
31 | Lote vago - Rua do Alto da Arrábida 72

| EDIFICADO DESOCUPADO |

33 | Edificado desocupado - Travessa da Arrábida 396
35 | Edificado desocupado - Travessa da Arrábida 452
36 | Edificado desocupado - Travessa da Arrábida 50-199
37 | Edificado desocupado - Rua da Arrábida 332
39 | Posto de Transformação - Travessa do Alto da Arrábida
40 | Edificado desocupado + Ruína - Rua da Arrábida 174
41 | Edificado desocupado - Rua da Arrábida 134

| 'ILHAS' |

43 | 'Ilha' - Rua da Arrábida 459
44 | 'Ilha' - Rua do Alto da Arrábida 243-259
45 | 'Ilha' - Travessa da Arrábida 5
47 | 'Ilha' - Rua da Arrábida 69

| INTERSTÍCIOS |

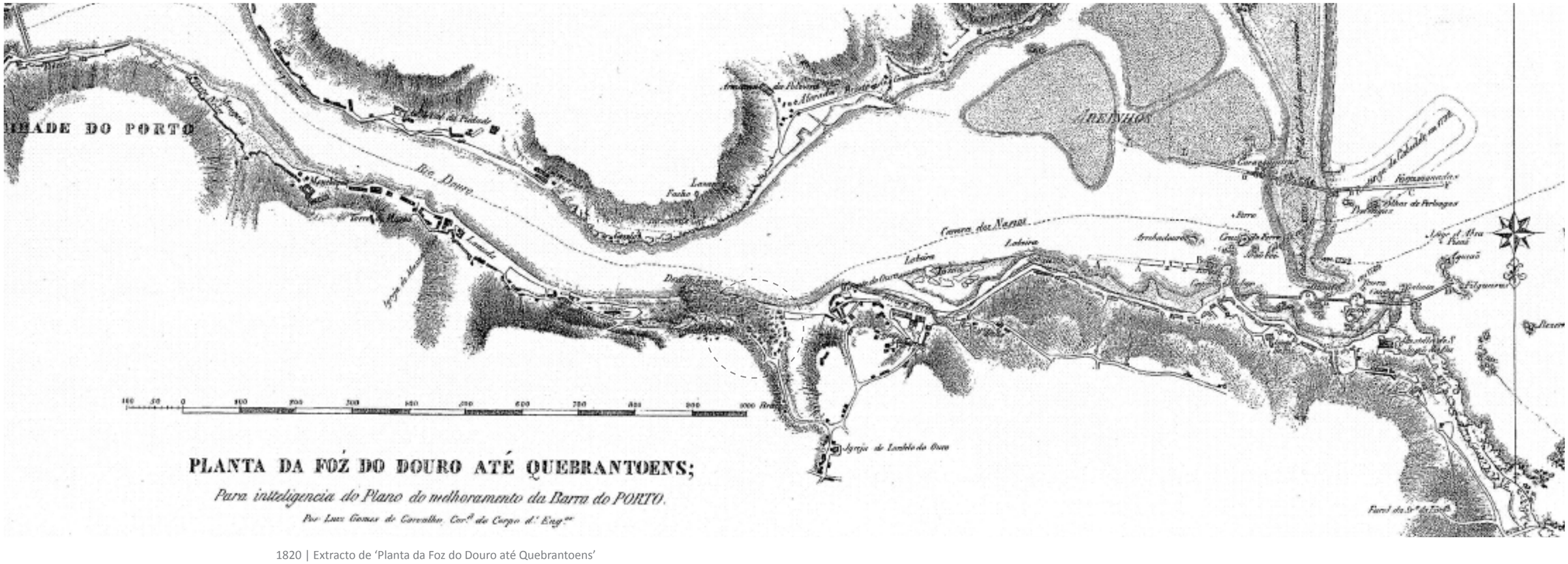
49 | Espaço Intersticial
51 | Encosta Oeste - Rua da Mocidade da Arrábida
53 | Encosta Sul - Rua Alto da Arrábida 243-259
55 | Encosta Sudoeste



Extracto de 'Plan de La Ville du Port & des Environs D'OPORTO en Portugal' | 1832



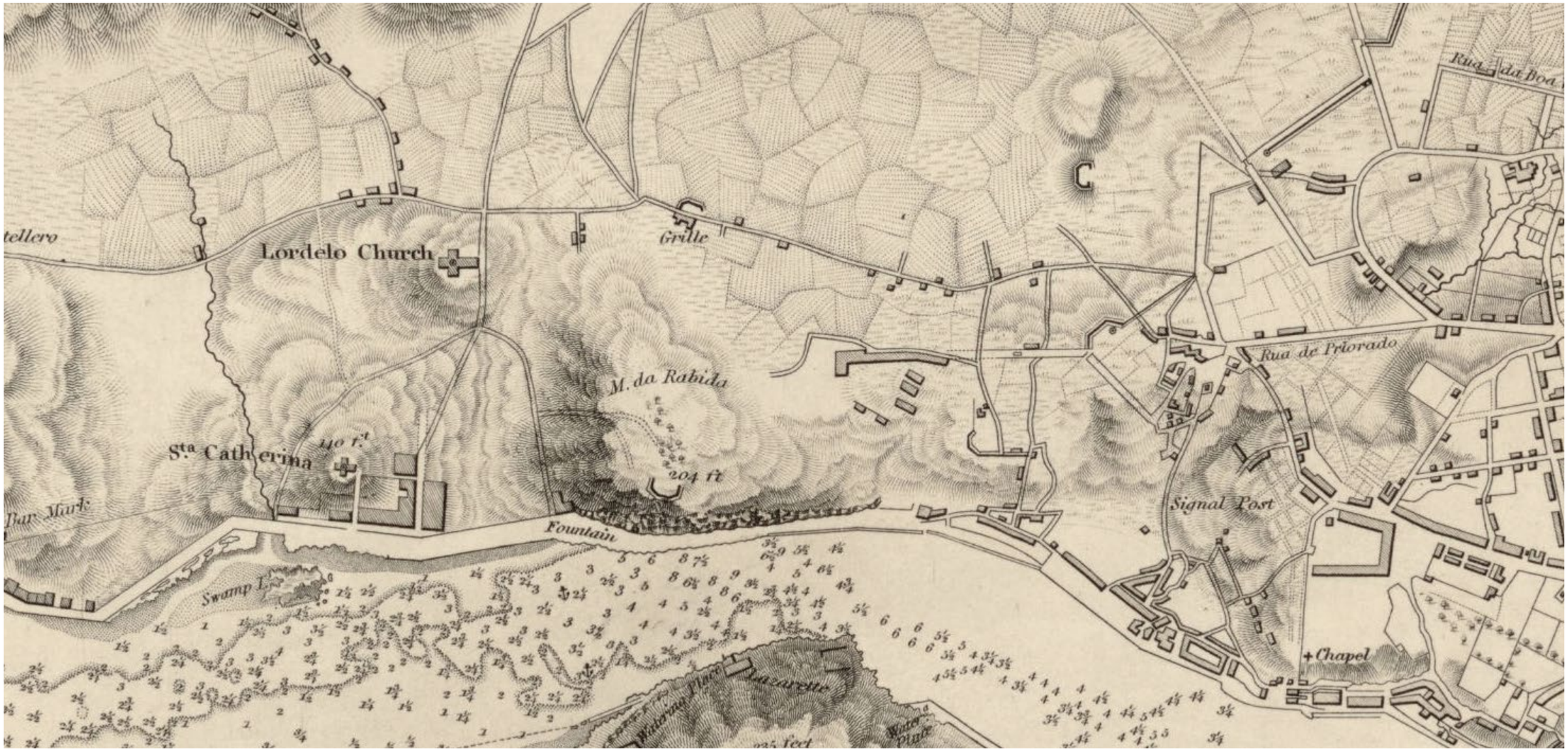
1830-1850 | Extracto de 'Beilage zur Allg. Preufs. Staats Zeitung NI 55 bei Winekelmann & Sölane'

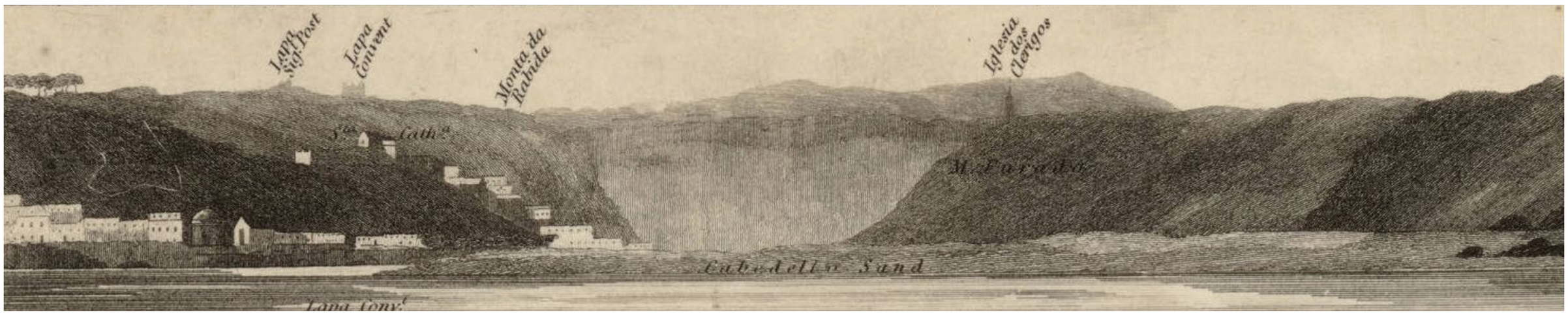


1820 | Extracto de 'Planta da Foz do Douro até Quebrantoens'



1823 | Extracto de 'Entrance of the River Douro by Commander Edward Bolder'





1860 | Extractos de carta náutica 'Entrance of the River Douro by Commander Edward Belcher'



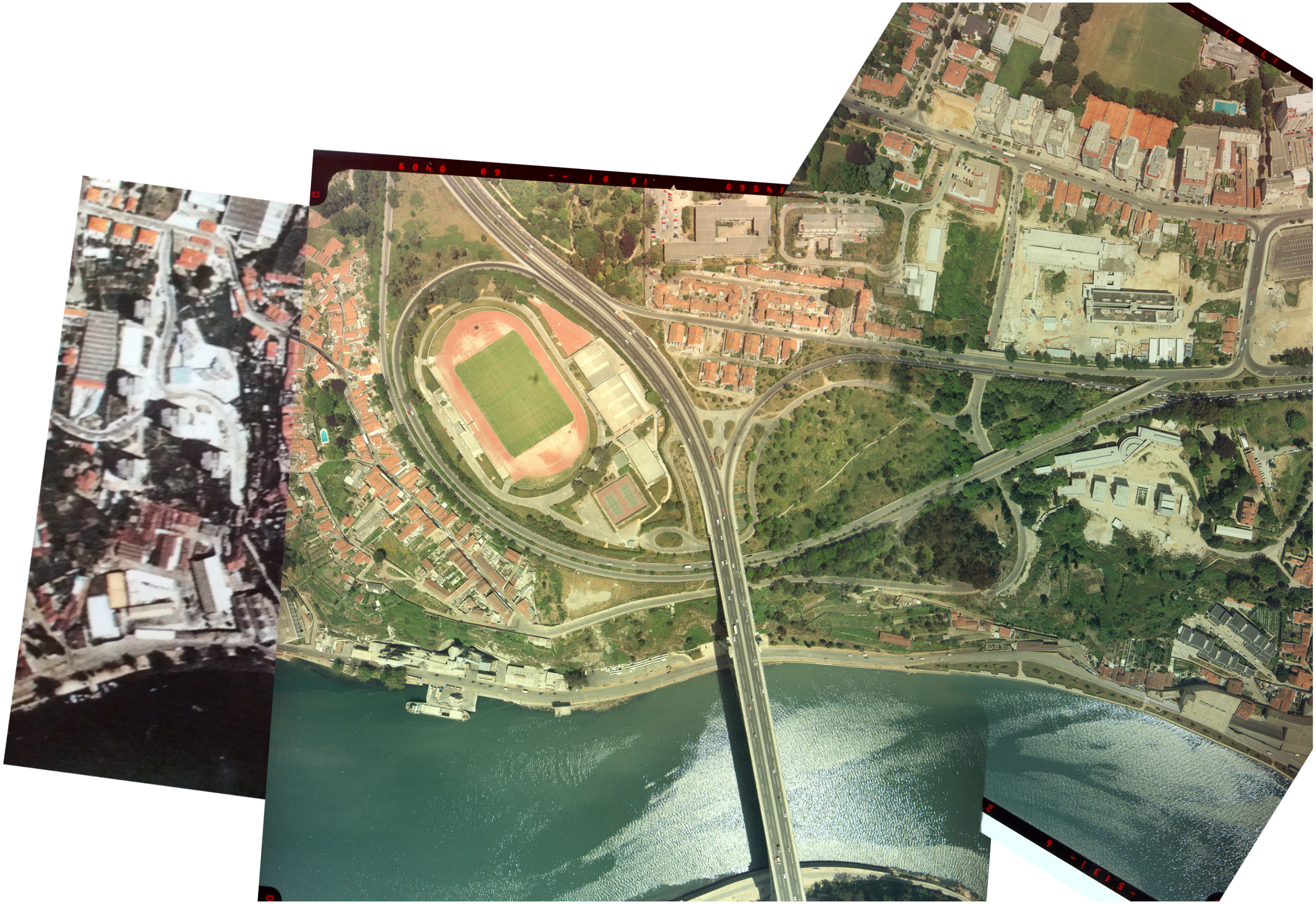
1892 | Extracto de 'Carta Telles Ferreira'



1939 | Extracto de ‘Levantamento Fotográfico Aéreo’ da Cidade do Porto



1958 | Extracto de fotoplano da Cidade do Porto



1980-90 | Extractos de levantamentos lotográficos aéreos da Cidade do Porto

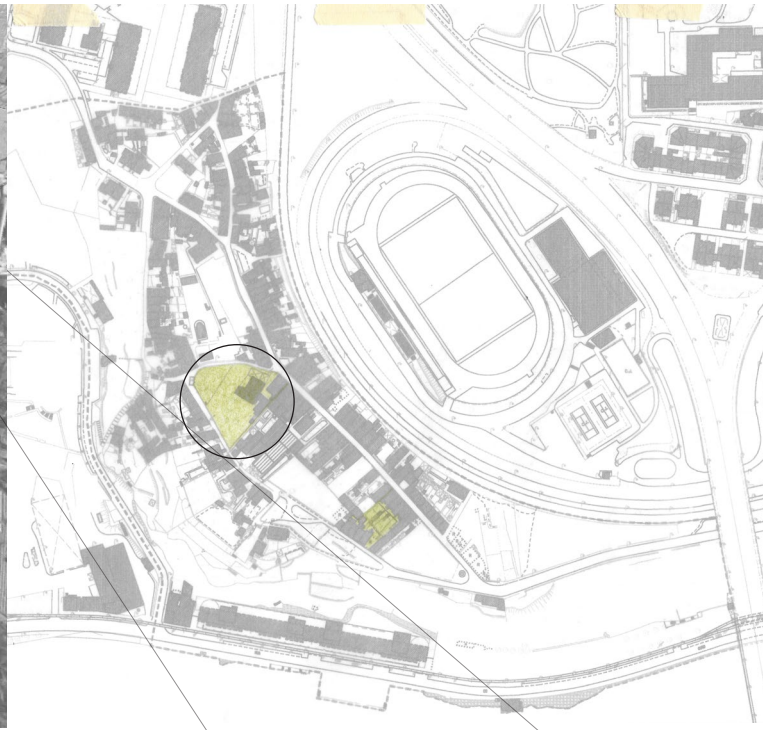


2008 | Extracto de levantamento fotográfico satélite da Cidade do Porto



2014 | Extracto de levantamento fotográfico satélite da Cidade do Porto





Logradouro - Rua da Arrábida 221

"(As hortas) são aqui desta casa. [esse terreno todo, onde também tinha a carpintaria?] A carpintaria também é do mesmo dono disto. [É tudo a mesma pessoa que cultiva?] Não, não, é partilhado. São uns poucos que andam ali. [que moram aqui à volta?] Não, aqui nem mora nenhum, (...) são de fora. [e antes moravam cá?] Não, nunca moraram cá. Este senhor deixou-os fazer o quintal, que ele também não podia, (...) cada um cultiva e leva o que colher. [Por amizade ou assim?] Pois, ele deixou-os vir e eles foram cultivando que havia aí sítios que já estava a monte e eles desbravaram aquilo e plantam aí hortaliças e batatas, cebolas, alhos,..."

- Valentim,
comerciante e morador há 30 anos na Rua da Arrábida





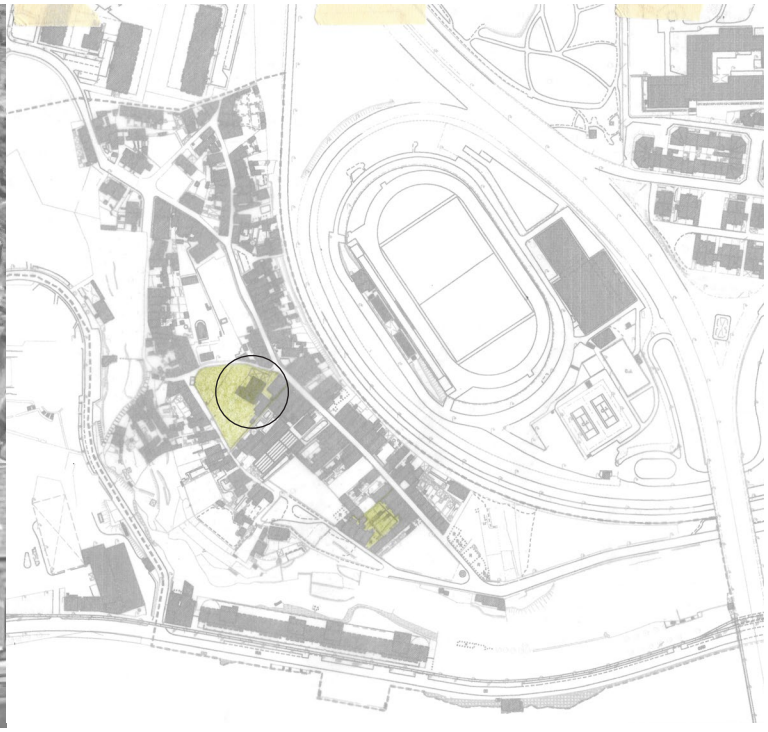




"...o senhor que estava aqui em cima tinha a mania que o caminho era dele, mas não era. E este portão (na frente da Rua da Arrábida) podia existir, mas o caminho continuava a passar por aí. Da outra rua e vinham para cá [contornavam aqui a casa e entravam] Sim. Depois começaram a deitar para lá lixos e não sei quê... Se eu estivesse aqui quando estava aberto, não o deixava fechar. Para algumas das pessoas que estão lá era mais fácil para vir aqui, e escusavam de ir à volta. Mas foi esse senhor que estava aqui, que já faleceu, (...) e fechou-o e ninguém se opôs, e pronto. E agora está fechado.

- Valentim,
comerciante e morador há 30 anos na Rua da Arrábida



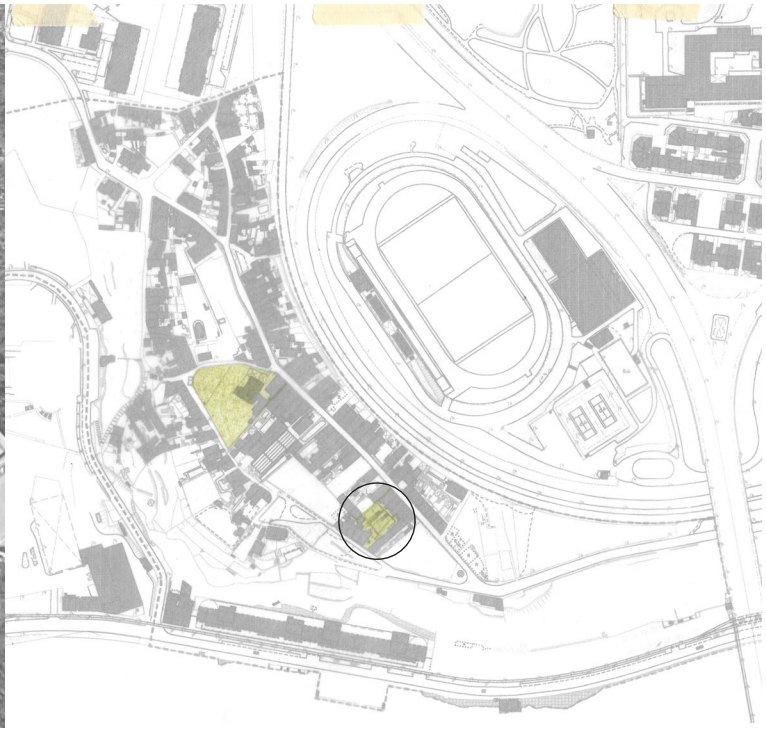


Carpintaria abandonada, piso único.
Estado de Conservação: estrutura leve posterior a 1983, actualmente abandonada e em degradação.
Entrada através de caminho de servidão.
Nenhuma frente de rua. Todas as frentes no interior do quarteirão.
Terreno propriedade do 214-215 Rua da Arrábida.









Logradouro - R. do Alto da Arrábida 92-96, R. da Arrábida 79-97

Originalmente um logradouro colectivo único, foi sendo gradualmente parcelado por muros e separado por portões.

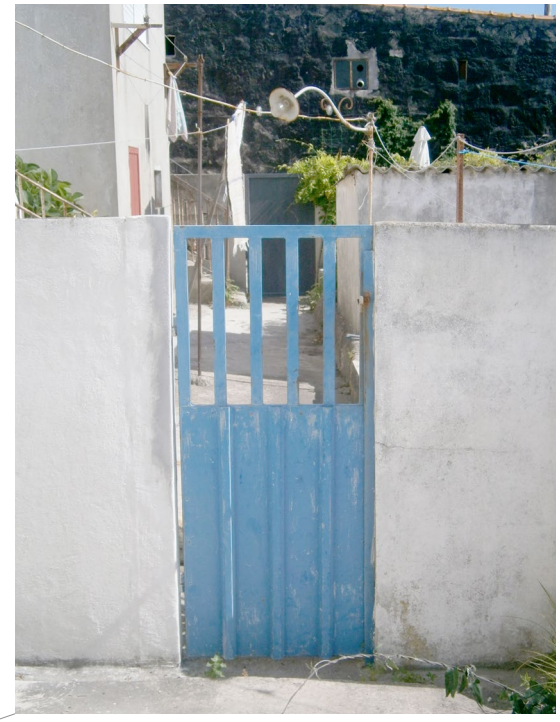
Actualmente restam duas parcelas de livre acesso - propriedades do ARUP e moradores do respectivo 1º andar - e duas casas com logradouro comum, as quais estabelecem comunicação através de portões com os logradouros adjacentes.





"Mas foram elas que botaram (os portões)*, que não era assim, (...) quiseram separar-se por causa da canalha não entrar para lá para dentro jogar à bola e assim. (...) Aquilo era amplo, fizeram um portãozinho ali em baixo e outro em cima. (...) Era tudo quintais [hortas?] (consentimento) Ainda há, ainda estão. Só o meu e o da colectividade (ARUP) é que foi cimentado, para não termos o trabalho de andarmos a tirar as coisas. Mas era tudo quintais. [E essas partes cimentadas costumam ser usadas muitas vezes?] Sim, para estender as roupas e assim. [E a parte do ARUP?] No Verão botam lá umas mesinhas e estão ali."*

- Carolina,
moradora no 97 Rua da Arrábida





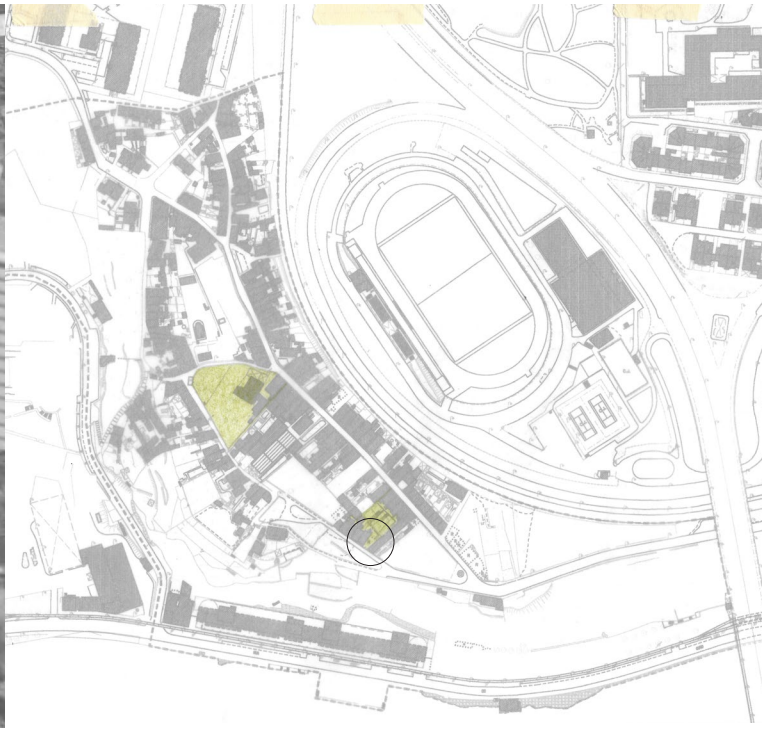


"A passagem é para toda a gente. Só fecha a partir da zona onde a senhora arquitecta mora (79), comprou aquilo e aí é que fechou. Em frente é casas. [...fecha o portão de uma casa e depois à esquerda tem um portão e muito mato...] Pois tem muito mato, tem… […o caminho continuava por ali?] (...) ali não tinha portão nenhum. A senhora debaixo comprou a casa e cortou ali para ninguém passar por causa dos cães. "

- Carolina,
moradora no 97 Rua da Arrábida







Lote vago + Ruína - Rua do Alto da Arrábida 92

Unidade habitacional]1939] constituinte de conjunto de frente de rua. Fogo vizinho totalmente remodelado, acrescentando segundo e terceiro pisos. Actualmente persistem apenas a fachada e o tardoz em ruína, entaipados. Logradouro pequeno/médio, inacessível devido à densa vegetação. Com ligação à Rua da Arrábida por portão traseiro através de caminho de servidão - actualmente desactivado - comum ao quarteirão.





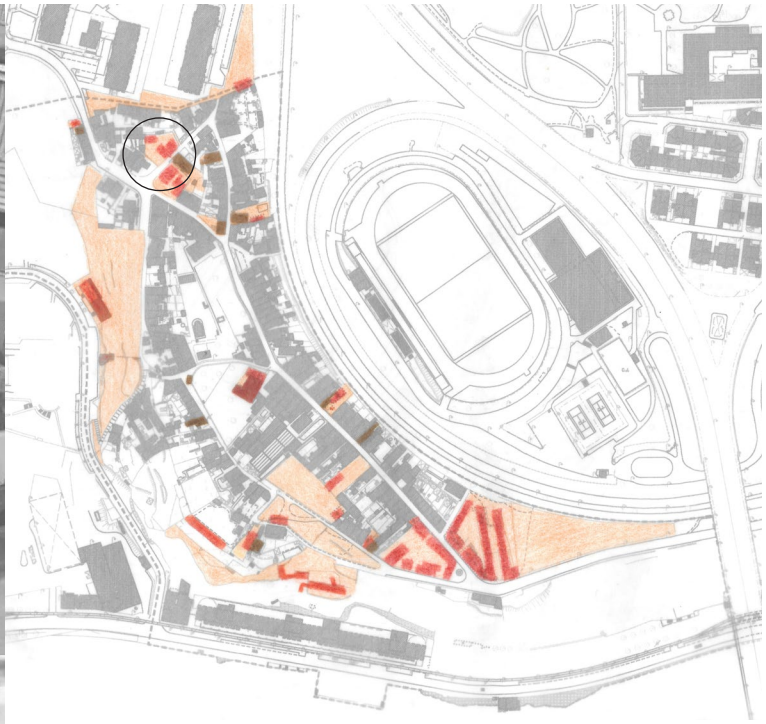
Caminho de servidão desactivado.



Estruturas existentes danificadas e com infiltrações.
Revestimentos deteriorados.
Linteis, ombreiras e padeeiras da fachada em bom estado, assim como os linteis do tardoz.

Observações:
Sem indícios de intensões de intervenção.
Poderá vir a ter projecto de raíz ou recuperação, de dois a três pisos?





Lote vago - Travessa da Arrábida 434

Ruínas pontuais remontam a edificado anterior a 1982.
Um volume de um piso, ladeado por um segundo de dois pisos e um terceiro volume, separado, de menor dimensão do qual persiste uma parede de alvenaria, em bom estado.
O terreno encontra-se em boa manutenção, sendo sasonalmente limpo.





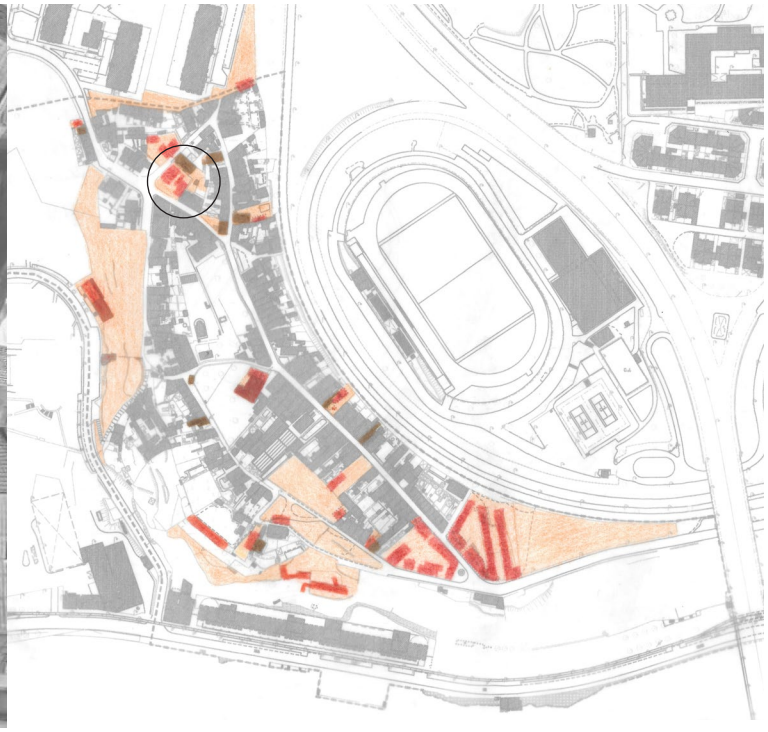




Estrutura de alvenaria,será uma lareira ladeada a uma parede de meação?







Lote vago - Rua da Arrábida 372

Actualmente abandonado e tomado pela vegetação.
Identificam-se três entradas distintas, levantando a possibilidade de poder ter sido um lote partilhado: entre um volume de frente de rua (]1939-1983[); e outro no interior do lote (]1892-1983[). Ainda no levantamento fotográfico de 1939,um muro divide o terreno no que poderá ter sido uma terceira parcela de habitação, aparentemente em ruínas.



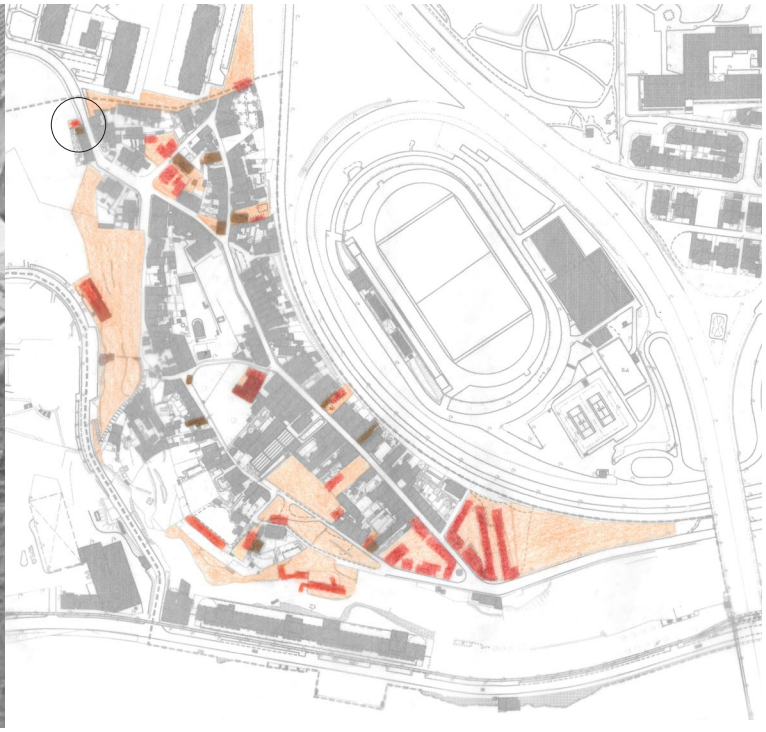


São ainda visíveis restícios dos edifícios demolidos.
Os muros que ladeiam o terreno mostram-se estruturalmente estáveis.









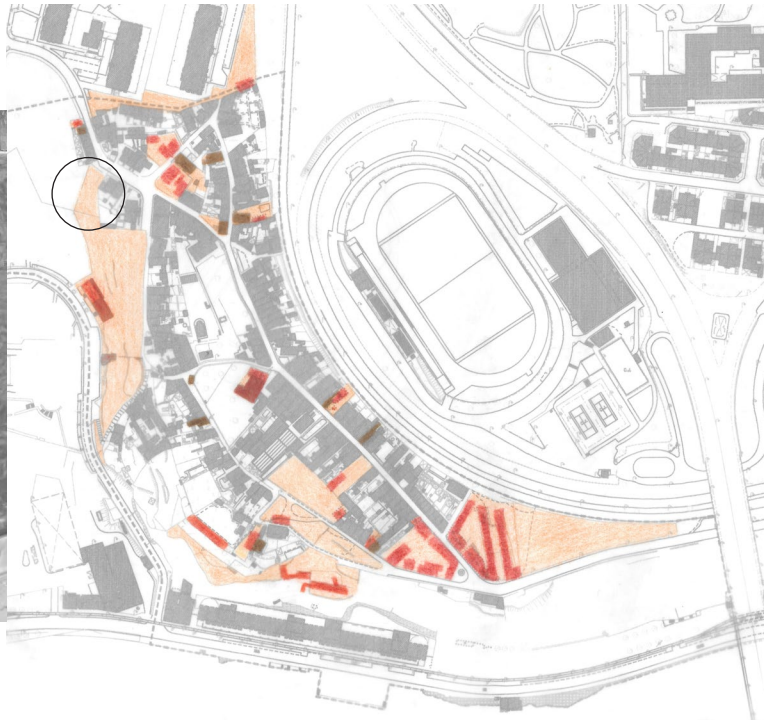
Lote vago - Rua da Arrábida 468

O único vestígio da sua edificação encontra-se no levantamento fotográfico de 1939, que consiste num edifício na frente de rua de um andar com possível sótão de duas àguas. Desconhecem-se as razões de demolição.









Lote vago - Rua da Arrábida 437

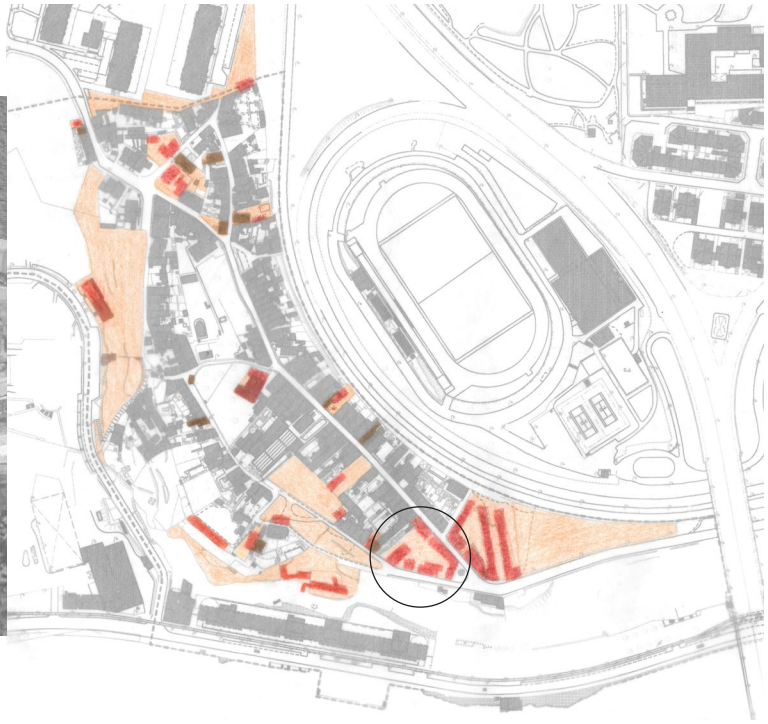
Nunca edificado.

Actualmente serve de abrigo circunstancial a toxicodependentes e depósito de resíduos.









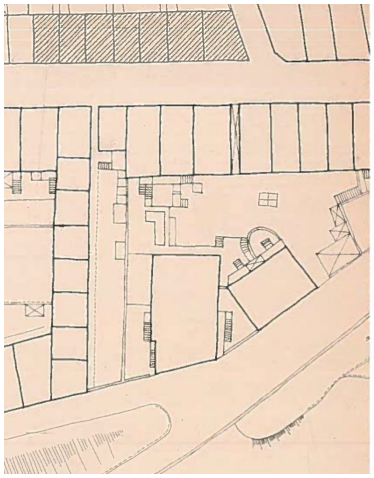
Conjunto Demolido - ‘As Varandas’

Ocupação]1939-2009/2012[.
Antigo conjunto habitacional multifamiliar (2/3 famílias por fogo) chamado pelos moradores de “As Varandas”.
Entradas e acesso ao logradouro comum independentes.
Terreno desocupado, com ruínas de fachadas.

Com o 25 de Abril, os fogos vagos foram ocupados. Tal levou mais tarde à expulsão destes ocupantes informais e demolição dos respectivos fogos.
Os restantes moradores foram mais tarde desalojados aquando a venda a um novo senhorio/proprietário. Seguindo planos de uma nova construção, deu-se a demolição total do edificado até 2012, tendo assim permanecido até hoje.

Ruínas da última demolição (2013)

Ao total abandono, serve de depósito de lixo doméstico e mobiliário, atraindo roedores e cobras.







“Havia São João, lá de baixo até lá em cima, tudo enfeitado! Era muito linda a Arrábida.”

“Gostaria de morar onde morava… A gente tinha uma varanda de seis casinhas e depois tinha os debaixo (…) Mas eramos uma família. Tinha umas pias e era onde a gente estendia (…) a gente conversava muito. Ó menina até às 2 horas da manhã! A gente estávamos lá sentadas! A conversar e a brincar! No Verão! Era muito lindo!”

- Carolina, antiga moradora n’As Varandas', actualmente moradora na Rua da Arrábida.



“...antigamente não haviam grandes casas e os filhos quando casavam ficavam na casa dos pais, e ia acumulando. Muitos até dormiam nos sofás à noite outros dormiam num colchão no chão e era assim. Agora não, agora.. Era só uma casa de banho que nem chuveiro tinha [no exterior?] Sim, sim.”

- Rita,
comerciante e moradora na Rua da Arrábida.









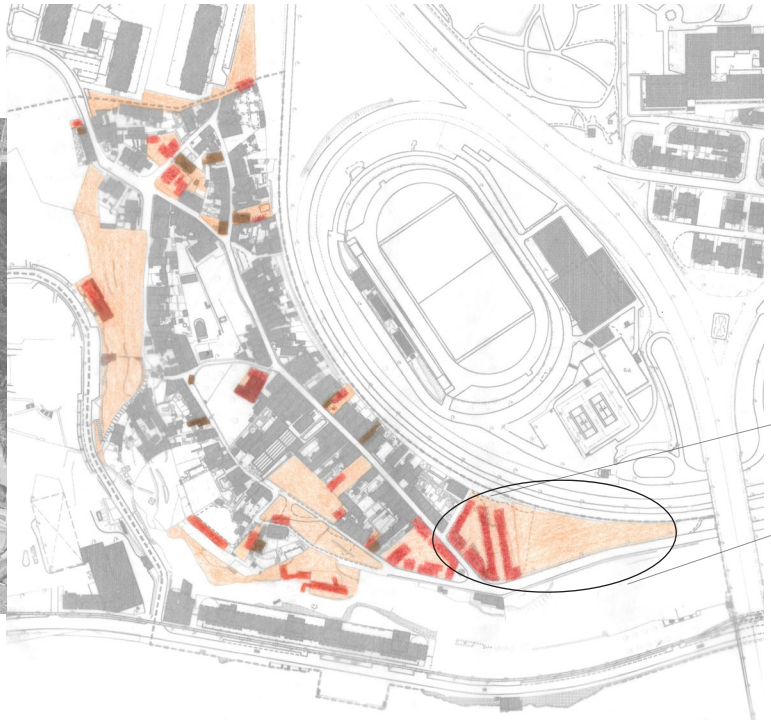
As ruínas da entrada comum para o logradouro serve hoje de miradouro, frequentemente usado por quem passa ou espera o autocarro.





“Aqui pela rua também se botavam banquinhos quando era o tempo de calor e era um convívio…”





Conjunto Demolido + Interstício - ‘O Paquete’

Ocupação]1892-2009]2013].
Terreno desocupado, com fachadas em ruínas.
Antigo conjunto habitacional[1] multifamiliar (2/3 famílias por fogo) chamado pelos moradores de “O Paquete”.
Entradas e acesso ao logradouro comum independentes, excepto ‘ilha’]1892-1983[conhecida por ‘Ilha das Cobras’.





Tal como no conjunto ‘As Varandas’, com o 25 de Abril os fogos vagos foram ocupados, dando origem às referidas expulsões e demolições, até 2009.



Assim permanecendo até hoje, um terreno abandonado, tem despertado novamente o interesse imobiliário devido à sua relação priveligiada de vistas e capacidade de edificação.
(ver pág. 44 do volume principal)



1 Ver página anterior fig._

"Aquilo era a Viela do Anderson que ia ter lá acima ao Campo Alegre. Aquilo (...) era tudo, tudo campos. Que até vinha para aqui o circo Mariani, e a gente estendia lá a roupa, e corava a roupa, brincava lá (...) E por ali abaixo era tudo casas (...) até debaixo da ponte. Tudo casas. Era uma Ilha. Chamava-se a Ilha das Cobras (...) Eu morava à direita, mesmo à beira do fontanário. "

- Carolina,
moradora na Rua da Arrábida,
antiga moradora n'As Varandas'.





Edificável apenas na parcela a Oeste, a restante área é classificada no PDM como Área Verde de Enquadramento de Espaço Canal.



Actualmente ao abandono, acumulando vegetação bravia, serve de depórito de resíduos, abrigo de toxicodependentes, e caminho de atalho para atravessamento da VCI.

Travessa de Entre Campos





Vestígios de casas de 'ilha' adaptadas para garagem.

"De resto, aqui, estamos à espera que façam obras lá do outro lado [lá ao fundo naqueles terrenos?] Já andaram lá a tirar medidas há pouco tempo. Houve um senhor que comprou e com certeza vai investir. [Então se andaram a tirar medidas vai haver novo projecto… porque já havia um há uns anos...] É, logo que eles deitaram aquilo abaixo houve um projecto que esteve lá num cartaz, depois o tempo encarregou-se de o destruir [depois com a crise...] exactamente, depois houve aquela crise (...) e isso reflectiu-se muito nas obras, em tudo..! "

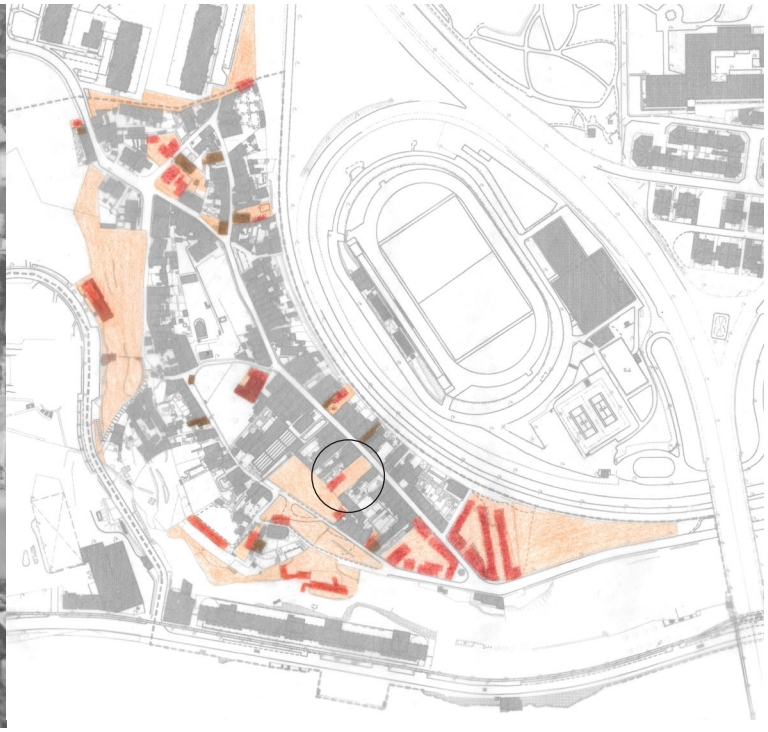
- Valentim,
comerciante e morador na Rua da Arrábida







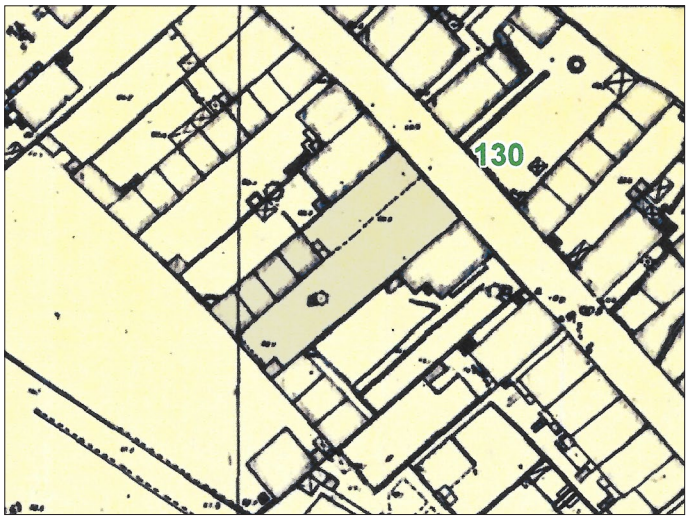




Lote vago - Rua da Arrábida 108

O único vestígio da sua edificação foi encontrado no extracto da Base Cartográfica da década de 40 do século XX, aparentemente consistindo numa ilha de 4 fogos no fundo do terreno. Desconhecem-se as razões de demolição.

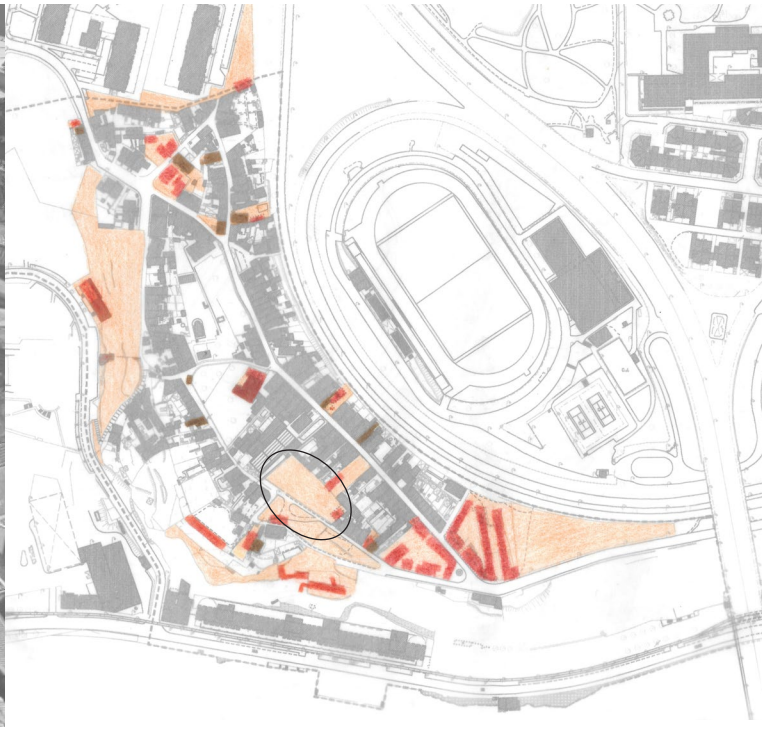




Extracto da Base Cartográfica da década de 40







Lote vago + Ruína - Rua Alto da Arrábida 201

Implantação]1939].
Habitação unifamiliar.
Parcela em tempos constituinte da Quinta da Luisinha (ver lote seguinte).
Edificado em ruína, estruturalmente estável, sem cobertura, de piso único, invadida por vegetação alta e com infiltrações.
Sem particular valor patrimonial, histórico ou arquitectónico.
Entrada única por portão exterior murado.
Logradouro de grandes dimensões, que poderá ter tido hortas particulares.
Desocupado por volta da década de 90.

Observação: Poderá vir a ser parcelado.





Pinheiro Manso: já de grande envergadura em 1983.

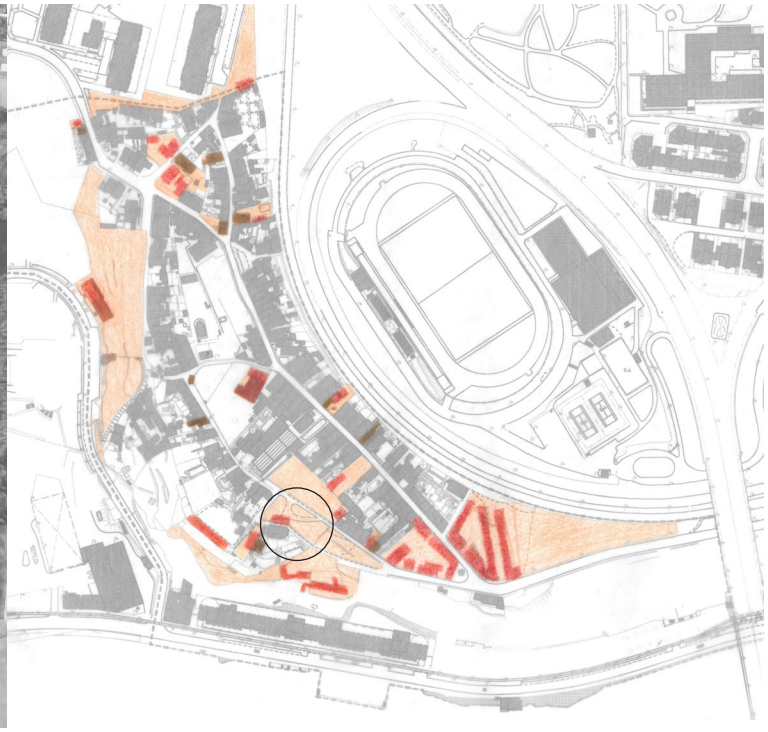




Com o portão derrubado e ao abandono, serve de abrigo circunstancial a toxicodependentes e depósito de resíduos.







Descampado - Rua do Alto da Arrábida

Antigo campo de frutas que após o falecimento dos seus proprietários foi gradualmente sendo ocupado pelos moradores locais para uso público: estacionamento e deposição de veículos devolutos.







"...e ali era uma quinta! Era a quinta da Luisinha! Até ainda tem lá uma árvore muito grande... Eram árvores de fruta de toca a qualidade! Flores de toda a qualidade! Muito bonito graças a Deus... Aqui havia muita mercearia."
- Carolina, moradora na Rua da Arrábida



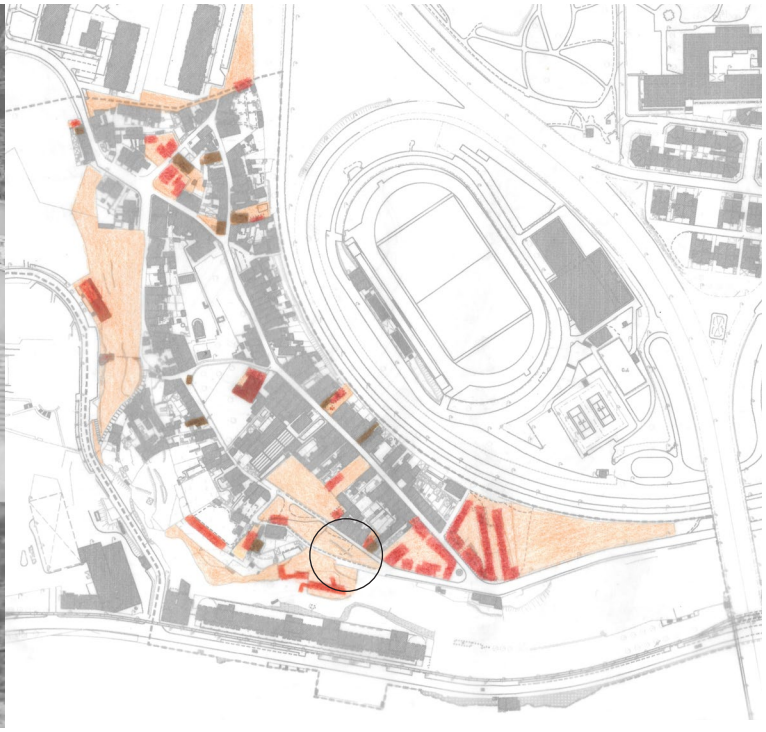


Ruínas do antigo campo de frutas como muros de suporte.

Vestígio de caravanismo.
Desconhecem-se os motivos de estadia, se pela proximidade do Bairro do Aleixo ou se apenas pela paisagem.





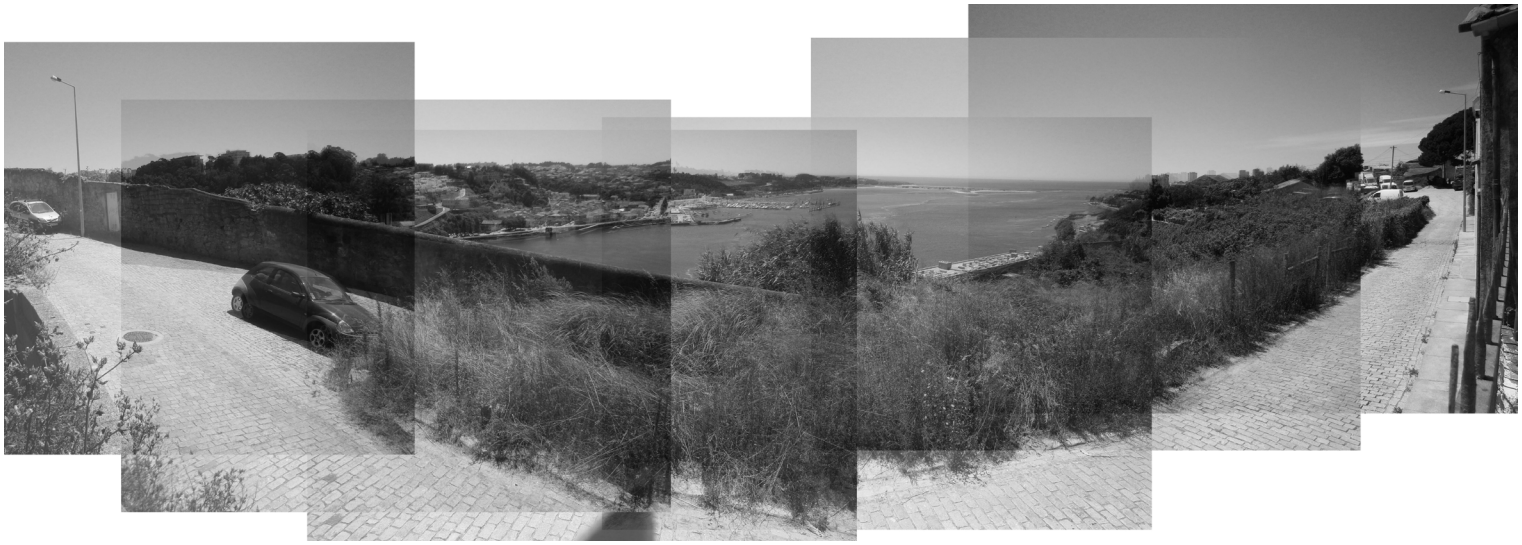


Lote vago - Rua do Alto da Arrábida 72

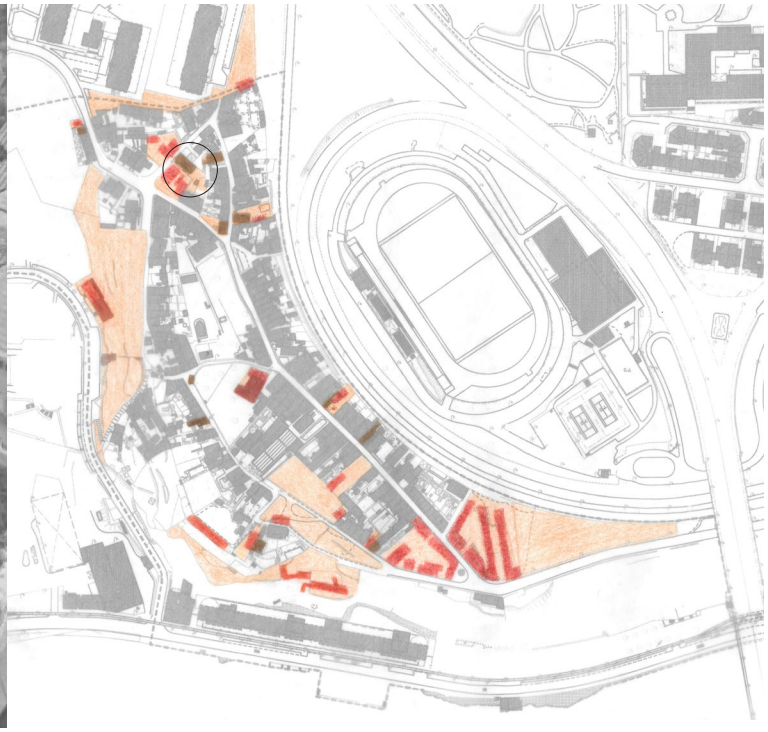
Terreno nunca edificado.
Delimitado por vedação leve e trespassável e pela topografia. Sem vestígio de qualquer uso, devido à sua exposição visual. Vegetação controlada à cota alta.
Vista panorâmica do rio Douro e Vila Nova de Gaia.
Supõem-se ter mudado de proprietário nos últimos 6 anos, havendo projecto a aguardar aprovação ou em processo.



Cartaz “VENDE-SE (...) APROVADO - 2 CASAS”
removido pelo menos desde Julho 2016







Edificado desocupado - Travessa da Arrábida 396

Habitação Unifamiliar/multifamiliar
Dois pisos + àguas furtadas.
Desocupada, para venda pelo menos desde 2016.

Caixilharia original subtituída por caixilharia de alumínio, em bom estado exepto a porta da frente de rua. Águas furtadas com caixilharia de madeira.

Quatro entradas, uma directa da frente de rua e as restantes, através de um portão, e escadaria ao longo da parede de meação. Três frentes livres e com aberturas. Logradouro de dimensões consideráveis com anexos em ruínas.



Paredes interiores em tabique revestidas a reboco;
Intervenções em tijolo;
Paredes de meação revestidas por alçatrão pelo interior.

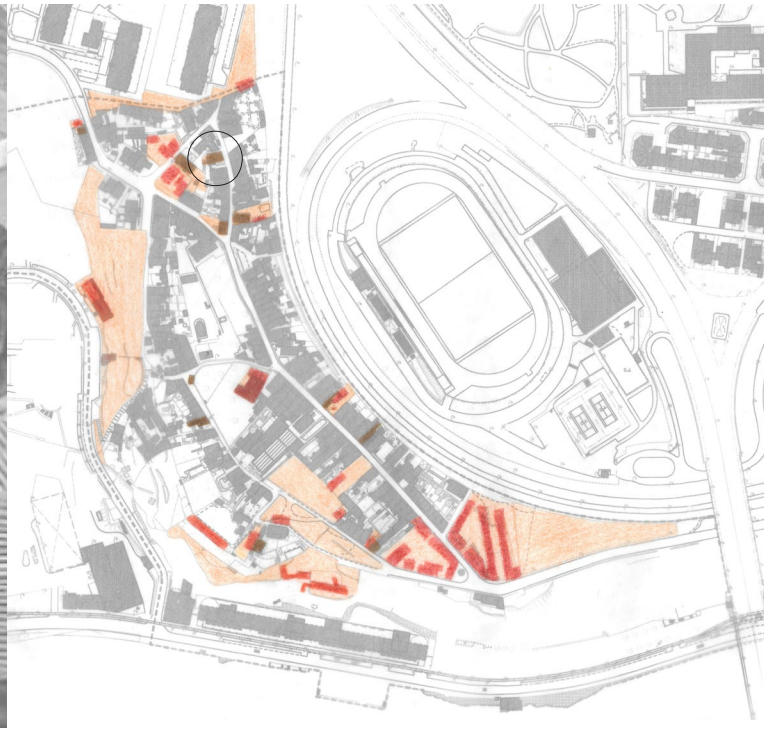




Estrutura de meação em perpianho de granito.
Cobertura revestida por telha sobre estrutura de madeira.
Águas-furtadas revestidas a ardósia sobre tabique.
Paredes interiores de tabique revestidas a reboco.
Intervenções em tijolo.







Edificado desocupado - Travessa da Arrábida 452

Edificado de]1939.
Habitação unifamiliar de um piso + sótão. Com anexo tardoz.
Entrada única, por portão, para caminho de servidão, para parede de meação com duas portas.
Três frentes livres, com vãos.
Pátio e caminho exterior de dimensões reduzidas, mas com vista panorâmica Norte-Oeste.

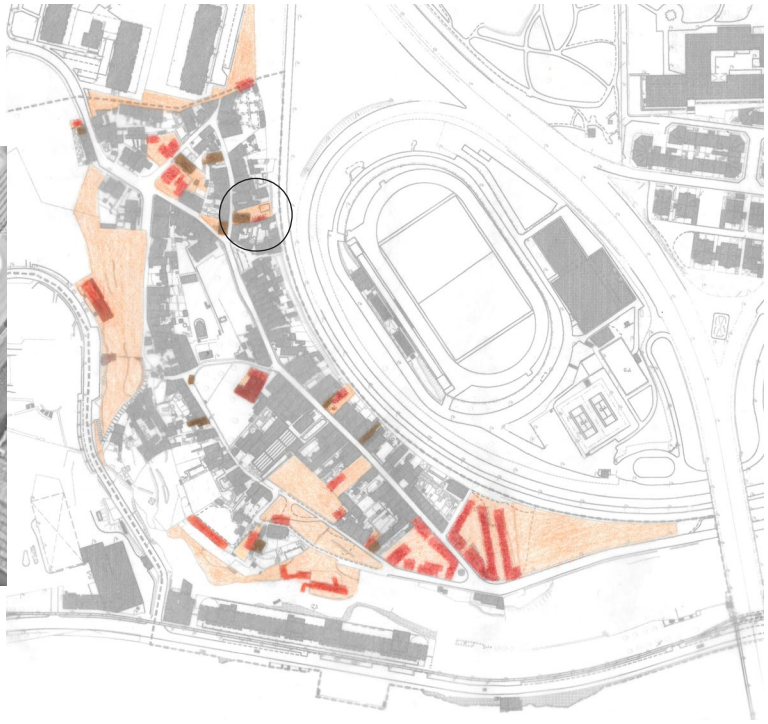


Aguardando licenciamento para restauração e ampliação.

Observações: A ampliação proposta poderá ser em altura, num segundo ou terceiro pisos.







Edificado desocupado + Ruína - Travessa da Arrábida 50-199

Habitação multifamiliar]1892 de cinco fogos, três deles de 'ilha'.
Dois volumes ladeados, o da frente de rua composto por dois pisos. O volume tardoz, de um piso, sofreu remodelações para cobertura plana antes de 1983. O terceiro volume, de 'ilha', encontra-se em ruínas (]1939-2008[).
No interior há indícios de remodelações interrompidas. Caixilharia, em madeira, em más condições.
Uma entrada directa e outra de acesso ao logradouro partilhado.





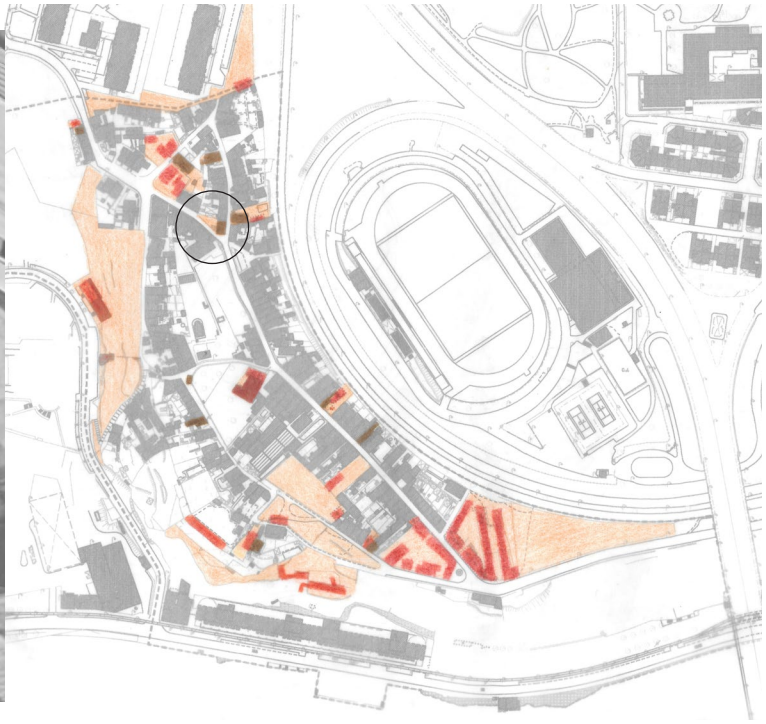
Logradouro com ruína de 'ilha'



1º piso de quatro frentes livre, com vãos em pelo menos duas delas. 2º piso com quatro frentes livres, com vãos em três delas. 'Ilha' com apenas uma frente com aberturas.

Observações: Aparentemente inabitado]2014. Tem novo proprietário desde o Verão de 2017.





Edificado desocupado - Rua da Arrábida 332

Implantação anterior a 1892.
Habitação multifamiliar de dois fogos, um por piso + àguas-furtadas.
Posteriormente adaptado para habitação unifamiliar.
Pequena extensão (]1938), para instalações sanitárias?

Uma entrada directa e outra por portão exterior.
Três frentes livres, com vãos.
Logradouro médio com anexos deteriorados.







Com projecto em vias de apreciação desde Outubro de 2016.

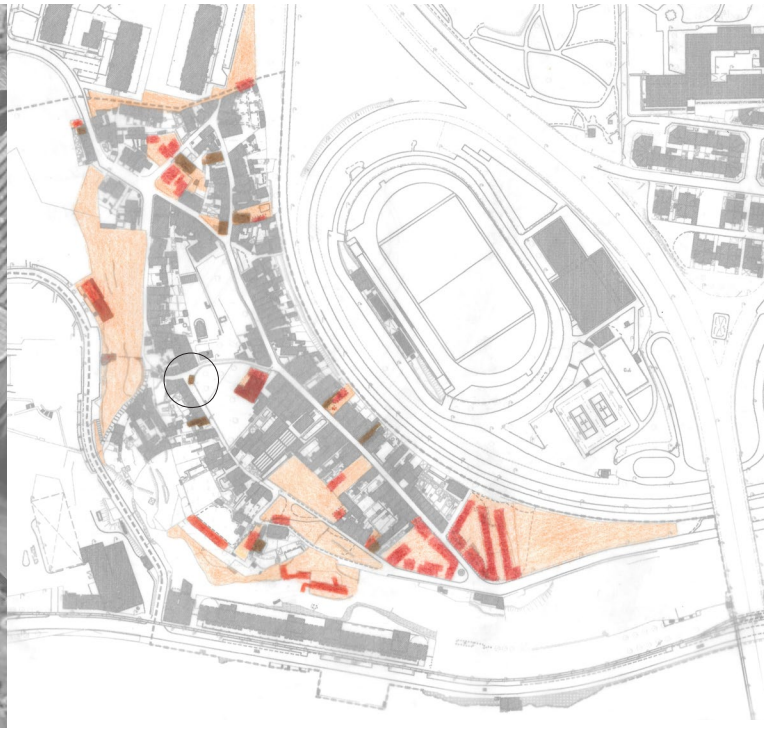
Estrutura em boas condições para reabilitação.
Algumas infiltrações pela cobertura.
Apoios secundários no interior indiciam a intenção de reabilitação da estrutura do piso.
Blocos de cimento indiciam a definição de novas divisões.
Caixilharias em ferro serão provavelmente substituídas por uma solução termicamente mais eficiente.
Escadas interiores poderão ser restauradas.











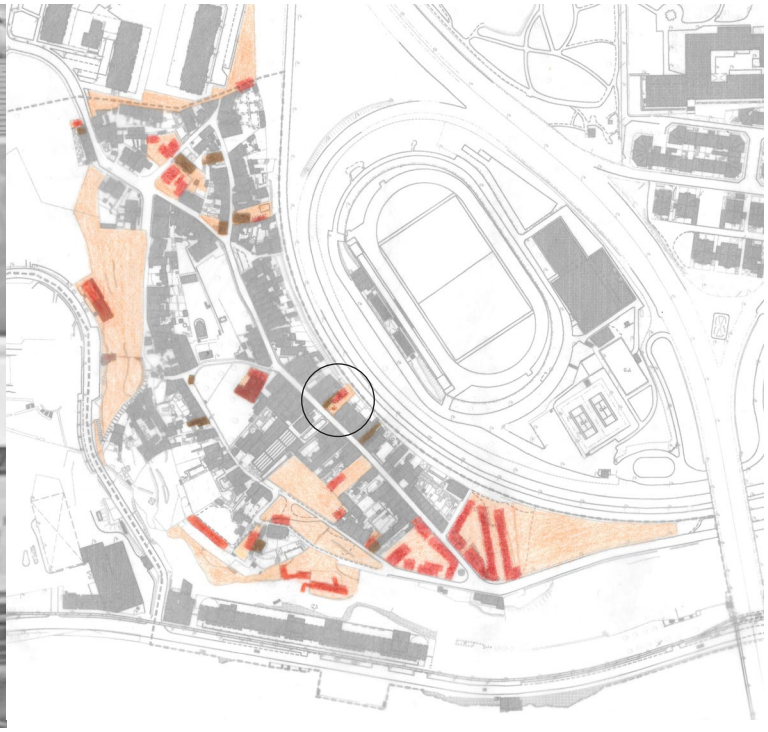
Posto de Transformação - Travessa do Alto da Arrábida

Desconhecimento sobre o seu estado de operacionalidade, presume-se que inactivo.

Observações: Caso esteja inactivo, questiona-se a sua demolição ou reconversão (em quiosque, em esplanada coberta,...)







Edificado desocupado + Ruína - Rua da Arrábida 174

Implantação do volume principal]1892.
Habitação bifamiliar/unifamiliar em dois pisos.
Boa condição estrutural, da cobertura e do revestimento exterior.
Três frentes livres, com vãos.
Logradouro com pátio de dimensões consideráveis com ruínas de 1 piso, sem cobertura desde]1983.
Entrada única por portão exterior. Volume cor-de-rosa com 2 entradas pela parede de meação (segunda porta entaipada) e volume em ruína com 1 vão entaipado.
Para venda pelo menos desde 2014.
Aparentemente desocupada.

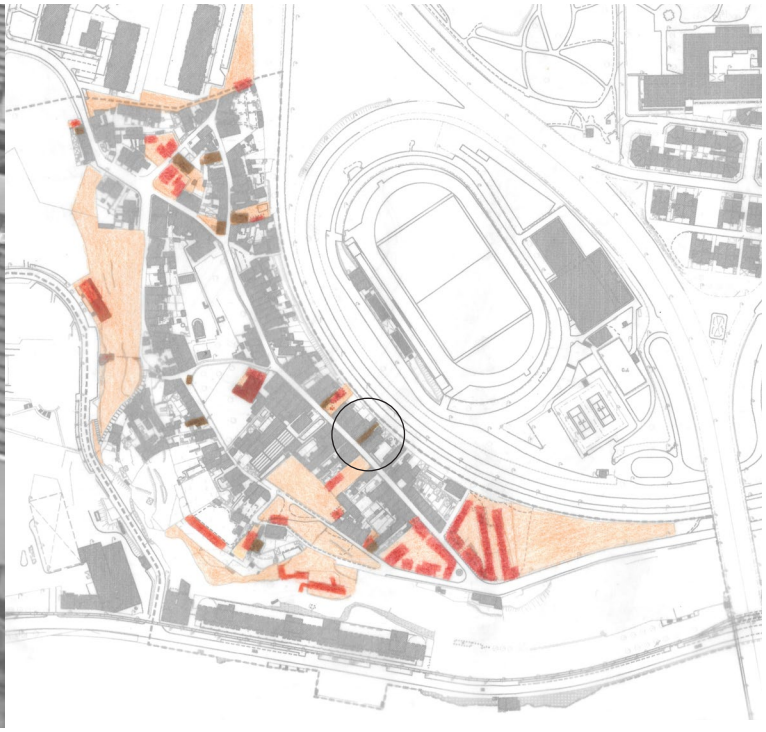
Observações: Lote edificável em frente de rua e profundidade, aproveitando ou não estrutura existente.





Demolição do terceiro volume e degradação da actual ruína]1983.
A reconstrução parcial do muro de frente de rua poderá ter sido efeito do colapso do terceiro volume, hoje inexistente. Assim como a degradação da cobertura das actuais ruínas, ambos poderão ter sido consequência de temporal.



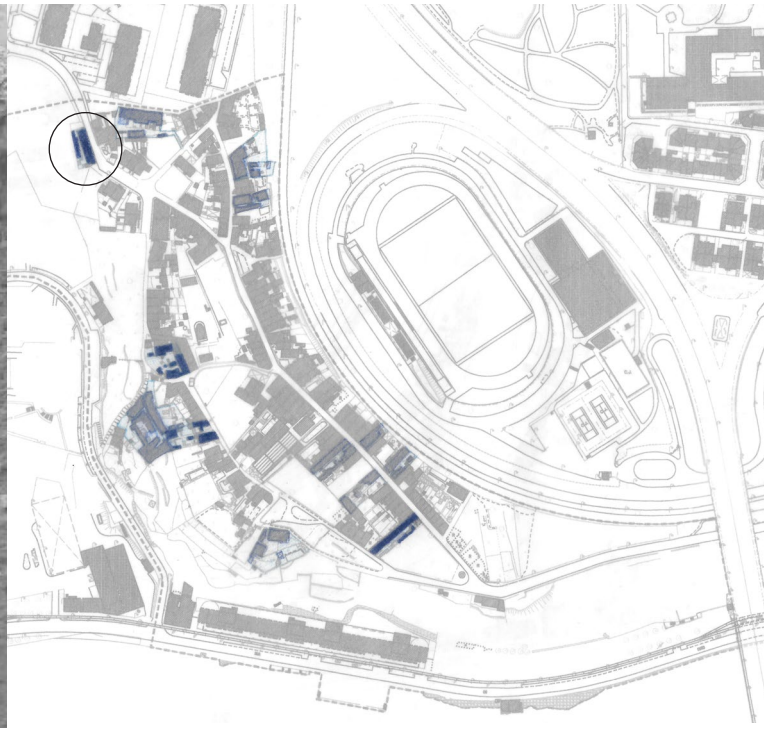


Edificado desocupado - Rua da Arrábida 134

Implantação do volume de frente de rua]1939.
Habitação unifamiliar.
Boa condição estrutural e do revestimento exterior.
Cobertura em degradação.
Edifício de 1 piso com extensão do tardoz e anexos .
Duas frentes com vãos.
Logradouro reduzido, ocupado por anexos e vegetação.
Entrada única por portão exterior.
Desabitada e entaipada. Para venda pelo menos desde 2014.





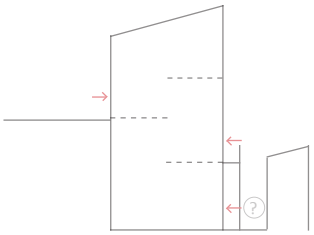


Ilha - Rua da Arrábida 459

Habitação multifamiliar de 10 fogos.
Implantação posterior a 1982.
Habitada e parcialmente desocupada.
Entrada directa pela frente de rua em 5 fogos e os restantes 5 pelo tardoz, por caminho de servidão.
Distribuição em 2 pisos de 5+5 fogos unifamiliares.
2 fogos de três frentes; 4 fogos de 2 frentes; 4 fogos de 1 frente.
Instalações sanitárias exteriores.

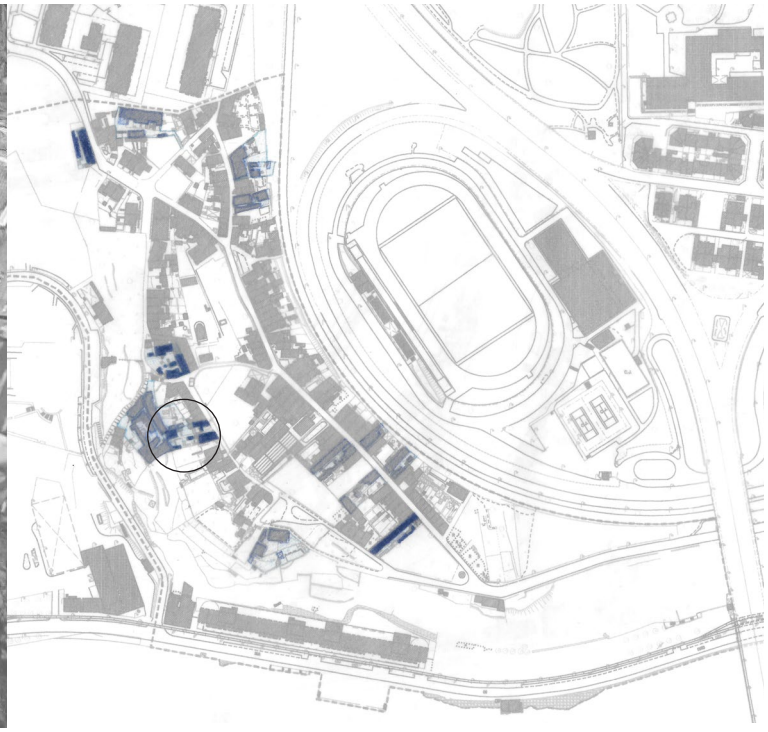












Ilha - Rua do Alto da Arrábida 243-259

Terreno ocupado desde antes de 1892.
Implantação actual anterior a 1939.
Habitação multifamiliar de 5 fogos de um piso, em dois volumes geminados e um independente.
Volume de frente de rua entaipado.
Restantes duas habitações, em estado desconhecido.
Uma entrada independente de frente de rua, e restantes duas através de portão e logradouro partilhado.
Um dos volumes geminados agrega-se em altura.
Duas a três frentes livres.

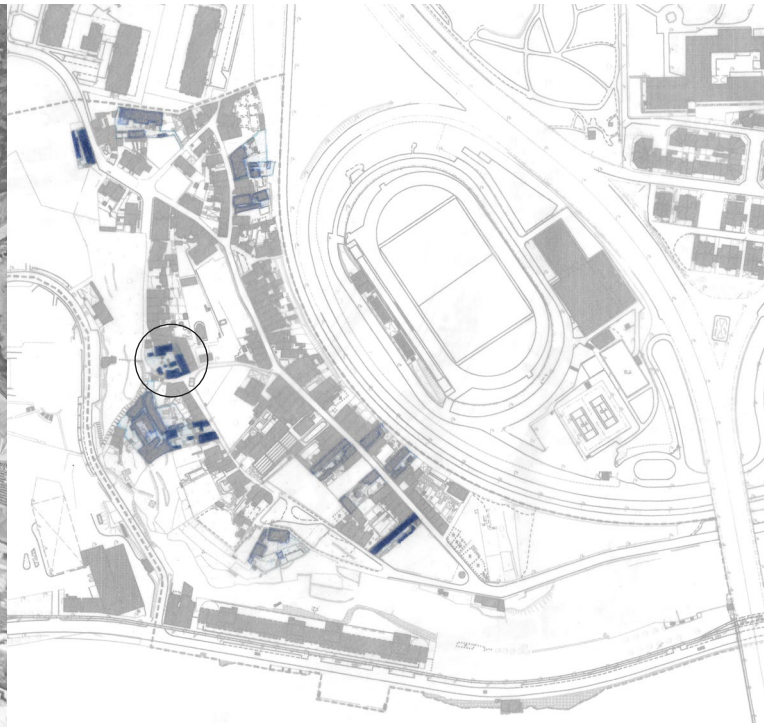


Observação: Poderá vir a ser densificado em profundidade, consoante a intensidade e carácter de usos do logradouro.









Ilha - Travessa da Arrábida 5

Primeira edificação]1892, em dois volumes longitudinais partilhando parede de meação.
Foi até 1939 parcelado em dois lotes independentes, acrescentando no lote sul 7 fogos de 'ilha'.

Actualmente persistem 6 a 7 fogos, dois em ruínas e apenas outros dois habitados.

"Naquela Ilhinha ao lado. Sou só eu e mais um casal."
- Aurora

Logradouro médio/grande, com hortas, parcialmente pavimentado e com anexos.
Instalações sanitárias exteriores.



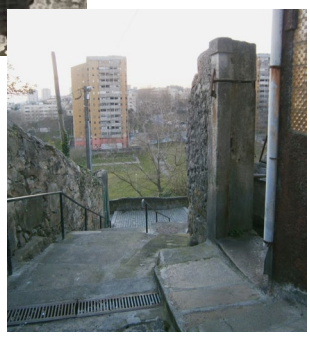
Discussão na mercearia da Rua da Arrábida

[Carolina, agitada] *A minha zona é linda! A sua não sei porque eu não vivo lá!*
[Rita] *Não, porque ela lá, está num buraco!*
[Carolina] *Ah! Mas eu não estou num buraco! Ó Aurora eu vejo tudo! Tanto vejo para a Afurada…*
[Aurora] *Eu também se vier ao quintal vejo tudo!*
[Rita] *Ela tem que vir ao varandim!*
[Valentim] *Ela precisa de vir ao quintal!*
[Carolina] *Mas ninguém tem culpa de você morar num canto e eu morar num palacete!*
[Valentim] *Exactamente!*
[Aurora] *F*-se…! Podiam dar-me uma casa para eu ir embora…*
[Carolina] *Mas a Arrábida é bonita! A Arrábida é muito linda! Aurora! Eu gosto mais da Arrábida…*
[Rita, para a Dona Aurora] *Ó filha já te quiseram dar e tu não quisestes!*
[Carolina] *Ó Aurora! Eu gosto mais da Arrábida… Porque é que você não quis naquela altura? Quisesses…! Eu antes gosto mais da Arrábida do que os bairros! Porque os bairros, por amor de Deus…!*
[Valentim] *A Arrábida é muito melhor que os bairros!*
[Carolina] *Poça…! Eu bem sei, que vou à minha irmã e bem vejo! Eu gosto mais da minha Arrábida! Por isso menina, já leva a minha opinião! Da minha parte!*
[Dona Aurora] Ela vai lá comprar a minha Ilha…
[Carolina] *A menina não vai comprar nada (...).*



Fotografia anterior a 1976



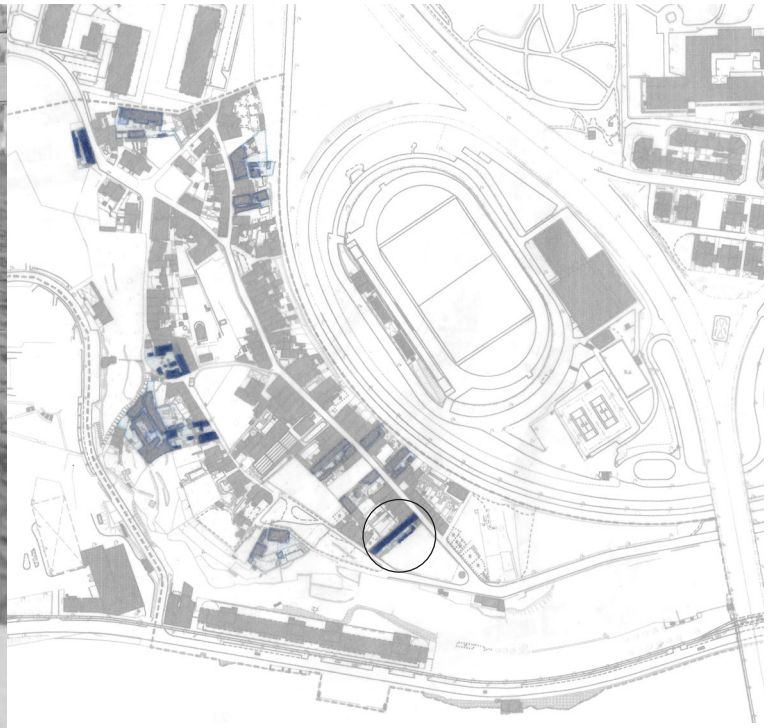




"ENTRADA - 5
CASA 9
R-CH"

Quatro fogos com entrada directa e 2 a 3 com entrada pelo logradouro partilhado.





Ilha - Rua da Arrábida 69

Implantação]1939].
Habitação Multifamiliar em 'ilha' de 8 fogos de piso único com possível mezzanine, excepto fogo de frente de rua, em duplex.
Com ruína de espaço comercial na frente da Rua da Arrábida.
Entrada pela R. da Arrábida por rampa.
Entrada pela R. do Alto da Arrábida por portão e lance de escadas.
1 fogos, de frente de rua com 3 frentes, abertas; um fogo de 2 frentes, abertas; 7 fogos de apenas uma frente, com aberturas nas traseiras para ventilação.
Parcialmente habitada e em degradação.





Instalações sanitárias exteriores.

Segundo os moradores, a propriedade foi adquirida por um novo proprietário, que pretende reconverter o conjunto habitacional numa residência de estudantes, desalojando os actuais moradores.







Ruína de uma das várias mercearias que desapareceram do Lugar da Arrábida.



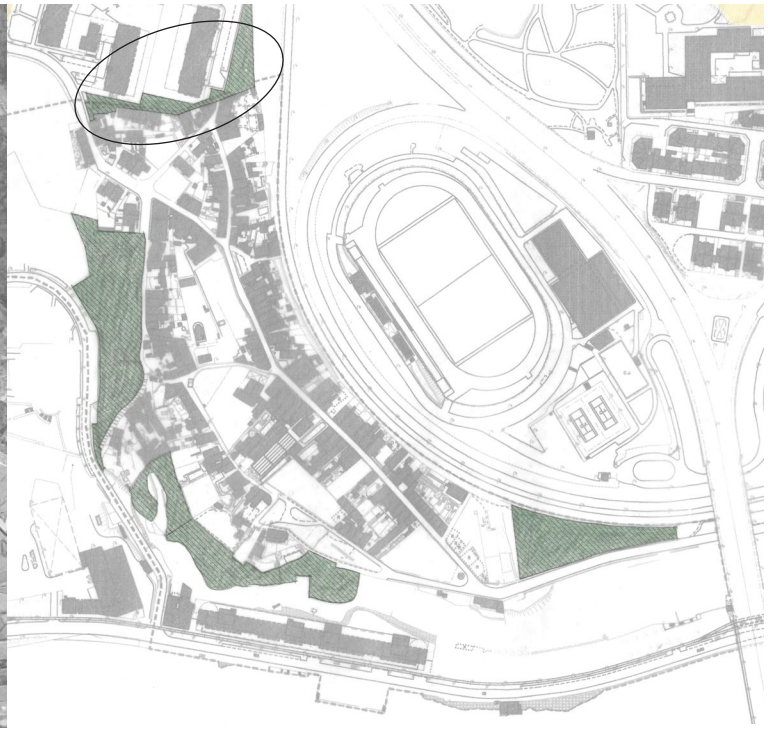
"...aqui havia um que tinha uma cadeira de rodas, (...) Chamavam-lhe o Pereirinha. Esta rampa aqui fizeram-na para ele (apontando para a entrada do Centro Social da Arrábida)*. (...) deram-lhe uma cadeira a bateria e ele andava aí. [e fazia a vida normal?] Sim fazia, ele andava aí, vinha comer aqui ao centro, e ia daqui até mesmo aos semáforos da Rua do Campo Alegre e estava ali a ver os carros passar, alguém que passasse e conversasse com ele (...). E fizeram uma rampa lá em cima, deste lado, onde ele morava. É uma única rampa [é naquela ilha lá em cima?] Para uma ilha sim. E mandamos pôr lá aquela rampa por causa dele entrar. (...) A gente quando visse ajudava-o a entrar, mesmo com a eléctrica, que aquilo é um bocadinho estreito, ele passava mesmo à justa."*



"A cadeira de rodas anda em cima do passeio, mas à rasca. Só se depender de outro. Sim, eu acho que ela que cabe no passeio principal neste daqui [do outro lado, com os carros estacionados, já não?] Do outro lado já é mais difícil."

- Valentim, comerciante e morador há 30 anos na Rua da Arrábida.





Espaço Intersticial

Espaço intersticial após a construção dos blocos residenciais a Norte. Ainda assim, identificam-se vestígios do seu uso pontual, quer no caminho desbravado como no lixo esporádico.







Nesta confrontação é de notar a inospitalidade destes terrenos. Sendo ambos interstícios, um público e outro privado, contrariam as espectativas do que seria o reflexo do seu uso. Ambos abandonados, curiosamente parecem haver mais vestígios de uso no interstício público não qualificado do que no logradouro dos blocos residenciais.







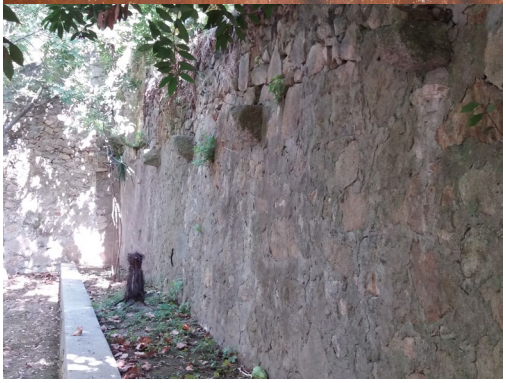




Uso informal, circunstancial. (Senhora sentada em pedras aproveitadas da demolição da Fábrica de Fósforos, antes aqui edificada)

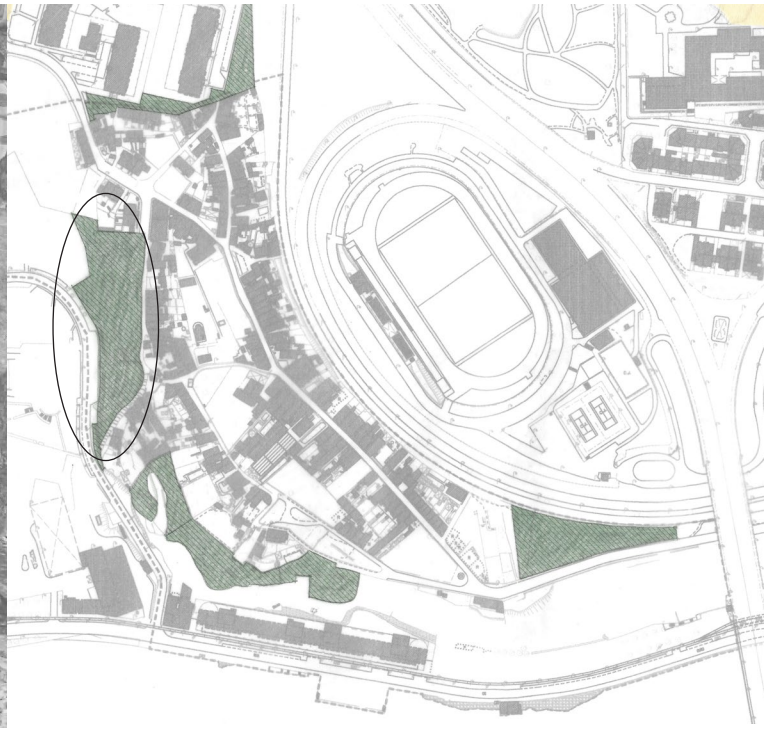
Portão entaipado de habitação bifamiliar actualmente inexistente. Ainda que entaipado, permanece, em degradação.





Parede de meação: único vestígio da demolida habitação bifamiliar [1982-1983].





Encosta Oeste - Rua Mocidade da Arrábida

Envolvente sobrante por onde o PDM em vigor propõem passar a extenção da Via Panorâmica Edgar Cardoso.

Este terreno poderá vir a dar continuidade à Estrutura Ecológica Municipal e/ou parcialmente edificado com habitação de baixa densidade.

"Aqui mesmo, aqui à frente, costumava ter uma vista panorâmica, e desde que puseram essas árvores aí já não dá para ver nada. Ficou tudo tapado."
- Anónimo,
trabalhador e ex-morador do Lugar da Arrábida.





Escadaria rampeada de acesso à cota ribeirinha, com corrimão.
Lanço final alterado]1983 (com a contrução do Bairro do Aleixo?)



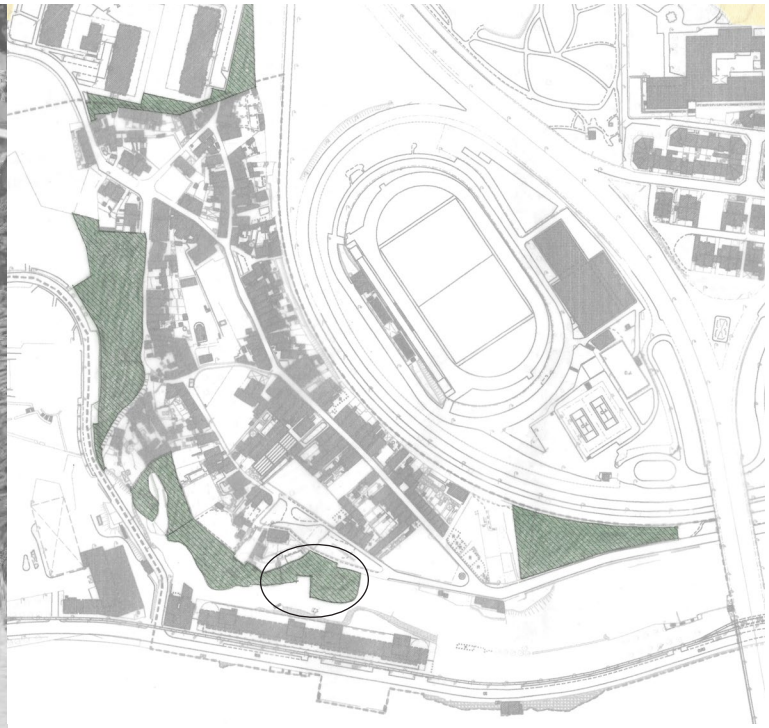
Vestígios de estadia informal





Acampamentos informais na envolvente do Bairro do Aleixo





Encosta - Rua Alto da Arrábida 243-259

Antiga ‘ilha’ demolida aquando a construção da Ponte da Arrábida (ver Levantamento Fotográfico 1939).

Desocupado e coberto por vegetação alta e densa, inacessível.
Propriedade da Câmara Municipal para extensão da Via Panorâmica.

Devido à densa vegetação pouca da sua área é praticável. Usado como abrigo de toxicodependentes, para pernoitar e como latrina.









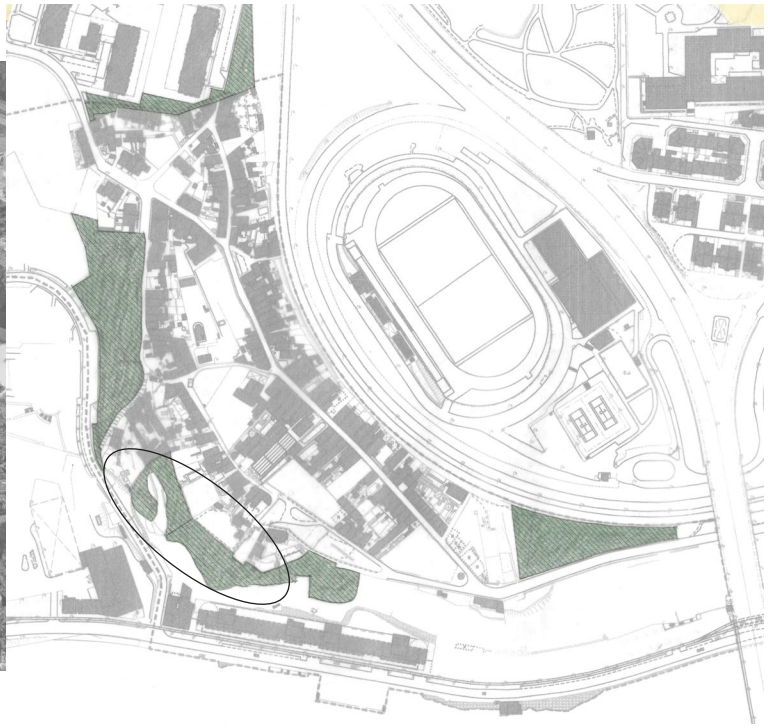
Portão removido e subtituído por estrutura leve de madeira, actualmente destruída.

Estado de conservação em 2009.
Estado de conservação em 2017.

"...tinha ali uma ilha por ali abaixo que era onde agora é aqueles prédios que estão ali na Secil, em baixo no Ouro. Aquilo era uma ilha para cima."

- Carolina, moradora na Rua da Arrábida e ex-moradora n'As Varandas'





Encosta Sudoeste

Plataformas na escarpa usadas para cultivo, integrados na Estrutura Ecológica Municipal.



Edificação antes de 1892, tendo sido posteriormente acrescentados 5 fogos de 'ilha'. 'Ilha' demolida entre 1939 e 1983. Demolição do volume principal 1983[em sequência do falecimento do proprietário. Actualmente apropriado informalmente por vizinho, para hortas e ramadas.

Obserevações: PDM prevê a expropriação para extensão da Via Panorâmica.



Reabilitação, Reinterpretação e(m) Evolução

Susana Isabel Assunção Ribeiro

FACULDADE DE ARQUITETURA